

O saber das crianças e a psicanálise da sua sexualidade.

Raúl Iturra

Para a minha descendência.

1. Introdução.

Falar do saber das crianças, é uma temática difícil por dois motivos: primeiro, porque temos de entrar na *mente cultural*¹ dos mais novos e entendermos o que querem

¹ *Mente cultural*, conceito criado por mim, no livro de 1990, *A construção social do insucesso escolar. Memória e Aprendizagem em Vila Ruiva*, Escher, hoje Fim de Século, Capítulo 8, página 87 e seguintes: “A sabedoria das crianças”, que define o saber costumeiro do seu grupo social, inculcado no mais novo pelos seus adultos, desde o primeiro dia da sua vida. Tenho-o definido também com uma simples frase: “pega no livro e aprende”, retirada de conversa de adultos com filhos pequenos, ao pensar que o saber advém dos textos e da escola e não da interação social. Ideias que acrescento neste livro para contextualizar a *mente cultural*, o que dizem os adultos ao pensar que o saber é sempre doutoral, sem repararem que o seu comportamento perante a infância, é a principal fonte de alimentação do conhecimento do mundo, da sua história, do conteúdo dos conceitos estruturados nas palavras costumeiras e definidos mais com acção corporal e não com palavras. O processo gestual tem mais valor

dizer ao balbuciar essas primeiras palavras, que aprendem à medida que crescem, de que só eles sabem o conteúdo. Os pais, ou os seus adultos directos, começam a entender pelo hábito de ver a criança indicar com gestos o que deseja, reconhecem o objecto e podem explicar o seu conteúdo a outros. Essa primeira reacção, que eu denomino primeira via, conceito explicado mais à frente, é a que define uma relação emotiva, carinhosa, compreensiva e de entendimento do que a infância, no seu não saber falar, explica não com palavras ou gestos, mas com fantasia. Os pequenos usam muito a sua fantasia² para exprimir os seus desejos de uma guloseima ou outra materialidade do seu agrado. Não esqueço um acontecimento da minha história de vida. Aos quinze anos e a convite dos meus pais, como era natural no tempo que essa cronologia não me permitia ganhar dinheiro para pagar o meu bilhete do Cinema *Velarde* – que em chileno se diz apenas *Teatro* – e ver o filme – em chileno *película* – ouvi a voz do marido de um casal que estava no mesmo cinema, dirigindo-se ao pé do meu Senhor Pai com muita alegria, após mais de doze anos de não estarem juntos esses grandes amigos, abraçaram-se e a primeira frase que o amigo disse foi: “*Não me digas, não me digas, é este o gallallia?*”³ “*Por amor de deus, como cresceu, é todo um jovem hoje em dia*”, ao que os meus Senhores Pais responderam que sim, que era eu. Adquiri essa alcunha por causa de uma palavra inventada por mim aos três anos de idade, ao me ser impossível pronunciar a palavra “galleta”. Impossível, porque as consoantes sempre foram um problema para os chilenos. A minha espanhola mãe sabia pronunciar todas as palavras e sentia orgulho

que milhares de palavras entre a infância e o seu grupo social, ou do grupo de adultos, para o entendimento infantil. Considero esta nota de rodapé como um acréscimo ao meu conceito de *mente cultural*.

² O dicionário que me auxilia na escrita, define assim fantasia: do Lat. *phantasia* Gr. *phantasia*, imagem, s. f., imaginação; em que há imaginação; obra de imaginação; devaneio, sonho, ficção.

Freud define fantasia de uma forma muito complexa: Precisar o conceito de fantasia na obra freudiana não é tarefa simples, embora se imponha, pois surge repetidas vezes e em momentos diferenciados ao longo de toda a teoria. O termo único utilizado pelo autor – *Fantasie* – é bastante abrangente, comportando várias significações: *fantasias conscientes, pré-conscientes, inconscientes, devaneios diurnos...* A sua definição, portanto, constitui-se como uma necessidade, imposta não apenas pelo estudo da doutrina psicanalítica, mas também pela clínica apoiada nesta definição. Freud e Breuer falam extensamente sobre fantasia nos seus estudos de neuroses, em: FREUD, S., E.S.B.-1976, vol. XVI, Conferência XXIII (1917): “Os Caminhos da Formação dos Sintomas”, p. 430 (grifos originais). Texto acessível em: http://www.maxwell.lambda.ele.puc-rio.br/cgi-bin/PRG_0599.EXE/4124_3.PDF?NrOcoSis=8768&CdLinPrg=pt. Acrescenta no mesmo texto e página, esta sucinta definição: *As fantasias possuem realidade psíquica, em contraste com a realidade material, e gradualmente aprendemos a entender que, no mundo das neuroses, a realidade psíquica é a realidade decisiva.*

³ Palavra inventada pelas crianças chilenas quando se referem a bolachas que, em Castelhanos, diz-se “galleta”. Contudo, tenho a impressão de ser uma palavra criada por mim, como narro no texto central.

que a sua descendência falasse como ela. Semelhante ao caso do meu Senhor Pai, descendente de bascos endogâmicos e muito cuidadoso na sua pronúncia, por ser um senhor muito elegante e bem-criado, com a mania de nos inculcar um falar “correcto”. Por causa dessa atitude, que analisarei adiante, a palavra “galleta” era repelida por mim. Reacção a tanta imposição da parte dos pais a impingir-me em idade tenra, uma boa pronúncia das palavras. Bem sabido é que as crianças começam a falar com um vocabulário mais completo cerca dos três anos. Se houver resistência às palavras completas, pode-se dever ao facto dos adultos insistirem nessa fala perfeita. A resistência não é às palavras, mas sim aos pais que obrigam os mais novos a falar de forma completa numa idade em que os conceitos ainda não estão formados. Se os conceitos não estão formados, as palavras que os exprimem também não⁴. Esta opinião não é apenas minha. Há a de Freud que ao falar com Joseph Breuer⁵, seu professor e mais tarde colega, diz: “... *que acha difícil convencer os outros médicos, sobre a ideia de que a teoria deveria ser invertida, porque as palavras exprimem o que acontece na libido infantil e na dos seus adultos, que eles ouvem. A sexualidade adulta torna-se sexualidade infantil pelas palavras dos adultos...*”. Breuer, tomando Freud como filho, proíbe-o de publicar aquele capítulo da sexualidade infantil. Freud resiste dizendo: “*chega uma hora que se deve renunciar a todos os pais e ficar de pé sozinho*”⁶.

Numa palestra realizada no "Conselho de Neurologia e Psiquiatria de Viena", Freud começa por frisar como na "*Idade da Inocência*", a criança não tem consciência do seu erotismo. Após, estudos e análise da libido infantil, existe, afirma, a fase oral da criança, correspondendo a boca à zona de prazer, pelo desejo dos seios da mãe,

⁴ Uma criança começa a falar, geralmente, quando completa 01 ano de idade. Os estudiosos tendem hoje a insistir mais na herança (genética), com o que concordo, que no factor meio ambiente social e cultural, o que não quer dizer que este último não exerça nenhuma influência. Estímulos ajudam. Seja como for, em princípio, o falar não está necessariamente vinculado ao potencial intelectual do indivíduo. Um antigo génio, como o filósofo Friedrich Nietzsche, começou a falar aos 03 anos de idade. Esta nota é em parte minha, em parte de uma estudante do jogo Yahoo Respostas, denominada Maria Helena, sem nome de família. As várias alternativas podem ser estudadas em: <http://www.google.com.br/search?hl=pt-PT&sa=X&oi=spell&resnum=0&ct=result&cd=1&q=Freud+idade+crian%C3%A7as+come%C3%A7am+falar&spell=1>.

⁵ Josef Breuer ([Viena, 15 de janeiro de 1842](#) — [Viena, 20 de dezembro de 1925](#)), [médico](#) e [fisiologista austríaco](#) a quem se atribui a fundação da [psicanálise](#). Seu pai, Leopold Breuer, foi professor de religião na comunidade judaica de Viena. Devido à morte prematura de sua mãe, Josef foi criado pela avó materna. História completa em: http://pt.wikipedia.org/wiki/Josef_Breuer

⁶ Retirado de cartas trocadas entre Breuer e Freud e de histórias contadas por outros. Texto completo em: http://www.nucleodepesquisas.com.br/index.php?option=com_content&task=view&id=97&Itemid=75
Cronologia em: <http://www.geocities.com/mhrowell/freudcitacoesindice.html>.

seguidamente o prazer da criança passa a ser pelo corpo inteiro da mãe porque é esta quem acaricia os seus meninos ⁷ durante o banho. No meu caso, de certeza, como todo o ser humano, experimentava esses desejos, sublimados na proibição de comer bolachas entre horas de comer. O meu desejo pelas bolachas era tão grande, que resistia ao guardião dos filhos, a figura do pai, como tenho debatido com o meu grande amigo, o analista João Cabral Fernandes⁸. Talvez, na minha história de vida opusesse resistência à figura do pai, por meio das bolachas, essa resistência infantil que nem sabe que está a acumular raiva. Essa que os meus descendentes também guardaram, por configurar, conforme a cultura, a figura do pai, ao proibi-los de comer qualquer alimento entre as horas das refeições. Grande o meu engano, sinto-o hoje em dia. Há horas distanciadas para as guloseimas e para as refeições. As minhas pequenas tinham todo o direito a guloseimas entre comida e comida; se eu não permitisse, bem sabiam como enganar a figura de pai pretendida por mim. Eu fazia ouvido mouco. Permitia. Sem refilar. Sem punir. Sem homilias. Se almoçavam ou não, já não era problema meu: elas sabiam como se alimentar.... Uma criança não pode comer como um adulto, o seu corpo não tem essa capacidade. Na minha infância, os pequenos deviam comer tudo o que era servido na mesa dos mais novos, normalmente com quantidades idênticas às dos adultos. Os pequenos apenas podiam transitar para a mesa dos adultos, quando sabiam comer tudo

⁷ Informado no comentário do filme intitulado: *Freud, Além da alma*, de 1962, título original: *Freud, secret passions*, de John Huston. O filme conta o período da vida do "pai" da psicanálise, desde a sua graduação no curso de Medicina, na Universidade de Viena, até à formulação da teoria da sexualidade infantil, inter-relacionando a vida pessoal com as suas descobertas.

⁸ O Médico Psicanalista João Cabral Fernandes, meu grande amigo, é uma pessoa amável e bem-criada no meio de imensos irmãos e irmãs, pela sua Senhora Mãe e pelo seu Senhor pai, seu duplo guardião porque, como Freud e Bion analisaram, a figura de pai é a de ser o guardião dos descendentes e porque o seu pai foi um Senhor Magistrado que bem sabia aplicar a lei para a pessoa certa. É desse exemplo, que João Cabral Fernandes aprendeu a ser excelente ser humano. Fiz dez anos de psicanálise com ele e curou-me das ideias persecutórias, adquiridas na vida adulta, quando fui levado para um campo de concentração aquando da minha visita ao Chile do Presidente Allende. O Dr. Cabral Fernandes, um homem empreendedor, é assim mencionado na Internet: «Criada em 1996 pelo seu Director Editorial, João Cabral Fernandes, a CLIMEPSI EDITORES veio preencher um vazio na área da edição de livros técnicos e científicos em português e afirma-se hoje no panorama editorial como uma editora especializada nas áreas de Psicologia, Psicanálise, Medicina, Saúde e Enfermagem. Tendo por objecto a edição e promoção científico – cultural de livros de referência, a CLIMEPSI EDITORES é hoje reconhecida pela sua qualidade no meio universitário português, colaborando com os principais editores internacionais. No âmbito da sua linha editorial, a CLIMEPSI EDITORES assume-se ainda como um parceiro privilegiado de diversos organismos internacionais, entre os quais, o Ministério da Cultura Francês».

sem refilar. Com novas aprendizagens, sabemos que há tamanhos e tamanhos, diferença que todo o adulto deve considerar. No meu trabalho de campo, tenho observado crianças, analisadas por mim, a serem alimentadas com pratos cheios como os dos adultos, e dois pratos de comidas diferentes. A criança resiste. Muita comida e bem condimentada, cria um corpo doente. Por recomendação, os pais das crianças estudadas por mim e a minha equipa, começaram a servir comidas leves, sem especiarias. Ganharam em saúde. Não era fome o que as fazia comer, era a figura guardião do pai, a que inventava a fome que o mais novo nem tinha: ou comia por amor aos seus ascendentes, ou por temor à punição. Punição muito estranha: se não comia já, mais tarde nada podia engolir, nem o jantar da noite. Naturalmente, a criança, no dia seguinte, comia imenso. O comentário dos adultos observados por mim era sempre: “*vês como o castigo dá bons resultados?*” Mas, uma vez satisfeito esse obrigado jejum, de “barriga cheia”, tornava a desventura de não querer esses pratos cheios. Os mais novos comem porque têm um guardião no tempo, na sua idade da inocência, como era denominada por Freud, a cronologia infantil. Um guardião que o analista denominou pai castrador – fosse pai ou mãe. Idade da Inocência combatida por ele ao definir a sexualidade das crianças, como se verá quando analisarmos o seu texto de 1905. Obra comentada, em 1979, por Cármen Barroso e Cristina Bruschini, no trabalho intitulado: “Sexualidade infantil e práticas repressivas”. Dizem elas que as crianças teriam dois defensores: *Freud, por conceder à sexualidade infantil um confortável trono real, em que esta caminha sob vermelho tapete psicanalítico, e Malinowski ao provar nas Kiriwina que o complexo de Édipo não é universal*⁹. No caso de Malinowski é bem

⁹ Escrito na *Revista Pesquisa* – Fundação Carlos Chagas, nº 31, Dezembro de 1979, São Paulo, periódico que acolhe textos do Brasil e do estrangeiro e pode ser lido em: http://www.multiverso.com.br/resumo.asp?ofe_cod=611&parceiro=6&nome=revista-fapesp&gclid=CLXO16i08JcCFYsh3god0nMyDQ, a citação é da Revista em linha, num livro denominado *Movimentos sociais, educação e sexualidade*, página 253, 1979, em: <http://books.google.com/books?id=KazvKsy88JcC&pg=PA253&dq=Freud+A+idade+da+inoc%C3%AAncia&lr=&hl=pt-PT#PPA6,M1>, que diz resumidamente: os costumes e as ideias a respeito da sexualidade infantil variaram ao longo do tempo e nas diferentes sociedades. Freud, ao mesmo tempo que foi um inovador radical, não conseguiu fugir à influência da cultura repressiva da qual fazia parte, implicitamente justificando muitas de suas práticas. Apresenta dados colectados recentemente em São Paulo sobre práticas repressivas em famílias de baixa renda. Conclui que qualquer esforço teórico de compreensão das raízes da repressão da sexualidade infantil deve considerá-la também naquilo que representa de potencialidade de desenvolvimento da sexualidade adulta e deve colocá-la no contexto das demais práticas educacionais utilizadas em determinado tipo de estrutura familiar, situada numa dada estrutura social. Esta síntese pode-se ler em: http://www.fcc.org.br/pesquisa/actions.actionsEdicoes.BuscaUnica.do?codigo=509&tp_caderno=0, texto completo em: <http://www.fcc.org.br/pesquisa/publicacoes/cp/arquivos/509.pdf>. As referências a Freud, foram retiradas das *Obras Completas*, 3ª Edição, Editorial Nueva, Madrid. Há uma tradução, em inglês, do livro de 1905, *On Sexuality*, Pelican Books, 1979, Londres, retirado do Volume VII, 1953, Standard Edition of the Complete Psychoanalytical Works of Sigmund Freud, 1953, Hoggart Press and the Institute

mais simples. Consegue provar que o Complexo de Édipo não é Universal, ao existir o matrimónio da mulher do irmão, donde, os filhos são da mulher e do que nós denominamos tio. Apenas se esqueceu que há incesto e Complexo de Édipo no caso do acasalamento se realizar dentro do mesmo clã ou, se o homem da mulher do irmão ama as crianças, e não gosta essa tradição que os varões transitem para a casa do irmão da mãe. Tudo é muito simpático quando é narrado, mas na realidade o quotidiano é quem fala. Malinowki nada diz, mas os meus colegas que pesquisam na Melanésia têm observado e escrito nos seus livros os ciúmes que ocorrem na realidade, como o caso estudado por Maurice Godelier, que veremos mais à frente, e *The Sambia*¹⁰ de Gilbert Herdt¹¹. Malinowski publicou o seu texto em 1927¹² onde compara a psicanálise com a

of Psycho-Analysis, Londres, com os textos seguintes: "The Sexual Enlightenment of the Children"; "On the Sexual Theories of the Children"; "Character and Anal Erection"; "Family Romances", Volume IX, 1959; "Contributions to the Psychology of Love", Volumes I-II & III; Volume XI, 1957, "The Lies Told by Children"; Volume XII, 1958: "On Transformation of Instincts as Exemplified in Anal Erection"; Volume XIII, 1955: "The Infantile Genital Organization"; "The Dissolution of Oedipus Complex"; "Some Physical Consequences of the Anatomical Distinction Amongst the Sexes"; Volume XIX, 1961: "Fetishism"; "Female Sexuality"; Volume XX, 1961: "Sigmund Freud: An sketch of his life and Ideas", first published as "The Short Account of Psychoanalysis", Pelican Books, 1962. Comigo tenho uma reimpressão do texto *On Sexuality*, datada de 1982.

¹⁰ Sobre *Os Sambia e a construção da masculinidade*, com texto em inglês pode-se ler em: <http://milena.27designs.com/> ou em várias outras entradas Internet da página web: <http://www.google.com.br/search?hl=pt-PT&q=The+Sambia&btnG=Pesquisar>.

¹¹ Herdt, Gilbert, 1987: *The Sambia. Ritual and Gender in New Guinea*, Holt, Rinehart and Wiston, Chicago, USA, 227 páginas em formato de papel. Gilbert Herdt (born [February 24, 1949](#)) ^[1] is an [American cultural anthropologist](#) who specializes in [sexuality and gender identity-based cultures](#). His studies of the 'Sambia' people - a [pseudonym](#) he created -- of [Papua New Guinea](#) analyzes how [culture](#) and [society](#) create sexual meanings and [practices](#). In the United States, Herdt has also studied [adolescents](#) and their families, the emergence of [HIV](#) and [gay culture](#), and the role that [social policy](#) plays in [sexual health](#). Biografia completa em: http://en.wikipedia.org/wiki/Gilbert_Herdt. Comentários sobre o livro em: <http://www.google.com.br/search?hl=pt-PT&q=Gilbert+Herdt+The+Sambia>. Embora não exista versão portuguesa, podem ser lidos comentários em língua lusa: "A proporção em que masculino e feminino se misturam num indivíduo, está sujeita a flutuações muito amplas. (...) aquilo que constitui a masculinidade ou a feminilidade é uma característica desconhecida que foge do alcance da anatomia" Freud, "A feminilidade". Comentários sobre este texto, citado de forma enganada pelo autor do artigo, em: <http://www.google.com.br/search?hl=pt-PT&q=Freud+A+feminilidade&btnG=Pesquisa+do+Google&aq=f&oq=>. Paulo Roberto Ceccarelli, psicólogo, em: *A Construção da masculinidade*, em *Revista Percurso*, São Paulo, Vol. 19, p.49-56, 1998. Diz, no início: "O modelo biológico do masculino e do feminino é válido para a definição celular; mas seria ilusório pensar que a identidade sexuada poderia ser definida a partir do biológico, a despeito das esperanças daqueles que nele quisessem encontrar uma solução para os problemas de identidade: isso seria ignorar que o essencial da sexualidade humana reside em sua dimensão inconsciente.... O modelo freudiano do masculino e do feminino, lacunar e fechado num sistema simétrico binário, reflecte a dificuldade de Freud para falar destas noções. Além disso, as posições teóricas de Freud revelam que sua escuta não era imune a seus próprios complexos inconscientes, à sua própria organização identificadora e ao discurso social de sua época. Assim, ao expressar-se sobre a questão do masculino e do feminino, fala de "conceitos", de "noções" e até mesmo de "qualidades psíquicas". Em determinados momentos, refere-se ao masculino e ao feminino em termos de actividade e passividade; em outros observa que, tratando-se de seres humanos, esta relação é insuficiente. Texto completo em: <http://www.ceccarelli.psc.br/artigos/portugues/doc/a%20construcao.doc>.

antropologia, dizendo que o analista devia ir para o campo para entender a realidade. No entanto, essa realidade é disfarçada pelo autor como é conveniente para a sua hipótese em debate com o analista Ernest Jones, discípulo de Freud. O debate acaba quando, como prova final do Complexo de Édipo não ser Universal, é publicado em 1929, o seu famoso texto de 506 páginas *The sexual life of savages in North Western Melanésia*¹³, que também analisaremos aqui.

Todos estes textos, não esquecem a figura paterna como guarda, tornando-se, assim, imprescindível, sabermos o que a figura paterna representa na infância. No meu caso das bolachas, mal entrava numa casa, de imediato ia às mobílias para procurar “gallallas”. A minha mãe ficava enternecida, a senhora da casa também. Não esquecerei o dia em que entrei na casa da enfermeira que tratava os trabalhadores da fábrica do nosso Senhor Pai, como relato noutra livro meu (a editar brevemente), e ir de forma precipitada para uma mobília de madeira de sândalo lavrado e coberta por uma peça de mármore de Carrara, que fez a minha grande ilusão. Era uma mesa encantadora e chamava a minha atenção. Essa enfermeira, Dona Ema Cubillos de Geisser, era na verdade uma parteira, denominadas *Matronas* no Chile. Tinha dinheiro e a sua casa era de uma elegância que qualquer criança poder-se-ia iludir com a ideia de que dentro dela haveria imensas maravilhas, portanto, também, “gallallas”. O nosso Senhor Pai, de imediato, chamou-me à atenção, no seu papel de guardião: “*Menino, não faça isso*”. Por ser, nesses tempos filho único, pensava que tudo era meu, e não quis ouvir e não parei quieto até rever toda a mobília da casa. Não havia “gallallas”... Grande desilusão! O puxão de orelhas do Senhor Pai doía menos que a falta do bem mais cobiçado, largamente conhecido pela família, amigos e vizinhos. A transgressão às ditas boas maneiras nem era um afazer mau para mim. Se tudo era meu, porque não tinha “gallallas”? Essa figura guardiã e restritiva, esse papel de pai, tão diferente do da mãe e do das mulheres que também tinham filhos, era apenas no olhar, uma grande punição.

¹² Malinowski, Bronislaw, 1927: *Sex and repression in savage society*. Routledge and Kegan Paul, Ltd, Londres. Excertos do livro podem ser lidos em: http://books.google.pt/books?id=oXcxNvTMYv8C&dq=Bronislaw+Malinowski+Sex+and+repression+in+savage+society&printsec=frontcover&source=bn&hl=pt-PT&sa=X&oi=book_result&resnum=4&ct=result, versão portuguesa de 1973, Vozes, Brasil. Texto completo em: http://classiques.uqac.ca/classiques/malinowski/vie_sexuelle/vie_sexuelle.html. Sobre o autor, pode-se aceder a: http://pt.wikipedia.org/wiki/Bronis%C5%82aw_Malinowski#Bibliografia.

¹³ Versão em luso-brasileiro de 1983, Editora Vozes, Rio de Janeiro. O livro em língua lusa não está em linha, mas há comentários em: <http://www.google.pt/search?hl=pt-PT&sa=X&oi=spell&resnum=0&ct=result&cd=1&q=bronslaw+malinowski+A+Vida+Sexual+dos+Selvagens&spell=1>.

Se o pai é figura restritiva, o filho deve respeitar e ter medo. Mas eu, no meu azarado afã de ter o que queria, nem medo tinha das mandadas restrições da figura punitiva do pai. Um pai que pune e vigia, se é a imagem do ser que controla, de facto, como diz Freud, acaba por ser um pai castrador¹⁴. É a terceira noção que a criança aprende do pai, na cultura ocidental. Pai castrador que o filho deve matar para existir paz na família, como defino em nota de rodapé. A definição dos estágios da figura paterna perante o menino aparece no seu texto de 1923¹⁵. A teoria freudiana desenvolve estágios de paternidade, ao comparar um pai primário para a criança, com o pai que pune e castra os filhos na sua vida adulta. Freud responde à questão: o que é um Pai? O pai freudiano é o pai morto, retomado por Lacan como Nome – do – Pai (*Subversão do sujeito e dialéctica do desejo no inconsciente freudiano*). Pai morto articulado nos dois mitos freudianos: o pai da horda primeva e o pai do complexo de Édipo.

¹⁴ O pai castrador é a terceira categoria, ou o terceiro estágio, do tipo de pai que aparece na estrutura da teoria da sexualidade das crianças em Freud. Está definido no texto *Organização Genital Infantil* e da noção de falo. O primeiro tipo de pai que ele classifica, é o proto – pai, ou pai primevo, origem da Lei, que ele dita, sem a ela se submeter: a lei do proto – pai é uma lei fálica para organizar a vida da família, assim, ele necessita estar acima da lei. É o modelo de pai que aparece no seu livro de 1912, retirado das pesquisas de Durkheim sobre os *Aranda* ou *Arunta* da Austrália Central. Proto-pai que não se submete à Lei. Esta obra, traduzida para inglês, em 1919, como *Totem and Taboo. Resemblances between the psychic lives of savages and neurotics*, responde a uma necessidade lógica da origem da lei, pai mítico, macho dominante, morto pelos filhos. O texto pode ser lido em francês em: [Totem et tabou. Interprétation par la psychanalyse de la vie sociale des peuples primitifs](#) (1912). Traduzido do alemão para francês com a autorização de Freud, em 1923. Reimpresso, 1951. [Texte téléchargeable !](#) Em: http://classiques.uqac.ca/classiques/freud_sigmund/freud.html. A sua análise é curta e fria ao estudar emotividades, mas muito detalhada nos aspectos sobre neuroses, especialmente na análise do incesto. O autor procura, como, mais tarde, Georges Devereux, psicanalista húngaro, que enveredou pela Antropologia sob orientação de Marcel Mauss, estuda a etnia Mohave dos Estados Unidos de América, confrontando a teoria freudiana, mas no terreno, e não no texto, como Freud que analisou a etnia Arunta a partir dos estudos de Durkheim e seus discípulos, cujos resultados são analisados no livro de 456 páginas, com o título de *Les Structures Élémentaires de la vie religieuse, Le système totémique en Australie*, 1912, Félix Alkan, Paris, livro que pode ser lido em: http://classiques.uqac.ca/classiques/Durkheim_emile/formes_vie_religieuse/formes_vie_religieuse.html. sobre o tabu do incesto entre os *Aranda*. É possível ver que o *proto – pai* de Durkheim é diferente do de Freud, apesar de ter sido retirado das mesmas fontes etnográficas. Só que Durkheim, analisado por mim noutro texto, endereçou a sua pesquisa ao estudo dos rituais, especialmente ao sacerdote tribal *Aleteucha* e a sua forma de ensinar aos mais novos o saber de sobrevivência. O *Aleteucha* é o proto-pai entre os *Arunta*. Para Freud, o recurso ao ritual totémico, é uma forma infantil, donde neurótica, de apoio para viver. Para Durkheim, o *proto – pai* é um pedagogo, para Freud, uma fantasia mental. *Paradoxo* – porque teria que haver a ameaça da castração como punição se já havia a ameaça de morte? Freud diz que a morte do Pai era necessária para estabelecer uma certa relação entre os filhos. Questão colocado pelo docente Márcio Peter de Souza Leite da Pontifícia Universidade do Brasil, em: http://www.marciopeter.com.br/links2/ensino/feminilidade/02_o_pai_em_freud.pdf.

¹⁵Freud, Sigmund, (1923) 1955: *The Infantile Genital Organization*, Hogarth Press, and London. Em português: *Organização Genital Infantil*, volume. XIX, Imago, 1999, Rio de Janeiro, citada antes, em francês: *L'organisation Genital de l'Enfant*, em: <http://www.google.com.br/search?hl=pt-PT&sa=X&oi=spell&resnum=1&ct=result&cd=1&q=Freud+Les+Classiques+des+Sciences+sociale+L%27Organisation+Genital+de+1%27%C3%AAfant&spell=1>. A lei fálica é a que faz de um adulto um pai

Para aquilo que não é mito, que vai além do mito, encontramos em Freud o complexo de castração, mola mestra do sujeito na psicanálise, eixo estrutural do sujeito dividido. Complexo que Georges Devereux¹⁶ quis provar não ser universal, e, já antropólogo, foi estudar entre a etnia Mohave¹⁷ dos Estados Unidos de América. Ele próprio, queria provar se a teoria de Freud era ou não universal e analisou a teoria psicanalítica dos Mohave¹⁸, que soube explicar, após um prolongado trabalho de campo, em vários textos escritos em língua húngara, traduzidos para francês.

A castração marca a interdição, é da ordem do sacrifício. Tendo como contexto a via do mito da horda primeva naquilo que viabiliza a estrutura, como é o caso desse texto, nota-se que o facto dos filhos não puderem aceder às mulheres num primeiro momento hipotético não indica, necessariamente, que eles seriam, dali por diante, castrados, apesar de a lei já circular. Com o assassinato do pai fizeram um acordo, uma hipotética ordem social, um funcionamento viável ao instituir os dois tabus, donde se deduz o que deve ter passado pela subjectividade, cada um pôde assim renunciar e consentir em perda, submetendo-se à interdição. Aqui encontramos a função do pai

¹⁶ Georges Devereux (born Dobó György on [13 September 1908](#) — [28 May 1985](#)) was an [ethnologist](#) and [psychoanalyst](#). Foi um dos pioneiros da etnopsicanálise ([ethnopsychanalysis](#)). Autor que eu admiro, começou a praticar psicanálise em trabalho de campo, teoria a que recorro para as minhas observações das crianças e dos seus pais. A sua história pode ser lida em: http://en.wikipedia.org/wiki/George_Devereux. Fomos colegas de ensino, com o meu eterno amigo Maurice Godelier, em *La Maison de Sciences de l'Homme*, nos anos setenta do século passado.

¹⁷ O resultado do seu estudo, entre outros textos escritos por ele sobre os Mohave, está no livro de 920 páginas, original em inglês de 1961: *Mohave Ethnopsychiatry: The Psychic Disturbances onf an Indian Tribe*, Smithsonian Institution (Bureau of American Ethnology-Bulletin 75, Washington DC, traduzido para francês em 1996, por Françoise Bouillot, com o título de: *Ethno-Psychiatrie des Indiens Mohaves*, editado por Corlet, Imprimeur, Paris, 1996. Os seus livros não estão em linha, mas há comentários nas entradas Internet da página Web: <http://www.google.pt/search?hl=pt-PT&q=Les+Classiques+en+Sciences+Social+Georges+Devereux&btnG=Pesquisar&meta=>.

¹⁸ Devereux, Georges, (1961) 1996 : *Ethno-psychiatrie des Indiens Mohaves*, citado antes, da *Collection Les Empêcheurs de Penser En Rond*. É comentado em todas as entradas Internet da página web: <http://www.google.com.br/search?hl=pt-PT&q=Georges+Devereux+Ethno-Psychiatrie+des+Indiens+Mohave+1996&btnG=Pesquisar> com prefácio em: <http://www.ethnopsychiatrie.net/actu/hebranarchiste.htm>, intitulado: “Devereux, en hébreu anarchiste”, da autoria de Tobie Nathan, retirado do livro em formato de papel. O texto mais interessante para mim de Devereux é o do ano de (1970) 1977: *Essais d'ethnographie générale*, Gallimard, traduzido do original em inglês: “Basic Problems in Ethnopsychiatry”, 1979, colecção de ensaios dos anos 1939 a 1965, Chicago University Press, 380 páginas. A tradução francesa, que tenho comigo em formato de papel, é de 394 páginas, comentada em todas as entradas Internet da página web: <http://www.google.com.br/search?hl=pt-PT&q=Georges+Devereux+Essais+d%27ethnopsychiatrie+g%C3%A9n%C3%A9rale&btnG=Pesquisa+do+Google&aq=f&oq=> abordagem sobre as transgressões delinquentes da vida social da população mais nova nos diversos sítios por onde passa na sua trajectória migrante».

Sobre os Mohave, consulte-se: <http://www.google.com.br/search?hl=pt-PT&q=Ind%C3%ADgenas+Mohave&btnG=Pesquisar>.

como agente da castração, o pai não é o castrador é antes o agente da castração, tendo a castração como enunciado de uma interdição¹⁹.

A função do pai na vida social é complexa. As análises dos autores citados e as dos seus comentaristas definem um papel de ser humano legislador. Perguntar-me-ia com Cyrulnik²⁰ a quem pertence a criança, ao pai ou à mãe, ou aos dois? Com todas estas definições para entrar na *mente cultural* e nos segredos que as crianças guardam, frase retirada do título de um dos textos de Freud, como é possível amar? Na minha própria análise, lembro-me de ter admirado o meu Senhor Pai sempre como um exemplo, com imensas virtudes e ensino pragmático sobre a vida. Nunca falou comigo de amores ou paixões, deixou a temática para a nossa Senhora Mãe, como narro noutros livros. Recordo-me perfeitamente que o nosso Senhor Pai, por capricho pessoal, pretendia que eu desse o melhor de mim em saber, em perspicácia, uma exibição tipo macaco do filho que ele amava e que não queria castrar. Soubesse ele ou não, que com a sua atitude, impingia na criança, uma imensa timidez e uma obediência cega. Ensinou-me música, ao ouvirmos juntos discos gravados de autores clássicos e barrocos. Lembro-me ainda, de ter aprendido a ler no seu colo, enquanto ele lia os seus livros. Esse capricho passou a ser um facto: não havia escola para o menino, o menino devia estudar em casa. A escola não era para ele ir. A escola devia aparecer ao pé dele. Foi assim como o meu processo de ensino – aprendizagem aconteceu dentro dos muros de casa: docentes pagos, ensinavam e tratavam da minha disciplina de estudo. Permito-me dizer, que este facto é uma maneira de castrar ao ter sido retirado da interacção social com crianças pares em idade e condição social. A mãe defendia o meu direito à liberdade e à interacção social, mas não foi ouvida e dedicou o seu amor de seio bom, a explicar o abecedário e a complementar as minhas leituras. Essa liberdade que os pais pretendiam, foi um tiro de culatra mal orientado. Pensar em ir à escola, era para mim um horror. No entanto, acabei por ganhar imensos amigos de casa, a amar e brincar com a família nuclear, esses imensos irmãos que eu tinha ou os meus pares, filhos de amigos dos pais. O meu pré-consciente deve-me ter defendido, ao impor uma condição por

¹⁹ Texto retirado do artigo de Cármen Sílvia Cervelatti: “A função do pai. Uma articulação possível”, em: http://www.ebp.org.br/biblioteca/pdf_biblioteca/Carmen_Silvia_Cervelatti_A%20funcao_do_pai.pdf.

²⁰ Cyrulnik, Boris, 1993 : *Les Nourritures Affectives*, Ódile Jacob, Paris. Não está em linha, mas é comentado em : http://www.boulimie.fr/livres/cyru1nik2_bon.htm , bem como em várias entradas Internet da página web: <http://www.google.pt/search?hl=pt-PT&q=Boris+Cyrulnik+Les+Nourritures+Affectives&btnG=Pesquisa+do+Google&meta=&aq=f&oq=Boris+Cyrulnik+>.

causa de não ir à escola. Havia uma rapariga loura que eu gostava imenso, filha de um operário. Queria beijá-la, abraça-la, namorar. Aceitei esse comando de não ir à escola com a condição de ela aparecer em casa, à hora do chá, depois das lições. Foram os beijos mais lindos e queridos que eu posso lembrar. Eram beijos *inocentes* para os adultos que nada sabiam da libido infantil. Se eu queria, nos meus cinco anos, a Lucy em casa, era pelo prazer erótico que nascia dentro de mim, ao percorrer o seu corpo com as minhas mãos. Era um regalo para mim! Condição que, um pensado pai não castrador, me induzia. Gostava, aliás, de contar essas histórias à família alargada, para desgosto deles, especialmente para o da nossa Senhora Mãe, uma mulher muito devota, de missa em casa, de terço de joelhos todos os dias, de Missa cedo de manhã aos domingos e, se fosse possível, durante a semana. Foi o começo da minha forma de matar o pai e de me juntar à mãe para ajudar nos seus afazeres com as mulheres do operariado da indústria. Um começo da morte da imagem do pai. A minha organização genital infantil estava a ser mal estruturada. Deve ser o caso de muitos meninos. Digam ou não. Tenham vergonha ou preconceito, ou não. Da parte do pai, o erotismo era o pedido, quase mandado. Da parte da mãe, castidade, continência e amores-perfeitos, como os que ela mandava cultivar no jardim. Contradição que eu soube ultrapassar ao parecer casto e puro perante a mãe, erótico perante o pai. O problema foi cortado por mim com tesouras psicológicas, justo no meio: estudo e falta de amigos, foram substituídos por leituras de colecções imensas de livros oferecidos pelo pai, que não se sabia castrador. Charles Dickens, Shakespeare, os mitos gregos e outras leituras para adultos, Daniel Dafoe e essa maravilha denominada *Robinson Crusoe*²¹ eram eternamente lidas, ou Stephan Zweig, e, especialmente, esse encantador livro de Júlio Verne, de 1870, *Veinte mil leguas de viaje submarina*, editados nesse tempo por Planeta, Madrid²². Eram livros excitantes, cheios de fantasia, esse sentimento não recomendado por Freud. Acordavam ideias difíceis de resolver. Incitava a imaginação com perca para o saber. Organizavam a libido infantil de uma outra maneira, mais para o imaginário do que para a materialidade, como tenho analisado noutros livros²³.

²¹ Dafoe, Daniel, 1719: *Robinson Crusoe*, editado em 1950 pela colecção para crianças da Editora Paidós.

²² Livro comentado em: <http://www.google.com.br/search?hl=pt-PT&q=Vinte+mil+milhas+de+vi%C3%A2gem+submarino%2C+romance&aq=f&oq=> .

²³ Iturra, Raúl, (1997) 2007: *O imaginário das crianças. Os silêncios da cultura oral*, Fim de Século, Lisboa. Texto comentado por mim, a partir de uma conferência para os professores de Lourical, vila perto da cidade da Figueira da Foz, *Jornal A Página da Educação*, Nº 102, Ano 10, Maio 2001, página 24, texto completo em: <http://www.apagina.pt/arquivo/Artigo.asp?ID=1419>, Mais comentários em:

O texto de Freud sobre *A organização genital infantil*, quer pela sua importância quer, ainda, por estar em português, vou introduzi-lo no miolo do presente trabalho, para melhor entendermos esta temática:

Fase Fálica²⁴

Terceiro estágio do desenvolvimento psico-sexual. Pela primeira vez, na obra citada, datada de 1923, Freud define a fase fálica (3-5 anos de idade), subsequente às fases oral e anal, que são organizações pré-genitais.

Fase correspondente à unificação das pulsões parciais sob a primazia dos órgãos genitais apresenta-se com uma organização da sexualidade muito próxima à do adulto (fase genital).

Nos *Três Ensaios sobre a Teoria da Sexualidade* (1905), Freud compara as fases fálicas e genitais: "*Essa fase, que merece já o nome de genital, onde se encontra um objecto sexual e uma certa convergência das tendências sexuais sobre esse objecto, mas que se diferencia num ponto essencial da organização definitiva por ocasião da maturidade sexual: com efeito, ela apenas conhece uma única espécie de órgão genital, o órgão masculino... Segundo Abraham [1924], seu protótipo biológico é a disposição genital indiferenciada do embrião, idêntica para ambos os sexos*". [SE, VII, CDROM]

Assim, Freud postula que meninos e meninas, na fase fálica, estão preocupados com as polaridades: fálico e castrado; acredita que as crianças não têm nenhum conhecimento da vagina nesse período.

A descoberta das diferenças anatômicas entre os sexos (presença ou ausência de pênis) motiva a inveja do pênis nas meninas e a ansiedade de castração nos meninos, pois o complexo de castração centraliza-se na fantasia de que o pênis da menina foi cortado.

A principal zona erótica das meninas localiza-se no clítoris que, do ponto de vista de Freud, é homólogo à glândula (zona genital masculina). Para expandir estas ideias veja-se Anexo 4.

Melanie Klein²⁵, Karen Horney²⁶ e Ernest Jones²⁷, consideram que a menina tem um conhecimento intuitivo da cavidade vaginal e os conflitos da fase fálica apenas

<http://www.google.com.br/search?hl=pt-PT&q=Ra%C3%BAI+Iturra.+O+imagin%C3%A1rio+das+crian%C3%A7as.+Os+sil%C3%A2ncios+da+cultura+oral&aq=f&oq=>.

²⁴ Texto disponível em: http://www.geocities.com/mhrowell/fase_falica.html.

²⁵ Melanie Klein é analisada mais em frente e no anexo 1

desempenham uma função defensiva em relação às suas ansiedades relacionadas com a feminilidade.

Durante a fase fálica, o culminar do Complexo de Édipo (que conota a posição da criança numa relação triangular), segue diferentes caminhos para ambos os sexos, no processo de dissolução: ameaça de castração (meninos) e o desejo de um bebé, como um equivalente simbólico do pénis (meninas).

Ao pensarmos nas palavras de Freud, podemos ver que o caso das bolachas era um desafio perante a castração que o pai faz com a infância. O pai tenciona mandar e ser obedecido e subsume ao descendente a sua ideia de falo. A criança, sem saber, defende-se até com fantasia. Lembro o dia das Festas da Primavera, quando o menino de quem falo – eu –, já com quatro anos, participou pela primeira vez, com um fato de cowboy como deve ser: chapéu, calças, revólver que dispara tipo fogo-de-artifício e que diz à sua namorada, bem mais velha do que ele: “como vou participar, parece que este ano vamos cantar em inglês”, atitude fantasiosa porque no Chile da criança, só se fala castelhano tipo andaluz, sendo, então, uma exibição fálica como Freud teria dito, para desafiar o pai e a família toda. É verdade que em casa, numa quinta isolada, falava-se

²⁶ A médica psicanalista Karen Horney (1885-1952) enfatizou a preeminência de influências sociais e culturais sobre o desenvolvimento psicossocial, focalizou sua atenção sobre as psicologias divergentes de homens e mulheres e explorou as vicissitudes dos relacionamentos maritais.

A sua visão de que a repressão e a sublimação de impulsos biológicos não são os determinantes primários do desenvolvimento da personalidade levaram à sua remoção como instrutora no New York Psychoanalytic Institute e a que ela fundasse, em 1941, o American Psychoanalytic Institute. Desenvolveu a teoria da personalidade, que começa por referir: Horney sustentou que o desenvolvimento da personalidade resulta da interação de forças biológicas e psicossociais que são singulares para cada pessoa. Mais texto, em: <http://www.psiquiatriageral.com.br/psicoterapia/karen.html>

²⁷ **Alfred Ernest Jones** (1 de janeiro de 1879 – 11 de fevereiro de 1958) foi um [neurologista](#) e [psicanalista galês](#), além de biógrafo oficial de [Sigmund Freud](#). Fonte:

http://pt.wikipedia.org/wiki/Ernest_Jones. A hipótese do complexo de Édipo, aprofundada por ele, foi rebatida por Bronislaw Malinowski ao comentar o ensaio de Alfred Ernest Jones: “Mother Right and the Sexual Ignorance of Savage”, em «International Journal of Psycho Analysis », vol. VI, 2e partie, 1925, pp. 109-130, no seu livro de 1927: *Sex and repression in savage society*, Routledge and Kegan Paul, Londres. Há versão luso brasileira na editora Vozes, Petrópolis, Brasil 1973: *Sexo e repressão na sociedade Selvagem*. O livro original foi traduzido para o francês e pode ser lido em:

http://classiques.uqac.ca/classiques/malinowsli/sexualite_repression/sexualite_repression.doc#partie_3_1
O debate está escrito na Parte III do texto em luso-brasileiro: “Psicanálise e Antropologia”, Capítulo I: “A brecha entre a Psicanálise e a Ciência Social” páginas 129 a 123. O texto em francês, reproduz o debate, a partir da página 83 e seguintes. O debate pode ser consultado em: http://classiques.uqac.ca/classiques/malinowsli/sexualite_repression/sexualite_repression.doc#partie_3_1

em inglês, imensas vezes, especialmente com os associados do Senhor Engenheiro Pai. Atitude de resiliência desnecessária. Ou talvez importante para as touradas subconscientes do Pai da casa, defesa do menino, pré-consciente que começa a observar e faz dele um pequeno ganhão que o Pai não admite por causa do seu dever fálico, do seu consciente cultural de castrar a família toda e assim mandar. Nem com todos foi capaz de impingir esse terror esperado dos pais como comportamento cultural, ainda menos com a criança que se considerava especial, capaz de inventar jogos, escrever poemas e *encarapuçar-se* dentro da quinta até ao dia em que reparou que nem todos eram iguais, que ele não era o melhor. A castração final do pai verificou-se quando o rapaz conseguiu sublevar os trabalhadores contra o patrão, quer na indústria, quer nas terras de latifúndio, bem ao sul da quinta ao pé do Pacífico. Começando a praticar a igualdade a Babeuf....

O conceito segunda via, faz parte da gíria²⁸. Entre os membros de um sistema administrativo, é um falar de forma burocrática, é uma linguagem que faz parte da burocracia²⁹ de qualquer Estado, País ou Nação, apesar de ter sido criada pela administração do Estado Francês. Essa segunda via é solicitar cópia de um papel perdido, necessário para requisitar um valor ou um serviço. Uma segunda via é a passagem para mais um texto do qual se tinha solicitado uma cópia padrão primeiro, essa denominada, no jargão da burocracia, uma primeira via³⁰. A definição, leva-me a pensar que a segunda via é uma excelente metáfora para definir ao progenitor substituto de uma criança, esse caminho circular que³¹ contorna o caminho directo entre uma

²⁸ O Dicionário de Língua portuguesa em linha que me apoia diz: s. m., linguagem usada em situações informais e que se desvia da norma; linguagem peculiar de certas artes, ofícios, actividades; gíria, em: http://www.priberam.pt/dlpo/definir_resultados.aspx.

²⁹ Do Francês, *bureaucraties*. F., modo de administração em que os assuntos são resolvidos por um conjunto de funcionários sujeitos a uma hierarquia e regulamento rígidos, desempenhando tarefas administrativas e organizativas caracterizadas por extrema racionalização e impessoalidade, e também pela tendência rotineira e pela centralização do poder decisivo; classe dos funcionários públicos, especialmente os funcionários do Estado.

³⁰ O dicionário que me ajuda a definir, diz: fig., meio, modo de obter ou conseguir qualquer coisa; desígnio; método; sistema, em: http://www.priberam.pt/dlpo/definir_resultados.aspx

³¹ O seio "bom" que amamenta e inicia a relação amorosa com a mãe é o representante do instinto de vida, sendo também sentido como a primeira manifestação da criatividade. "*O seio bom – externo e interno – converte-se no protótipo de todos os objectos prestimosos e gratificadores; o seio mau é protótipo de todos os objectos persecutórios internos e externos*" (M. Klein) *Caracteriza-se esta posição, pela clivagem (splitting) do objecto (seio) em "bom" e "mau". O objecto é parcial e dividido (esquizo = divisão). O seio que gratifica é o mesmo seio que frustra; o seio é um objecto clivado em "bom" e mau". O objecto bom e o mau, adquirem uma autonomia, um em relação*

acção – dar à luz, amamentar, um seio bom, como diz Melanie Klein, uma acção, dizia, e uma necessidade, entre um precisar e um obter. Entre um sentimento e um objectivo procurado. Segunda via, ainda que faça parte da burocracia, faz de bom seio quando a primeira via não está: o pai e a mãe. É a síntese do que devia ter sido feito logo e nunca mais é conseguido. Parece-me que a segunda via é o agir dos adultos não mães, na vida de uma criança: são os substitutos. As crianças têm, queiram ou não, saibam ou não, uma segunda via nos seus sentimentos. Uma criança mora no sítio social dos que estão em baixo, subordinados, submetidos à autoridade dos adultos que a lei positiva define como os seus tutores, autoridades que ensinam, os seus docentes, ou os curadores dos seus bens, no tempo em que o mais novo ainda não está capacitado pela lei para ter autoridade para gerir os seus bens, caso os tenha ou não. Como manda o Código Civil que nos governa e o Direito Canónico, que o substitui, como está definido noutro meu texto. Leis que contextualizam o ensino ritual na catequese, aprendizagem utilizada nos degraus de passagem de uma forma de estar na vida a outra, instrução de ritos de passagem³², aprendidos também, para outros objectivos mais materiais, nas aulas de

*ao outro, separam-se, dividem-se, clivam-se. O objecto bom é "idealizado", pode conferir "uma consolação ilimitada, imediata, sem fim" (M. Klein). A sua introjecção defende a criança da angústia persecutória. O objecto mau é um perseguidor aterrorizante; a sua introjecção causa angústias extremas. A angústia é de natureza persecutória (paranóide) por medo de destruição pelo objecto "mau". Neste estado, o ego é muito pouco integrado, está clivado. Os objectos (seio) bom e mau darão origem ao super-ego, e às primeiras noções de bem e mal. "Estes primeiros objectos introjectados constituem o núcleo do super-ego" (M. Klein). O texto completo está em: http://groups.msn.com/009u0m3c6278gi/geral.msnw?action=get_message&mview=0&ID_Message=3659&all_topics=1. As definições de Klein anteriormente citadas aparecem no seu texto de 1957: *Inveja e Gratidão. Estudos das fontes do inconsciente*, excertos dessa obra podem ser lidos em: <http://cyberdemocracia.blogspot.com/2008/08/melanie-klein-inveja-e-gratido.html>, que começa por dizer: "O ciúme teme perder o que possui; a inveja sofre ao ver o outro possuir o que quer para si. O invejoso não suporta a visão da fruição. Sente-se à vontade apenas com o infortúnio dos outros. Assim, todos os esforços para satisfazer um invejoso são infrutíferos. O ciúme é uma paixão nobre ou ignóbil, em função do objecto. No primeiro caso, é emulação aguçada pelo medo. No segundo caso, é voracidade estimulada pelo medo. A inveja é sempre uma paixão vil, arrastando consigo as piores paixões". Em suporte de papel, está editado pela Imago, Rio de Janeiro, Brasil, Volume 3, pp. 205-267. Comentários em linha no sítio Cybercultura (supra citado), blogue criado por J. Francisco Saraiva de Sousa, Universidade do Porto. Antes de ser artigo da Imago, foi livro: *Envy and Gratitude. A Study of Unconscious Sources*, Melanie Klein, New York: Basic Books, Inc., 1957, 101 pp.*

O facto dos trabalhos de Melanie Klein serem pouco conhecidos entre nós, levou-me a acrescentei um anexo (I) a este texto, na tentativa de expandir a sua teoria.

³² Ritos de passagem são celebrações que marcam mudanças de *status* de uma pessoa no seio da sua [comunidade](#). Os ritos de passagem podem ter carácter [religioso](#), por exemplo. Cada religião tem os seus ritos, que podem, ou não, ser parecidos com os de outras religiões. O termo foi popularizado pelo [antropólogo alemão Arnold van Gennep](#) nacionalizado francês, história de vida em: http://pt.wikipedia.org/wiki/Arnold_Van_Gennep, no início do século vinte. Outras teorias foram desenvolvidas por [Mary Douglas](#) e [Victor Turner](#) na década de 60, da última centúria. Os ritos de passagem são realizados de diversas formas, dependendo da situação celebrada; desde [rituais místicos](#) ou religiosos até à assinatura de papéis (ou ainda os dois conjuntamente), sobre esta matéria, veja-se: http://pt.wikipedia.org/wiki/Ritos_de_passagem, ou o texto em suporte de papel que tenho comigo: van

Educação Cívica. A criança aprende quem deve respeitar, os adultos, especialmente os seus parentes consanguíneos ou por afinidade. De todos eles, os mais preciosos: o pai e a mãe. Com uma advertência especial na cronologia da vida: no decorrer do tempo, a criança passa a adorar a mãe, enquanto o pai é sempre temido. Esse temor está incutido no imaginário ocidental, ideias que desenham a divindade com cara de homem, enquanto a mãe, é sempre representada com cara de anjo e a olhar para o céu. Seja verdade ou não na realidade. Até há pouco tempo, a lei era ministrada pelo género masculino, enquanto a mulher ou era definida como doméstica ou desempenhava trabalhos menores. Excepto se a hierarquia fosse muito alta e herdada, como rainhas e reis, reminiscências do tempo feudal, que ainda existem sabendo-se manter em democracia, controladas, ela ou ele, por um Parlamento. É apenas no tempo de Golda Meir³³, Primeiro-Ministro de Israel, de Indira Gandhi, na Índia e Benazir Bhutto, no Paquistão, Margaret Thatcher na Grã-bretanha, Mary Robinson e Mary Mac Aleese, Presidentas de República de *Eire* ou Irlanda, entre 1990-1997, a primeira, e de 1997-2004, reeleita por mais um período de sete anos, a segunda, que em vários países

Genep, Arnold, (1909, Editora de Émile Nourry), reeditado em 1960 por Mouton & Co e Maison des Sciences de l'Homme: *Les rites de passage, Étude Systématique de Rites*, com nova reedição, em 1981, por Éditions A. et Jean Picard, Paris, cópia que uso. O texto não está em linha, mas encontra-se comentado em várias entradas da Página Web: <http://www.google.pt/search?hl=pt-PT&q=Arnold+van+Genep+Les+rites+de+passage&meta=>. Van Genep é denominado o Pai da Etnografia Francesa e o seu saber é não apenas respeitado, como tem orientado os trabalhos dos Antropólogos Franceses desde os dias das suas aulas d'Histoire Comparée des Civilizations et d'Ethnographie na Universidade de Neuchâtel, Paris.

³³ Não é fácil citar um comentário de um político Israelita quando nos referimos a Golda Meier: Golda Meir, eleita Primeiro-ministro de Israel ([Prime Minister of Israel](#)) em 17 de Março de 1969, após ter exercido os cargos de Ministro do Trabalho e de Ministro de Assuntos Estrangeiros. Descrita como a Dama de Ferro "[Iron Lady](#)" da política de Israel ([Israeli politics](#)) muitos anos antes desse epíteto ser associado com a Primeira Ministra da Grã-bretanha, [Margaret Thatcher](#).^[2] [David Ben-Gurion](#) costumava denomina-la "o melhor homem no governo."^[3] Meir foi a primeira mulher a exercer o cargo de Primeiro-ministro de Israel e a terceira no cargo de Primeiro-ministro, em termos mundiais. Saliente-se, ainda, que foi a primeira mulher votada para o cargo, sem nenhuma intervenção familiar precedente.^[4] Mulheres Primeiros-ministros antes de Golda Meir foram [Sirimavo Bandaranaike](#) do antigo Ceilão (hoje [Sri Lanka](#)), filha de um primeiro-ministro e mãe do terceiro Presidente da República de Sri Lanka e [Indira Gandhi](#) da [Índia](#). Meir foi sempre caracterizada como "de forte força de vontade, falar direito, a Avó de cabelos brancos do povo judeu"^[3]. Governou Israel entre 1969 e 1974. Não foi reeleita devido a um tumor cancerígeno, que a levou ao seu Jardim do Éden em 1978. Foi sepultada no Cemitério dos Grandes, no Monte Herzl, onde estão os corpos dos que têm prestado serviços insignes ao seu país. Local onde cerca de 100 pessoas foram sepultadas, por terem sabido servir a Pátria e a sua família, a começar pelo organizador do Movimento Zionista, Theodor Herzl, morto na Áustria em 1904 por ter fundado o movimento Zionista que, mais tarde, permitiu a criação do Estado de Israel. Retirado do meu saber pessoal e das seguintes fontes na net: http://en.wikipedia.org/wiki/Golda_Meir, http://www.jewishsf.com/content/2-0-/module/displaystory/story_id/11255/edition_id/216/format/html/displaystory.html.

surtem mulheres Presidentes ou Primeiros-ministros, como Violeta Chamorro, da Nicarágua e Michelle Bachelet, no Chile de hoje. Até Golda Meier, nenhuma mulher tinha ocupado um cargo hierárquico por eleição livre. Parece disfuncional falar tanto de mulheres no poder, mas o disfuncional tem sido o facto de se considerar a mulher uma entidade incapaz de governar um grupo social, exceptuando a época feudal, época na qual as mulheres eram Rainhas com poder absoluto, até à altura das Revoluções do Século XVII na Grã-bretanha e do Século XVIII, em França.

O triunfo da burguesia relegou a mulher com posses para dentro de casa, e as que tinham que trabalhar para viver, dedicaram-se ao artesanato, à prostituição, às indústrias, à agricultura ou ainda a servirem em casas de burgueses ou de aristocratas que iam ficando. Ser mulher, até perto deste Século, era um problema. No livro que acabei antes deste, *Yo, Maria de Botalcura*, faço um comentário sobre este facto e cito um texto que me parece importante³⁴. Livro escrito por um sacerdote dominicano que uma doença que não perdoa, uma leucemia, acabou com a sua vida muito novo. No seu livro, Garcia Estebanéz analisa as formas como os textos da Igreja Católica tratam a mulher: sempre em segundo plano, sem lhe atribuir qualquer importância nas actividades da Cúria, só pelo facto de ser fêmea. As acções mais importantes da denominada Igreja Universal, adjectivo de onde advém o nome de católica³⁵, são as de

³⁴ Garcia Estebanéz, Emilio, 1992: *¿Es cristiano ser mujer?* La condición servil de la mujer según la Biblia y la Iglesia, Siglo XXI Editores, Madrid. Diz: *La mujer es un misterio insondable. Un misterio de grandeza por su capacidad de don, entrega, anhelo de perfección, aprecio y conservación de la vida. Tu dignidad.*

Digno es lo que tiene valor en sí mismo y por sí mismo. La persona por el simple hecho de ser persona es un ente amable, es decir, a una persona se le respeta, se le aprecia, se le ama, en cuanto es persona; solo por ser persona. Así, tu mujer, por ser persona posee una dignidad única que ha de ser respetada siempre.

¿Cómo eres mujer?

La mujer tiene la misma dignidad del hombre, más tiene características específicas que hacen de la mujer, mujer. Citemos algunos de estas:

En lo general afirma que la mujer es bondadosa, perseverante, con deseos de ser sostenida y acompañada, con deseos de seguridad y de evitar riesgos, su máximo es amar y sentirse amada... Texto completo em: <http://www.alientodiario.com/2008/03/08/misterio-de-ser-mujer/>.

³⁵ O dicionário que me assiste na escrita define católica ou católico, da seguinte maneira: do Lat. *catholicu* < Gr. *katholikós*, universal s. m., aquele que segue a religião de que o papa é chefe; adj., que professa o catolicismo; universal. Esta definição de universal é a que mais me interessa, por pressupor que as actividades de todos sejam distribuídas por igual. Pode-se ler em http://www.priberam.pt/dlpo/definir_resultados.aspx

administrar sacramentos³⁶, os factos mais importantes dentro de uma comunidade de pessoas que acreditam na divindade de forma igual e têm as mesmas obrigações legais dos mandamentos, ditos escritos pelo Profeta Moisés, denominado Êxodo³⁷, como consta no livro da Bíblia cristã, romana, anglicana, maronita, aramaica, ortodoxa grega e russa. Textos todos impingidos na *mente cultural*, que diz que a mulher está em segundo plano, ideias que subvertem a minha lógica até ao ponto de me sublevar e escrever em prol da mulher e dos seus direitos.³⁸

O pai é a lei, a mãe, a afectividade. A mãe transporta a criança dentro do seu corpo, fá-la nascer e amamenta-a, veste, agasalha, acaricia, fica com os mais novos em casa. Pelo menos, por um tempo. A mãe é a primeira via de todo o ser humano. Quanto

³⁶ Do Lat. *Sacramentu* s. m., juramento; acto religioso, instituído por Deus, para purificação e santificação da alma; rito sensível e simbólico da religião cristã, destinado a consagrar diversas fases da vida dos fiéis; eucaristia: a hóstia consagrada em exposição na custódia; (*no pl.*) os últimos sacramentos (confissão, comunhão e extrema-unção). Nenhum destes actos é permitido ser realizado por uma mulher. A Igreja Universal tem uma raiz masculina do princípio ao fim.

³⁷ É definido assim: êxodo do Lat. *exodu* < Gr. *éxodos* < *éxo*, para fora + *odós*, caminho s. m., saída para fora do país de um grande número de pessoas ou de um povo; emigração; o segundo livro do *Pentateuco*, onde se narra a saída dos Hebreus do Egipto (grafado com inicial maiúscula); o fecho das tragédias gregas; farsa do teatro romano, que se representava depois da tragédia. De todas as alternativas, a que mais interessa é ser um livro da *Bíblia*. *Pentateuco* do Gr. *Pentateuchós* s. m., os cinco primeiros livros da *Bíblia*, informação em http://www.priberam.pt/dlpo/definir_resultados.aspx

³⁸ Por causa destas ideias escrevi um texto denominado: “Mulher a crescer, Machismo a tremer. A Filiação da criança”, no Jornal *A Página da Educação*, Nº 94, Ano 9, página 25, Setembro de 2000. Após narrar a história de uma mulher subordinada, o texto comenta em parte: “*Trinta anos depois, esta história aparece diferente no meu sentir. Faz-me pensar que o homem procurava amparo na mulher e vice-versa. Homem que não queria ter mais uma outra voz em casa a dizer o que fazer. Homem criado para governar o lar com palavras, sem entender as horas vazias da mulher mãe, da mulher empregada de cozinha, da mulher varredora do chão, lavadora de roupa, aquecer a cama à espera do homem que quer amar. Homem criado para mandar e aparentemente sábio na sua autoridade. Eis a filiação da infância cujo estudo me interessa e absorve. Enquanto penso, sinto a solidão do homem, pai, companheiro, culturalmente autoritário. Machismo, dirá o leitor? Machismo, dirá a leitora? Machismo, digo eu, da mulher e do homem. Mulher a crescer, a entender o mundo além do lar. Homem habituado a ser apenas ele a perceber o mundo fora do lar. Batalha travada faz séculos e ganha hoje em dia pela luta feminina. Feminismo, onde não se dá luta nenhuma pela masculinidade. Ideia esta, a da masculinidade, certa e segura durante séculos e em várias culturas. Até que um dia a economia faz tremer, faz tremer a sociedade e o homem perde a arrogância pelo desamparo no qual fica. Desamparo que o homem sofre por parte da mulher, que entra na economia. Esse domínio definido sempre como masculino*”. O texto pode ser lido no sítio que, de novo, reitero: <http://www.apagina.pt/arquivo/Artigo.asp?ID=1198>.

ao pai, qual será o seu papel, para além dos definidos por Freud³⁹ com base nas mitologias gregas?

2. O pai, essa segunda via.

A minha metáfora de pais – burocracia, coloca os homens em maus lençóis. É como se não tivessem um papel dentro da família doméstica, excepto o de ganhar dinheiro para alimentar a mulher, a prole e a si próprio. De seio bom ou mau, o pai nada parece ter. No entanto, diria que o assunto não é emotivo, nem de distinção entre género masculino e feminino, para os quais têm sido definidos papéis sociais diferentes, nas várias culturas das sociedades do mundo. Por estarmos a falar da nossa cultura, orientada pela religião, definida por mim em anteriores textos, as opiniões da cultura doutoral da nossa academia, passam, para entendermos a temática que aqui abordamos, a ser tratadas em primeiro lugar.

Não foi em vão que Freud em 1905⁴⁰ definiu os sentimentos dos pequenos a partir da sua visão dos adultos. Freud era um *Pater Familias*⁴¹, de acordo com a sua teoria. Comportamento e ideais que mudou mais tarde como resultado das pesquisas que desenvolveu entre crianças e seus pais, especialmente os masculinos. Na nota de rodapé que o autor acrescentou aos seus ensaios em 1915, afirma "*É essencial entender que as noções de masculino e feminino parecem ser não problemáticas na conversa do dia a dia. E, no entanto, têm três sentidos diferentes. O primeiro, define o ser como activo ou passivo na interacção social; o segundo sentido, é biológico; o terceiro, fisiológico... Dos três sentidos, o primeiro é o mais importante para o entendimento da psique do ser humano...*" (tradução e síntese da minha responsabilidade). Esta nota de Freud é importante para a hipótese que tenho defendido ao longo de vários anos: a criança imita

³⁹ Mais uma vez remeto para a leitura do Anexo 4.

⁴⁰ Freud, Sigmund, 1905 (língua germânica), 1953 (língua inglesa): *Three essays on the theory of sexuality*, Penguin, New Zealand. Sítio para debate e excertos do texto em [http://www.google.pt/search?hl=pt-PT&q=Sigmund+Freud+Three+essays+on+the+theory+of+sexuality&btnG=Pesquisar&meta=Sobre+Freud+e+sexualidade+infantil,+ver+a+imensa+nota+de+rodapé+onde+estão+citados+todos+os+textos+que+Freud+escreveu+sobre+a+temática.+No+entanto,+as+suas+teorias,+especialmente+a+da+sexualidade+infantil+–+relata,+pela+primeira+vez,+o+processo+de+desenvolvimento+do+instinto+sexual+do+ser+humano+desde+a+infância+até+à+vida+adulta+–,+foram+duramente+criticadas+pelos+intelectuais+do+Século+XX+de+Viena+de+Áustria+\(a+tradução+é+minha\).](http://www.google.pt/search?hl=pt-PT&q=Sigmund+Freud+Three+essays+on+the+theory+of+sexuality&btnG=Pesquisar&meta=Sobre+Freud+e+sexualidade+infantil,+ver+a+imensa+nota+de+rodapé+onde+estão+citados+todos+os+textos+que+Freud+escreveu+sobre+a+temática.+No+entanto,+as+suas+teorias,+especialmente+a+da+sexualidade+infantil+–+relata,+pela+primeira+vez,+o+processo+de+desenvolvimento+do+instinto+sexual+do+ser+humano+desde+a+infância+até+à+vida+adulta+–,+foram+duramente+criticadas+pelos+intelectuais+do+Século+XX+de+Viena+de+Áustria+(a+tradução+é+minha).)

⁴¹ Sobre *Pater Familias*, ver Anexo 2.

o seu adulto modelo, que normalmente são as figuras da mãe e do pai⁴², sem se interessar na fisiologia dessas pessoas, se com óvulo ou com esperma, se com vagina ou com pênis. O que interessa é o comportamento e a emotividade que este – dentro ou fora do lar – desperta no ser humano mais novo. Acrescenta Freud nos ensaios citados, que masculino pode ser quem é activo em objectivos passivos e feminino em objectivos activos ou passivos.

Mais interessantes são os seus comentários sobre a emotividade que descreve ao longo do texto. No seu Século e na sua experiência como médico da burguesia de Viena, tudo o que fosse sentir vergonha, piedade, comiseração, restrição sexual, recato sexual, era feminino. *En revanche*, toda a iniciativa para gerir, mandar, criar iniciativas sociais, seduzir, dar sermões sobre o comportamento público e, especialmente, como concorrer para sítios de alta hierarquia, investir e lucrar, pareciam-lhe ser hábitos masculinos, não apenas socialmente aceites, mas esperados pelo grupo social. Este discurso de Freud foi-se modificando, ao longo do tempo, no decorrer da mudança de costumes. As alterações mais notáveis são-nos transmitidas pelos seus textos de 1914, 1915 e 1925⁴³. Se não fosse esta actualização da sua teoria, estaria hoje desajustada para os costumes actuais. Contudo, depois de ler textos originais e actualizações, não me parece desadequada: a teoria freudiana do inconsciente, transferência, luto e melancolia, complexo de Édipo e outras noções, trabalhou-as uma e outra vez até ao dia da sua morte em 1939, após conclusão do seu livro citado sobre a civilização e os seus descontentamentos, texto que deixa transparecer alguma amargura pelas mudanças de hábitos culturais que o empurravam sempre a alterar o entendimento do inconsciente, tal

⁴² É preciso dizer pais em casa, hoje em dia, pela mudança nas formas matrimoniais entre a época de Freud e a nossa. Há divórcio, há separação, há matrimónios de curta duração, há amancebamento de meio-dia que resulta em descendentes. É preciso definir além das teorias freudianas, os contextos históricos das figuras a imitar ou não. Ou violação, estupro, incesto e rapto, no qual Freud, na sua ortodoxia atea judaica, nem percebeu que havia um mundo além da burguesia com posse e sentimentos de fé.

⁴³ Freud, Sigmund, (1914, língua germânica) 1925: *On narcissism: An Introduction*, The Hogarth Press, Londres, Volume IV, sítio para debate e partes do texto: <http://www.google.pt/search?hl=pt-PT&q=Sigmund+Freud+On+Narcissism%3A+An+Introduction&btnG=Pesquisar&meta=> ou http://www.uqac.quebec.ca/zone30/Classiques_des_sciences_sociales/classiques/freud_sigmund/freud.h tml; (1915): *Instincts and their vicissitudes*, The Hogarth Press, Londres. Sítio para contextualização do texto, em: <http://www.grtbooks.com/freud.asp?id=0&yr=1856#instinct>. Sítio para debate e textos <http://www.google.pt/search?hl=pt-PT&q=Sigmund+Freud++Instincts+and+their+vicissitudes&btnG=Pesquisar&meta=>.

como a Anna⁴⁴, sua filha, e a Melanie Klein, dissidente da teoria ortodoxa de Freud (ver Anexo 1).

Tenho observado no meu trabalho de campo e nas entrevistas com crianças, que a feminilidade exprime-se no cuidado dos mais novos, na gestão da casa e, especialmente, em invocar a autoridade do pai como legítima para corrigir o comportamento dos mais novos. A mãe da casa parece ser a pessoa que governa esse dia a dia, como afigura-se corresponder ao pai a sanção final do feito. Ainda, pela minha experiência, diria que a segunda via não é apenas o pai, é também a mãe que trabalha, tem voz e orientação no grupo doméstico, a par e passo do homem do grupo. Ora, no tempo da aprendizagem de Freud, não havia transferência de factos masculinos e femininos entre os dois géneros, como hoje acontece, em consequência da luta feminista e do neo-liberalismo. Por outras palavras, a autonomia da mulher, por causa do seu querer de emancipação e a sua saída de casa para sítios de trabalho, com ou sem hierarquia, parecem ter organizado uma concorrência entre o género masculino e o feminino. Digo parecer ter, porque de facto, tem-me sido referido por pais de grupos domésticos com muitos membros dentro do mesmo, esta ideia: *“muito obrigado pelos seus cuidados, senhor Doutor. Antes, era apenas eu quem organizava o trabalho da família toda. Íamos vivendo e mal. Desde que o Senhor Doutor entrou nas nossas vidas, somos muitos mais para trabalhar: a minha mulher, os filhos mais velhos e até os meus pais, que trabalham na horta, um trabalho mais leve para eles, por terem muitos anos”*. Porém, a criança tem várias referências para aprender: comportamentos masculinos da mãe e comportamentos femininos do pai. Palavras que, enquanto escrevo, parecem-me antigas, e, no entanto, acabam por ser muito actuais. Pela pesquisa feita ao longo dos anos, tenho apreciado que, em vidas opostas, como na burguesia com muitos bens a gerir e no proletariado, com muitas pessoas a organizar para a produção e a subsistência,

⁴⁴ Anna Freud (Viena, Áustria, 3 de dezembro de 1895 — Londres, 9 de outubro de 1982) foi a sexta filha de Sigmund Freud e Martha Freud. Também psicanalista, focou o seu estudo principalmente no tratamento de crianças. Teve várias divergências com Melanie Klein, psicanalista dissidente das teorias freudianas ortodoxas e fundadora da escola inglesa de psicanálise, a quem recorro na pretensão de entender a mente das crianças. Foi a primeira a dar ênfase ao ego na personalidade, não rejeitando as forças do id e as restrições do superego. Anna Freud concebeu o ego humano com certa funcionalidade pró – activa e independente. Também foi responsável pelo estudo dos mecanismos de defesa, tema que estudou aprofundadamente. Para consulta, veja-se: <http://www.google.pt/search?hl=pt-PT&q=Ana+Freud&meta=>.

continua a existir um chefe de família, legislado no Código Civil Português até 1967⁴⁵, revogado em 2008. Apenas no proletariado continua a existir comportamentos de *pater*

⁴⁵ Artigo 1877º : *Os filhos estão sujeitos ao poder paternal até à maior idade ou emancipação*, O [Código Civil português](#) vigente foi aprovado a 25 de Novembro de 1966 e entrou em vigor a 1 de Junho de 1967, revogando o anterior Código Civil elaborado pelo [Visconde de Seabra](#) e que entrara em vigor um século antes, em 1867. Definia Poder Paternal como direito do pai e Chefe de Família. Encontra-se regulado no livro quarto do [Código Civil](#), ver em: http://pt.wikipedia.org/wiki/Direito_da_Fam%C3%ADlia. No Código Civil de 1967, continuou, porém, a prevalecer a autoridade masculina, pois o marido permanecia «chefe da família» com poderes absolutos e individuais. A história diz: 1967 - É elaborado um novo Código Civil. Continua a estabelecer que o marido é o chefe da família e que ele tem o poder de tomar as decisões relativas à vida marital e às crianças. Para aprofundar a temática, consulte-se “Evolução dos Direitos das Mulheres em Portugal”, texto completo: <http://www.geocities.com/atoleiros/direitomulheres.htm>.

No entanto, é-me impossível não reproduzir de imediato, parte deste texto que diz: «1974 - Revolução do 25 de Abril. O regime autocrático é derrubado e substituído por um regime democrático. As mulheres podem aceder pela primeira vez à magistratura, ao serviço diplomático e a certas posições na administração local, que lhes estavam interditas. São abolidas as restrições ao direito ao voto». http://pt.wikipedia.org/wiki/C%C3%B3digo_Civil_Portugu%C3%AAs, ou, em suporte de papel, Editora Almedina, 942 páginas.

Primeira mulher ministra: Maria da Lourdes Pintassilgo, Ministra dos Assuntos Sociais. Maria de Lourdes Ruivo da Silva Matos Pintasilgo^[1] ([Abrantes, 18 de Janeiro de 1930](#) — [Lisboa, 10 de Julho de 2004](#)), [engenheira](#) e [dirigente política portuguesa](#), foi a única mulher que desempenhou o cargo de [primeiro-ministro](#) em Portugal, tendo chefiado o [V Governo Constitucional](#) (1979). Foi também a segunda mulher primeiro-ministro em toda a Europa, a seguir a [Margaret Thatcher](#). A sua historia pode-se consultar em: http://pt.wikipedia.org/wiki/Maria_de_Lourdes_Pintasilgo.

1975 - Primeiras eleições livres. O artigo 24 da Concordata é emendado: os casamentos católicos podem pedir o divórcio civil. A Comissão da Condição Feminina substitui a Comissão criada em 1973;

1976 - É aprovada a licença de maternidade de 90 dias. Os serviços públicos de saúde colocam à disposição consultas de planeamento familiar. É adoptada uma nova Constituição, que consagra a igualdade de mulheres e homens em todos os domínios;

1977 - A Comissão da Condição Feminina fica ligada ao Gabinete do Primeiro-ministro e é dotada de um Conselho Consultivo, onde as ONG's dos Direitos das Mulheres podem ter assento;

1978 - O Código Civil é revisto segundo a nova lei da família, os cônjuges gozam de direitos iguais. A dependência da esposa em relação ao marido é suprimida;

1979 - Um decreto-lei estabelece a igualdade mulheres/homens no emprego e no trabalho. É criada uma "Comissão para a Igualdade no Trabalho e no Emprego", ligada ao Ministério do Trabalho, para supervisionar a aplicação do mencionado decreto-lei;

Primeira mulher nomeada Primeira-ministra: Maria de Lourdes Pintassilgo;

1980 - Primeira mulher nomeada Governadora Civil: Mariana Calhau Perdigão (Évora). Portugal ratifica a "Convenção das Nações Unidas sobre a Eliminação de Todas as Formas de Discriminação contra as Mulheres”;

Apesar de tudo, o poder paternal e ser Chefe da Família, apenas foi modificado no Código Civil de 2008, que passou a estar definido da seguinte forma: *Artigo 1901 N.º1: Na constância do património o exercício do poder paternal pertence a ambos os pais. N.º 2: Os pais exercem o poder paternal de comum acordo e, se faltar as questões de particular importância, qualquer deles pode recorrer ao tribunal, que tentará a*

*famílias*⁴⁶ na parte sentimental da vida, pela necessidade de todos trabalharem fora de casa, sem distinção de género, por causa da subsistência ou sobrevivência material. Há um trabalho de uma excelente socióloga sobre o operariado no Barreiro que põe em causa a afirmação anterior, isto é, a uma determinada altura a mulher abandona a fábrica, não por imitar comportamentos da mulher burguesa, mas porque era economicamente mais vantajoso ficar em casa a tomar conta dos filhos. O que ganhava na fábrica era inferior ao gasto com a educação dos filhos cuidados por outros de fora da casa⁴⁷. Os sentimentos dos grupos domésticos ficam em risco pela distância do dia – a – dia, provocada pela lonjura dos locais de trabalho e pela pouca convivência diária, exceptuando-se os dias de folga. Seja a mãe, ou seja o pai, a pessoa que alimenta o lar e configura a disciplina, o facto é que a criança aprende de um ou de outro os sentimentos que no futuro vai precisar no seu agir social. Ou no seu comportamento amoroso com outros seres humanos. Se é a mãe quem seduz e o pai fica atrapalhado consigo próprio, será este o modelo para o rapaz e para a rapariga na sua vida adulta. É como analisa Melanie Klein⁴⁸ quando fala da terapia do pequeno Fritz, o seu cliente, vizinho e sobrinho de Freud: "*Onde estava eu antes de nascer? (...) e a mãe diz que os cachorros crescem no ventre das suas mães...*" (A síntese e tradução são minhas das páginas

conciliação; se esta não for possível, o tribunal ouvirá antes de decidir, o filho maior de catorze anos, salvo quando as circunstâncias poderosas o desconhecem.

Artigo 1902: (Actos praticados por um dos pais) -1. Se um dos pais praticar acto que integre o exercício do poder paternal, presume-se que age de acordo com o outro, salvo quando a lei expressamente exija o consentimento de ambos os progenitores ou se trate de acto de particular importância; a falta de acordo não é oponível a terceiro de boa fé. 2. – O terceiro deve recusar-se a intervir no acto praticado por um dos cônjuges quando, nos termos do número anterior, não se presume o acordo do outro cônjuge ou quando conheça a oposição deste. O Código Civil de 2008 (408 páginas) pode ser consultado em: <http://www.verbojuridico.net/download/codigocivil2008.pdf>, ou, em suporte de papel, editado por Verbo Jurídico, Coimbra.

⁴⁶ Pater famílias (plural: *patres familias*) era o mais elevado estatuto familiar (*status familiae*) na [Roma Antiga](#), sempre uma posição masculina. O termo é [Latim](#) e significa, literalmente, "pai da família". A forma é irregular e arcaica, preservando a antiga terminação latina do genitivo em *-as* (ver Anexo 2).

⁴⁷ O estudo foi feito pela Investigadora Auxiliar do ICS, Doutora Ana Nunes de Almeida, em 1987: *A fábrica e a família: famílias operárias no Barreiro*, Câmara Municipal do Barreiro. Dados sobre a autora, nas entradas Internet da página web: <http://www.google.com.br/search?hl=pt-=&oi=spell&resnum=1&ct=result&cd=1&q=Ana+Nunes+de+Almeida&spell=1>. O texto referido pode ser lido em: <https://repositorio.iscte.pt/bitstream/10071/985/1/2.pdf>, Revista *Sociologia, Problemas e Práticas*, Nº11, 1992, páginas 27 a 41. O texto encontrado é: "Meio Social, Famílias e Classes Operárias".

⁴⁸ Klein, Mélanie, 1932: *Die psychoanalyse dès Kindes*, traduzido para francês como *La psychanalyse des enfants*, PUF, 1959, páginas 209 a 273. Sítio para debate e partes de texto, em: <http://www.google.pt/search?hl=pt-PT&q=M%C3%A9lanie+Klein+La+psychoanalyse+des+enfants&btnG=Pesquisar&meta=>.

citadas). Ao longo da obra de Klein⁴⁹ e de Alice Miller⁵⁰, é possível apreciar que, aliás, a infância retira saber emotivo da pessoa que identifica como a mãe ou a figura da mãe. Raramente há questões endereçadas ao pai na cronologia da infância. Estas minhas observações estão deduzidas da noção de cultura social⁵¹, que reserva à mãe o papel de

⁴⁹ A obra de Klein está referida no Anexo 1, no fim do livro.

⁵⁰ Miller, Alice estudou crianças até ser expulsa do Colégio de Psicanalistas. A sua obra é extensa, quer em livros, quer em texto. O seu site é: http://www.naturalchild.com/alice_miller/ ou *The Natural Child Project*, ao qual me orgulho de pertencer. A sua obra está analisada no Anexo 3 do presente trabalho. For inquiries, write to naturalchild@naturalchild.org ou [ver naturalchild<AT>naturalchild.org](mailto:naturalchild<AT>naturalchild.org) (replace & ltAT> with the (a) symbol - Shift+2 on your keyboard).

⁵¹ O conceito cultura é muito usado em Antropologia e refere usos e costumes de comportamento dentro do grupo social. A primeira definição de cultura apareceu no livro de Sir Edward Burnett Tylor, de 1881, *Anthropology*, editado por Macmillan & CO, Londres. Na página 403, & 1Capítulo XVI, do texto em formato de papel que tenho comigo, diz: “A opinião pública é uma pressão que constringe a todo ser humano a agir segundo o costume, que fornece as regras de comportamento do que deve ser feito ou não na maior parte dos comportamentos da vida”. O conceito é analisado a partir do parágrafo citado e percorre o caminho de 8 páginas, até à 416. Pode-se apreciar que não fala de cultura, mas sim do seu conteúdo. A palavra cultura nos anos de Tylor era usada também para outros objectivos: “*Cultura (do latim cultura, cultivar o solo, cuidar) é um termo com várias acepções, em diferentes níveis de profundidade e diferente especificidade. São práticas e acções sociais que seguem um padrão determinado no espaço. Se refere a crenças, comportamentos, valores, instituições, regras morais que permeiam e identifica uma sociedade. Explica e dá sentido à cosmologia social, é a identidade própria de um grupo humano em um território e num determinado período*”. Definição que aparece bem mais tarde, após outras fornecidas por Antropólogos e Sociólogos, pelo qual se abandona, dentro destas ciências, o conteúdo da noção de cultivar a terra passando a ser um conceito da Ciência Social. Mais informação em: <http://pt.wikipedia.org/wiki/Cultura>. Quanto ao autor: Edward Burnett Tylor (Londres, 2 de outubro de 1832 — Wellington, 2 de janeiro de 1917) foi um antropólogo britânico, irmão do geólogo Alfred Tylor. Considerado o pai do conceito moderno de cultura, Tylor filia-se à escola evolucionista. Na sua principal obra *Primitive Culture* (1871), que não tenho comigo, sabemos que fornece uma definição de cultura de quase meia página. O comentário do livro especifica o contributo de Tylor e o conteúdo do conceito: Antropologia – esta ciência entende a cultura como a totalidade de padrões aprendidos e desenvolvidos pelo ser humano. Segundo a definição pioneira de Edward Burnett Tylor, sobre a etnologia (ciência relativa especificamente do estudo da cultura), a cultura seria “o complexo que inclui conhecimento, crenças, arte, morais, leis, costumes e outras aptidões e hábitos adquiridos pelo homem como membro da sociedade”. Portanto corresponde, neste último sentido, às formas de organização de um povo, aos seus costumes e tradições transmitidas de geração para geração que, a partir de uma vivência e tradição comum, se apresentam como a identidade desse povo. Em: http://pt.wikipedia.org/wiki/Cultura#Principais_conceitos. Tylor, considerado como a cabeça fundadora dos conceitos cultural evolutionism, nos seus trabalhos *Primitive culture* e *Anthropology*, define o contexto científico do estudo da Antropologia, na base das teorias evolucionistas de Charles Darwin. Os dados supra mencionados foram retirados da minha memória e dos seus livros que tenho comigo: *Anthropology. An Introduction to the study of man and civilization*, 1881, traduzido para a língua lusa como: *Antropologia. Uma introdução ao estudo do homem e a sua civilização*, Vozes, Petrópolis, 1982, e o texto de 1865: *Early History of Mankind and the Development of Civilization*, John Murray, Londres, traduzido para a língua lusa como: *Pesquisas sobre a história antiga da espécie humana e o desenvolvimento da civilização*. Em: http://en.wikipedia.org/wiki/Edward_Burnett_Tylor pode-se consultar texto com a sua biografia.

explicar o real emotivo aos mais pequenos. O pai é útil para conferir as dúvidas sobre o que a mãe tenha dito ou exprimido ou, ainda, manifestado perante a criança. É costume na nossa cultura ocidental, oferecer carinho material em beijos e carícias, cantar canções de embalar, mudar fraldas, amamentar ao peito. Tudo o que o pai apenas pode observar, ou porque não lhe foi ensinado, ou porque não está dentro das formas de agir masculinas do seu grupo social. Esta análise é dos tempos de Freud.

Actualmente, começam a verificar-se mudanças relativamente a estas formas de agir. Há jovens pais que embalam, contam histórias, mudam as fraldas e oferecem carinho material em beijos e carícias. Facto que advém do pai ser essa segunda via que colabora ao entender a interacção social, caso esteja presente no lar. Facto comum nos dias do Século XXI. É o que Alice Miller nos faz pensar através do seu livro referido: a criança procura nos adultos respostas do que não sabe, mas, concomitantemente, explora nela própria o saber do bem e do mal para a sua auto estima e conhecimento. Não é em vão que existe uma via oculta no pensamento dos mais novos, como analisa a partir da página 15 do texto citado⁵². Diz Miller.⁵³ “...na minha obra, especialmente no

⁵² Miller, Alice, 1995: *Pictures of a childhood*, “Childhood and creativity”, é parte do Capítulo 4 do seu livro (1981-Suhrkamp Verlag, Frankfurt und Main) (1985-1ª edição em inglês) 2ª versão, 1998: *Thou shalt not be aware. Society's betrayal of the child*, Pluto Press, Londres. Em formato de papel, 331 páginas, 1998, Pluto Press. Sítio <http://www.google.pt/search?hl=pt-PT&q=Alice+Miller+Thou+shall+not+be+aware&btnG=Pesquisar&meta=>. Este livro explica-nos como a criança tenta sair do desencanto da falta de carinho, utilizando o desenho. É neste texto que Miller partilha com Freud as ideias sobre as origens das fantasias infantis, no prolongado estudo da memória reprimida, feita por Freud e Alice Miller em épocas diferentes. O complexo de Édipo é colocado de parte, razoando Miller que, no tempo em que as crianças são abusadas, os seus sentimentos, tristezas e raivas não têm destino dentro de uma sociedade que estima que o poder paternal exercido sobre eles é um direito natural. As crianças não têm mais alternativas, excepto as de guardar no foro íntimo ou internar no seu inconsciente, o seu desgosto e angústia, criando uma bancada de fantasia material. O livro apresenta-nos uma nova modalidade de analisar como o inconsciente retém na memória acontecimentos infantis, que magoam o adulto, mais tarde, quem, sem intervenção apropriada, pode gerar doenças emotivas e condutas destrutivas, quer para a pessoa, quer para a vida social. Antes de fechar esta nota de rodapé, parece-me importante definir memória e a sua repressão: **Memória** é a retenção e recordação de experiências. Uma **memória reprimida** é a que se diz ser retida na mente *inconsciente*, onde pode afectar pensamento e acção mesmo se aparentemente se esqueceu a experiência em que a memória se baseia. Retirado do texto sobre Freud: *Memória, memória reprimida e falsa memória*, em: <http://skepdic.com/brazil/memoria.html>. Acrescente-se que Freud definiu memória no seu texto, de 1921, *Psicologia de grupo e análise do ego*, em formato de papel, texto em Obras Completas, volume. XVIII, 1981, Imago, Rio de Janeiro. Em linha: http://classiques.uqac.ca/classiques/freud_sigmund/essais_de_psychanalyse/Essai_2_psy_collective/psycho_collective.html.

Bem como em *Moisés e a Religião monoteísta*, (1938) 1990, Guimarães Editores, Lisboa, em formato de papel, 213 páginas. O texto pode ser lido no motor Les Classiques des Sciences Sociales, em: http://classiques.uqac.ca/classiques/freud_sigmund/moise_et_le_monotheisme/moise_et_monotheisme.html, ou no seu texto de 1889, denominado *Livro dos Sonhos ou A interpretação dos Sonhos*, editado em três volumes por Pensamento, Lisboa, 1988, Vol. I, 163 páginas, Vol. II, 170 páginas e III, 216 páginas. Textos em linha, como e-livro, que se podem ouvir em: <http://navega.blogs.sapo.pt/45873.html>. Parece-me, ainda, difícil fechar citas sobre memória, sem referir Maurice Halbwachs, discípulo de Durkheim e de Henry Bergson, assassinado pelos nazis no campo de concentração de Buchenwald, a 16 de Maio de 1945, aos 68 anos de idade: http://pt.wikipedia.org/wiki/Maurice_Halbwachs. Este autor trabalhou sobre

meu texto *Thou shalt not be aware. Society's Betrayal of the Child...*⁵⁴, que em português seria: *Não sereis conscientes da verdade. A traição da criança pela sociedade*, de 1998⁵⁵ (... tenho observado que as experiências traumáticas que

a memória e deixou-nos um legado de imensas obras, que podem ser lidas no motor de pesquisa Les Classiques en Sciences Social: http://classiques.uqac.ca/classiques/Halbwachs_maurice/halbwachs.html, sendo a mais importante *La mémoire collective*, póstuma, aparecida em 1947 em *Annales de Sociologie*, novo nome para *L'Année Sociologique*, em 1950 como livro editado pela Press Universitaire de France-PUF, que pode ser lido, tal como Marc Bloch, historiador francês, membro da resistência e judeu, executado em 1944, e autor da obra, traduzida para inglês, *Feudal Society*, <http://books.google.com/books?hl=pt-PT&lr=&id=7FwOAAAAQAAJ&oi=fnd&pg=PR11&dq=++Marc+Bloch+La+Soci%C3%A9t%C3%A9+Feudal&ots=R4b8mQMqD1&sig=aBPL4JPLQJ27WEYUcAm6t5Wenw#PPR5,M1> Bloch pode ser lido em: http://classiques.uqac.ca/classiques/bloch_marc/societe_feodale/societe_feodale.html, Halbwachs em http://classiques.uqac.ca/classiques/Halbwachs_maurice/memoire_collective/memoire_collective.html. Halbwachs defende a ideia da memória não ser individual, mas do grupo social, quer dizer, colectiva: « As nossas recordações existem por serem colectivas, pertencem ao grupo. Esse grupo é o que nos lembra de factos que podem ter sido realizados apenas por nós ou de objectos que têm sido vistos por nós, como indivíduos. Tudo porque na realidade da vida nunca estamos sós....». Esta é a síntese do autor na página 8 do texto na Internet. No mencionado trabalho em linha, com mais capítulos que o original em formato de papel, anteriormente referido, o autor, diz, ainda, que a memória é um facto e um processo colectivo. A existência de uma linguagem de significados comuns, permite ou faz com que os indivíduos possam voltar facilmente ao seu passado de maneira colectiva dando um sentido compartilhado dos factos que os têm estruturado como uma entidade. A memória histórica é comum para todos os indivíduos; a memória colectiva é múltipla e transforma-se à medida da actualização a que é sujeita pelos comportamentos dos grupos, mesmo sem repararem no que é feito: o passado nunca é semelhante a si próprio. Veja-se: http://classiques.uqac.ca/classiques/Halbwachs_maurice/memoire_collective/memoire_collective.doc, sobretudo o texto em pdf: “Fragmentos da Memória Colectiva”, síntese do livro de Halbwachs, organizado por: Miguel Angel Aguilar D, Universidade Autónoma Metropolitana Iztapalapa, Revista *Athenea Digital*, Nº 2, Outono de 2002, em: http://www.4shared.com/get/34089639/303e321b/maurice_halbwachs_memoria_colectiva_fragmentos.html;jsessionid=DA056BF367253BF79765D828160AB442.dc113.

⁵³ A sua obra completa está em linha no sítio: http://www.naturalchild.com/alice_miller/ e a sua página web é: http://www.alice-miller.com/index_en.php.

⁵⁴ O texto original, em Alemão, é de 1979, traduzido para inglês, em 1983, como *The drama of the gifted child*, Virago Press, Londres e para Castelhana: *El drama del niño dotado, y la búsqueda del verdadero yo*, Tusquets, Barcelona. Em português não encontrei nenhuma edição. O texto *Thou shalt not be aware. Society's betrayal of the child*, pode-se ler em: http://www.amazon.com/gp/reader/0374525439/ref=sib_dp_srch_pop?v=search-inside&keywords=Contents&go.x=6&go.y=11.

⁵⁵ <http://www.comprar-livro.com.br/buscas.php?q=Alice+Miller+N%E3o+dever%EDa+tomar+conci%EAncia.+A+tra%E7%E3o+social+da+inf%E2ncia&tipo=2>. Não foi sem surpresa, que vi um texto meu, como comentário, com o título: “Lembranças de mãe”, retirado por Alice Miller do periódico *A Página da Educação* <http://www.apagina.pt/arquivo/Artigo.asp?ID=2466>, com o qual colaborei e onde escrevi em memória do 92º aniversário da minha Senhora Mãe.

Para entender melhor o que Miller e Freud referem sobre as crianças, nomeadamente quanto aos traumas já na vida adulta, causados pelos distúrbios do vínculo entre os bebés e seus pais, leia-se o texto, infelizmente sem data, denominado *Traumas Infantis*, traduzido por Mario Quilici, psicanalista, pesquisador independente e activo do desenvolvimento infantil: http://br.geocities.com/psipoint/arquivo_maternagem_traumasinfantis.htm. Para Freud, esses traumas aparecem na idade adulta; dividindo a infância em três períodos: - o primeiro dura até os 4 anos de idade;

acontecem às crianças em idade temprana, e que são reprimidas, normalmente são exprimidas em trabalhos criativos, como pintura, poemas. No entanto, a sociedade, na sua quase totalidade, não está consciente do fenómeno, como os próprios artistas. Também eu não tinha reparado nesta conexão, se não me tivesse confrontado no decorrer do meu próprio desenvolvimento como intelectual, com o como e o porquê dessas crianças que sofrem, podem-se reprimir e, mais tarde exprimir o seu sofrimento em arte....Problemas da minha própria infância orientaram-me para assuntos destas crianças em geral, bem como a novas descoberta dentro deste campo...Cinco anos mais tarde, comecei a pintar e a escrever, livros que não teriam sido possíveis se a pintura não me tivesse libertado dos traumas da minha própria infância, uma liberação interna que o desenhar me dera”⁵⁶.

o segundo dos 4 aos 8, e o terceiro começa entre os 8 e 10, durando até ao início da puberdade. O autor propõe que os desencontros que levam à histeria ocorrem na primeira fase; os que levam à neurose obsessiva, ocorrem na segunda fase e as experiências que produzem a paranóia, enquadram-se na fase final.

Sugere então Freud, que as recordações datadas do primeiro período (dado o limitado desenvolvimento mental da criança) não são traduzidas em imagens verbais, afirmando que "A provocação de uma... cena sexual, não acarreta consequências psíquicas, mas leva à conversão do Id em Ego". Texto em: <http://www.redepsi.com.br/portal/modules/soapbox/article.php?articleID=293>, comentado pelo analista brasileiro Tovar Tomaselli, intitulado "As explicação clínica das neuroses na teoria freudiana", de 27 de Novembro de 2007. Tomaselli partiu das *Obras Completas de Sigmund Freud*, Rio de Janeiro: Imago Editora, 24 volumes, recorrendo especialmente aos seguintes textos:

- 1) "A Hereditariedade e a Etiologia das Neuroses"
- 2) "Novos Comentários sobre as Psiconeuroses de defesa"
- 3) "A Etiologia da Histeria", referidos em http://www.imagoeditora.com.br/product_info.php?products_id=719&osCsid=27se22ter7agr5ft3kdjhh6125:

⁵⁶ Miller, Alice, 1990: *The Untouched Key. Tracing Childhood Trauma in Creativity and Destructiveness.*, editado por Virago Press, Grã-bretanha, referido em todas as entradas Internet da página web: <http://www.google.pt/search?hl=pt-PT&q=Alice+Miller+Tracing+Childhood+Trauma+in+Creativity+and+Destructiveness.&btnG=Pesquisa+do+Google&meta=>. Traduzido para Castelhana por Tusquets, Barcelona, com o título: *La llave perdida*, 1991. Lembre-se que Alice Miller, nascida na Polónia na altura do denominado Grande Ditador, fugiu com toda a família para a Suíça. Apesar disso, parte da sua família desapareceu por causa da Gestapo, polícia desse Grande Ditador, como Sir Charles Chaplin o denominou. Embora nunca refira a sua vida de exilada nem a família desaparecida, dedica a sua vida às crianças abusadas pela sociedade, e diz numa entrevista: "A criança precisa de fantasias para sobreviver, para não sofrer. Queiram acreditar no que o paciente vos diz e não esqueçam que a realidade reprimida é sempre bem pior que a fantasia. Ninguém inventa traumas, ninguém precisa traumas para viver. Os traumas não são inventados, mas também não podem ser negados. Vários de nós pagamos muito caro pela sua negação. É preciso estudar História da Infância, para entender o contexto social no qual ela se desenvolve. A terapia deve servir para abrir as confidências do analista, como também as do paciente, para desentupir os sentimentos de toda uma vida. A terapia deve acordar-vos de um prolongado sonho não real. É trágico ir para terapia e encontrar, em vez de apoio, muita confusão. Guardo comigo uma carta de uma mulher anciã de setenta e nove anos que conta «durante quarenta anos da minha vida, tive terapia de psicanálise. Estive com oito analistas; no entanto, apenas quando li o seu livro, não me senti mais culpável do que tinha acontecido comigo. Estava farta apesar de os analistas serem boas pessoas, excelentes pessoas. Queriam-me ajudar, apenas que nunca duvidaram de que os meus pais tinham sido boas pessoas para mim, o que era justamente o meu problema: não o tinham sido»". Citado por Miller.

Era-me quase impossível deixar de reproduzir este comentário para entender que criatividade, desenho e escrita, são também resultado de uma frustração emotiva da infância do artista, essa criança a sofrer com as pessoas maiores da sua casa, ou por ser punido sem causa, negligenciado ao pedir carinho, ou, ainda, por ser mimado demais. Mimos que corrompem essa criança ao pensar ou sentir que a vida é fácil, e caso não seja, aí estão os seus adultos para tomar conta do problema e o resolver. Não são palavras de Alice Miller, são ideias derivadas da minha própria experiência com crianças. Tenho observado que crianças mimadas⁵⁷, quando adultas, não sabem como e o que fazer das suas vidas, o seu desempenho é sempre díspar. Todas as crianças, quando adultas, se desenharem, não o fazem apenas por divertimento. Esse desenho passara a ser uma ajuda para a cura dessa enfadonha ideia da vida ser fácil. Onde, nestas circunstâncias, desenhar, corresponde a um descongelar de dentro de nós dos sofrimentos causados pela vida ou pelos objectivos procurados, em criança, e não atingidos. Expressão louvada e querida, sem nos darmos conta que se trata de uma resposta para as felonias cometidas com as crianças por qualquer via das denominadas neste texto. Assim, ser-me-ia também impossível deixar de aprofundar a procura de

⁵⁷ Mimado é uma palavra derivada de mimo. A própria definição diz o que pode acontecer a um adulto se, em criança, pensou que a vida era fácil: acaba por não saber ser adulto. Definição que pode ser consultada em: http://www.priberam.pt/dlpo/definir_resultados.aspx. No texto central refiro que ser mimado é uma outra forma de insultar as emoções das crianças, bem como de educar da pior forma possível. Pode haver mimo dentro da disciplina do lar, se a criança entende que há deveres a cumprir e, em compensação, é-lhe dito que o fez bem. Mas, mimar por mimar, pelos pais não saberem orientar os seus descendentes, parece-me que cria um ser humano para quem a palavra *blandícia* é a mais adequada, porque o mimo afaga o seu desenvolvimento emotivo para a interação social e faz dos mais novos, crianças de lar ou, como dizemos em Portugal, *betinhos*, na sua juventude ou na sua vida adulta. Betinho tem sido usado para definir, em calão, o rapaz ou rapariga novos que são descendentes de adultos com posses, vestem roupas de marca e falam de forma lânguida, mole ou voluptuosa. Palavra que passou do calão e foi incorporada no dicionário oficial e define pessoas que não consomem drogas <http://www.google.pt/search?hl=pt-PT&q=+Cal%C3%A3o+Portugu%C3%AAs%3A+betinho&btnG=Pesquisar&meta=>.

Porém, essa forma lânguida de falar, ainda define betinho na conversa do dia-a-dia. Era o que me interessava esclarecer para incrementar a minha pesquisa sobre a mente da criança dentro da mente cultural que me parece ser muito heterogénea, especialmente pela blandícia de vários dos membros da sociedade, que, até propositadamente, usam formas lânguidas de comportamento por considerarem elegante essa blandícia no agir quotidiano. A palavra *blandícia*, passa a ser um conceito meu para definir comportamentos sociais, parece-me mais adequada que a palavra betinho, que refere outro tipo de comportamento, na redefinição de palavras portuguesas. Defino *blandícia* como um comportamento causado pela ferida emotiva dos adultos sobre os seus descendentes, com ou sem posses, com ou sem riqueza, para parecerem ser da burguesia, sejam-no ou não. É uma vantagem para a corrida concorrencial da vida no modo de produção capitalista, definido por Marx, e que deriva de antigas formas aristocratas, hoje em dia fora de uso, mas angariadas pelos que desejam transpor degraus da vida de forma ascendente. É parte do saber das crianças, uma fantasia que passa a ser real, sem as ajudar em nada no processo formal da vida. Pessoas com blandícia, não desenharam, desenharam-se perante os seus congéneres para retirarem uma mais-valia do seu lucro social.

Freud em relação à arte que Miller usa como terapia para os seus pacientes⁵⁸. No livro original (em alemão), publicado em 1979 e em 1983, em inglês, intitulado *Thou Shalt Not Be Aware*, a autora recorre às noções (de 1905) usadas por Freud sobre sexualidade infantil para chamar à atenção do mundo sobre essa realidade brutal que, se fosse alterada, mudaria de vez, com as formas tradicionais de entender o crescimento dos mais novos. Realidade brutal de impedir a masturbação, de práticas abusivas dos adultos, de falarem com voz forte para os mais novos. Realidade brutal, como está definida no texto citado de 1905⁵⁹, que, como anteriormente vimos, se fosse alterada, mudaria as formas tradicionais de ignorar a sexualidade da criança. A obra de Alice Miller abre o jogo da teoria, expondo frontalmente essa forma dolorosa e brutal da verdade, que está por detrás das sempre referidas “*fantasias infantis*”, esse conceito conveniente e adequado, como gosto de denominar ao que espanta e não tem nome nem perdão ao referir. Miller estuda e analisa casos de infância apresentados nas suas consultas, estuda as histórias que lhe são contadas, estuda a infância de autores através

⁵⁸ Tenho comigo um texto, resultado dessa sua descoberta de que desenhar faz bem, de 1995 (1986, em língua alemã), versão inglesa: *Pictures of a childhood*, Virago Press, Londres. É um livro com apenas sessenta e seis desenhos em aguarela e 43 páginas de comentários. O livro, em suporte de papel, tem 178 páginas, na Web pode ser visto em: <http://www.amazon.com/Pictures-Childhood-Alice-Miller/dp/0452011582>. No comentário refere apenas que esta terapia é resultante da sua própria auto análise e da descoberta de que desenhar não só faz bem, como ainda cura e ajuda o analista a interpretar o que a criança pensa e sente. Por outras palavras, analisa a capacidade de criatividade dos mais novos, para entender como vão ser quando adultos. Acrescentou metodologia de análise às de Freud que, no entanto, fez as suas descobertas através da obra artística. É conhecido o seu texto de 1914, traduzido para inglês em 1927 e, em 1933 para francês, para Gallimard, intitulado: *Le Moïse de Michel-Angel*, pode ser lido em: http://classiques.uqac.ca/classiques/freud_sigmund/essais_psychanalyse_appliquee/01_moïse_de_michel_ange/moïse_de_michel_ange.html, actualmente incorpora as obras completas de Freud, vinte volumes, Imago, Rio de Janeiro. Na página 6 do texto em linha, há uma frase que define a dificuldade desta metodologia: “*Uma predisposição racionalista, ou talvez psicanalista, trava uma luta com as minhas emoções, ao não poder entender porque fico comovido com a obra de arte nem saber o que de ela me entretém*”. Por outras palavras, Freud rejeita essa beleza ao comocionar, explicando-nos que a imagem de Moisés parece um julgamento divino, porque na sua mão direita repousam as *Tábuas do Decálogo* e toda a imagem é como a de um juiz. Contrariamente é a posição de Miller, como já vimos. No entanto, os dois abalizam não apenas a obra, bem como a comoção que neles causa. Retirado do meu saber e do enlace (ligação ou *link* em inglês) citado.

⁵⁹ Freud, Sigmund, 1905 (em alemão), traduzido no mesmo ano para inglês, com revisão do próprio autor, onde refere e define, o que eram no seu tempo, as aberrações sexuais: homossexualidade, bestialidade, interrupção da sexualidade infantil e outras. Trabalho também traduzido para francês e que pode ser lido em: http://classiques.uqac.ca/classiques/freud_sigmund/freud.html. O livro que uso é da colecção inglesa: *The Pelican Freud Library*, começada em 1955. O comentário do texto nº 7 da colecção diz: In his 1905 *Three Essays on the Theory of Sexuality* Sigmund Freud invented the idea of sexuality is a process independent of an individual's sex, páginas 45 a 144 (No seu livro de 1905, *Três ensaios sobre Sexualidade*, Sigmund Freud descobre a ideia da sexualidade ser um processo independente da sexualidade individual. A tradução é da minha responsabilidade). Esta obra pode ser consultada em: <http://www.gayhistory.com/rev2/factfiles/ff1905.htm>., com versão portuguesa comentada, em: <http://www.google.com.br/search?hl=pt-PT&q=Freud+Tr%C3%AAs+ensaios+sobre+a+sexualidade+1905&btnG=Pesquisa>.

dos seus textos literários, analisa os sonhos dos seus pacientes infantis e dos que retira de diários de vida de autores afamados paralelamente com as suas histórias de vida: Franz Kafka⁶⁰, Virginia Woolf⁶¹, Gustave Flaubert⁶², e Samuel Beckett⁶³. Actualmente, com o novo prefácio de Lloyd de Mause⁶⁴ e uma nova introdução da autora, o texto *Thou Shalt Not Be Aware*⁶⁵, continua a ser essencial para o entendimento e o confronto

⁶⁰ Franz Kafka, [língua tcheca: František Kafka](#), ([Praga, 3 de julho de 1883](#) - [Klosterneuburg, 3 de junho de 1924](#)) foi um dos maiores [escritores de ficção](#) da [Língua alemã](#) do [século XX](#), em: http://pt.wikipedia.org/wiki/Franz_Kafka#Fam.C3.ADlia

⁶¹ Virgínia Woolf, ([Londres, 25 de Janeiro de 1882](#) — [Lewes, 28 de Março de 1941](#)) foi uma das mais importantes [escritoras britânicas](#). Estreou-se na literatura em [1915](#) com o [romance](#) (*The Voyage Out*) e posteriormente realizou uma série de obras notáveis, as quais lhe valeram o título de "a [Proust](#) inglesa". Em [1941](#), faleceu ([suicídio](#)). A história completa pode ser consultada em: http://pt.wikipedia.org/wiki/Virginia_Woolf.

⁶² Gustave Flaubert (nasceu no dia [12 de dezembro de 1821](#), em [Ruão](#), morreu dia [8 de maio de 1880](#), em [Croisset](#)), escritor [francês](#), é considerado um dos maiores autores ocidentais. Em 1844, com epilepsia, isola-se num local pertencente a seu pai. Em 1856, após cinco anos de trabalho, publica *Madame Bovary*, o seu romance realista mais conhecido, no qual critica os valores românticos e burgueses da época. http://pt.wikipedia.org/wiki/Gustave_Flaubert

⁶³ Samuel Beckett ([Dublin, 13 de abril de 1906](#), [Paris, 22 de dezembro de 1989](#)), [dramaturgo](#) e [escritor irlandês](#), vencedor do [Prêmio Nobel](#) de Literatura em [1969](#), utiliza nas suas obras, traduzidas em mais de trinta línguas, uma imensa riqueza [metafórica](#), privilegiando uma visão pessimista acerca do fenómeno humano. É considerado um dos principais autores do denominado [teatro do absurdo](#). A sua obra mais famosa no [Brasil](#) é a peça [Esperando Godot](#). Depois da eclosão da Segunda Grande Guerra, adere, com a sua mulher, à [resistência francesa](#), aquando da invasão de [Paris](#) pelo exército [nazista](#), em 1941. Afasta-se da resistência em 1942, quando ambos foram obrigados a fugir de França. Morre em 1989, cinco meses depois da sua esposa, de enfisema pulmonar, contra o qual já lutava há cerca de três anos. Foi enterrado no [cemitério de Montparnasse](#). História completa em: http://pt.wikipedia.org/wiki/Samuel_Beckett.

⁶⁴ A introdução de Lloyd de Mause pode ser lida em: <http://www.amazon.com/Thou-Shalt-Not-Be-Aware/dp/0374525439>, com versão completa em: http://www.amazon.com/gp/reader/0374525439/ref=sib_fs_top?ie=UTF8&p=S00I&checkSum=WcuffE6FYNY7WaBeT5jC%2BVsEsSxsZWF4XWlLXxIMWA4%3D#reader-link, comentando os dois tipos de psicanálise que podem ser usadas no estudo das crianças. Livro difícil de ler, é possível consultar um outro texto sobre a temática em: <http://www.psychohistory.com/childhood/writech1.htm>, com o título *On Writting Chilhood History*, publicado na Revista The Journal of Psychohistory 16 (2) Fall, 1988, texto que comenta os trabalhos de Alice Miller e o trabalho pesado que é escrever sobre crianças. Por isso, em minha opinião, merece uma citação separada.

⁶⁵ de Mause diz: “Os textos de Alice Miller sobre a história da vida infantil, são, talvez, os mais conhecidos e procurados no dia de hoje e conhecidos do grande público” (94). Esta nota do texto, refere livros da autora que têm causado um profundo sentimento de saber e emoção no comentador: Alice Miller, *Prisoners of Childhood*, New York: Basic Books, 1981, ampliado e aumentado com o título: *The Drama of the Gifted Child*, comigo em versão castelhana: *El saber proscrito*, Tusquets, Barcelona, 226 página. *For Your Own Good: Hidden Cruelty in Child-Rearing and the Roots of Violence*, New York: Farrar/Straus/Giroux, 1983, ou 2ª Edição, Virago Press, Londres, 289 páginas, *Thou Shalt Not Be Aware. Society's Betrayal of the Child*, New York: Farrar/Straus/Giroux, 1984, edição renovada com a introdução referida de Lloyd deMause, 331 páginas. Largamente documentados e argumentados com paixão, os seus livros referem detalhadamente o abuso emotivo e sexual como a realidade quotidiana de uma grande proporção de crianças, de ontem e de hoje. Textos documentados com base na sua própria prática analítica e das descobertas feitas nas histórias de vida de educadores e analistas. Katharina Rutschky,

necessários à recuperação de menores abusados e entender a mente dos abusadores de menores. Hoje em dia, delito punido com duras penas pelos efeitos devastadores que causam na infância, especialmente na vida adulta desse infante, abusos que estragam a vida da pessoa e da sua família, retiram a facilidade de interação social, desaparece a noção de gênero, por causa de doença e não de opção, do menor abusado. Abuso que leva a confrontos com os outros e com a vida social. A pena é leve, a meu ver. Condenam o divórcio em Portugal, não permitiam o aborto (a legislação foi, felizmente, alterada quanto ao aborto), mas a pedofilia continua feliz a cantar, como veremos adiante.

Chegados aqui, torna-se imperioso, escrever no texto central, o comentário sobre o livro, para entender os processos analíticos de Miller, especialmente para os que dedicam o seu tempo à análise dessa *mente cultural* em vias de desenvolvimento. A interrogação que se coloca é a de saber qual o motivo que leva pessoas de sucesso a viver os seus dias invadidos de sentimentos de vazio e alienação? Este livro, inteligente e profundo, tem fornecido respostas a milhares de pessoas, ajudando-as no enriquecimento e calma para as suas próprias vidas. Muitos de nós fomos ensinados, ao longo das nossas curtas vidas de infância a esconder de forma pericial, habilidosa e destra, os nossos sentimentos, necessidades e lembranças, para satisfazermos as expectativas dos nossos ascendentes. Alice Miller diz-nos que o uso da palavra gift, dotado em português, não se aplica às crianças que obtêm notas altas nos seus estudos ou que são pequenos talentos noutros desempenhos das suas vidas. Gift, deve

educadora, Helm Stierlin, psicanalista desencantada com o tipo de análise feita na Alemanha do pós guerra, Florence Rush, analista que escreveu o texto: *The best kept secret: sexual abuse of children*, 1980, Prentice Hall, 216 páginas, eu próprio e outros. Para além da riqueza das suas fontes clínicas e históricas, a mais rica é a do seu olhar interpretativo, esse do nosso não reconhecer ou negar a realidade da criança abusada. Ela denomina o Primeiro Mandamento para uma criança, imposto sobre ela pelos adultos que a abusam, *thou shalt not be aware*, ou: *não deveis ser conscientes*, um não falado mandamento que requer da criança o segredo do sofrimento recebido pelos seus guardadores ou adultos custódios dos mais novos.

Os meus comentários resultam das leituras e análise das seguintes fontes: *The truth laid bare in... The History of Childhood*, em português: *A verdade crua fica despida... na História da Infância*, na qual deMause analisa a Obra de Alice Miller, sítios como: http://en.wikipedia.org/wiki/Katharina_Rutschky ou: *The Drama of the Gifted Child: The Search for the True Self*, de Alice Miller, New York, HarperCollins, 1996 (3ª edição), 136 páginas, que pode ser consultado em: <http://www.alibris.com/booksearch?qsort=&page=1&matches=87&browse=1&qwork=1811647&full=1> , bem como da minha memória.

simplesmente ser utilizado em crianças capazes de sobreviver a situações de abusos, adaptando-se a crueldades que nem são possíveis nomear, ao ficarem dormentes perante esses ataques às suas emoções. Sem essa capacidade que a natureza nos dá éramos incapazes de sobreviver. Mas, sobreviver apenas, não é suficiente. O seu livro traduzido em Castelhana como *Drama da Criança Dotada* ajuda-nos a descobrir as nossas necessidades cruciais, importantes para nós, para a nossa própria verdade⁶⁶. As análises de Alice Miller, são de pessoas que viveram a sua infância ou puberdade com sofrimento emotivo e em permanente depressão, mas que, ultrapassadas essas descompensações emotivas, tornam-se pessoas de saber, essas que eu denomino da cultura doutoral, ou, então, são pessoas que não conseguem aceitar esse ser de forma diferente ou de simples *mente cultural*. Não se sabe se foram sexualmente abusadas nem é o mais interessante das suas histórias de vida. É suficiente saber que Beckett, adolescente ainda, teve de tomar conta da família, que Flaubert fracassou nos projectos criados pelos próprios pais para ele, Virgínia Woolf não resistiu ao sucesso das suas obras, teve um colapso nervoso, como diz a sua história, e acabou por morrer, tal como o actor dos nossos dias, Keith Ledger⁶⁷.

⁶⁶ O texto, em inglês, traduzi-o para o presente trabalho tornando-se, assim possível, acrescentar algumas ideias e modificar outras. O original, define as seguintes ideias: “*Why are many of the most successful people plagued by feelings of emptiness and alienation? This wise and profound book has provided thousands of readers with an answer and has helped them to apply it to their own lives. Far too many of us had to learn as children to hide our own feelings, needs, and memories skilfully in order to meet our parent’s expectations and win their love*”. Alice Miller comenta: “*When I used the word gifted in the title, I had in mind neither children who receive high grades in school nor children talented in a special way. I simply meant all of us who have survived an abusive childhood thanks to an ability to adapt even to unspeakable cruelty by becoming numb. Without this gift offered us by nature, we would not have survived. However, merely surviving is not enough. The Drama of the Gifted Child helps us to reclaim our life by discovering our own crucial needs and our own truth*”. Quem quiser ler mais, pode visitar a ligação:

<http://www.alibris.com/booksearch?qsort=&page=1&matches=87&browse=1&qwork=1811647&full=1>.

⁶⁷ A sua vida e obra pode ser lida em: <http://www.google.pt/search?hl=pt-PT&q=Keith+Ledger%2C+actor&meta=&aq=f&oq=> Incapaz de aceitar o seu sucesso, faleceu por ingestão de calmantes anti-depressivos em demasia, essa doença denominada dose excessiva de drogas. O sucesso também pode ser trágico, como os dois casos a que aludo, é, pois, um abuso emotivo da população e da família, por apenas falarem de glória e de sucesso, sem, as pessoas, serem tratadas como seres humanos normais, que realizam um trabalho que passa a ser público.

Não há equilíbrio entre o sucesso de poucos e o trabalho rotineiro de muitos, rotina compensada com a glória alheia. A prova está nas denominadas telenovelas, transmitidas ao meio dia, observadas pelas pessoas que nem comem para verem a novela ou o filme dessa televisão que acabou por trazer o pior dos venenos para a inteligência ao criar entretenimentos entre eles, e para a paz e a interacção familiar. Tenho referido noutros livros, como me era impossível, aquando da realização de trabalho de campo, falar com as pessoas à hora do almoço. Estavam todos a ver televisão, nem comiam nem falavam. Desisti de usar essa hora para a minha pesquisa; mais tarde pensei que seria interessante ouvir as opiniões dos meus observados sobre o narrado nas telenovelas. Deu imensos frutos à minha pesquisa e um grande pulo às minhas ideias e hipóteses: os meus observados usavam os nomes das novelas e vestiam como os actores.

A autora não se limita a escrever estes estudos. No seu texto de 1988: *Der gemiedene Schlüssel*⁶⁸, traduzido para Castelhana como: *A Chave perdida*⁶⁹ analisa a vida e obra de Picasso e do comediante Buster Keaton, entre outros. Seres humanos que sofreram traumas na sua infância, mas que tiveram o sentido de resiliência suficiente para converter os traumas em obras de arte, veja-se, a título de exemplo, o caso de Buster Keaton divertindo o auditório com essa cara triste, que ainda hoje se vê nos filmes, ele era capaz de fazer “palhaçadas” ou cenas burlescas. Alice Miller, para a capa do seu livro, procurou desenhos, encontrando no seu espólio uma gravura de uma pintura a óleo de Rembrandt, muito conveniente para os objectivos hipotéticos do texto que publicava. Mas, mais do que ilustração de capa do livro, ela analisou as ideias transmitidas pelo desenho, como veremos mais à frente. Antes, penso que devemos perguntar: porquê Rembrandt? É evidente que a gravura do retrato a óleo era adequada para o que ela queria provar, o abuso infantil. A obra de arte esconde a mentira do abuso na infância e dá o prazer infantil, daqueles que não o tiveram, a outros. No entanto, em minha opinião, e tendo em conta o que Alice Miller me ensina através dos seus textos e das cartas que trocamos pela Internet, o próprio artista era um problema infantil. Teve

⁶⁸ Publicado pela Editora Suhrkamp Verlag, Frankfurt am Main, traduzido para inglês, em 1989, como: *The untouched key*, Virago Press, Londres e para castelhana, em 1991, por Tusquets, Barcelona, com o título: *La llave perdida*. Este livro faz parte de uma análise psico-biográfica da vida de [Nietzsche](#), [Picasso](#), [Kollwitz](#) e [Buster Keaton](#). No seu livro mais recente, publicado, em alemão, em 2004 e, em inglês, em 2005: *The Body Never Lies. The Lingering Effects of Cruel Parenting*, edição de WW Norton and Company Incorporated, Londres, inclui análises semelhantes sobre as vidas de [Dostoyevsky](#), [Chekhov](#), [Schiller](#), [Rimbaud](#), [Mishima](#), [Proust](#), e [James Joyce](#). A própria autora comenta o livro, em: http://alice-miller.com/articles_en.php?lang=en&nid=57&grp=11, editado em castelhana como: *El cuerpo nunca miente*, Tusquets, Barcelona, onde continua a análise do sofrimento infantil. O comentário diz: “Honra teu pai e a tua mãe, para teres uma longa vida na terra que o Senhor teu Deus te dará” (Êxodo, 20,12), *Catecismo da Igreja Católica*, 1991, versão portuguesa, página 471, artigo 4 do Capítulo Segundo, em suporte de papel, também disponível: <http://catecismo-az.tripod.com/conteudo/a-z/m/m-4.html>. Quem quiser obedecer, apesar de ter sido desprezado ou maltratado pelos seus pais, só o poderá fazer, se souber reprimir as suas verdadeiras emoções. No entanto, o corpo rebela-se numerosas vezes com doenças graves, motivadas pela repressão dos sentimentos feridos e pela falta de reconhecimento dos traumas infantis não superados. Nesta nova obra, Miller explica-nos, por meio de vários exemplos, as mensagens enviadas pelas doenças somáticas para as nossas emoções psíquicas. Ao narrar e analisar a história de vida de Nietzsche, Alice Miller define-o como uma pessoa que nunca teve a sorte de partilhar a vida com uma família que o quisesse amar. A sua criação filosófica é a metáfora de um impulso inconsciente de bater na sua infiel família que o tinha oprimido emotivamente por meio de uma tradição teológica. Pensa que a análise filosófica efectuada por Nietzsche é fraca, porque autor é incapaz de estabelecer contacto emotivo consigo próprio, esse pequeno abusado que morava dentro dele. O problema de Nietzsche foi o de ser severamente punido por um pai que enlouquecera quando ele era ainda criança. Miller não apoia a teoria genética ([genetic](#)) da loucura. Interpreta a depressão psicótica de Nietzsche como resultado da forma prussiana de criar a infância.

⁶⁹ Miller, Alice, 1991, em suporte de papel: *La llave perdida*, editado por Tusquets, Barcelona, 176 páginas. Comentário já referido e traduzido, mas quem deseje ler novamente o texto, pode fazê-lo em <http://www.agapea.com/libros/La-llave-perdida-isbn-8472233901-i.htm>.

uma infância desgraçada, atribulada e pobre. A inexistência de comida para todos os membros da família, eram nove ou dez irmãos, filhos de pais sem entradas certas, como refiro na nota de rodapé⁷⁰, levou-o a abandonar a casa dos pais. O interessante da história está nas primeiras linhas, essa sintética forma de falar de um artista, as abordagens remetem-nos meramente para o sucesso na vida e nunca para os seus antecedentes: sem pais nem família! Para contextualizar o que a analista pensou, refiro as ideias redigidas pela editora: “*Alice Miller percorre um longo caminho via o conhecimento das áreas negligenciadas da alma humana. No seu A Chave Perdida, talvez mais do que em qualquer das suas outras obras, Miller tenta desentranhar as cortinas de fumo usadas por nós para silenciar as nossas verdades mais dolorosas, denominadas sempre trauma*”⁷¹, mas que eu insisto em chamar uma verdade na história

⁷⁰ Rembrandt Harmenszoon van Rijn nasceu em [15 de julho](#) de [1606](#) (tradicionalmente) mas provavelmente em [1607](#) em [Leiden, Países Baixos](#). Fontes conflitantes afirmam que a sua família era formada por 7, 9, ou 10 filhos. O seu pai era [moleiro](#), e a sua mãe, filha de um [padeiro](#). Quando criança teve aulas de [latim](#) e foi matriculado na Universidade de Leiden, embora desde cedo demonstrasse inclinação para a pintura. Pouco depois, tornou-se aprendiz do pintor histórico de Leiden, [Jacob van Swanenburgh](#). Após, um breve, mas importante aprendizado com o famoso pintor [Pieter Lastman](#) em Amsterdan, Rembrandt abriu um estúdio em Leiden, dividindo-o com o seu colega [Jan Lievens](#). Em [1627](#), Rembrandt passou a aceitar alunos, entre os quais, [Gerrit Dou](#). Informação retirada de: <http://pt.wikipedia.org/wiki/Rembrandt>.

⁷¹ Do Grego trauma, ferimento s. m, Med., traumatismo; contusão; lesão local devido a um agente exterior acionado por uma força; Psic., choque emocional violento que modifica a personalidade de um sujeito, sensibilizando-a em relação a emoções da mesma natureza e podendo desencadear problemas psíquicos. É a interpretação da ciência da Psicologia que mais me interessa, ao referir a modificação de personalidade que Alice Miller, Daniel Sampaio e outros como eu, estudamos para entender a mente produtiva do adulto, essa hermenêutica, que, em minha opinião, não surge apenas dos estudos. Qual é o motivo ou a inclinação que orienta um adulto para um determinado tipo de análise da vida social? Como, no meu caso, o interesse pelo luteranismo de Marx, materialista histórico na sua análise, ou o ateísmo de Durkheim e Mauss, que, no entanto, escreveram sobre religião, ritos, sacrifícios e sentimentos de fé, como o próprio Marx dos anos 48 do Século XIX. Resultado, talvez, dessa ideia que eu denomino *mente cultural*, orientada pela religião como lógica da cultura, definida por mim em textos antes citados, especialmente no de 24 páginas: “A religião é a lógica da cultura”, publicado no livro, coordenado por Donizete Rodrigues, 2004, Afrontamento, intitulado: *Em Nome de Deus. A religião na sociedade contemporânea*, 183 páginas. A palavra *Verdade*, também tem outro sentido: pode ser uma realidade que acontece apenas para nós, causada pelo nosso contexto histórico material, ou pela sociedade toda que observa mudanças na sua *mente cultural*, mas não consegue entender, definida assim: “do Lat. *Veritate* s. f., qualidade do que é verdadeiro; qualidade pela qual as coisas se apresentam tal como são; realidade; coisa certa e verdadeira; boa-fé; sinceridade; princípio exacto; representação fiel; carácter próprio; conformidade do que se diz com o que é. loc. adv., em -: vd. *na verdade*; na -: efectivamente; seguramente; realmente; o m. q. *em verdade*; Filos., – formal: verdade que não implica contradição, que consiste num acordo de pensamento consigo próprio; verdade que assegura a lógica formal; - material: verdade que se traduz na aliança do pensamento ou da afirmação com um dado factual, o qual pode ser imaterial (psíquico, etc.) ou material”. Para esta parte do texto, a definição filosófica da palavra *verdade*, de entre outras acepções, a que me parece mais adequada para entender o saber da criança, é o conceito *verdade* com o conteúdo de ideias que parecem contraditórias para a nossa vida. Se for contraditória, passa a ser a hermenêutica da palavra verdade, a base do seu seguimento: um trauma. Se o que pensamos não diz respeito à realidade, material ou imaterial, acaba por ser a dinâmica de ferida emotiva. Pelo que o conceito verdade é prévio ao de trauma. Uma criança capaz de entender a diferença entre o falado e a

das nossas vidas que fere as nossas emoções. Há uma diferença entre as duas palavras. Para isso usa, a título de exemplo, algumas chaves básicas das nossas angústias recorrendo à análise da vida de personalidades como *Nietzsche*, *Picasso* ou *Buster Keaton*, *essas portas das suas próprias moradas interiores, fechadas desde as suas infâncias. Donde, na sua tentativa de recuperar as chaves perdidas, seja possível permitir entender o estado de ânimo revelador de sentimentos obsessivos e vivências do mundo totalmente diferentes*⁷². O meu comentário é que Alice Miller foi capaz de explicar o terror da criança, matéria também abordada por mim, nas pesquisas efectuadas ao longo dos quase quarenta anos da minha vida, em vários sítios do mundo. Aliás, o texto que comento está baseado na análise de uma pintura a óleo de Rembrandt⁷³. Miller observa essa pintura com a sua nova metodologia de estudar desenhos e o seu significado e assim entender o sacrifício de um pai, que deseja cumprir a lei e a ordem sócio – religiosa e ritual, essa parte das nossas vidas, que comemoramos com festas e presentes, comidas e bebedeiras, mas nunca com a intenção do sentimento de fé para a qual foram criadas pelo ser humano. São festas de passagem de uma a outra forma de vida. Na sua análise da pintura, Miller, diz que Abraão leva o seu filho para ser degolado em frente da divindade, Javé⁷⁴, como é denominado Deus entre hebreus e

ordem do que deve ser feito ou como deve ser, pensa que é materialmente um facto, uma contradição. Essa contradição produz um trauma que, ou cria génios, como os analisados por Alice Miller, ou criminosos, analisados também por ela, como o já referido grande ditador e outros que ao longo das nossas vidas cronológicas vamos encontrando. Parte deste texto tem sido retirado de: http://www.priberam.pt/dlpo/definir_resultados.aspx. Os comentários são meus.

⁷² O comentário da editora está escrito em castelhano. No entanto, tomei a liberdade de o traduzir para português pela inexistência de livros de Alice Miller em língua lusa, excepto os citados que comentam o seu trabalho ou que uso para os meus debates, um deles foi transferido para o corpo central do presente trabalho. Mas, quem quiser ler o texto em castelhano, pode aceder em: <http://www.agapea.com/libros/La-llave-perdida-isbn-8472233901-i.htm>.


⁷³ Rembrandt Harmenszoon van Rijn, [pintor](#) e [gravador holandês](#), que, em 164,5 pinta a óleo Abraão e Isaac, analisado por Miller como símbolo de ritual, religiosidade e obediência, comentado da página 143 a 152 do seu texto em formato de papel, anteriormente citado, Ensaio 6. Na página 144 está reproduzida uma cópia a preto e branco da referida pintura. Considerado um dos maiores pintores, as suas contribuições para a [arte](#) surgiram num período denominado pelos historiadores por "[Século de Ouro](#)", no qual a influência política, a ciência, o comércio e a cultura neerlandesa — particularmente a pintura — atingiram o seu ápice.

⁷⁴ Javé é o nome atribuído ao denominado criador do mundo, nome usado na Bíblia de todas as religiões, excepto no Alcorão, onde é denominado Alá. No entanto, o uso de palavra Javé ou Jawhvé é de origem hebraica, para evitar pronunciar a palavra da divindade, Deus, apenas usada nas orações da manhã e na noite. Houve uma indicação do Vaticano, por ordem papal, que diz: CIDADE DO VATICANO, quinta-feira, 11 de Setembro de 2008 ([ZENIT.org](#)) - A Congregação para o Culto Divino e a Disciplina dos Sacramentos enviou uma carta às conferências episcopais do mundo sobre o nome de Deus, na qual pede que não se use o termo «Javé» nas liturgias, orações e cantos. A carta refere-se ao uso do nome «YHWH», Deus no Antigo Testamento, que em português se lê «Javé». O texto explica que este termo

cristãos de ontem e hoje, normalmente nas Bíblias da Igreja Católica, Anglicana e outras. Cristãos e muçulmanos usam também a palavra Alá⁷⁵. O sacrifício era por ordem

deve ser traduzido de acordo com o equivalente hebraico «Adonai» ou do grego «Kyrios»; e põe como exemplos traduções aceitáveis em cinco idiomas: *Lord* (inglês), *Signore* (italiano), *Seigneur* (francês), *Herr* (alemão) e *Señor* em castelhano, idioma que é referido, por ignorância das pessoas, como espanhol.

A carta está assinada pelo cardeal Francis Arinze e pelo arcebispo Albert Malcom Rajith, respectivamente prefeito e secretário da congregação do Vaticano, seguindo uma directiva de Bento XVI. Indicações para não ferir as emoções de fé de muitos que convivem entre nós. Porquê este debate num trabalho sobre o saber das crianças? Exactamente, para os adultos explicarem a si próprios e aos seus descendentes, a necessidade de respeito pelas pessoas que não pensam como nós, ou que pensam como nós de uma outra maneira, tão válida como a nossa. Parte desta nota foi retirada de: <http://blog.bibliacatolica.com.br/tag/jave/>, ou noticiário em linha da Bíblia da Igreja Católica. Aliás, há um debate sobre o uso da palavra, que diz: Não é verdade o que alguns afirmam que ninguém sabe o nome de Deus. A verdade é que o nome de Deus é Javé, Yahweh em hebraico que significa: aquele que é. Nome que aparece mais de 6.800 vezes no Antigo testamento. 1-o nome de Deus é Javé, em hebraico: Yahweh (Iavé) formado da conjugação do verbo Hahvah = ser na terceira pessoa do singular: Ya, no modo causativo incompleto, ele=Ya mandar ser=hweh ou fazer ser =hweh. Prova que o nome de Deus é Yahweh, em português: Javé. 2-antigos escritores gregos cristãos transliteram o nome de Deus do idioma hebraico para o grego como Iaoue e Iabé que corresponde em hebraico a Iavé. Isso prova que o nome de Deus era pronunciado Javé. As pronúncias Jeová, Ieuá e Yaou não são correctas. O nome de Deus, o Pai é Javé...Debate em: [http://foruns.terravista.pt/SForums/\\$M=readthread\\$TH=3028314\\$F=55633\\$ME=8103689](http://foruns.terravista.pt/SForums/$M=readthread$TH=3028314$F=55633$ME=8103689). Este debate de hermenêutica serve para entendermos o que a criança não sabe porque os seus pais também o não sabem, e porque o saber da criança passa pelo respeito dos outros ou reverência; deferência; consideração; apreço; importância; submissão; ponto de vista. É este conjunto de conceitos os interessantes para a criança saber. O saber da criança passa pelo conteúdo, de forma menos importante, que pela forma de ver, ouvir e calar, sem encontrar respostas, mas com respeito pelo que os outros fazem.

⁷⁵ Alá: Alá ou *Allah* (em [árabe](#) الله  [pronúncia](#) [ajuda](#) · [ficheiro](#) · [ouvir no browser](#), *allāh*, "deus", "divindade") é a designação do [Deus](#) único do [Islão](#) no [idioma árabe](#)^[1]. A palavra tem a mesma raiz de *el*, um dos termos que designa o Deus único na [Bíblia](#) e que forma o sufixo de numerosos nomes próprios de origem [hebraica](#) ou [aramaica](#) como [Daniel](#), [Rafael](#), [Miguel](#), [Gabriel](#) e inclusive *Abdallāh* ("servo de Deus") com referência ao termo *Allah* que também designava, antes do Islão, o deus único do [panteão](#) em [Meca](#).^[carece de fontes?] Pensa-se erroneamente que Alá seja o nome próprio de um deus particular dos muçulmanos; no entanto, o termo é utilizado também pelos [cristãos](#) e [judeus](#) de língua árabe quando se referem ao Deus de suas religiões. A palavra é uma contracção de *Al-ilāh*, isto é, "O Deus", e a sua tradução correcta é "Deus",^[2] com maiúscula, posto que se refere ao Deus único. A palavra "deus", que se refere a qualquer outra divindade, é *ilāh* (إله), no^[1] plural *ilāhāt* (إلهات)...A palavra *Alá* está na origem de algumas palavras do [espanhol](#) e do [português](#) como "ojalá"/"oxalá" (*w[a] shā-llāh*, "queira Deus"), "olé" (*w[a]-llāh*, "por Deus") e "hala" (*yā-llāh*, "oh, Deus").¹ Allah ([Arabic](#): الله, *Allāh*, IPA: [ʔalˤːɑːh] [pronúncia](#) ([help](#)·[info](#))) é a palavra comum Árabe para Deus ([Arabic word for 'God'](#).^[1]). Apesar de ser conhecida no Ocidente ([West](#)) como conceito usado pelos Muçulmanos ([Muslims](#)) quando se referem a Deus, é, contudo, usada por todos os árabes - falantes de todas as religiões de fé Abrahâmica, ([Abrahamic](#)), incluindo Cristãos e Judeus ([Christians and Jews](#)). Conceito também usado na época pré-Islâmica ([pre-Islamic Arabia](#)) pelos pagãos Meccans ([pagan Meccans](#)), como referência à divindade criadora, na qual os habitantes da Cidade da Meca acreditavam, perseguindo a nova fé Islâmica de Maomé, retirado de : <http://en.wikipedia.org/wiki/Allah> e de [Encyclopædia Britannica](#), 2007, bem como da minha informação pessoal.

Mais elementos sobre a hermenêutica das crianças para entendermos a sua mente cultural, conceitos que nenhum analista usa nem neles pensa para saber como está a emotividade da criança, que, saiba ou não, orienta-se pela lógica religiosa. A parte da nota de rodapé que não é minha, traduzi-a livremente para português, porém, guardei as palavras em língua inglesa para ligações externas. Reafirmo o que disse na nota de rodapé, quanto há necessidade de os adultos aprenderem a respeitar outros sentimentos de fé, ou o

dessa divindade que queria provar se Abraão era ou não um filho obediente do seu Pai dos Céus, disposto a matar o seu filho, para agradar ao pai. Se eu fosse Miller, diria que é uma filiação mal entendida e um pai provador de obediência e submissão aos seus requerimentos. No minuto que esse pai, tipo *Pater Famílias* ou *Cabeça de Casal*, como está definido no Anexo 3 deste texto, lhe diz: "*Pára, vejo que sabes obedecer*", o pai não degola Isaac, o seu filho adorado. Miller afirma (pg.145), ao interpretar a pintura de Rembrandt: *Aí jaz o filho, um adulto em plena posse das suas faculdades, calmamente à espera que o pai o mate*. Porquê a aceitação do filho? Porque acredita que o pai faz o que deve ser feito e que o contrário seria mau para o seu povo⁷⁶. Acrescenta Miller ter pensado nessa pintura para provar a sua hipótese do mal que os pais podem fazer aos filhos na sua interacção familiar. Encontrou várias versões da pintura a óleo do já referido Neerlandês, *O Sacrifício de Isaac*⁷⁷. De todas, escolheu duas versões, a de

respeito de uma forma geral, atitude oposta à da Igreja Católica que reintroduziu, em 2008, por Ratzinger ou Bento XVI, o pedido à divindade da conversão dos judeus ao cristianismo, o que, aliás, já havia sido retirado das orações da Missa por João XXIII, em 1960. Prova do que eu denomino falta de respeito. Este texto foi, em parte, retirado de: <http://www.visaojudaica.com.br/Marco2008/artigos/24.html>, do saber comum de jornais e de comentários raros, de rua. Raro, porque, maioritariamente, a população não é catequizada em teologia e manifesta desinteresse pelas lutas religiosas, exceptuando Bispos, Papas e Rabinos. O Chefe da Igreja Judaica de Itália comenta: "*Insatisfeitos com a nova versão autorizada pelo papa Bento XVI para uma polémica oração que pede a conversão de judeus ao catolicismo, rabinos e líderes da comunidade judaica na Itália propuseram uma «pausa de reflexão» no diálogo entre as duas religiões*". A reintrodução da oração nos rituais católicos foi autorizada em Julho do ano de 2007, mas o novo texto foi apenas divulgado esta semana. Essa nota de Giuseppe Laras, o referido Chefe da Igreja Judaica italiana, disse que o texto requer "*no mínimo, uma pausa de reflexão que permita compreender profundamente as efetivas intenções da Igreja Católica*". Em tom semelhante, o rabino de Roma, Ricardo di Segni, disse aos jornais italianos que a decisão do papa representa uma volta ao passado de "*43 anos atrás, que impõe uma pausa de reflexão no diálogo judaico-cristão*". A polémica oração tinha sido retirada da liturgia católica na década de 1960 pelo Concílio Vaticano II. Concílio esse, que também deliberou substituir o latim, usado nos rituais da fé católica, pelos idiomas locais na liturgia. Texto completo em: <http://noticias.terra.com.br/mundo/novopapa/interna/0,,OI647673-EI4832,00.html>. Ora, o saber das crianças pode ficar danificado, porque na sua indocinação de catequese, são ensinadas a detestar, a não gostar e a desdenhar de um grupo imenso de seres humanos, como aconteceu na Alemanha do grande ditador, saiba ou não deste facto Alice Miller, para as suas análises sobre crianças. Torna-se, assim, necessário reagir a este retrocesso, como afirmam já muitos católicos. É preciso voltar aos tempos do Concílio Vaticano II que, certamente, não é ensinado às crianças na Catequese, especialmente a partir do Século XXI (2008), porque Ratzinger retornou aos sistemas de papado dos Papas que se fizeram chamar Pio, no início do Século XX.

⁷⁶ Retirado do meu texto em linha, *A Página da Educação*, Nº 106, ano 10, Outubro de 2001, página 22, em: <http://www.apagina.pt/arquivo/Artigo.asp?ID=1558>

⁷⁷ *Sacrifício de Isaac*, conhecida pintura de [Rembrandt](#), que se encontra no [Museu Hermitage](#) de [São Petersburgo](#). Notabilíssimo, pela doçura e transparência das meias tintas espalhadas no rosto do anjo, pela modelação das figuras e efeitos prodigiosos de luz. Este tipo de pintura tem sido tentado por muitos artistas. Entre as telas mais conhecidas, destacam-se as de [Andrea del Sarto](#) com a *Madonna delle arpie* que se encontra no [Museu de Dresden](#); [Hipólito Fiandrini](#) que se encontra no Museu de [Saint-Germain-des-Prés](#), [Paris](#) e o [baixo relevo](#) de [Jean Goujon](#), em [Chantilly](#). Análise em: http://pt.wikipedia.org/wiki/Sacrif%C3%ADcio_de_Isaac.

Leninegrado (cidade, designada novamente, São Petersburgo) e a de Munique, nas que a mão do pai cobre a face do filho, privando-o de visão, fala e respiração. As linhas principais parecem ser, diz ela: o sacrifício do infante, o quarto mandamento e o imperativo da cegueira. Freud diria: a castração que o pai faz à vida do filho. Nalgumas das gravuras encontradas, Isaac aparece relaxado, obediente e calmo, está nas mãos do pai. Nenhuma dessas gravuras pode mostrar o que é, em situações deste tipo, óbvio: as perguntas de Isaac, que poderiam ser: Pai, porque queres matar-me? Por acaso a minha vida não tem valor para ti? Amo-te, confio em ti, porque não falas comigo? Qual é o meu pecado? O que fiz para merecer isto? Questões impossíveis de colocar se não se está no mesmo posicionamento social, facto que permite uma confrontação. Mas, Isaac está de mãos atadas, no altar do sacrifício, disposto a ser imolado. Como poderia colocar perguntas se a mão do pai lhe tapa a cara, a boca, não permitindo que veja, ouça ou fale?

Voltemos a Alice Miller: *Isaac, essa pessoa*⁷⁸, *tinha sido convertido em coisa*⁷⁹. *Apenas cabe o medo (...)! Mas, medo do quê? Medo de ser um objecto para o pai reverenciar a sua divindade por cima do amor paterno. O amor paterno é avaliado pelo filho com confiança, calma e serenidade. A filiação é a paz e a confiança, a calma e a alegria, na maior parte das vezes*⁸⁰. Especialmente ao ser filho de um pai de muitos, de diversas tribos, como o Profeta, que sabia orientar povos de milhares de pessoas. Isaac

⁷⁸ Do lat. *personas*. f., ser ou criatura da espécie humana; ser moral ou jurídico; personagem; individualidade, veja-se: http://www.priberam.pt/dlpo/definir_resultados.aspx. *Persona* é também, como lembro, as máscaras que usavam os actores gregos, antes da nossa era, para caracterizar diversas personagens nas peças de teatro. Em Roma, pessoa era todo o ser livre, capaz de viver e gerir a sua vida e bens. Uma *persona*, nas palavras comuns usadas no dia-a-dia, é um papel social (*role*), bem como uma personagem representada por um *actor*. Palavra Italiana (*Italian*), derivada do *Latin*, como “máscara” ou “personagem”, derivada da palavra *Etruscan* “phersu”, que tem o mesmo significado. Mais informação na Enciclopédia que me ajuda a entender a relação filial, em: <http://en.wikipedia.org/wiki/Persona> Também, baseado na mesma fonte, literalmente, *persona* significa máscara, não máscara literária, mas “máscara sociais” que é, suposto, todo o ser humano usar na sua vida quotidiana, para parecer que pretende alguma coisa. Pessoa Natural, o Direito regula e ordena a sociedade. Não existe sociedade sem Direito, não existe Direito sem sociedade. A sociedade é composta de pessoas. Os animais e as coisas podem ser *objecto* de Direito, mas nunca serão *sujeitos* de Direito, atributo exclusivo da pessoa. Síntese do texto do juiz de São Paulo, Brasil, Sílvio de Salvo Venosa, *Sujeito de Direito no Ius Romano*, que pode ser lido em: <http://leonildoc.orgfree.com/curso/civil11.htm>. O autor foi juiz no Estado de São Paulo durante 25 anos, aposentou-se como magistrado do antigo Primeiro Tribunal de Alçada Civil.

⁷⁹ Do lat. *Causa* s. f., qualquer objecto inanimado; o que existe ou pode existir; ente, em: http://www.priberam.pt/dlpo/definir_resultados.aspx

⁸⁰ do Lat. *Filiatione* s. f., designação dos pais de alguém; acto de perfilhar; adopção como filho; Descendência de pais para filho, em: http://www.priberam.pt/dlpo/definir_resultados.aspx.

confiava nele como todos os membros das várias tribos hebraicas que governava, especialmente por ser filho consanguíneo da sua primeira mulher, Sara. Quando uma criança confia tanto no pai, acaba por lhe ter medo, nomeadamente, ao ser preterido face ao amor demonstrado pelo pai para com a sua divindade. É o que Alice Miller pretende explicar com a passagem da Bíblia que cita no seu livro⁸¹. É a partir desse dia, que Isaac aprende a ter medo: está desprotegido, o pai é a família, é o filho mais velho, mas o pai prefere mandar que ser pai “unigénito” do “unigénito” filho. Parece-me que a história é analisada por Alice Miller, como exemplo do que o pai pode fazer ao instalar-se no poder e usar a sua família para trabalhar. A história bíblica pode ajudar-nos a entender a análise de Alice Miller⁸². História interessante, por tornar a acontecer. Há muita informação metafórica na Bíblia, para explicar o comportamento dos seres humanos conforme a lei. A de Isaac, o filho não sacrificado, é outra. Ele sofre o sacrifício dos filhos, da forma narrada no Génesis⁸³. Alice Miller ensina-nos a história ao invés: um

⁸¹ Abraão: Abraão (em hebraico: אברהם *Avraham* ou *'Abhrāhām*) é uma personagem bíblica citada no Livro do Génesis, a partir do qual se desenvolveram três das maiores vertentes religiosas da humanidade: o judáismo, o cristianismo e o islamismo. O nome traduzido para português é: Pai ou Líder de Muitos.

⁸² Um dia, seguindo as ordens do Senhor, abandonou a terra que habitava e foi para uma nova terra, sendo o fundador de um grande povo abençoado por Deus. Levou consigo a esposa, Sara, e os seus amigos mais queridos com as respectivas famílias. Depois de uma longa caminhada, chegaram a uma terra montanhosa e fértil de nome Canaã. O Senhor apareceu então, e disse-lhe que aquela era a terra que havia prometido a Abraão e aos seus descendentes. Abraão, baixou-se até tocar com a testa na poeira e ali mesmo ergueu um altar. Já velho, tal como a sua mulher, e muito cansado da viagem, nunca tinham tido filhos, mas em sonhos, o Senhor apareceu-lhe e anunciou-lhe que a sua descendência seria numerosa como as estrelas do céu. Sendo tão velho, como seria possível? Mas ele acreditou em Deus e, apesar da idade avançada, teve com Sara um filho a quem deu o nome de Isaac. Este cresceu forte e belo, dando uma grande alegria aos seus velhos pais. Um dia, pondo à prova a fidelidade de Abraão e a sua gratidão pelo milagre de ter filhos na sua velhice, diz o mito que o Senhor, mandou-o levar Isaac ao cimo de uma montanha e matá-lo em seu sacrifício. Abraão, sufocando a sua terrível dor, pegou no filho, levou-o à montanha, com dois burricos e uma carga de lenha para o sacrifício. No cimo da montanha, Abraão, mandou o filho deitar-se sobre as pedras e preparou-se para o matar. Então, vinda do céu, uma voz disse: - Não faças mal ao teu filho Abraão! Agora sei que tu me amas ao ponto de sacrificares o que tens de mais precioso! Regressa a casa com o teu rapaz e sê para sempre abençoado! Abraão ergueu os olhos e viu um carneiro que tinha os chifres presos num arbusto. Capturou-o e ofereceu-o ao Senhor em lugar do filho. História completa em: <http://pt.shvoong.com/humanities/christian-studies/1704724-b%C3%ADblia-abra%C3%A3o-isaac/>.

⁸³ Isaac casou-se com a sua bela prima Rebeca, que foi a sua única esposa. Isaac orou insistentemente ao Senhor pela sua mulher: porquanto, era estéril; o Senhor ouviu as suas orações. O Senhor disse a Rebeca: Duas nações há no teu ventre, e dois povos se dividirão das tuas entranhas, e um povo será mais forte do que o outro povo, e o maior servirá ao menor (Génesis 25;23). Rebeca, assim, teve dois filhos, Jacó e Esaú. O filho mais velho Esaú era o favorito do pai e teria o direito à bênção de Deus por ser o primogénito. Mas Jacó enganou o seu pai, que era muito velho e estava cego, apresentou-se a Isaac como se fosse o seu filho mais velho, enganando-o recebeu assim a bênção no lugar do seu irmão Esaú. Logo

filho pode ficar desprotegido, os velhos pais também e podem ser enganados. De história de um povo único da descendência de Abraão, passa à história de um povo desunido. Uma premonição do que acontece hoje em dia nas terras hebraicas e da Palestina. A história da Bíblia, livro compartilhado por cristãos, hebreus e islâmicos, parece ser uma metáfora desse povo unido e único, para passar a ser uma divisão de ideias, confissões e lutas pelo território e os bens básicos, para ser mercadoria. Não apenas mercadoria, bem como circuitos comerciais: a luta de quem vende o quê e a quem. São estas as ideias que me ocorrem quando Alice Miller, no seu comentário final da pintura de Rembrandt, afirma: *apenas cabe o medo*, eu acrescentaria, medo do pai na etapa cronológica da vida jovem dos descendentes, medo dos ancestrais, na sua idade maior, desvalidos e com as peripécias do que acontece a um adulto maior, que acredita firmemente nos seus descendentes. Filhos desprotegidos do saber, pais desprotegidos de forças para criar, lutar e continuar a viver. É o medo que cabe na cronologia humana de ida e volta. O que Alice Miller, luterana, não diz é que os factos narrados na Bíblia são uma lição em palavras escritas sobre o comportamento social. Não é possível esquecer a necessidade, orientação da vida em interacção social, de qualquer ser humano. Sem lei, como centenas de anos mais tarde acrescentaria Émile Durkheim nos seus textos, o povo fica sem esperança, com profundo sentimento de anomia⁸⁴, e as mortes acontecem.

após os dois brigarem e ao separarem-se, [Jacó](#), o favorito da [mãe](#), ficou herdeiro da tradição hebraica. [Esaú](#) por sua vez daria início à história dos povos árabes.

A história de Isaac na [Bíblia](#) contém muitos eventos similares aos ocorridos durante a vida de [Abraão](#). Alguns estudiosos debatem se estas coincidências seriam fruto de um recurso estilístico com a finalidade de fortalecer o laço entre ele e seu [pai](#), ou se seriam resultado do longo período de tradição oral desde o tempo em que Isaac viveu até ao momento em que o livro de Génesis foi compilado.

História completa em: <http://pt.wikipedia.org/wiki/Isaac>. O texto está em luso-brasileiro, para manter as ligações não foi alterado para luso – português.

⁸⁴ A anomia é um estado de falta de objectivos e perda de identidade, provocado pelas intensas transformações ocorrentes no mundo social moderno. A partir do surgimento do [Capitalismo](#), e da tomada da Razão, como forma de explicar o mundo, há um brusco rompimento com valores tradicionais, fortemente ligados à concepção religiosa. A Modernidade, com seus intensos processos de mudança, não fornece novos valores que preencham os anteriores demolidos, ocasionando uma espécie de vazio de significado no quotidiano de muitos indivíduos. Há um sentimento de se "estar à deriva", participando inconscientemente dos processos colectivos/sociais: perda quase total da actuação consciente e da identidade.

Este termo foi cunhado por [Durkheim](#) no seu livro *O Suicídio*. Durkheim contextualiza e define este termo ao querer mostrar que há factos que não funcionam na nossa sociedade de forma harmónica. Factos do corpo social a funcionarem de forma patológica ou *anomicamente* ou em ausência de lei fixa. No seu famoso estudo sobre o suicídio, Durkheim mostra que os factores sociais – especialmente da sociedade moderna – exercem profunda influência sobre a vida dos indivíduos com comportamento suicida. Em Durkheim, Émile, 1897: *Le suicide. Étude de sociologie*, três volumes e uma introdução, Felix Alkan,

Mortes por abandono, por imitação, por estados de loucura que rodeiam as pessoas. Como demonstra Durkheim, o suicídio acaba por ser o resultado de doenças patológicas na sequência de estados de loucura (veja-se a anterior nota de rodapé). Há suicídios cometidos por falta de crianças, mas não por abuso de crianças, que é o assunto que nos interessa nesta etapa do texto⁸⁵.

Parece-me haver elementos suficientes para entender as feridas causadas nos mais novos, que passam a ser, em adultos, ou mentes brilhantes ou mentes apagadas. É por esta questão que abordo a definição de anomia de Durkheim. O abuso sexual é analisado pelo autor recorrendo a trabalho de campo e a estatísticas, contudo, não faz qualquer referência ao abuso de crianças. São os analistas e os Etnopsicólogos, como Georges Devereux, Marcel Mauss⁸⁶ e o seu afamado discípulo, hoje com cem anos, Claude Lévi-Strauss⁸⁷, que o irão fazer.

Paris. Texto que pode ser lido em: http://classiques.uqac.ca/classiques/Durkheim_emile/suicide/suicide_tdm.html, que analisa os tipos de suicídio : no livro I, Capítulo I, diz: “*Teoria que prova que o suicídio acontece no seguimento de estados de loucura. Há duas formas de demonstrar o facto ; 1º, o suicida é uma monomania sui generis ; 2º É um sintoma de uma loucura que não está longe das pessoas II. Será o suicida um estado de monomania ?*” (perturbação psíquica em que a inteligência e a afectividade se fixam numa só ordem de ideias ou de sentimentos; por ext. obsessão; ideia fixa). Texto completo em francês, em: http://classiques.uqac.ca/classiques/Durkheim_emile/suicide/suicide_tdm.html
[De quoi est-il question dans Le suicide de Durkheim?](#)
[Voir la table des matières complète du livre](#)

⁸⁵ O texto de Durkheim, Livro I, Capítulo I, sintetizado na nota de rodapé anterior, diz no original : «*Principaux facteurs extra-sociaux susceptibles d'avoir une influence sur le taux social des suicides : tendances individuelles d'une suffisante généralité, états du milieu physique*

I. Théorie d'après laquelle le suicide ne serait qu'une suite de la folie. Deux manières de la démontrer : 1º le suicide est une monomanie sui generis; 2º c'est un syndrome de la folie, qui ne se rencontre pas ailleurs

II. Le suicide est-il une monomanie ? L'existence des monomanies n'est plus admise. Raisons cliniques et psychologiques contraires à cette hypothèse

III. Le suicide est-il un épisode spécifique de la folie ? Réduction de tous les suicides vésaniques à quatre types. Existence de suicides raisonnables qui ne rentrent pas dans ces cadres ...».

⁸⁶ Refiro Marcel Mauss como Etnopsicólogo por dois motivos: primeiro, por estudar a mente humana através da teoria do sacrifício, do pecado, dos rituais, mitos e ritos campos de estudo nunca antes analisados da forma como Marcel Mauss o fez: com trabalho de campo, contexto histórico e etnográfico e com explicações etnológicas da mente humana. Etnológicas ou Etnologia, não são só a forma de denominar a Antropologia em França. É toda uma ciência que estuda a mente humana por meio das palavras, das ideias e das acções. O dicionário usado por mim para este texto diz: do Gr. *éthnos*, raça + *lógos*, tratado. s. f., ciência que estuda os factos e documentos recolhidos pela etnografia; estudo dos povos e das raças, nos pontos de vista dos seus caracteres psíquicos e culturais, das suas diferenças e

afinidades, das suas origens e relações de parentesco, em: http://www.priberam.pt/dlpo/definir_resultados.aspx. O seu mais brilhante discípulo, Claude Lévi – Strauss, fala também de Etnologia.

Um segundo motivo, é o seu famoso livro sobre a dádiva - que tenho severamente revisto num livro meu, citado antes -, resultante do estudo das formas de pensamento de vários povos, a partir das investigações etnográficas de outros, como Malinowski, Boas ou Thurwald. A sua conclusão é paradoxal: depois de estudar de forma analítica as actividades de outros povos do mundo, denominados no seu tempo não civilizados, acaba por estudar a sua própria nação e de analista da psicologia dos porquês e dos como dos povos cujas etnografias foram estudados por outros, acaba por passar a estudar a antropologia da economia materialista histórica, socialista marxista. O texto é de 1923-24: *Essai sur le don: forme et raison de l'échange dans les sociétés archaïques*, publicado inicialmente em duas partes da Revista, fundada por Émile Durkheim, *L'Année Sociologique*, mais tarde editado em formato livro, intitulado *L'Essai sur le don*, Presses Universitaires de France, 1950, 197 páginas, enviado à editora pelo estudante de Marcel Mauss, Claude Lévi – Strauss. Este discípulo compilou e editou toda a obra de Mauss em três volumes no mesmo ano, e na mesma editora. Marcel Mauss, pela perseguição nazi a que fora sujeito, tinha as faculdades mentais perturbadas, não usava a razão, tendo retrocedido da idade adulta para a infância. *Marcel Mauss que, aterrorizado por causa dos seus descendentes, intelectuais e consanguíneos, poderem desaparecer na Segunda Guerra Mundial do Século XX, tal e qual tinha sido na Primeira Grande Guerra, fugiu do real refugiando-se numa calma paranóia*, esta parte da nota foi retirada do meu texto “Marx, Durkheim e a teoria da infância”, publicado no periódico *A Página da Educação*, nº115, ano 11, Setembro de 2002, texto em linha em: <http://www.apagina.pt/arquivo/Artigo.asp?ID=2013>. O trabalho mais interessante de Marcel Mauss, pode ser lido em: http://classiques.uqac.ca/classiques/mauss_marcel/socio_et_anthropo/2_essai_sur_le_don/essai_sur_le_don.html, ou no sítio web: <http://pages.infinit.net/sociojmt>. Há versões em português, da Editora Edições 70, uma de 1988, e uma outra com melhor tradução, de 2001. É esta última versão que eu recomendo. Recensões e excertos de texto, em: <http://www.google.com.br/search?hl=pt-PT&q=Marcel+Mauss+Ensaio+sobre+a+d%C3%A1diva&btnG=Pesquisa+do+Google&aq=f&oq=> .

⁸⁷ Claude Lévi – Strauss ao falar da Antropologia, distingue entre etnografia ou saber dos outros com trabalho de campo, que, como actividade de cientista, não é a sua melhor opção e Etnologia. Especialmente na conferência oferecida no dia do seu aniversário – nasceu a 28 de Novembro de 1908 em Bruxelas, filho de pais alsacianos - afirmando, entre outras coisas: “Detesto as viagens e os exploradores. Disponho-me a narrar as minhas expedições. Mas, quanto tempo [leve] para me decidir a fazê-lo!”. Citação retirada do início do seu livro publicado em 1955, que lhe valeu fama imediata: *Tristes Trópicos*, a sua *autobiografia intelectual*. Um livro tão magnificamente escrito que o júri do prémio Goncourt publicou nesse ano um comunicado manifestando o seu pesar por não poder premiá-lo pelo facto de se tratar de um ensaio e não de um romance, texto completo com o título de Centenário de Claude Lévi-Strauss, em: http://www.ambafrance.org.br/abr/atualidades/actualite_en_france_levi.html. *Tristes Trópicos* é a tradução, da responsabilidade de Jorge Constante Pereira, do seu livro *Tristes Tropiques*, Plon, Paris, 1955, editado em português pelas Edições 70, integrado na Coleção Perspectivas do Homem, 1979, Lisboa. Para estarmos certos da sua opção, diga-se que o texto começa com um capítulo intitulado: “ O fim das viagens”, pode-se consultar em: <http://www.google.com.br/search?hl=pt-PT&q=Claude+L%C3%A9vi+--+Strauss+Tristes+Tr%C3%B3picos+&btnG=Pesquisa>. Nos seus livros de 1952: *Race et Histoire*, encomendado e editado pela UNESCO para comemorar a criação da Declaração dos Direitos Humanos, define Etnologia já no título, ao falar de Raça, e no Capítulo 1, analisa a contribuição das raças humanas para a civilização, enquanto no seu texto de 1962: *La pensée sauvage*, Librairie Plon, antes de qualquer outra abordagem, fala da Ciência do Concreto para combater a ideia de que o denominado pensamento primitivo não tem pensamento abstracto. Usa a língua da Etnia Chinook

O abuso emotivo e sexual da criança, análise central nos textos de Freud, Klein e Miller, conduz a uma psicopatia como a relatada por Miller no seu *Thou shalt not be aware*, capítulo 4, parágrafo 2, página 37, quando estudou um caso completamente diferente dos, até agora, analisados por ela: a psicopatia desenvolvida por uma criança de 9 anos à morte do seu pai. Um pai que o tinha criado dentro de formas religiosas estritas. O analista que tinha tratado do caso comentou com Alice Miller que, as duas formas de aproximação ao facto eram correctas: a teoria de analisar impulsos definidos por Freud, e a mais usada por ela, a de uma pedagogia livre de preceitos, na que o desenho era parte importante. Mas, a criança tinha desenvolvido um problema Edipiano sentindo-se feliz com a morte do seu pai. A criança precisava de uma análise das suas ilusões de ver anjos que a ameaçavam pela morte do pai. Na minha opinião, este é o caso em que existe apenas medo, um medo edipiano, como anteriormente referi. No

do Noroeste dos Estados Unidos para provar o seu acerto de que todas as civilizações têm pensamento abstracto, o que estuda nos oito capítulos do livro com a lógica das classificações totémicas, de casta e de totem. Lévi-Strauss demonstra que o **pensamento mítico** e o **pensamento científico**, enquanto formas de conhecimento, são partes do pensamento abstracto das diversas culturas das sociedades do mundo. Quem não tiver pensamento abstracto, é uma pessoa que recua no seu saber ou ainda não está capacitada para entender o pensamento da ciência do concreto. É o que Freud teria gostado de saber para enriquecer a sua teoria do inconsciente, só que a temática e o conteúdo do livro foram escritos dezenas de anos a seguir à morte de Freud. No entanto, os seus discípulos, usam este e outros textos, como fazem os analistas, para entender esse inconsciente descoberto por Freud. É este o motivo para denominar Lévi-Strauss como Etnopsicólogo. Aliás, ele próprio, usou muito a teoria freudiana para as suas análises, até criar a teoria estruturalista da Antropologia, que usou para estudar o pré-consciente e o consciente dos indivíduos.

Porquê Etnologia? A Etnologia é o estudo ou ciência que estuda os factos e documentos levantados pela [etnografia](#) no âmbito da [antropologia cultural](#) e [social](#), procurando uma apreciação analítica e comparativa das culturas. Na sua aceção original, era o estudo das sociedades primitivas, todavia, com o desenvolvimento da [Antropologia](#), o termo [primitivo](#) foi abandonado por se acreditar que exaltaria o [preconceito étnico](#). Assim, actualmente diz-se que a etnologia é o estudo das características de qualquer [etnia](#), isto é, agrupamento humano - povo ou grupo social - que apresenta alguma estrutura sócio - económica homogénea, onde em geral os membros têm interacções presenciais, e há uma comunhão de [cultura](#) e de [língua](#). Este estudo visa estabelecer linhas gerais e de desenvolvimento das [sociedades](#). O etnógrafo observa basicamente as diferenças entre as sociedades, na proposição de [Mauss](#) como ensina no seu [Manual de Etnografia](#), desde o modo de andar e usar o corpo (técnicas corporais) até à celebração do [casamento](#) e dos [funerais](#). Deve-se descrever e analisar toda a vida social de um povo e um lugar, observar principalmente o que esse povo diz acerca de si mesmo e o modo como identifica os seus participantes.

Na prática o estudo da *etnologia* acompanhou a expansão do mundo europeu para o [oriente](#), [África](#), [Austrália](#), [Américas](#) e [Oceania](#). No início, confundia-se com o estudo das raças e dos povos conquistados, refira-se que a divisão humana nas raças que ainda hoje conhecemos foi uma invenção dos europeus que estudavam a desigualdade das raças para justificar os seus objectivos colonizadores. Texto que não me pertence, mas investigado por mim e retirado de uma das entradas Internet da página web: <http://www.google.com.br/search?hl=pt-PT&q=Etnologia&aq=f&oq=>, especialmente a entrada <http://pt.wikipedia.org/wiki/Etnologia>.

entanto, como Bion⁸⁸ entendeu, a partir da sua experiência de trabalho em grupo com membros do exército em guerra, nos anos 40 do século passado, existem duas alternativas quando os abusos emotivos e perversões com a infância aparecem: ou aprendemos a ser criativos para sair do buraco do desencanto, ou essa dor dá cabo da nossa racionalidade⁸⁹, ideias, por sua vez, retiradas do conceito do Eros⁹⁰ freudiano (1923⁹¹), utilizado por Klein e Miller nas suas análises. É sabido que Freud recorria aos mitos gregos para definir conceitos e resolver problemas emotivos dos seus pacientes. Sabemos também, que a mitologia grega está preenchida com a realidade da vida, de forma narrativa e não apenas como disciplina de vida social, como acontece nos textos do Talmude, da Bíblia, do Torah ou nos de Jean Calvin⁹², Martin Luther⁹³ e nos do

⁸⁸ Bion, Wilfred, (1961e após várias reedições, a que tenho comigo) 2000: *Experience with groups*, Routledge, Londres. Este texto pode-se sintetizar assim: Freud escreveu do seu melhor sobre a estrutura da mente humana; Melanie Klein, por sua vez, deu do seu melhor saber, nomeadamente com os textos sobre as ansiedades primitivas do ser humano em pequeno. Poder-se-á dizer que Bion soube integrar as estruturas dos processos primitivos e os seus conteúdos, apesar de ser em textos com uma escrita difícil, às vezes grotesca e excêntrica. Klein conseguiu mostrar a, por vezes, demência do nosso comportamento; Bion soube desenhar em mapas a geografia dos nossos processos comportamentais inconscientemente psicóticos, sempre a bater por cima de nós, tomando ou angariando, por vezes, a nossa vida individual, em grupo ou institucional. O seu estilo de escrita é, às vezes, extremamente formal, ao ponto de usar a matemática para se exprimir, ao descobrir que as palavras tinham um sentido diferente do que queríamos exprimir, as palavras eram significativas.

Esse estilo é tão formal, que usa não apenas a matemática, como recorre a símbolos algébricos no esforço de se afastar das formas comuns, de cliché, no uso de palavras e conceitos. Comentários a partir de vários sítios na net, da minha leitura de Bion e da minha análise do seu saber. A comparação entre Freud, Klein e Bion, está bem explícita em: <http://www.human-nature.com/rmyoung/papers/pap148h.html>. Sobre a sua escrita, veja-se: http://pt.wikipedia.org/wiki/Wilfred_Bion.


⁸⁹ O texto citado, advém do facto de Bion ter sido psiquiatra do exército britânico durante a [Segunda Guerra Mundial](#), trabalhando para melhorar a selecção dos oficiais e tratando vítimas. É conhecido particularmente pelo trabalho desenvolvido no [Tavistock Institute](#), em [Londres](#). Durante a estada no exército, centrou a sua observação em indivíduos e em grupos. Desta experiência, nasceu a ideia de psicanálise em grupo. Durante os anos 40, abriu o caminho na dinâmica de grupo, sendo *Experiências com Grupos* o ápice desse trabalho. Posteriormente dedicou-se à prática psicanalítica, elevando-se subsequentemente à posição de director da Clínica de Psicanálise de Londres (1956-1962). Para mais informação, consulte-se: http://pt.wikipedia.org/wiki/Wilfred_Bion. O texto original está referido em notas de rodapé anteriores.

⁹⁰ A definição do Eros Freudiano está baseada no Mito de Eros que, pela sua importância, a incorporei no corpo central deste trabalho.

⁹¹ [Sigmund Freud](#), 1923: *The Ego and the Id* **Publisher** W. W. Norton & Company, Londres. Excertos do texto, em: <http://www.mdx.ac.uk/WWW/STUDY/xfre.htm#FREUD.S.1923/EGO> ou em francês: http://classiques.uqac.ca/classiques/freud_sigmund/essais_de_psychanalyse/Essai_3_moi_et_ca/moi_et_c_a.html.

⁹² Calvin, Jean, (1539 1ª Edição, 1559, edição emendada por ele por ter sido muito duro na Edição original) 1960, dois volumes: *Institutes of the Christian Religion*, The Westminster Press, Philadelphia, USA e SCM Press, Ltd, Londres, texto que eu uso. Comentado por mim no meu livro de 2003: «A economia deriva da religião. Ensaio de Antropologia do Económico», Afrontamento, Porto. Jean Calvin tinha sido o melhor teólogo da Igreja Romana, usou o seu conhecimento para tecer críticas aos cristãos

católicos romanos. A intenção de Calvino não era fundar novas igrejas, mas sim criticar a teologia a partir do seu saber. No entanto, teve muitos adeptos que fizeram da vida leiga um tormento, o que o levou a mudar o seu primeiro texto de 1539, para um mais sensato e sensível em 1559. O primeiro tinha sido escrito em latim, o segundo, em língua vulgar ou vulgata francesa. Ganhou imensos adeptos e várias confissões cristãs foram fundadas, que continham em si formas de analisar a vida do dia-a-dia e a interacção. O texto que sintetiza a obra de Calvino, ou Calvino em português, diz: O protestantismo, conforme as ideias luteranas de Calvino (1509-1564) – Jean Calvin, reformador protestante, nascido em Noyon, França, no seio de uma família católica, abraçou a fé protestante em 1534, foi em Genebra, República nesse tempo, que passou grande parte da sua vida. A obra fundamental, escrita em latim: *Institutio Religionis Christianae* [Instituição da Religião Cristã], publicada em 1539, foi finalmente revista por ele em 1559, obra que contém as ideias fundamentais do hoje denominado calvinismo, nome imposto pelos luteranos a uma ideia de Calvino, que não parecia ter intenção de fundar uma religião. No entanto, as ideias do seu Texto a *Instituição da Religião Cristã* ganhou adeptos na Europa e uma confissão foi fundada com base na sua obra, denominada «[Iglesia presbiteriana](#)». Enquanto o luteranismo limitava-se, em grande medida, a sectores da Alemanha e da Escandinávia, o calvinismo propagou-se em Inglaterra - reino autónomo nesses tempos –, Escócia, França, Países Baixos, entre as colónias de fala inglesa na América do Norte, partes da Alemanha e da Europa Central. Esta expansão iniciou-se ainda em vida de Calvino, facto que o orgulhou e lhe deu forças. Embora não se quisesse afastar da Igreja Romana, o Concílio de Trento, realizado de [1545](#) a [1563](#) que promoveu a sua reforma, não o satisfaz, vindo a falecer, de profunda tristeza, um ano após o encerramento do Concílio. As reformas não eram do seu agrado por manterem as formas sacramentais, as bulas e a celebração da Missa em latim. No Concílio, causado pelas críticas de Lutero e Calvino, a Igreja Romana não soube materializar a Reforma pretendida pelos reformadores. A frase que penso ter cabimento nesta parte do texto, é essa do romancista italiano [Giuseppe Tomasi di Lampedusa](#), entre os dias finais de [1954](#) e [1957](#). *O Gatopardo*: “*Cambiar algo para que nada cambie*”. História completa em: http://es.wikipedia.org/wiki/El_gatopardo.

Em Genebra procuravam refúgio religiosos perseguidos noutras latitudes, sobretudo de França durante os 1550s, pela intolerância do Governo Francês para com a Reforma Calvinista, como aconteceu, simultaneamente, com a Inglaterra, Escócia, Itália e com outras partes da Europa, países em que o Calvinismo se tinha estendido. Calvino acolhia-os amavelmente, enviando muitos deles, formados como Ministros de Fé, para os seus países de origem para pregarem o Evangelho como ele entendia que devia ser, apoiando-os com cartas de alento e conselhos. Genebra passou a ser, assim, o centro de um movimento internacional e um modelo para igrejas de outros lugares. John Knox, o líder calvinista da Escócia, descreve Genebra como "*a mais perfeita escola de Cristo, que nunca existira antes na terra desde os tempos dos Apóstolos*". É preciso esclarecer que as ideias de Calvino não construíram o calvinismo. A sua forma final matizou-se com ideais de discípulos de Calvino, como Ulrico Zwinglio, Heinrich Bullinger e Martin Bucer. Texto em castelhano, traduzido por mim, pode ser lido na língua original em: <http://historyofarthistoriadelarte.blogspot.com/2008/09/calvinismo.html>, publicado por Angel Eulises Ortiz em [3:22 AM](#) , proprietário do blogue. Mais tarde, conforme lembra a história, as confissões calvinistas passaram a ser confissões nacionais, como na Escócia, passou a ser a confissão Presbiteriana.

⁹³ Luther, Martin, (1529) 1986: *Small Catechism with Explanations*, Concordia Publishing House. Este texto é importante por impingir entre os mais novos, ideias de auto consciência e pré consciência. No início do período da história da Reforma, catecismos, como o de Martin Luther, assumiram uma importância vital por insistirem na instrução religiosa das crianças. Podemos afirmar, por outras palavras, que o catecismo de Martin Luther, resolve os problemas do inconsciente ao obrigar à análise do consciente e ensinar os crentes, desde a mais tenra idade, a orientarem as suas vidas e a desculparem-se da congregação ao manter o sacramento da confissão como uma proclamação das faltas cometidas perante toda a comunidade. Desde muito novos, os que seguiam a confissão luterana, sabiam estas ideias, escritas por Lutero no seu livro *A Liberdade de um Cristão* (publicado em [20 de novembro](#) de [1520](#), exigindo uma completa união com Cristo mediante a palavra através da fé, e a inteira liberdade do cristão como sacerdote e rei sobre todas as coisas exteriores e um perfeito amor ao próximo). As duas teses que Lutero desenvolve nesse tratado são aparentemente contraditórias, mas, na verdade, são complementares: "O cristão é um senhor livre e parece não estar sujeito a ninguém, apesar de acreditar na predestinação ou *beruf*"

"O cristão é um servo oficialíssimo de tudo, a todos sujeito".

Catecismos da Igreja Católica, textos que Freud ignorou por causarem problemas aos que seriam seus pacientes. Especialmente a doutrina de Lutero. Lutero, que de entre

A primeira tese é válida "na fé"; a segunda, "no amor".

Toda a história, com biografia, acessível em http://pt.wikipedia.org/wiki/Martinho_Lutero.

3) *Que é a confissão?*

A confissão tem duas partes: Primeiro, confessamos os nossos pecados; segundo, aceitamos a absolvição que a pessoa que ouve a nossa confissão nos anuncia. Podemos aceitá-la como vinda de Deus mesmo, não duvidando de modo algum, mas crendo firmemente que por ela os pecados estão perdoados perante Deus no céu.

O problema que se coloca é que a teologia luterana definia a predestinação, ou esse denominado chamado, vocação ou *call*, dado desconhecer-se, se após a morte, se iria para o inferno ou para o céu (questão com que os cristãos também se debatiam), como está definido não apenas no Catecismo de Lutero para adultos, bem como no texto denominado *Martins Luther 's Basic Theological Writings*, Editado por Timothy Lull, Fortress Press, Minneapolis, EUA., que reúne textos escritos entre 1517-1539, onde a confissão é redefinida em 1528, páginas 50 a 62 do livro (com 755pg.) que tenho comigo. Os textos mencionados podem ser lidos em português em: http://pt.wikipedia.org/wiki/Martinho_Lutero e o seu Catecismo Menor, em: http://www.monergismo.com/textos/catecismos/catecismo_lutero.htm.

A questão que eu gostaria de colocar, sabendo que o seu interesse era ler a mente, é: porque é que Freud não se interessou pelos Luteranos? Nem leu os seus textos, como também não leu os de Calvino nem os romanos? A partir do Século IV, com base nos textos de Agostinho de Hipona, as pessoas passaram a acreditar na predestinação. Ou seja, ao morrer, fosse o que fosse feito na vida, não era garantido que a alma passasse para a Eternidade. No seu primeiro texto, Agostinho de Hipona, 398: *Confissões* livro que tenho comigo (versão inglesa) designado *The Confessions of St. Augustine*, Thomas Nelson and Sons, Ltd, Londres e Edimburgo, 379 páginas, ano de 1937, confessa ter sido um libertino, devasso, dissoluto, desregrado, lascivo e ímpio. Vida que abandona, com a ajuda de sua mãe Mónica, ou Santa Mónica como é denominada, convertendo-se ao cristianismo. Nessa altura, confessa-se publicamente e, por ser sábio, fá-lo por escrito. Mais tarde, já Bispo da cidade Africana de Hipona, escreve, em 409, um texto sobre a liberdade, intitulado *O Livre Arbítrio*, onde aborda a predestinação. A Igreja Romana tem avanços e recuos sobre a possibilidade da eternidade, até ser definido no Século XVI, no mencionado Concílio de Trento e no Catecismo de Pio V, denominado São Pio, que o homem ganha a salvação se morrer na graça de Deus. O Catecismo (de Pio V) foi promulgado em 1563, ano da sua morte. Lutero e Calvino acreditavam fortemente na predestinação explicando através dos Evangelhos que o ser humano seria salvo pelas suas obras. Para isso, é necessário trabalhar, produzir e não gastar; pelo contrário, é preciso ser muito poupado nos gastos de casa, nas vestimentas, nos passeios e nas festas. Nunca esquecerei esses meus anos em Edimburgo, onde o Natal era comemorado ritualmente agradecendo-se o nascimento de Jesus, mas em silêncio, sem festas nem presentes, era um dia de oração. Como aos domingos, os crentes presbiterianos (confissão predominante, após séculos de domínio católico), iam para casa, onde ritualmente comiam pouco e faziam jejum. Como no tempo das Cinzas ou *Lent*, ou Quaresma em português. Contrariamente, as comemorações do ano novo eram uma verdadeira loucura: as pessoas ressarciam-se dos dias de jejum e do respeito simbólico ritual. O barulho, as visitas, em grupo, de casa em casas e as bebedeiras eram tão frenéticas que, nós não habituados a tais comemorações, saíamos para Inglaterra. Em Londres, não havia festividades de Ano Novo, era um dia como os outros. Um curso que tive de frequentar, para a minha tese, sobre comunicações, na BBC, iniciou-se exactamente a 1 de Janeiro, pelas 9 da manhã...

todos os Sacramentos⁹⁴ definidos pela Igreja Romana, manteve apenas três: o Batismo, a Confissão e o Sacramento do Altar ou a Comida de Deus, denominado *Comunhão* pelos cristãos romanos. O Batismo declara publicamente a existência de mais um membro dentro do grupo local, como tenho definido noutros textos⁹⁵, a Confissão, promove o melhor convívio entre o grupo social e uma relação calma e serena do membro individual com a divindade, e a Ceia do Altar, é a partilha em conjunto de bens, sentimentos e profissão de fé. Tudo o que os outros careciam. Como sabemos, os grupos luteranos enriqueceram com base na ideia de vocação para a salvação da alma, ideia muito aprofundada na profissão de fé da cristandade, dos muçulmanos, dos budistas e de outras confissões. Possuidores de meios e temerosos pela salvação, os sacramentos eram apenas um ritual para manter a congregação unida, em paz e harmonia.

Sobre este comportamento, Weber, sociólogo da religião, esteve bastante atento, dedicando-se ao seu estudo, com trabalho de campo em 1899, e publicação, em 1905, na Alemanha, de um livro, a que penso voltar após a análise de Lutero⁹⁶.

O conceito de alma para os luteranos era um princípio central da sua fé, o corpo é apenas uma “gaiola” para a conter. Por isso, só a salvação da alma contava⁹⁷. Lutero acreditava na predestinação, influenciando os primeiros conversos⁹⁸.

⁹⁴ Sacramento, no dicionário que me assiste na escrita, é definido a partir da teologia romano – católica, que diz: do Lat. *Sacramentu* s. m., juramento; acto religioso, instituído por Deus, para purificação e santificação da alma; rito sensível e simbólico da religião cristã, destinado a consagrar diversas fases da vida dos fiéis; eucaristia; a hóstia consagrada em exposição na custódia; (*no pl.*) os últimos sacramentos (confissão, comunhão e extrema-unção). Em : http://www.priberam.pt/dlpo/definir_resultados.aspx

⁹⁵ Iturra, Raúl, 1987 : « Stratégies de reproduction. Le droit canon et le mariage dans un village portugais, (1862- 1983)» em : *Droit et Société. Revue Internationale de théorie de Droit et de Sociologie Juridique*, Nº 5, 1987, CNRS, páginas 7 a 23, texto completo em : <http://www.reds.msh-paris.fr/publications/revue/pdf/ds05/005-02.pdf> ou (com toda a Revista) em: <http://www.reds.msh-paris.fr/publications/revue/pdf/ds05/005-00.pdf>.

⁹⁶ Ideias definidas na página web da Internet : <http://www.google.com.br/search?hl=pt-PT&q=Luteranos+e+a+Salva%C3%A7%C3%A3o&aq=f&oq=>.

⁹⁷ Os luteranos rejeitaram a predestinação em Augsburg, no ano de 1530, com a redacção da "confissão" efectuada pelo humanista Melanchthon.

Porém, essa é a doutrina fundamental de Lutero, e como mostramos no [artigo](#) sobre o filme, é a doutrina que ele defenderá até ao fim da sua vida. Não podia ser de outra forma, pois ao negar que o homem possa cooperar com a graça de Deus, nega-se que o homem possa ter méritos e portanto que possa ter liberdade de escolha entre o bem e o mal. O **Sola Fidei** leva necessariamente à predestinação. Com a negação da predestinação, os luteranos criaram uma aberração teológica (e lógica). O anteriormente dito, não significa que não haja ainda hoje luteranos fiéis ao mestre que insistem na predestinação e nas demais doutrinas *diabólicas* do Lutero primitivo.

No Século XIX, uma grande curiosidade sobre a prosperidade de luteranos e calvinistas surge na vida social. Todos os denominados protestantes (por terem *protestado* contra a confissão romana, levando-a a mudar no Concílio de Trento do Século XVI), enriqueciam para surpresa do resto da população que, começou de imediato, a pretender ser luterana, verificando-se, por esse motivo, uma grande passagem de cristãos romanos para luteranos.

Curioso do facto, Max Weber deu início ao seu trabalho de campo no Sul do Rio Elba. Trabalho que permitiu uma comparação de comportamentos entre protestantes e católicos. Nas conclusões, publicadas no livro *A Ética protestante e o Espírito do Capitalismo* (1904-1905), do qual Pierre Bourdieu⁹⁹ virá mais tarde a divulgar excertos, Max Weber observa que os operários católicos gastam todo o pouco dinheiro que ganham em festas, bebedeiras, roupas e viagens não poupando nada, vivem na eterna miséria. Por seu lado, os operários luteranos, trabalham de manhã à noite, excepto aos Domingos, poupando todo o seu dinheiro, contrariamente aos católicos, e investindo-o em maquinaria, sementes e melhor terra, com vista a uma maior produção e a uma melhor venda nos mercados¹⁰⁰.

⁹⁸ Actualmente, há um debate entre luteranos que acreditam ou não na predestinação. O texto de 05-04-2005, denominado: *Lutero e a predestinação* diz: “*Conversando com alguns protestantes vi que eles rejeitam a possibilidade de algo acontecer por acaso. (este grupo protestante com quem conversava, pois, os protestantes são desunidos em suas doutrinas) Segundo eles as coisas que acontecem em nossas vidas já foram providenciadas por Deus antes mesmo que nascêssemos, sendo assim se Deus, providenciou que eu me casasse com a Joanhina filha do Seu Rui que trabalha na venda da esquina (isto é somente exemplo), mais cedo ou mais tarde este casamento acontecerá (ainda que eu não queira), e eu terei quantos filhos Deus já tiver determinado que eu tivesse. Sendo assim eu não teria liberdade de escolher, com quem quero casar, nem quantos filhos quero ter! Como argumento me citaram a seguinte passagem bíblica: "Cada uma de minhas acções vossos olhos viram, e todas elas foram escritas em vosso livro; cada dia de minha vida foi prefixado, desde antes um só deles existisse." (Sl 138,16) Argumentei-lhes que Deus sabe o nosso futuro, mas isto não quer dizer que ele escolha o que devemos fazer ou não! Citei-lhes o exemplo do Rei Ezequias que estando doente foi avisado pelo profeta Isaías que em breve iria morrer. (Is 38,1)”.*

⁹⁹ Weber, Max, (1892) 1986 : «Enquête sur la situation des Ouvriers Agricoles a L’Est de L’Elbe. Conclusions Prospectives», editado em *Actes de la Recherche en Sciences Sociales*, nº 65, Novembro de 1986, manuscrito de Weber publicado pelo director, fundador e director da Revista citada, Pierre Bourdieu. Original, publicado, pela primeira vez, no ano de 1892, em : Schreiftent des Vereins für Socialpolitiken, tomo 55, Leipzig, Duncker und Humblot e reeditado em 1964 no texto de compilação de escritos de Max Weber por Eduard Baumgarten: *Max Weber, Werk und Person em: BAUMGARTEN, EDUARD. Max Weber Werk und Person*. Tübingen: Mohr, 1964, 720 p. Mit Zeittafel und 20 Bildtafeln , informação em: <http://www.antiqubook.nl/boox/bkw/9997.shtml>.

Um livro aproximado à compilação dos trabalhos de Weber, da autoria de vários sociólogos, é: *Max Weber, Textos Seleccionados*, Editora Nova Cultura, 1997, São Paulo, 192 páginas, que pode ser lido em: <http://www.scribd.com/doc/6618252/Max-Weber-Textos-Seleccionados>.

¹⁰⁰ “A fonte da sociologia weberiana está, em geral, localizada entre os debates metodológicos e teóricos do fim do Século XIX e começo do Século XX, e não nos problemas concretos da sociedade alemã. A

Mas se trazemos para este debate *A Ética Protestante e o Espírito do Capitalismo*, considerada por muitos como a melhor obra de Max Weber, é para tentarmos compreender porque é que Freud leu Durkheim, sem nunca o citar, mas desconheceu o seu quase compatriota Weber. Um sociólogo capaz de entender o que muitos procuravam: o denominado “calling” ou vocação para ser trabalhador produtivo e assim entrar na era do capitalismo sem temor nenhum. Podemos, pois, afirmar, de acordo com Max Weber¹⁰¹, que a ética protestante encoraja as trocas e investimentos

análise dos motivos do comprometimento de Weber na criação da *Sociedade Alemã de Sociologia*, demonstram que não era prioritário nem a autonomia nem a instituição da sociologia como disciplina académica, mas sim a criação de um instrumento e de uma infra-estrutura necessários para a pesquisa dessa imensidão de problemas, mas à época foi considerado como *sem objectivo prático*. Este projecto sociológico está directamente ligado aos inquéritos sobre aspectos do universo rural que Weber realizou no contexto das suas pesquisas em sociologia política (Verein für Sozialpolitik). A sociologia rural, actualmente, parece ter-se esquecido da sociologia de Weber. No lado oposto, na sociologia urbana do Século XX, encontra-se filiação weberiana dentro do seu contexto.

A análise da temática urbana baseada na obra de Weber demonstra quais são os motivos e as razões da (quase) ausência da sociedade urbana contemporânea em estudos, enquanto temáticas sobre as povoações da Antiguidade, da Idade Meia e do Oriente têm passado a jogar um rol primordial (Antiquité, Moyen Age, Orient) nos inquéritos de Weber sobre as condições da emergência do capitalismo na empresa moderna”. O texto, em francês, traduzido livremente por mim para entender o inquérito mencionado, aplicado a sul do rio Elba, e por Pierre Bourdieu o ter escolhido, é: « *La source de la sociologie webernienne est généralement localisée dans les débats méthodologiques et théoriques de la fin du XIXe et du début du XXe siècle et non dans les problèmes concrets de la société allemande. L'examen des motifs de l'engagement de Weber dans la création de la Société Allemande de Sociologie montre que ses objectifs prioritaires n'étaient ni l'autonomie ni l'institutionnalisation de la sociologie comme discipline académique, mais la création d'un instrument et d'une infrastructure pour mener de grandes enquêtes « sans but pratique ». Ce projet sociologique est directement lié aux enquêtes, d'abord rurales, que Weber a réalisées dans le cadre du Verein für Sozialpolitik, à l'exploitation politique qu'il en a faite lui-même et à son échec pour imposer au Verein un programme et une méthodologie d'enquêtes sans but pratique immédiat. La sociologie rurale a oublié la source rurale de la sociologie de Weber. Par contre, dans la sociologie urbaine du XXe siècle, on peut rencontrer l'affirmation d'une filiation webernienne. L'examen du thème urbain à travers l'œuvre de Weber montre que, et pour quelles raisons, la société urbaine contemporaine en est absente tandis que le thème de la ville (Antiquité, Moyen Age, Orient) joue un rôle primordial dans l'enquête de Weber sur les conditions d'émergence du capitalisme d'entreprise moderne* », em: <http://www.google.com.br/search?hl=pt-PT&sa=X&oi=spell&resnum=0&ct=result&cd=1&q=Max+Weber+Enqu%C3%AAtes+sur+la+situation+des+ouvriers+agricoles+a+1%27Est+de+1%27Elbe&spell=1>

¹⁰¹ Weber, Max, (1904-1905 em alemão), em *Archiv für Sozialwissenschaft und Sozialpolitik*, J.V.B. Mohr, Tübinga, vols. XX e XXI) *A Ética Protestante e o Espírito do Capitalismo*, com edição em castelhano, editora Taurus, 1998, Madrid e em português Editorial Presença, 1983, traduzida por António Firmino da Costa, *The Protestant Ethic and the Spirit of Capitalism* é um livro ([book](#)) escrito por [Max Weber](#), economista alemão ([German economist](#)) e sociólogo ([sociologist](#)), em 1904 e 1905, livro que começou por ser uma série de ensaios ([essays](#)). A edição original do livro, publicado para leitura, foi tratada por Marianne Weber nos anos 20 do século passado.

Para Weber o capitalismo ([capitalism](#)) desenvolveu-se quando os protestantes ([Protestant](#)), particularmente a ética calvinista ([Calvinist ethic](#)), influenciaram um largo número de pessoas envolvidas no trabalho da vida laica, criando e desenvolvendo as suas próprias empresas ([enterprises](#)) e, simultaneamente, a actividade comercial e a acumulação de riquezas ([trade wealth](#)) utilizadas para investimentos futuros nas suas empresas. O que Max Weber descobre é que a ética protestante foi a força por detrás de uma não planificada e coordenada acção massiva ([mass action](#)) que influenciou o desenvolvimento do capitalismo ([capitalism](#)). É uma ideia conhecida por *a tese de Weber*. O original, em

com mais-valia. Assim, Weber, estudioso das religiões, encontra na versão protestante do cristianismo o apelativo para o investimento com mais-valia. Como anteriormente referimos, os cristãos protestantes não só poupam como investem para poupar. O motivo parece muito simples, a ideia da vocação para serem homens religiosos cujo primeiro dever é trabalhar, não para enriquecer, mas para proveito da Nação e da família nuclear e alargada.

Evidentemente que este tipo de análise não estava no modelo de inconsciente de Freud, nem no modelo de Durkheim, que soube estudar o sacrifício, o ritual e o mito, areias onde Weber não se movimentou. Aliás, Weber nunca foi lido por Marx, Freud ou Durkheim, sendo assim o criador solitário da Sociologia Alemã. O seu objectivo era a descoberta da riqueza das nações, como antes de si, em 1776¹⁰², o foi de Adam Smith, membro da confissão de Knox, da Igreja Presbiteriana, nascida da confissão Calvinista¹⁰³.

Freud, pai da psicanálise, nunca leu Weber, mas estudou o Talmude¹⁰⁴ e outros textos religiosos para entender a *mente cultural* dos seus pacientes. Podemos-nos

inglês, traduzido por mim de forma livre e com comentários no meio do texto, guardando as palavras em língua inglesa para outras ligações na Internet, diz: *The Protestant Ethic and the Spirit of Capitalism* is a [book](#) written by [Max Weber](#), a [German economist](#) and [sociologist](#), in 1904 and 1905 that began as a series of [essays](#). The original edition was in German and has been released as book after his death, in 1920 as [Gesammelte Aufsätze zur Religionssoziologie](#)

“Weber wrote that [capitalism](#) evolved when the [Protestant](#) (particularly [Calvinist](#)) [ethic](#) influenced large numbers of people to engage in work in the secular world, developing their own [enterprises](#) and engaging in [trade](#) and the accumulation of [wealth](#) for investment. In other words, the Protestant ethic was a force behind an unplanned and uncoordinated [mass action](#) that influenced the development of [capitalism](#). This idea is also known as “the Weber thesis”. Análise completa em:

http://en.wikipedia.org/wiki/The_Protestant_Ethic_and_the_Spirit_of_Capitalism.

¹⁰² Adam Smith (provavelmente [Kirkcaldy](#), [Fife](#), [5 de junho de 1723](#) — [Edimburgo](#), [17 de Julho de 1790](#)) foi um [economista](#) e [filósofo escocês](#). Teve como cenário na sua vida o atribulado [século das Luzes](#), o [século XVIII](#). A sua biografia em: http://pt.wikipedia.org/wiki/Adam_Smith. No ano de 1776 escreveu: *An inquiry into the nature and causes of the wealth of Nations*, que pode ser lido em: <http://www.adamsmith.org/smith/won-index.htm>.

¹⁰³ Este texto pode ser lido em: http://classiques.uqac.ca/classiques/Weber/ethique_protestante/Ethique.html.

¹⁰⁴ O Talmude (em [hebraico](#): תּוֹרַת מִשְׁנָה, [transl.](#) *Talmud*) é um registo das discussões [rabínicas](#) que pertencem à [lei](#), [ética](#), costumes e história do [judaísmo](#). É um texto central para o [judaísmo rabínico](#), perdendo importância apenas para a [Bíblia hebraica](#).

O Talmude tem dois componentes: o [Mixná](#) (c. [200](#) da nossa era), primeiro compêndio escrito da Lei Oral judaica, e o [Guemará](#) (c. [500](#) da nossa era). A discussão do Mixná e dos [escritos tanaiticos](#) que frequentemente abordam outros tópicos é amplamente exposta no [Tanakh](#).

O Mishná foi redigido pelos mestres chamados *Tannaim* ("[tanaítas](#)"), termo que deriva da palavra hebraica que significa "ensinar" ou "transmitir uma tradição". Os tanaítas viveram entre o [século I](#) e o [III](#) d.C. A primeira codificação é atribuída a [Rabi Akivá](#) (50 – 130), e uma segunda, a [Rabi Meir](#) (entre 130 e 160 da nossa era), ambas as versões foram escritas no actual [idioma aramaico](#), ainda em uso no interior da [Síria](#).

Os termos *Talmud* e *Gemarah* são utilizados frequentemente de maneiras intercambiáveis. A *Gemarah* é a base de todos os códigos da [lei rabínica](#) e muito citada no resto da literatura rabínica; já o Talmude, também chamado frequentemente de *Shas* (hebraico: ש"ס) é uma [abreviação](#) em [hebraico](#) de *shisha sederim*, as "seis ordens" da *Mixná*. História completa em: <http://pt.wikipedia.org/wiki/Talmud>.

Originalmente, o estudo académico do [judaísmo](#) era oral. Os [rabinos](#) expunham e debatiam a lei (isto é, a [Bíblia hebraica](#)) e discutiam o [Tanakh](#) sem o benefício das obras escritas (além dos próprios livros bíblicos), embora alguns possam ter feito anotações privadas (*megillot setarim*), por exemplo, a respeito das decisões de cortes. A situação mudou de forma drástica, principalmente, como resultado da destruição da comunidade judaica no ano [70](#) da nossa era, e os consequentes distúrbios nas normas legais e sociais judaicas. À medida que os rabinos foram forçados a encarar uma nova realidade — principalmente a de um [judaísmo](#) sem um [Templo](#) (para servir como centro de estudo e ensino) e uma [Judéia](#) sem [autonomia](#) — surgiu uma enxurrada de discursos legais, e o antigo sistema de estudos orais não pôde ser mantido. Foi durante este período que o discurso rabínico passou a ser registado na escrita.^{[1][2]} A primeira lei oral registada pode ter sido na forma dos [Midrash](#), na qual a discussão [haláquica](#) está estruturada como comentários [exegéticos](#) sobre o [Pentateuco](#). Uma forma alternativa, porém, organizada pelos tópicos de assuntos, em vez dos versos bíblicos, tornou-se dominante por volta do ano [200](#) d.C., quando o rabino [Judá HaNasi](#) redigiu a [Mixná](#) (הגשמה).

A Lei Oral estava longe de ser monolítica, variando enormemente entre diversas escolas. As duas mais famosas eram a Escola de [Shammai](#) e a Escola de [Hillel](#). Em geral, todas as opiniões, mesmo as não – normativas, eram registadas no Talmude. A *Mishná*, também conhecida como *Mixná* ou *Mixna*^[1] (em [hebraico](#) הגשמה, "repetição", do [verbo](#) הגשם, "*shamah*, "estudar e revisar") é uma das principais obras do [judaísmo rabínico](#), e a primeira grande redacção na forma escrita da tradição oral judaica, chamada a [Torá Oral](#). Provém de um debate entre os anos 70 e 200 da [Era Comum](#) por um grupo de sábios rabínicos conhecidos como 'Tanaim' e redigida por volta do ano 200 pelo Rabino [Judá HaNasi](#). A razão da sua transcrição deveu-se, de acordo com o [Talmude](#), à perseguição dos judeus pelos [romanos](#) e à passagem do tempo; este novo suporte (a escrita) trouxe a possibilidade dos detalhes das tradições orais não serem esquecidos. As tradições orais que são objecto da *Mishná* datam do tempo do [judaísmo farisaico](#).^[2] A *Mishná* não reclama ser o desenvolvimento de novas leis, mas meramente a recollecção de tradições existentes. A *Mishná* é considerada a primeira obra importante do [judaísmo rabínico](#) e é uma fonte central do pensamento judaico posterior. A lista dos dias de festa conhecida como *Meguilat Taanit* é mais antiga, mas de acordo com o [Talmude](#) já não está em vigor. Comentários rabínicos à *Mishná* nos três séculos seguintes à sua redacção (guardados sobretudo em [aramaico](#)) foram redigidos como a [Guemará](#). Retirado de: <http://pt.wikipedia.org/wiki/Mixn%C3%A1>.

Não resisto ao ímpeto de falar da língua, da qual nasceu a psicanálise, com palavras usadas por Freud como conceitos psicanalíticos, o Aramaico. Freud, tendo especial pendor para idiomas, dominava o alemão, o aramaico, o inglês, o francês. Encantou-se, na adolescência, pela obra Dom Quixote, de Cervantes e aprendeu, sem mestre, a bela língua castelhana. Este capricho juvenil permitiu-lhe constatar pessoalmente o acerto da tradução das suas Obras Completas para o espanhol, registado em algumas palavras do tradutor D. Luis López Ballesteros y de Torres (Freud, 1923b). Ao usar o Talmude, escrito em Aramaico, Freud tinha a obrigação de usar a língua referida, para definir os seus conceitos. Esta afirmação do uso do aramaico para definir conceitos na sua teoria é mais do que evidente. Os textos estudados por ele, não apenas o Talmude, estavam escritos em aramaico, como a *Mishná*. Paulo Roberto Medeiros, Recife, organizador dos estudos psicanalíticos de Freud e Lacan, na sua Universidade, tem um texto que define os quatro conceitos fundamentais da psicanálise, denominado Conceitos fundamentais da Psicanálise. Apresentação, leitura e comentários de Seminários e Textos de Jacques Lacan *Os Nomes-da-Pai*. Para aceder aos conceitos fundamentais da Psicanálise e aos conceitos aramaicos de Freud e Lacan, veja-se: http://www.traco-freudiano.org/tra-instituicao/word/paulo-medeiros-4conceitos/11-06_julho_%202004.pdf.

interrogar do porquê destes textos e não de outras confissões? Eu diria, tal como já o afirmei noutros livros, que a resposta é simples: no Talmude¹⁰⁵ há saber antigo, saber

Aramaico é a designação dada aos diferentes dialectos de um idioma com alfabeto próprio e com uma história de mais de três mil anos, utilizado por povos que habitavam o [Oriente Médio](#). Foi a língua administrativa e religiosa de diversos impérios da Antiguidade, além de ser o idioma original de muitas partes dos livros [bíblicos](#) de [Daniel](#) e [Esdras](#), assim como do [Talmude](#). Pertencendo à família de [línguas afro-asiáticas](#), é classificada no subgrupo das [línguas semíticas](#), à qual também pertencem o [árabe](#) e o [hebraico](#).

O aramaico foi, possivelmente, a língua falada por [Jesus](#) e ainda hoje é a [língua materna](#) de algumas pequenas comunidades no Médio Oriente, especialmente no interior da [Síria](#); a sua longevidade deve-se ao facto de ser escrito e falado pelos aldeões cristãos que durante milénios habitavam as cidades ao norte de [Damasco](#), capital da Síria, entre elas reconhecidamente os vilarejos de [Maalula](#) e [Yabrud](#), esse último "onde Jesus Cristo hospedou-se por 3 dias" além de outras aldeias da [Mesopotâmia](#) reconhecidamente católicas por onde Cristo passou, como Tur'Abdin no sul da [Turquia](#), fizeram com que o aramaico chegasse intacto até aos nossos dias. No início do século passado, devido a perseguições políticas e religiosas, milhares desses cristãos fugiram para o ocidente, ainda hoje existem algumas centenas vivendo nos [Estados Unidos da América](#), na [Europa](#) e na [América do Sul](#).

Acrescento que o Aramaico não é apenas um língua, define actividades, sentimentos, saberes e emoções dentro da lógica das palavras. Além destas ideias, há o livro de Lucille Ritvo: *A Influência de Darwin sobre Freud*. Imago, 2008 comentado como: "*Este livro é o primeiro a revelar o pleno impacto sobre Freud da efervescência criada pelas obras de Charles Darwin. Lucille B. Ritvo mostra como método e as ideias de Darwin desempenham papel seminal nas descobertas psicanalíticas básicas de Freud - sexualidade infantil, conflito, regressão, o significado e a função dos sintomas, a coexistência de opostos no inconsciente e a relação entre perverso e normal. Darwin fez da história um método científico à psicologia com resultados igualmente surpreendentes. O período em que Freud cursou a escola secundária, de 1865 a 1873, coincidiu com a divulgação do trabalho de Darwin no mundo de língua alemã e a publicação alemã de A Variação de Animais e Plantas em Domesticação e a descendência do Homem. Como Freud mais tarde recordou, "as teorias de Darwin, que então eram de interesse corrente, atraíram-me fortemente, pois apresentavam esperanças de um extraordinário avanço em nossa compreensão do mundo". Ritvo afirma que foi Carl Claus, professor de zoologia de Freud na Escola Médica da Universidade de Viena, mais que seu professor de fisiologia, Ernst Brücke, como até agora se julgava, quem formou Freud nos rigores da biologia darwiniana*".

É preciso acrescentar que Freud e Darwin eram de origem judaica, apesar de Darwin ter tido instrução anglicana e ter estudado teologia anglicana em Cambridge. Darwin e Freud eram judeus. O primeiro apenas contestou o criacionismo; o outro desenvolveu a teoria da psicanálise. Dois pilares, cada qual em sua ciência, do pensamento [moderno](#). Donde, a formação em aramaico é também passível de pensar. Porém, os conceitos e as ideias vêm do activo aramaico. Informação completa em: http://www.interney.net/blogs/gravataimerengue/2006/03/20/genios_judeus/.

Esta informação provém da minha pesquisa e de textos mais extensos, que podem ser lidos em: http://www.adufpb.org.br/publica/conceitos/09/art_18.pdf, sobre o uso do aramaico de Freud.

Quem escreveu mais sobre esta ideia, foi o analista João Leonardo Ribeiro de Moraes, Professor Adjunto de Psiquiatria do Depto. de Medicina Interna do CCS/UFPB. O texto denominado: *Influências do Darwinismo na formação e na obra de Sigmund Freud*, Revista *Conceitos* – Janeiro – Junho de 2003, <http://www.google.pt/search?hl=pt-PT&q=Revista+Conceitos&btnG=Pesquisa+do+Google&meta=&aq=f&oq=>.

¹⁰⁵ Comigo, em suporte de papel, tenho os textos sagrados dos hebreus: Girón Blanc, Luis Fernando, (Departamento de Estudos Hebreus de la Universidad Complutense, Madrid), 1998: *Textos escogidos del Talmud*, Riopiedras, Barcelona, 205 páginas, onde se debate o matrimónio, a filiação, o estado das viúvas, a vida e a morte, orações, esmola, leis, economia, fantasia, narrações legendárias, sabedoria, medicina e casuística. Por não ser possível abordar nestas linhas todo o conteúdo do livro, duas palavras são

pragmático e ciência do concreto e do abstracto. Sempre tive a ideia que este saber é a base da teoria freudiana sobre o inconsciente, após estudar os textos rabínicos e ser instruído em formas de comportamento hebreus. Em adulto, Freud rebela-se contra a sua forma de pensar e sentir, que permite usar o saber, mas sem prática. Para o ritual do

suficientes. Como já sabemos, são livros de sabedoria antiga, cultivada e oral inicialmente, por outras palavras, fruto da Experiência (relembro, o anteriormente referido, a [Mixná](#) (c. 200 d.C.), primeiro compêndio escrito da Lei Oral judaica e o [Guemará](#) (c. 500 d.C.), a discussão da Mixná e dos [escritos tanaíticos](#), exposta no [Tanakh](#)). É o que Lévi – Strauss denomina, a ciência do concreto (relembra-se que Freud e Lévi – Strauss foram educados na tradição judaica, donde, a leitura completa do Talmude e a sua análise fez parte da formação de ambos). A sua sabedoria advém destes textos, transformados mais tarde em Bíblia para os cristãos, mas o Talmude continua a ser uma escrita sempre renovada dos debates rabínicos, como o Torá ou comentários rabínicos ao decálogo. Esta não é uma simples frase, é o título do livro de Comentários Rabínicos ao Decálogo, que tem um primeiro título: *Las alas de la Torá*, escrito e comentado por Emiliano Jiménez Fernández, 1996, Editorial Desclée de Brouwer, Bilbao, Biblioteca Catecumenal, 178 páginas, também comigo em suporte de papel. Torna-se, penso eu, necessário um breve comentário sobre o Torá, o que farei de imediato, recorrendo ao meu conhecimento e a diversas ligações da internet, como por exemplo, <http://pt.wikipedia.org/wiki/Tor%C3%A1>. O dicionário que uso define Torá como tora (lei mosaica).

Torá (do [hebraico](#) תורה, significando *instrução, apontamento, lei*) é o nome dado aos cinco primeiros livros do [Tanakh](#) (também chamados de *Hamisha Humshei Torah*, הרות ישמיה השמה - *as cinco partes da Torá*) e que constituem o texto central do [judaísmo](#). Contém os relatos sobre a criação do mundo, da origem da humanidade, do pacto de [Deus](#) com [Abraão](#) e seus filhos, e a libertação dos filhos de [Israel](#) do [Egito](#) e sua peregrinação de quarenta anos até à terra prometida. Inclui também os mandamentos e leis que teriam sido dados a [Moisés](#) para que entregasse e ensinasse o povo de [Israel](#). Texto completo em: <http://pt.wikipedia.org/wiki/Tor%C3%A1>.

Bar-Mitzva¹⁰⁶, Freud teve de estudar o Talmude e saber as leis que o governam de cor e salteada. No livro de Jiménez Fernández, a título de exemplo, na página 23, define-se o que é ser homem e a sua masculinidade. Na página 29 define o que é um homem e o que é uma mulher. Diz o livro de Bem Sira¹⁰⁷: “*uma boa esposa é um bom presente para o marido, aposentar-se-á no seio do Deus temeroso (Sira, 26.3) Mas, repara, o que está escrito é a palavra “boa”. Uma má esposa é uma praga para o marido» «Uma esposa bela faz feliz o marido, e os seus dias duplicam-se.»*¹⁰⁸ (Sira 26,1; Sal. 1.1).

¹⁰⁶ Bar Mitzvah e Bat Mitzvah "Bar Mitzvah", significa literalmente “filho do mandamento”. "Bar" é filho em aramaico, que costumava ser a língua vernácula do povo judeu ([Jewish people](#).) "Mitzvah" é “mandamento”, seja em língua Hebraica ou em Aramaico. "Bat" é filha, em Hebreu e Aramaico. (A pronúncia [Ashkenazic](#), essa variante do judaísmo mais ortodoxa, é "bas"). Tecnicamente, o conceito define ao infante que advém a idade adulta, sendo estritamente correcto referir-se a alguém que está a completar a “ idade adulta de bar ou que está a ser um bar (ou bat) mitzvav”. Porém, é mais comum que o conceito seja usado para referir que tem chegado a idade da cerimónia em si: um rapaz está a chegar a adulto e está a passar pelo ritual de *bar mitzvav*.

De acordo com a lei judaica, as crianças não estão obrigadas a observar os mandamentos, apesar de serem encorajadas a respeitá-los, tanto quanto possível, para assim aprenderem as obrigações que vão surgir na idade adulta. Aos 13 anos, os rapazes e aos 12, as raparigas, ficam obrigados a observar os mandamentos. O cerimonial de *bar mitzvah* define formalmente a tomada de posse dos deveres e obrigações mandados pelo decálogo, acompanhado com os direitos e deveres adquiridos como adulto maior, dentro da vida social e religiosa ([religious services](#)). Ao fazer parte de um [minyan](#) (cerimónia com um número pequeno de pessoas para celebrar partes de rituais religiosos conduzidos), adquire-se capacidade para contratar, para testemunhar em julgamentos religiosos e o direito a casar.

O texto original, em inglês, <http://www.jewfaq.org/barmitz.htm>, de que fiz uma tradução livre, diz: Bar Mitzvah and Bat Mitzvah

"Bar Mitzvah" literally means "son of the commandment." "Bar" is "son" in Aramaic, which used to be the vernacular of the [Jewish people](#). "Mitzvah" is "commandment" in both Hebrew and Aramaic. "Bat" is daughter in Hebrew and Aramaic. (The [Ashkenazic](#) pronunciation is "bas"). Technically, the term refers to the child who is coming of age, and it is strictly correct to refer to someone as "becoming a bar (or bat) mitzvah." However, the term is more commonly used to refer to the coming of age ceremony itself, and you are more likely to hear that someone is "having a bar mitzvah."

Under Jewish Law, children are not obligated to observe the commandments; although they are encouraged to do so as much as possible to learn the obligations, they will have as adults. At the age of 13 (12 for girls), children become obligated to observe the commandments. The bar mitzvah ceremony formally marks the assumption of that obligation, along with the corresponding right to take part in leading [religious services](#), to count in a [minyan](#) (the minimum number of people needed to perform certain parts of religious services), to form binding contracts, to testify before religious courts and to marry.

¹⁰⁷ Ben Sira foi o autor do livro mãe dos deveres canónicos denominado [Sirach](#). O nome do autor poderá ter sido Shimon (Simon), filho de Yeshua (Jesus/Joshua), filho de Eleazar, filho de Sira[1]. No texto grego, o autor chama-se "Jesus o filho de Sirach de Jerusalem." (1.27) "Jesus" é a forma Anglicana para o nome grego *Ἰησοῦς*, equivalente ao [Hebrew Yeshua`](#) e ao mais antigo [Masoretic Hebrew Yehoshua`](#). Texto completo em: http://en.wikipedia.org/wiki/Ben_Sira.

¹⁰⁸ O texto está em castelhano, tomei a liberdade de o traduzir.

Ao lermos este texto, entendemos porque Freud, no seu citado livro de 1905, denomina de aberração as relações dentro do mesmo sexo. É, pois, a partir do seu ritual, ao tentar tratar das neuroses de mulheres sós, se não têm relações íntimas com um homem, justifica que as mesmas procuram afecto em doenças e tristeza de si próprias. Estes factos fazem-me pensar que Freud criou a psicanálise a partir do seu saber médico neurologista, mas não só. A sua formação no saber judaico, levou-o também a entender essas profundezas desconhecidas da mente humana. Ele próprio, durante muitos anos, passou em permanente introspecção, especialmente para preparar o seu Bat Mitzav. Se Freud e Durkheim ficaram fartos de rituais e aprendizagens de doutrinas divinas e de ministros rabínicos, é outro assunto. Ao estudar as suas vidas, sou capaz de reparar que a minha hipótese não era falsa. Por dois motivos. O primeiro, Durkheim declarou abertamente o seu ateísmo, passando a estudar apenas a estrutura da crença e os rituais dos crentes. Freud, fez o mesmo, como declara num texto, que passarei a citar, no entanto, antes, gostava de referir o segundo motivo: muitos de nós temos usado o saber teológico, canónico e doutrinal, como Freud e Durkheim, para nos entendermos a nós próprios, aos que analisamos e aos que partilham connosco a vida económica e social.

Freud recorre aos textos sagrados da sua religião, mas apenas à letra e não à essência do sentido de fé que tinha adquirido na sua infância, como Durkheim e Mauss. Como muitos dos sábios, Freud no seu texto *Ensaio de Psicologia Colectiva*¹⁰⁹, interpreta a religião como um fenómeno de neurose social. O que é o histerismo num indivíduo é a religião numa sociedade. Uma alucinação, uma perturbação de carácter obsessivo. Na religião, Freud só descobre o obscurantismo, a superstição, a tirania inquisitória, o dogmatismo, o mandamento reaccionário, a "ilusão" filosófica. O que mais tarde Marx, na época da sua juventude e rebelião contra o seu professor Friedrich Hegel, na *Critica da Filosofia do Direito de Hegel*, diz a religião é o ópio do povo¹¹⁰.

¹⁰⁹ Traduzidos do francês como: *Essais de psychanalyse appliquée*, incluem textos como: [Le Moïse de Michel-Ange](#) (1914) ; [La psychanalyse et l'établissement des faits en matière judiciaire par une méthode diagnostique](#) (1906) ; [Des sens opposés dans les mots primitifs](#) (1910) ; [La création littéraire et le rêve éveillé](#) (1908) ; [Parallèles mythologiques à une représentation obsessionnelle plastique](#) (1916) ; [Le thème des trois coffrets](#) (1913) ; [Quelques types de caractère dégagés par la psychanalyse](#) (1915-1916) ; [Une difficulté de la psychanalyse](#) (1917) ; [Un souvenir d'enfance dans Fiction et Vérité de Goethe](#) (1917) ; [L'inquiétante étrangeté \(Das Unheimliche\)](#) (1919) e [Une névrose démonique au XVIIe siècle](#) (1923). Textos acessíveis, em : http://classiques.uqac.ca/classiques/freud_sigmund/freud.html.

¹¹⁰ Marx, Karl, Engels, Friedrich, 1848: *Manifesto comunista*, em linha: <http://www.culturabrasil.pro.br/manifestocomunista.htm>. Em formato de papel: 1997, editado pela Oxford University Press, Reino Unido, páginas 221 a 247, *Karl Marx: Selected Writings*, editado por

Nos escritos de Freud, o Talmude é a base da sua interpretação dos sonhos¹¹¹. Mas não só, como o professor David Bakan, da Universidade de Chicago, ele próprio judeu, pretende provar que, em muitas das suas doutrinas fundamentais, Freud inspirou – se na tradição mística do seu povo. Especialmente, naquela que seguiu a Kabalá¹¹² e é esse tema da dialéctica de Freud com a religião que passamos agora a abordar.

David McLellan, texto em minha posse que sempre uso para este tipo de trabalhos. Ao falar extensamente sobre religião, filosofia e lei, os autores dizem: *Quando se fala de ideias que revolucionam uma sociedade inteira, isto quer dizer que, no seio da velha sociedade, formaram-se os elementos de uma nova sociedade e que a dissolução das velhas ideias marcha junto à dissolução das antigas condições de vida.*

Quando o mundo antigo declinava, as velhas religiões foram vencidas pela religião cristã; quando, no século XVIII, as ideias cristãs cederam lugar às ideias racionalistas, a sociedade feudal travava a batalha decisiva contra a burguesia então revolucionária. As ideias de liberdade religiosa e de liberdade de consciência não fizeram mais que proclamar o império da livre concorrência no domínio do conhecimento.

Sem dúvida, dir-se-á, as ideias religiosas, morais, filosóficas, políticas, jurídicas etc., modificaram-se no curso do desenvolvimento histórico, mas a religião, a moral, a filosofia, a política e o direito mantiveram-se sempre através dessas transformações. Além disso, há verdades eternas, como a liberdade, a justiça etc., que são comuns a todos os regimes sociais. Mas o comunismo quer abolir estas verdades eternas, quer abolir a religião e a moral, em lugar de lhes dar uma nova forma e isso contradiz todo o desenvolvimento histórico anterior. A que se reduz esta acusação? A história de toda a sociedade até aos nossos dias consiste no desenvolvimento dos antagonismos de classes, antagonismos que se têm revestido de formas diferentes nas diferentes épocas. Em 1844, ao criticar a Filosofia do Direito de Hegel, que era um homem religioso e tinha feito dos denominados jovens hegelianos homens religiosos também, ao mudar o sentido da História, Marx mudou também e na Introdução do seu texto sobre Crítica à Filosofia do Direito de Hegel, afirma: *O sofrimento religioso é, ao mesmo tempo a expressão de um sofrimento real e um protesto contra esse sofrimento real. A religião é o suspiro do oprimido, o coração de um mundo sem coração, o espírito de condições sem espírito. É o ópio do povo.* Retirado do texto em linha: <http://www.bopsecrets.org/CF/marx-hegel.htm>. O texto é de Marx, mas as palavras seguintes são minhas: esta foi a forma de se afastar do sentimento de fé, como Freud e Durkheim. No entanto, quatro anos mais tarde, essa rebelião juvenil passa a ser serenidade para analisar a história e usa os textos sagrados e da História, para escrever quer o Manifesto, quer *A ideologia Alemã*, ou ainda *a Crítica da Economia Política* ou *Grundrisse* de 1857-8, publicado postumamente em 1941, são as manifestações de querer remodelar o mundo. Como Freud e a sua pesquisa sobre o inconsciente ou Durkheim e os seus texto sobre o Socialismo e a sua história e desenvolvimento. A formação religiosa foi a base para descobertas racionais. Sem essas leituras, não teríamos mais conhecimento e mais sabedoria hoje em dia. Weber foi mais calmo: estudou católicos e protestantes, afastado de qualquer formação religiosa.

¹¹¹ “É tanta coisa que o Talmude fala sobre os sonhos e suas interpretações que vamos citar só a fonte e dar alguns exemplos: Tratado de *Brachót* (benções), capítulo 9, segmento “*HAROÊ*”. O motivo dos sonhos estarem neste tratado é que certos sonhos demanda a recitação de uma brachá logo ao despertar e o Talmude descreve ou discute que brachá deve ser recitada. Diz o Talmude, *as Brachót (bênções) existem porque tudo o que acontece no plano material tem uma origem espiritual. Assim, quando fazemos a brachá antes de comer uma fruta revelam a Divindade nela contida e somos recompensados por Hashem, por tê-lo feito. É por causa das brachot (benções) que devemos pronunciar após alguns sonhos que estes aparecem no tratado Talmudico que reza também sobre os sonhos.* O texto continua, com o título de: Os sonhos no Talmude ou de onde Freud tirou essa ideia, em: http://www.tropicasher.com.br/joomla/index.php?option=com_content&view=article&id=92:cronica-sonhos&catid=50:cat-cronica&Itemid=75.

Além da Kabalá, poder-se-ia também mencionar o movimento do Hasidismo¹¹³, seita pietista e entusiástica que se desenvolveu entre judeus polacos e silesianos, no século XVIII, com seguidores ainda hoje espalhados por Jerusalém, Nova York e S. Paulo. Distinguem-se pela maneira especial com que se vestem, sempre de preto e um estranho chapéu na cabeça, alimentam fortes tendências kabalísticas e sofrem uma indiscutível influência original do Gnosticismo hebraico. Freud teria herdado da própria família essas tendências hasídicas¹¹⁴.

Parece-me ter razão ao interpretar que a formação rabínica de Freud, ajuda a criar a sua teoria do inconsciente. Não somente a preparação para o seu Bar-Mitzav,

¹¹² Kabalá é a expressão da Torá das maneiras de como o mundo trabalha. A maioria das pessoas já ouviu uma ou outra coisa sobre a Kabalá. www.aishbrasil.com.br/new/artigo_kabala.asp.

¹¹³ Hasidismo está definido no texto central, retirado da conferência FREUD, “A KABALÁ E A MORTE DE DEUS”, publicada na Carta Mensal do Conselho Técnico da Confederação Nacional do Comércio – Edição Maio 2003 – Número 578 – Volume 49.

¹¹⁴ Esta parte do texto, sem comentários, está retirada, em parte da conferência acima citada: “A Kabalá é uma escola medieval do mais alto interesse, uma vez que configura a irrupção de correntes afectivas profundas, longamente recalcadas e sufocadas na fé essencialmente intelectualizada, legalista e moralista que é o Judaísmo da Diáspora – opondo-se assim ao racionalismo cerebral dos rabinos talmudistas com um apelo directo ao coração dos fiéis. Na visão mística do *Merkabah* – O “Trono de Deus” – a revelação penetra como uma luz ofuscante no âmago da emanção extravagante e especulativa do verdadeiro agraciado. É misticismo puro, é coração exaltado, paixão divina, transcendência. A doutrina hermética representaria uma contaminação da estrita obediência mosaica, legalista e ética, por uma corrente subterrânea de erotismo metafísico – movimento orientalizante em muitos pontos paralelo ao ocorrido no seio do próprio Cristianismo, como em São Francisco de Assis por exemplo, e revelando uma fonte comum, iraniana e helenística. Numa carta a Jung datada de 1909, Freud confirma “a natureza especificamente judaica de meu misticismo” Acrescenta Bakan estas ideias: a forma de interpretação adoptada por Freud segue linhas paralelas às directrizes tradicionais da literatura rabínica no *Talmud* e no *corpus* kabalístico, tal como figura no *Zohar*. A descodificação ou desconstrução de um texto criptográfico pelo método psicanalítico é do mesmo tipo do que a praticada pelos velhos rabinos ao analisarem, detalhe por detalhe e com a paciência de Job, as peripécias de um sonho. O próprio Freud faz referência a um texto de Salomão Jacob Almoli, *Pitron Chalomot*, de 1515, que versa o mistério dos sonhos e é típico da literatura rabínica medieval. No tratado *Berakoth*, já o simbolismo sexual é amplamente utilizado como método interpretativo. Se um homem sonha que está entornando azeite em cima de azeitonas, confessa que ultrajou a Mãe. Se sonha que um olho está beijando o outro olho, é porque ultrajou a irmã. No *Berakoth*, acentua Balkan, estão presentes a natureza profética dos sonhos, o carácter dos sonhos como satisfação compensatória de desejos e os jogos de palavras com trocadilhos maliciosos de secreto significado sexual, envolvendo um conflito entre “o bem” e “o mal”. Finalmente, indica claramente que a imagem sexual do coito simboliza o conhecimento: “conhecer” uma mulher é com ela ter relações amorosas.

Contraditoriamente, manter relações sexuais significa adquirir conhecimento. O simbolismo sexual representa uma tentativa dos Kabalistas para descrever a reunificação dos *sefiroth*, as “numerações” ou emanções da divindade cuja ruptura – representada por uma quebra dos vasos da harmonia original – explica o carácter imperfeito, sofredor e perverso da realidade mundana”.

Texto completo em:

<http://www.google.com.br/search?hl=pt-PT&sa=X&oi=spell&resnum=1&ct=result&cd=1&q=Freud,+a+Cabal%C3%A1+e+a+Morte+de+Deus&spell=1>.

bem como as suas leituras, mais aprofundadas, já em idade adulta, dos textos bíblicos antigos, especialmente o de Salomão Jacob, texto impossível de encontrar na Internet, por ser um documento Sefardita, isto é dos judeus de Espanha conquistados por Isabel I, a Católica de Castela, e o seu marido o Rei Fernando de Aragão, que perseguiram e mataram judeus para, como eles costumavam dizer, “limpar a raça”. Os que não foram expulsos foram para a fogueira, exilados ou, simplesmente, convertidos ao cristianismo. Denominados Cristãos Novos, não podiam ter alianças com os Cristãos Antigos (que passaram a ser designados por Cristãos Velhos), trazidos desde Segóvia para purificar o Sul de Espanha retirado da dominação dos mouros e dos judeus, que até essa altura conviviam em paz. A minha fonte é dupla: por um lado, documentos datados do século XV e pela história da minha própria família, levada pelos Reis Católicos desde Segóvia (Norte de Espanha) e enobrecidos. Os Grajera Molano, o nome mais antigo pelo lado da família da nossa Senhora Mãe, passaram a ser da Corte da Rainha até à morte da derradeira Grajera Molano, Maria, avó da nossa Senhora Mãe.

O que interessa perceber é como um médico procura o saber milenar do seu povo, especialmente no Talmude, para construir a sua teoria de interpretação dos sonhos. Embora, durante a minha pesquisa, não conseguisse localizar o texto de Salomon Jacom Almedi¹¹⁵, problema meu, importa é saber que Freud o leu e o usou na sua teoria do inconsciente. Há um outro texto antigo, judaico, também utilizado por Freud, o Tratado Berakoth¹¹⁶ ou Bracoft.

¹¹⁵ O texto é de 1515, de certeza, por ser Sefardita, o seu nome era falado de outra maneira, como Salomon-bem-Jacob, ou Shlomon-bem-Almeli, tenho tentado, sem sorte nenhuma, encontrar o texto Pitron Chalomot, de certeza em língua hebraica, língua que desconheço.

¹¹⁶ Brachot ([Hebraico](#): תוכרה, "Bênçãos") é o primeiro *masechet* ("tratado") do *Seder* ou Ordem de [Zeraim](#) ("Ordem das Sementes") da [Mishná](#), o primeiro grande texto da [Halachá](#) ou Lei Judaica.

Aborda primeiramente as regras relacionadas com as orações de [Shemá](#), a [Amidah](#), o [Birkat Hamazon](#) ("Bênção Depois das Refeições"), [Kidush](#) ("Santificação" do [Shabat](#) e [Festas judaicas](#)), [Havdalá](#) ("Separação" depois do Shabat e Festas) e outras bênçãos e rezas. É o único tratado de *Zeraim* que tem uma [Guemará](#) tanto no [Talmud Babilónico](#) como no [Talmud de Jerusalém](#). Texto em: [http://pt.wikipedia.org/wiki/Tratado_Brachot_\(Talmud\)](http://pt.wikipedia.org/wiki/Tratado_Brachot_(Talmud)).

Parece-me importante acrescentar: O plural de *tana* refere-se aos sábios rabínicos judeus cujas opiniões são gravadas na Mishná. Na história judaica, o período dos “Tanaim” é também referido como período mishnaico. Seguiu-se ao período dos *Zugot* ("pares") e foi precedido pelo período dos Amoraim. A raiz *tana* (אנת) é o equivalente [aramaico](#) para a raiz [hebraica](#) *shaná* (הנש) que é também a palavra raiz de "Mishná". O verbo *shaná* (הנש) significa literalmente "repetir [aquilo que se ensinou]" e é usado para indicar "aprender". Assim, eu diria, que a fonte da psicanálise, vem do facto de saber estudar e revisar. A psicanálise é mesmo essa actividade: revisar a vida do paciente, estudada por meio da teoria de Freud, Charcot, Breuer, Jung, Klein e outros mencionados. Os mais importantes para entender as crianças são, os

Interrogar-se-á o leitor do porquê destes textos sobre confissões religiosas nestas páginas. O motivo é simples, porque é essa confissão a que, simultaneamente, orienta a mente e é rival da teoria freudiana; teoria baseada apenas numa confissão, a confissão hebraica e, de entre todos os seus textos, no Talmude, como interpretador dos sonhos. Confissão usada por Freud não como fé, mas para saber e rever a consciência dos seus pacientes. Não que eu defenda que o Talmude seja a base do estudo dos sonhos para conhecer o inconsciente, mas considero-o uma parte importante para a organização da teoria freudiana, conjuntamente com o Tratado de Berakoft. Tratado, que neste contexto, tem apenas um dos vários significados atribuídos pelo dicionário que me auxilia na escrita, significando obra e não acordo para parar guerras¹¹⁷.

O sacramento da confissão era o melhor divã do analisado, especialmente a definida por Lutero no seu texto que cito em nota de rodapé. No entanto, Freud, recorreu à Mitologia Grega, bem mais real para interpretar a interação social do que os Mandamentos do Levítico¹¹⁸, escrito pelo Profeta Moisés.

ainda activos, Boris Cyrulnik, Françoise Dolto, Wilfred Bion, e, com uma actividade incrível, a minha correspondente Alice Miller.

¹¹⁷ Tratado: s. m., convénio; ajuste; aliança; contrato internacional; estudo ou obra escrita sobre qualquer matéria, em especial arte, ciência, investigação histórica, etc. adj., discutido; examinado.
em: http://www.priberam.pt/dlpo/definir_resultados.aspx.

¹¹⁸ Levítico é o terceiro livro da [Bíblia](#). Faz parte do [Pentateuco](#), os cinco primeiros livros bíblicos, cuja autoria é, tradicionalmente, atribuída a [Moisés](#).

É um dos livros do [Antigo Testamento](#) da [Bíblia](#) e possui 27 capítulos. Os [judeus](#) chamam-no Va-Yikra ou [Vaicrá](#) (*E chamou*). Basicamente é um livro [teocrático](#), isto é, o seu carácter é legislativo; possui, ainda, no seu texto, o ritual dos sacrifícios, as normas que diferenciam o puro do impuro, a lei da santidade e o calendário litúrgico e mais legislação que regularia a [religião](#). Livro que contém as leis de Deus **Os Dez Mandamentos** ou o **Decálogo**, nome dado ao conjunto de [leis](#) que, segundo a [Bíblia](#), teria sido originalmente escrito por Deus em tábuas de pedra e entregue ao profeta [Moisés](#) (as *Tábuas da Lei*). As tábuas de pedra originais foram quebradas, de modo que, segundo [Êxodo](#) 34:1, [Deus](#) teve de escrever outras. Encontramos primeiramente os Dez Mandamentos em [Êxodo](#) 20:2-17. É repetido novamente em [Deuteronomio](#) 5:6-21, usando palavras similares.

Decálogo significa *dez palavras* (Ex 34,28). Estas palavras resumem a Lei, dada por Deus ao povo de Israel, no contexto da [Aliança](#), por meio de Moisés. Este, ao apresentar os mandamentos do [amor](#) a Deus (os quatro primeiros) e ao próximo (os outros seis), traça, para o povo eleito e para cada um em particular, o caminho duma vida liberta da escravidão do [pecado](#).

Sobre sacrifícios, pureza e outros assuntos relacionados com a adoração de [YHVH](#).

A história de *O Decálogo*, pode ser consultada em: http://pt.wikipedia.org/wiki/Dez_Mandamentos, e a de *O Levítico*: <http://pt.wikipedia.org/wiki/Lev%C3%ADtico>.

A Mitologia grega tem a virtualidade de ter deuses que transitam a seres humanos e seres humanos que são deuses também. Basta ler textos como *A Ilíada*¹¹⁹ e a *Odisseia*¹²⁰, ou, entre outros, o mito de Édipo¹²¹ para entendermos parte dessa

Textos todos traduzidos por Martin Luther para língua alemã. Pela primeira vez na vida, o povo duro e cru tinha acesso a textos que orientavam a vida. No Século IV da nossa era, o eremita denominado São Jerónimo traduziu a Bíblia do Grego, Latim erudito e do Aramaico para o Latim Vulgar ou Vulgata. [São Jerónimo de Strídon, santo cristão](#), eremita tradutor da [Bíblia](#) para [latim](#) falado pelo povo (a [Vulgata](#)). Por outras palavras, fez um serviço à religião. História em: http://pt.wikipedia.org/wiki/S%C3%A3o_Jer%C3%B4nimo

O conceito religião é definido como: A Religião (do [latim](#): "*religio*" usado na Vulgata, que significa "prestar culto a uma divindade", "ligar novamente", ou simplesmente "religar") pode ser definida como um conjunto de [crenças](#) relacionadas com aquilo que a [humanidade](#) considera como [sobrenatural](#), [divino](#), [sagrado](#) e [transcendental](#), bem como o conjunto de [rituais](#) e [códigos morais](#) que derivam dessas crenças. A palavra [portuguesa](#) *religião* deriva da palavra [latina](#) *religio*, mas desconhece-se ao certo que relações estabelece *religio* com outros vocábulos. Aparentemente, no mundo latino anterior ao nascimento do cristianismo, *religio* referia-se a um estilo de comportamento marcado pela rigidez e pela precisão. Informação completa em: <http://pt.wikipedia.org/wiki/Religi%C3%A3o#Etimologia>. Jerónimo foi o grande "tradutor e exegeta da Bíblia, presbítero e Doutor da Igreja, nasceu na Dalmácia em 340, e mereceu ser conhecido como escritor, filósofo, teólogo, retórico, gramático, dialéctico, historiador exegeta e doutor, como ninguém nas sagradas escrituras". História toda em: <http://www.veritatis.com.br/article/712>

¹¹⁹ A *Ilíada* (do grego *ΙΛΙΑΟΣ* - *ILIADOS*, na [transliteração](#)) é um [poema épico](#) grego que narra os acontecimentos ocorridos no período de pouco mais de 50 dias durante o décimo e último ano da [Guerra de Tróia](#), cuja génese radica na cólera (μῆνις, *mênis*) de Aquiles. O título da obra deriva de um outro nome grego para [Tróia](#), Ílion.

A *Ilíada* e a *Odisseia* são atribuídas a [Homero](#), que se julga ter vivido por volta do [século VIII a.C.](#), na [Jônia](#) (região actualmente integrada na [Turquia](#)), e constituem os mais antigos documentos literários gregos (e ocidentais) que chegaram até aos nossos dias. Ainda hoje, contudo, se discute a sua autoria, a existência real de Homero, ou se as duas obras teriam sido compostas pela mesma pessoa. Texto completo em: <http://pt.wikipedia.org/wiki/Il%C3%ADada>.

¹²⁰ *Odisséia* ([português brasileiro](#)) ou *Odisseia* ([português europeu](#)) (em [grego](#), *Ὀδύσσεια*, [Transliteração](#) *Odýsseia*) é um dos principais [poemas épicos](#) dos [antigos gregos](#). Foi composta em 24 [cantos](#) e é atribuído, tal como a *Ilíada*, a [Homero](#). Teria sido escrito provavelmente no fim do [século VIII a.C.](#), em algum ponto da [Jônia](#), região situada na costa da actual [Turquia](#), habitada então por [gregos](#)^[1].

O poema é parte fundamental do [cânone ocidental](#), e continua a ser lido hoje em dia, tanto no [grego homérico](#) em que foi escrito quanto em [traduções](#) para os mais diversos idiomas do mundo. A obra foi composta e transmitida oralmente, na tradição local, cantada por um [aedo](#) (talvez um [rapsodo](#)^[2]). Os detalhes da antiga execução oral do poema e a sua conversão para o formato [escrito](#) têm despertado um debate contínuo entre os estudiosos. A *Odisséia* foi escrita num [dialeto](#) "poético" do [grego antigo](#), que não pertence a qualquer região geográfica, e compreende 12.110 linhas de [versos](#) em [hexâmetro dactílico](#). Entre os elementos mais notáveis do texto está a sua [trama](#) não linear e o facto de que os acontecimentos são mostrados como sendo igualmente influenciados tanto pelas escolhas feitas por mulheres e servos quanto pelas acções dos heróis. O termo "odisseia" veio a servir, na maioria dos idiomas ocidentais, para definir qualquer tipo de viagem ou jornada épica. Texto em: <http://pt.wikipedia.org/wiki/Odiss%C3%A9ia>.

¹²¹ É na base deste mito que Freud baseia a sua interpretação da pulsão de parricida, amor erótico para a mãe, ciúmes filiais para o pai: quem ama o seu objecto do desejo, a sua mãe, a mulher do seu pai. Etapa que, na sua teoria, todo o ser humano vive na sua infância, ultrapassada na vida adulta, apesar de existir uma permanente proximidade ao amor edipiano ao longo da vida de todo o ser humano. Define com estas

mitologia. Esta riqueza mitológica faz-nos pensar de imediato, e de forma correcta, como o processo da psicanálise nasceu antes da nossa era, pela capacidade de ver o real dos Helenos Clássicos¹²². O Mito de Eros, base da teoria da psicanálise, juntamente com o conceito de Thanatos usados por Freud para definir os dois extremos da vida: a paixão do homem e o fim da sua vida.

Em grego, Eros significa desejo incoercível dos sentidos. Personificado, é o deus do amor. O mais belo entre os deuses imortais, segundo Hesíodo, Eros dilacera os membros e transtorna o juízo dos deuses e homens. Dotado, como não poderia deixar de ser, de uma natureza vária e mutável, o mito do deus do amor evoluiu muito, desde a era arcaica até à época alexandrina e romana, isto é, do século IX A.D.C. ao século VI D.C. Nas mais antigas teogonias, como se viu em Hesíodo¹²³, Eros nasceu do Caos, ao

ideias uma carga pesada de levar. O mito pode ser lido em: <http://www.franciscanos.net/portugues/livres5.htm>. Em meu entender, há muito uso do conceito edipiano nas nossas curtas vidas, sobrecarregando-a, como, aliás, está definido no conceito de resiliência criado por Cyrulnik: o complexo de Édipo faz a nossa passagem pelo mundo, pesada e injusta. A *capacidade de construção humana*, faz de nós seres capazes de iludir esses mitos gregos introduzidos, desnecessariamente, nas nossas vidas. Especialmente na actualidade, porque os mais novos adquirem a independência muito cedo na vida, governada pela teoria (neoliberal) económica. Somos nós os pais, nos tempos que correm, quem se deve desamamentar da necessidade de ter os filhos sempre por perto e procurar alternativas de adulto maior, com outras pessoas da nossa era cronológica pessoal. O dito Complexo de Édipo ou é para os pais, habituados ao *Quarto Mandamento* de Igreja Católica e de outras confissões cristãs, ou do Islão, ou para crianças que sofrem o facto desses ciúmes, como o caso citado anteriormente, de Alice Miller.

¹²² O texto de Lazlo António Ávila, analista do Núcleo de Psicologia Hospitalar de São Paulo, que trabalha com crianças e tem escrito livros sobre como as tratar, em: <http://www.google.com.br/search?hl=pt-PT&q=Lazlo+Antonio+%C3%81vila%2C+biografia>, em 2002, escreveu um artigo, que uso para sustentar a minha hipótese, intitulado “Psicanálise e mitologia grega”, publicado na Revista *Pulsional rev. psicanál.*; 14/15(152/153): 7-18, dez. 2001-jan. 2002, onde se lê: “*Os mitos são o nada que representa tudo. A psicanálise deve demais aos gregos, principalmente para a sua mitologia. Os mitos são a Cornucópia onde Freud encontrou inúmeros de seus principais protótipos, desenvolvidos em suas brilhantes metáforas, e base para inúmeros conceitos centrais da psicanálise. Neste artigo nosso objectivo é descrever os seguintes mitos psicanalíticos: o Édipo, o Falo e a Castração, a Horda Primitiva, as Protofantasias, a Cena Originária, o Narciso, a Pulsão, Eros, Tânatos, e finalmente, o Inconsciente, o verdadeiro eixo mítico da psicanálise (AU)*”. Este texto pode ser lido em: <http://bases.bireme.br/cgi-bin/wxislind.exe/iah/online/?IsisScript=iah/iah.xis&src=google&base=LILACS&lang=p&nextAction=lnk&exprSearch=477182&indexSearch=ID>.

¹²³ Pela sua importância individual e da literatura grega, que encantou Freud e outros analistas, além de estudiosos da Grécia Clássica, Historiadores, Linguistas, Semióticos e Etnopsicólogos, como eu, parece-me que uma nota deve ser introduzida para elucidar o leitor. A literatura grega da antiguidade desenvolveu-se desde o início da difusão do emprego da escrita, por volta do século VIII antes da nossa era. Período da maior importância para a história das letras ocidentais divide-se nas épocas arcaica (até o fim do século VI antes da nossa era), clássica (séculos V e IV antes da nossa era) e helenística e greco-romana (a partir do século III antes da nossa era). Antes da utilização da escrita para fins literários, os gregos já faziam poesia para ser cantada ou recitada. Os seus temas eram os mitos, em parte lendários, baseados na memória difusa de eventos históricos, além de um pouco de folclore e de especulação religiosa primitiva. Os mitos, porém, não se vinculavam a qualquer dogma religioso e, embora muitos fossem deuses ou grandes heróis mortais, não eram

mesmo tempo que Geia e Tártaro¹²⁴. Não falo mais de mitologia, porém, não posso deixar de salientar a importância da obra de Hesíodo para a psicanálise.¹²⁵

autoritários e podiam ter o seu perfil alterado por um poeta que desejasse expressar novos conceitos. Assim, bem cedo, o pensamento grego começou a progredir, na medida em que os poetas reelaboravam as suas fontes. A esse estágio inicial, denominado época arcaica, pertencem os épicos – A Ilíada e A Odisseia – atribuídos a Homero, que recontam histórias entremeadas de mitos da época micénica. Os recursos da poesia didáctica grega, podem ser lidos em <http://www.priberam.pt/dlpo/dlpo.aspx>. Os vários tipos de poesia lírica grega surgiram no período arcaico entre os poetas das ilhas do mar Egeu e da Jónia, no litoral da Anatólia. Arquíloco de Paros, século VII antes da nossa era, foi o primeiro poeta grego a usar a elegia de uma forma mais pessoal. Suas formas e padrões métricos foram imitados por uma sucessão de poetas jónicos. No começo do século VI, Alceu e Safo criaram seus poemas no dialecto eólico da ilha de Lesbos e foram mais tarde adaptados por Horácio para a poesia latina. A estes seguiu-se Anacreonte de Teos, na Jónia, que também compôs em dialecto jónico. A lírica coral, com acompanhamento musical, pertencia à tradição dórica. Informação completa em: <http://www.brasilescola.com/literatura/literatura-grega.htm>. Para completar a informação, direi apenas que: A civilização micénica é uma civilização pré-helénica do Heládico recente (final da [Edad del Bronce](#)). O seu nome deriva da vila de [Micenas](#), situada no [Peloponeso](#). Parte desta nota é do meu saber, parte está definida em: http://es.wikipedia.org/wiki/Civilizaci%C3%B3n_mic%C3%A9nica.

¹²⁴ Para quem queira saber mais sobre este tema, há um texto excelente na Internet, em: <http://flaviasilva.wordpress.com/2008/05/14/eros-cupiado-deus-grego-do-amor-mitologia-grega/>

¹²⁵ Hesíodo (em [grego](#), Ἡσίοδος - Hēsíodos, na [transliteração](#)), foi um [poeta](#) da [Grécia Antiga](#). Nasceu, viveu e faleceu em Ascra, no fim do [século VIII a.C.](#) O leitor, ainda que não helenista, é capaz de se interessar na síntese que passo a escrever, entre palavras minhas e de um texto encontrado na minha pesquisa, para sintetizar a ideia que levou Freud a usar os mitos helénicos, para teorizar o que depois passou a ser a psicanálise. Hesíodo *assina* a sua obra para fazer uma história pessoal. Após exaltar as Musas que o inspiram, diz-nos, no início da sua obra *Teogonia* ou [genealogia](#) dos [deuses](#), através de um poema: "*Foram elas que, certo dia, ensinaram a Hesíodo um belo canto, quando ele apascentava suas ovelhas ao pé do Hélicon divino*".

O conteúdo desse canto é a origem dos deuses. Os velhos [mitos](#) constituem o ponto de partida, Hesíodo entrelaça-os e enriquece-os traçando uma [genealogia](#) sistemática das [divindades](#). As ideias de que seres individuais constituem o [universo](#) e estão vinculados por sucessivas procriações deriva da [Teogonia](#). Nesta obra, há um esforço de pensamento racional que é sustentado pela [causalidade](#) e isso abrirá caminho para [cosmogonias](#) filosóficas posteriores. Primeiro teve origem o [Caos](#), em seguida a [Terra](#) e o [Amor](#) (Eros), que é o criador de toda a vida. Do *Caos* surge a sombra, constituída por um par: [Érebo](#) e a [Noite](#). Da sombra também surge outro par: o [Éter](#) e a [Luz](#) (do dia). *Terra* dará nascimento ao céu, às montanhas e ao mar. Em seguida, é apresentado o nascimento dos filhos da luz, dos filhos da sombra e da descendência da *Terra* até ao momento do nascimento de [Zeus](#) e do triunfo sobre seu pai, [Cronos](#). A *Teogonia* enumera três gerações de deuses: a do *Céu*, a de Cronos e a de Zeus (esta geração é a dos olímpicos).

A interpolação dos episódios de [Prometeu](#) e de [Pandora](#) na sequência da *Teogonia* (retomados em *Os trabalhos e Os Dias*), justifica a condição humana. O primeiro, roubou o fogo divino para dá-lo aos homens e isso atrai a ira de Zeus, que o condena à tortura de ter o fígado eternamente devorado por uma ave. Para os mortais, o castigo foi menor: é determinada a criação de um ser à imagem e semelhança das deusas imortais que dará um presente em nome dos olímpicos aos mortais. [Epimeteu](#), irmão de Prometeu, recebe o presente e, ao abri-lo, deixa escapar todas as mazelas do mundo, conseguindo aprisionar apenas a esperança. Roubo mítico que faz parte dos delírios reais de perseguição que Freud tratou para curar. Note-se que, para ser parte da sua teoria, esses mitos foram, certamente, estudados por Freud. O mito é um fenómeno cultural complexo que pode ser encarado de vários pontos de vista. Em geral é uma narração que descreve e retrata, em linguagem simbólica, a origem dos elementos e postulados básicos de uma cultura. A narração mítica conta, por exemplo, como começou o mundo, como foram criados os seres humanos e os animais e a origem de certos costumes e formas das actividades humanas. Os que Freud usa, entre outros, para teorizar e curar mentes doentes, são mitos relacionados com o mundo do simbólico: a relação entre o universal e o singular em psicanálise. Para além das minhas palavras, há uma

Como é usado o mito de Eros por Freud, e, conseqüentemente, pelos seus discípulos? Parece-me ser da seguinte forma: Eros (em [grego](#): "Ἔρως" transliteração para o latim "érōs") é o amor apaixonado, com desejo e atracção sensual. A palavra moderna grega "erotas" significa "o amor (romântico)". [Platão](#), mais tarde refina e desenvolve a sua própria definição. Essa refinação é mel para um estudioso dos mitos gregos, ao preencher a sua informação. Embora o Eros seja sentido inicialmente por uma pessoa, com contemplação transforma-se em apreciação da beleza dentro dessa pessoa, ou transforma-se mesmo em apreciação da própria beleza. [Platão](#) não pleiteia a atracção física como uma parte necessária para o amor, daqui o termo "amor platónico" significar "sem atracção física". [Platão](#) diz que Eros também nos recorda a beleza da alma, contribuindo para uma melhor compreensão da verdade espiritual. Os amantes e todos os filósofos são inspirados a dizer a verdade por Eros, deus do amor. O trabalho mais antigo e famoso sobre o tema Eros é o [Simpósio](#)¹²⁶ de [Platão](#)¹²⁷, que aborda uma

voz autorizada que define o conceito: **mito** [do [grego antigo](#) μῦθος ("mithós")] é uma [narrativa](#) tradicional com carácter explicativo e/ou simbólico, profundamente relacionado com uma dada cultura e/ou religião. O mito procura explicar os principais acontecimentos da vida, os fenómenos naturais, as origens do Mundo e do Homem por meio de deuses, semi-deuses e heróis (todas elas são criaturas sobrenaturais). Pode-se dizer que o mito é uma primeira tentativa de explicar a realidade. Ao mito está associado o [rito](#). O rito é o modo de pôr em acção o mito na vida do Homem (ex: cerimónias, danças, orações, sacrifícios...), ver: <http://pt.wikipedia.org/wiki/Mito>.

Mito de origem e mito do herói na constituição subjectiva; Prometeu e Sísifo: a repetição como destino; Narciso e o mundo contemporâneo; Édipo e Hamlet: o universo trágico e a relação entre o atemporal e o temporal na clínica psicanalítica; Apolo e Dionísio: vida e morte em psicanálise. A ideia é minha, mas fui orientado para esta parte da minha análise pelo curso proferido por Pedro Luiz Ribeiro de Santi, psicanalista e professor da COGEAE PUC-SP ou Universidade Católica de São Paulo e da Escola Superior Psicologia Médica, no Brasil. Para detalhes, veja-se: <http://www.sinprorp.org.br/Cursos/2007/233.htm>. O interessante desta citação é saber quais os mitos usados e o seu objectivo.

Os mitos gregos são parte da cultura do ocidente, pelo que os seus símbolos são parte do nosso pensamento, saibamos ou não. Freud estava cientificamente obrigado a conhece-los, para entender a mente humana. Se o leitor quer saber mais, pode ler o texto em: <http://pt.wikipedia.org/wiki/Hes%C3%ADodo#Obra>

¹²⁶ C.390, o *Simpósio* é um texto de diálogo de Platão, que forneceu a Freud diversas classificações do amor. O comentário diz: Ironicamente, tanto o epónimo desta forma de amor – Platão – quanto os já referidos Sócrates e Ficino – falavam do amor como uma espécie de amizade pedagógica, mas também tinham especial predilecção sexual por jovens do sexo masculino. Os três possuíam este afecto puro pelos discípulos, mas nutriam interesse erótico por rapazes. O conceito de **amor platónico** surge, assim, num contexto em que se debatia a pederastia (homossexualidade) mundana contra o amor filosófico puro (castidade), decorrentes da visão contida nos escritos de Platão (Simpósio, Fedro, etc.). Os filósofos da Idade Média retiraram lições do *Simpósio* de Platão e acrescentaram esta ideia: Levando-se em conta a definição actual do **amor platónico**, existe um paradoxo quando se leva em consideração a vida e os ensinamentos desses filósofos. Platão e os demais não ensinaram que a relação de um homem com um rapaz deveria possuir o interesse erótico, mas sim que o desejo pela beleza (em si mesma) do jovem deve

ser o fundamento da amizade e amor entre ambos. Mas, reconhecendo que o desejo erótico do homem pelo jovem desvia as energias, é sábio resistir e opor-se o *Eros* (amor) de sua expressão sexual, canalizando-se as forças para as esferas intelectuais e emocionais. Texto completo em: http://pt.wikipedia.org/wiki/Amor_plat%C3%B4nico.

¹²⁷ Contrariamente de Sócrates, que era filho do povo, Platão nasceu em Atenas, em 427-347 antes da nossa era, filho de pais aristocráticos e abastados, de antiga e nobre prosápia. Temperamento artístico e dialéctico – manifestação característica e suma do génio grego – deu, na mocidade, livre curso ao seu talento poético, que o acompanhou durante a vida toda, manifestando-se na expressão estética dos seus escritos; isto prejudicou, sem dúvida, a precisão e a ordem do seu pensamento, tanto assim que várias partes de algumas das suas obras não têm verdadeira importância e valor filosófico. Platão foi quem mais se baseou em *Eros*, para a sua obra. Na *República* (c.386), faz *Eros* interferir no funcionamento da parte apetitiva da alma. A sua actuação é destacada como negativa, pois vem associada à tirania dos sentidos. Platão cria a sua *Paideia*, palavra grega (p a i d e i a), (de paidos - p a i d o s - criança) que significava simplesmente "criação dos meninos". Mas, como veremos, este significado inicial, está muito longe do elevado sentido que mais tarde adquiriu. Platão define *Paideia* da seguinte forma "(...) a essência de toda a verdadeira educação ou *Paideia* é a que dá ao homem o desejo e a ânsia de se tornar um cidadão perfeito e o ensina a mandar e a obedecer, tendo a justiça como fundamento". Sobre *Paideia*, ver: <http://www.google.com.br/search?hl=pt-PT&q=A+Paideia+de+PLat%C3%A3o&btnG=Pesquisar>

No *Banquete*, de que é o tema central, *Eros* é objecto de vários elogios, mas o elogio propriamente filosófico vem de Sócrates pela boca da mulher de Mantinéia, a sábia Diotima. É neste texto que Freud se baseia para falar da sexualidade como elo central dos comportamentos. No diálogo, *O Banquete*, Platão escreve: “aqueles que foram um corte do andrógino, tanto o homem quanto a mulher, procuram o seu contrário. Isto explica o amor heterossexual. E aquelas que foram o corte da mulher, o mesmo ocorrendo com aqueles que são o corte do masculino, procurarão unir-se ao seu igual”. Aqui Platão apresenta uma explicação para o amor homossexual feminino e masculino, tratando-o como natural ou normal. Quando estas metades se encontram, sentem a mais extraordinária emoção de amizade, intimidade e amor, a ponto de não quererem mais separar-se, e sentem a vontade de se fundirem novamente num só. Esse é o nosso desejo ao encontramos a nossa cara-metade.

O amor para Platão, como para Aristófanes, é portanto, o desejo e a procura do tudo perdido por causa da nossa injustiça contra os deuses. Em: http://pt.wikipedia.org/wiki/O_Banquete

No texto *Fedro* há dois discursos sobre o amor, tratado aí como uma forma de delírio. No primeiro discurso, o amor é um mal, um jogo ímpio, no segundo, um jogo sagrado, uma possessão divina pela qual nos elevamos acima de nós mesmos (265 e seguintes). Nesse diálogo Platão faz a crítica à retórica do seu tempo, que considera mera rotina, e que deseja substituir pela retórica filosófica, isto é, pela dialéctica (265 b-c). Se a retórica é uma forma de conduzir a alma de quem ouve o discurso, uma *psicologia* ou palavras usadas sempre com dez *letras*, a retórica verdadeira deve ter como objecto a alma, a qual deverá persuadir. Então, deve saber o que ela é e como se compõe. Ora, a alma humana busca a soberana beleza, que contemplara antes da encarnação. Seu bem é atingir esse ideal, é pelo Amor que ela encontra o seu caminho. A educação do homem livre é retórica na medida que o ensina a proferir um discurso belo, não para agrado dos sentidos, mas belo porque verdadeiro e justo.

O paralelismo com o *Banquete*, como se verá, está nessa ideia de que o amor é um agente educativo, e que a aspiração à verdade e ao ser é impulsionada pelo amor e por ele activada (cf. *Banquete* 209 a-e; cf. *Fedro* 277 a-e). Os textos de Platão têm datas diferentes, pela arrumação efectuada aos textos que se encontravam espalhados entre Atenas, Siracusa e outros sítios.

Se o Bem, o Belo e o Justo são o nosso destino (277e, 278a), o Amor inspira-nos um éden, um objectivo, eternamente voltado para eles. O filósofo vive amoroso delírio nessa caça ao Bem, ao Belo e ao Justo. Não é outro o sentido das palavras de Diotima, no *Banquete* (210 a-e; 211 c). A *República* parece ter sido escrita em 386, *Fedro* em 361 e *O Banquete*, em 399. Fonte: a minha pesquisa.

discussão entre professores e estudantes de [Sócrates](#) sobre a natureza de Eros. O termo [erótico](#) é derivado de Eros¹²⁸.

Eros também pode ser definido como a atracção para a perfeição ou integridade, e é usado para descrever a satisfação entre o homem/mulher e o homem/deus. Ideias que levaram Freud a escrever, em 1923, sobre os sentimentos de vida – Eros e morte – Tanatos. Esse texto transmite-nos, entre outras, a seguinte ideia: o [ego](#) procura inserir no inconsciente as influências do mundo exterior, para que o [id](#) ou o *isto* seja capaz de suportar os sofrimentos e abusos desse mesmo mundo, substituindo assim o princípio da realidade pelo do prazer, que reina de forma irrestrita no *id* da mente humana. Isto acontece porque as percepções do *ego* ou *eu*, arrasam a mente com a realidade e o *id* transforma-as em instinto. O *Eu* representa a razão e senso comum, ao contrário do *id*, que está preenchido de paixões¹²⁹.

O saber das crianças é um saber livre que passa por uma estrutura da mente que Freud soube descobrir ao longo de muitos anos de experiências e análises. Existe todo um aparelho de processos mentais que retém esse saber, como pode ser lido nos textos de 1920¹³⁰ e o já citado de 1923, *O Ego*¹³¹ e o *Id*¹³², texto que define estes dois conceitos.

¹²⁸ O conceito erótico, é definido pelo dicionário em linha que uso, como: do Lat. *eroticu* < Gr. *erotikos*, relativo do amor adj., relativo ao amor físico, ao prazer sensual; lascivo; sensual; lúbrico. em: http://www.priberam.pt/dlpo/definir_resultados.aspx.

¹²⁹ A análise é parte de extractos dos textos de Freud, traduzidos para inglês, revistos pelo autor. Tenho feito uma tradução livre do inglês: “*the ego seeks to bring the influence of the external world to bear upon the id and its tendencies, and endeavours to substitute the reality principle for the pleasure principle which reigns unrestrictedly in the id. For the ego, perception plays the part, which in the id falls to instinct. The ego represents what may be called reason and common sense, in contrast to the id, which contains the passions*”. Página 450 do texto *The Essentials of Psychoanalysis* (Freud, S. 1986) Várias outras citações em: <http://www.mdx.ac.uk/WWW/STUDY/xfre.htm#FREUD,S.1923/EGO>.

¹³⁰ O texto original, em inglês, foi traduzido para francês e pode ser lido em: “[Au-delà du principe du plaisir](#)” (1920). Tradução francesa do analista Dr S. Jankélévitch, efectuada em 1920, revista por Freud no ano da tradução. *Texte téléchargeable*, assim como *The Ego and the Id*, traduzido como, “[Le moi et le ça](#)” (1923). Traduzido para francês pelo analista Dr S. Jankélévitch, em 1923, revisto por Freud no ano da tradução. *Texte téléchargeable*.

¹³¹ Para Freud, o ego é o que apresenta o mundo exterior para o [id](#) (“Ego and the Id” 708). Por outras palavras, o ego representa e reforça o princípio da realidade – [reality-principle](#), enquanto o [id](#) se importa apenas com o princípio do prazer ([pleasure-principle](#)). Enquanto o ego, orienta a mente para perceber o mundo do real, o [id](#) orienta os sentimentos para os ([instincts](#)) instintos internos; assim como o ego está associado com a razão e a sanidade mental, o [id](#) distrai a mente com paixões. Contudo, o ego nem sempre

Contudo, para entender melhor o saber das crianças, é preciso definir *Id* com mais precisão. A teoria da personalidade de Freud, é importante para compreender esse processo de ensino – aprendizagem que tenho definido antes, permitindo explicar o que as crianças sabem e como aprendem. Donde, como diz a teoria psicanalítica da personalidade, o *Id* é a parte da personalidade organizada da energia psíquica inconsciente, que age para satisfazer desejos urgentes básicos do ser humano: as suas necessidades e os seus desejos. O *Id* trabalha na base do princípio do prazer, que procura a gratificação imediata das necessidades humanas. O texto original está escrito em Alemão da Áustria, traduzido para inglês no mesmo ano da sua publicação, a tradução para português foi efectuada por mim, para este texto. Para ser mais depurado quanto ao inquérito sobre o saber das crianças citá-lo-ei, em nota de rodapé¹³³, no texto original inglês. No entanto, e no seguimento desta análise sobre o saber das crianças, torna-se necessário clarificar o conceito *Id*, não teoricamente, mas etimologicamente, ou seja, qual a origem da palavra que Freud usou para essa pequena parte do inconsciente que em nós manda. Para começar, *id* é uma palavra latina na terceira pessoa neutra, pronome demonstrativo em terceira pessoa: isto, para mostrar um facto sem mais referências, nomear o género do ser humano, que em inglês é “it”, em francês é “ça”, como tem sido traduzido no texto citado anteriormente, e em alemão é “es”. Para melhor entender recorro directamente à teoria de Freud, a partir da observação sobre

é capaz de distinguir completamente o eu – mesmo do [id](#), pelo que, o ego é, de facto, uma parte do id (Freud nem sempre distingue o desenho da mente entre ego e o [id](#)). Poder-se-ia afirmar que o ego é uma defesa contra os ataques do [superego](#) e a sua habilidade de ser capaz de orientar o indivíduo para a inacção, ou o suicídio como resultado de uma mente culposa. Às vezes, Freud representa ou descreve o ego como uma orientação em permanente luta para defender os indivíduos de três perigos ou senhores da vida: da realidade do mundo externo, da libido do id e da severidade do superego (*Ego and the Id*, 1923, página 716, *Obras Completas de Freud*, já citadas). O texto está em inglês, mas fiz uma tradução. O original é transferido para a nota de rodapé seguinte.

¹³² O texto original em alemão, diz na versão inglesa: “*For Freud, the ego is "the representative of the outer world to the [id](#)" ("Ego and the Id" 1923). In other words, the ego represents and enforces the [reality-principle](#) whereas the [id](#) is concerned only with the [pleasure-principle](#). Whereas the ego is oriented towards perceptions in the real world, the [id](#) is oriented towards internal [instincts](#); whereas the ego is associated with reason and sanity, the [id](#) belongs to the passions. The ego, however, is never able fully to distinguish itself from the [id](#), of which the ego is, in fact, a part, which is why in his pictorial representation of the mind Freud does not provide a hard separation between the ego and the [id](#). The ego could also be said to be a defence against the [superego](#) and its ability to drive the individual subject towards inaction or suicide as a result of crippling guilt*”. Freud sometimes represents the ego as continually struggling to defend itself from three dangers or masters: "from the external world, from the libido of the id, and from the severity of the super-ego" (*Ego and the Id*, 1923, página 716). Pode-se ler em: <http://www.cla.purdue.edu/academic/engl/theory/psychoanalysis/definitions/ego.html>.

¹³³ Texto em inglês, diz: “*According to Freud's psychoanalytic theory of personality, the id is the personality component made up of unconscious psychic energy that works to satisfy basic urges, needs, and desires. The id operates based on the pleasure principle, which demands immediate gratification of needs*”. Pode ser lido em: http://psychology.about.com/od/iindex/g/def_id.htm.

certas doenças psíquicas, é levado a afirmar *que o psiquismo humano não se limitava à zona consciente que se podia conhecer através da introspecção. Os desejos, pulsões, fantasias e mesmo pensamentos e comportamentos tinham origem numa zona não conhecida do psiquismo – o inconsciente.*

É sobre o inconsciente que Freud centra toda a sua atenção, não só como a zona mais importante do psiquismo como “ o próprio psiquismo” A vida psíquica do indivíduo é composta por duas partes principais: a consciente e a inconsciente. A primeira é secundária, insignificante e pequena, o que alguém sabe a respeito de si não tem importância. A segunda, parece ser um conjunto de fenómenos psíquicos provisórios ou definitivamente inacessíveis à consciência. Entre a parte consciente e a inconsciente há a chamada pré-consciente, área temporariamente inconsciente, mais ou menos disponível.

Enquanto o pré-consciente designa os conteúdos momentaneamente lactentes o termo inconsciente é reservado a representações que estão permanentemente fora do alcance da consciência.

Assim, as recordações penosas, fantasias, medos, pulsões e desejos sexuais constituem o material dominante do inconsciente, devido ao seu carácter dinâmico, influenciam de forma determinante o comportamento. O objectivo da psicanálise freudiana é trazer à percepção consciente lembranças ou pensamentos reprimidos, que se supunha ser a fonte do comportamento anormal do paciente¹³⁴.

Por outras palavras, o saber das crianças passa pelo *crivo* ou *coador* da sua estrutura de personalidade, avaliação que pode demonstrar se a criança é ou não capaz de entrar no processo de ensino – aprendizagem. Análise da estrutura de personalidade ou observação, palavra usada por mim com as metáforas de *crivo* ou *coador*, mais materiais que o abstracto conceito de avaliação ou observação dessa sua capacidade de conseguir ou não entrar nessa inaudita mente do “isto” ou “id” por não tornar consciente lembranças ou pensamentos reprimidos. Para ensinar, é necessário entender a estrutura da mente humana, da forma definida por Freud¹³⁵. Não apenas trespassar a

¹³⁴Texto completo, em: <http://www.forumsplash.org/forums/archive/index.php/t-47112.html>.

barreira do conhecimento ou desconhecimento, é preciso aceder à consciência do ser humano para poder curar efeitos de abuso emotivo ou sexual, ou saber travar a parte mais difícil de entender, o *isto* da mente. Explicar o conceito *Id* ou *isto* em português, com as minhas palavras, é de grande risco. Parece-me mais simples ir à fonte dos conceitos. Diz Freud: Em *outros textos*¹³⁶ já tinha formulado e definido a opinião qual a diferença real entre uma representação inconsciente e uma representação pré-consciente ou ideia. A ideia ou representação pré-consciente parece-me ser uma associação de matérias ou saberes não reconhecidos pela consciência, mas exprimidos

¹³⁵ Estrutura definida no texto de 1923 como: [Le moi et le ça \(es\)](#) [Le moi, le sur-moi et l'idéal du moi](#), escrito em francês a partir do original, em inglês, de 1923, "The Ego and the Id" <http://www.sinpropr.org.br/Cursos/2007/233.htm>, revisto pelo autor. O leitor poderá aceder ao texto em: http://www.uqac.quebec.ca/zone30/Classiques_des_sciences_sociales/index.html.

¹³⁶ *Das Unbewusste, ou O Inconsciente*, em português, publicado na « Internationale Zeitschr. fur Psychoanalyse », III, 1915, traduzido para português e acessível em: <http://www.cfh.ufsc.br/~wfil/laplanche.htm> e « Sammlung Kleiner Schriften zur Neurosenlehre » ou *From the History of an Infantile Neurosis*, em: <http://www.google.com.br/search?hl=pt-PT&q=Collection+of+Short+Contributions+to+the+Doctrine+of+the+Neuroses%29%3A+Fourth+series.+By+S.+FREUD.+Leipzig+and+Vienna%3A+Heller+%26+Co.%2C+1918.+Pp.+717&btnG=Pesquisa+do+Google&aq=f&oq=>, a *História de uma neurose infantil* e outros trabalhos, podem ser lidos em: <http://www.scribd.com/doc/4564387/Vol-17-Historia-de-uma-neurose-infantil-e-outros-trabalhos>. Estes textos integram as obras completas de Freud, anteriormente citadas. O da História de uma neurose infantil está na 4ª série e é datado de 1918; o do Inconsciente, também definido em: *Au-delà du principe du plaisir*, data de 1920 e foi traduzido do alemão pelo analista Dr. S. Jankélévitch, no mesmo ano, tradução revista pelo próprio autor: *Beyond the pleasure principle*, em: http://www.uqac.quebec.ca/zone30/Classiques_des_sciences_sociales/index.html, publicado na obra *Ensaio de Psicanálise*, edição reimpressa em Paris : Éditions Payot, 1968, (pp. 7 à 82), 280 páginas, na Coleção *Petite bibliothèque Payot*, n° 44, que começa pela hipótese seguinte: "A teoria psicanalítica admite sem reservas que a evolução dos processos psíquicos está orientada pelo princípio do prazer. Dito de outra forma, pensamos enquanto psicanalistas, que perante uma tensão desagradável ou triste, a luta é, pelo menos, pela substituição dessa tensão desagradável por uma agradável". Retirado do texto citado, quer a tradução do texto central, quer a nota de rodapé, em: http://classiques.uqac.ca/classiques/freud_sigmund/essais_de_psychanalyse/Essai_3_moi_et_ca/Freud_le_moi_et_le_ca.doc#le_moi_et_le_ça_2. O texto em francês diz: «J'avais déjà formulé ailleurs l'opinion d'après laquelle la différence réelle entre une représentation inconsciente et une représentation préconsciente (idée) consisterait en ce que celle-là se rapporte à des matériaux qui restent inconnus, tandis que celle-ci (la préconsciente) serait associée à une représentation verbale. Première tentative de caractériser l'inconscient et le préconscient autrement que par leurs rapports avec la conscience. A la question : « Comment quelque chose devient-il conscient ? On peut substituer avec avantage celle-ci : « comment quelque chose devient-il préconscient ? » Réponse : grâce à l'association avec les représentations verbales correspondantes».

A nota de rodapé do texto, também em francês, diz: *La théorie psychanalytique admet sans réserves que l'évolution des processus psychiques est régie par le principe du plaisir. Autrement dit, nous croyons, en tant que psychanalystes, qu'elle est déclenchée chaque fois par une tension désagréable ou pénible et qu'elle s'effectue de façon à aboutir à une diminution de cette tension, c'est-à-dire à la substitution d'un état agréable à un état pénible*, em :

http://www.uqac.quebec.ca/zone30/Classiques_des_sciences_sociales/index.html.

em palavras. As representações verbais são, porém, ideias que representam o real associado a conceitos verbais. A representação inconsciente parece-me consistir em matérias desconhecidas da **mente cultural**¹³⁷. É uma associação de matérias ou saberes não reconhecidos pela consciência por serem conceitos não definidos no saber infantil, mas que, contudo, podem ser expressos em palavras que têm um significado diferente do conteúdo do conceito. Esse conteúdo das palavras de facto exprimem uma associação de temáticas ou saberes, não são reconhecidos pelo consciente por ser uma imitação, ou como se diz vulgarmente “*palavras caras*”, mas representação material que obrigam a designar o objecto.

A diferença real entre essa representação inconsciente e uma representação pré-consciente ou ideia consiste na representação inconsciente de matérias desconhecidas pela *mente cultural*. No pré-consciente, as representações estão associadas a uma representação verbal, entendida bem ou mal. É uma primeira tentativa de Freud para caracterizar o inconsciente e o pré-consciente, por meio metafórico ou figurado da associação com a consciência ou a vida consciente. A pergunta que, certamente se faria, se fosse vivo o nosso analista analisado nestas linhas, seria: *Como é que qualquer coisa se converte em consciente?* essa pergunta pode ser substituída de forma mais clara por outra: *como é que algum assunto passa a ser pré-consciente?* A resposta é: *devido à associação de ideias com as suas respectivas representações verbais, correctas ou não.*

Estas representações verbais são traços *mnémicos*¹³⁸ retiradas de percepções com a capacidade, como acontece em todos os traços *mnémicos*, de se tornarem

¹³⁷ Figuração mental de um objecto ou facto.

¹³⁸ O conceito Mnémico ou mnésico usado por Freud advém da mitologia grega. Os helenos davam especial atenção aos processos do saber. Criavam deuses para todo o tipo de actividade social. A memória era importante por isso Mnemosyne foi criada. O texto postado na net por Tânia Maria Netto a 10 de Março de 2003 comenta: **Memória e Mitologia Grega**, <http://fotolog.terra.com.br/memory:2>. Os antigos gregos consideravam a memória algo divina. De facto, a mitologia grega reservou um lugar especial para essa capacidade cognitiva na figura de Mnemosyne, a deusa da memória e controladora do tempo. Mnemosyne era filha de Urano, deus do céu e das estrelas e de Gaia, deusa da Terra. Casada com Zeus, o rei dos deuses, Mnemosyne foi mãe de 9 musas que protegiam todas as artes e ciências. A deusa memória dava aos poetas e adivinhos o poder de voltar ao passado e de lembrá-lo para a colectividade. As nove filhas ou musas de Mnemosyne (a Memória) e Zeus, além de inspirarem os poetas e os literatos em geral, os músicos e os dançarinos e mais tarde os astrónomos e os filósofos, também cantavam e dançavam nas festas dos Deuses olímpicos, conduzidas pelo próprio Apolo. As Nove Musas são: [Calíope](#), [Clio](#), [Erato](#), [Euterpe](#), [Melpômene](#), [Polímnia](#), [Terpsícore](#), [Tália](#), e [Urania](#). Mnemosyne – aquela que preserva do esquecimento seria a divindade da enumeração vivificadora frente aos perigos da infinidade, que na cosmogonia grega aparece como um rio, o Lethe, um rio a cruzar a morada dos mortos (o de “letal” esquecimento), o [Tártaro](#), e de onde “as almas bebiam água quando estavam prestes a reencarnar, e por isso esqueciam sua existência anterior”. Na época romana elas ganharam atribuições específicas: Calíope era a musa da poesia épica, Clio da História, Euterpe da música das flautas, Erato da poesia lírica, Terpsícore da dança, Melpomene da tragédia, Talia da comédia, Polímnia dos hinos

conscientes. Antes de abordarmos a análise da sua natureza, uma hipótese irrequieta impõe-se na nossa inspiração: não parece possível passar a ser consciente o que antes já existia como estado de percepção consciente ; porém, além dos sentimentos, tudo o que existia antes pode tornar a ser consciente ao transformar-se numa percepção externa, transformação apenas possível se acontecer que os traços *mnémicos*¹³⁹ sejam resíduos que favoreçam a lembrança. Essas representações verbais ou resíduos de lembranças eram antes percepções e, como todos os resíduos **mnésicos**, podem-se tornar conscientes de novo se são bem trabalhados pelo analista permitindo penetrar no saber das crianças, que eu domino por processo de ensino – aprendizagem. Se assim não for, podem constituir pontos de fixação e perturbar o processo de recuperação das memórias¹⁴⁰.

Se o saber das crianças é uma análise do processo *ensino – aprendizagem* definido por mim, ao querer-mos entrar nesse processo, parece-me necessário não apenas ultrapassar essa barreira do nada saber, no primeiro dia de vida, nesse minuto em que se começa a aprender. Apesar da opinião de Bion, comentada antes, é preciso ultrapassar também todas as barreiras do inconsciente. Gostava de reafirmar as minhas

sagrados e Urânia da astronomia. Para saber mais, pode aceder a: <http://neurociencia.tripod.com/mnemosine.htm#Musas>, texto de Kury, Mário da Gama. (1990). *Dicionário de Mitologia Grega e Romana*. Jorge Zahar Editor Ltda. Rio de Janeiro, RJ, pp. 405.

¹³⁹ Conceito usado por Freud nas versões alemãs e na tradução francesa revista e aprovada por ele, palavra grega, que definirei um pouco mais à frente. A citação em português, foi traduzida por mim do francês que diz: «Première tentative de caractériser l'inconscient et le préconscient autrement que par leurs rapports avec la conscience. A la question : « Comment quelque chose devient-il conscient ? On peut substituer avec avantage celle-ci : « comment quelque chose devient-il préconscient ? » Réponse : grâce à l'association avec les représentations verbales correspondantes.

Ces représentations verbales sont des traces mnémiques: elles furent jadis des perceptions et peuvent, comme toutes les traces mnémiques, redevenir conscientes. Avant que nous abordions l'analyse de leur nature, une hypothèse s'impose à notre esprit : ne peut devenir conscient que ce qui a déjà existé à l'état de perception consciente; et, en dehors des sentiments, tout ce qui, provenant du dedans, veut devenir conscient, doit chercher à se transformer en une perception extérieure, transformation qui n'est possible qu'à la faveur des traces mnémiques».

¹⁴⁰ Texto debatido com o docente em Educação Especial, Doutor José Manuel Filipe, cujo original diz: *Traço mnésico é uma marca deixada por uma informação no sistema nervoso central que pode ser permanente ou temporária*, retirado de: http://pt.wikipedia.org/wiki/Tra%C3%A7o_mn%C3%A9sico ou Mnésico adj. (fr. mnésique; ing. mnemic). Relativo à memória. Ex: ausência mnésica. V. Amnésico. Fonte: [CLIMEPSI](http://www.climepsi.pt), em: http://medicosdeportugal.saude.sapo.pt/action/10/glo_id/10661/menu/2/. O debate estendeu-se ao psicanalista, proprietário da Climepsi, meu querido amigo, João Cabral Fernandes. Definição e objectivos da Cooperativa de Livros de Medicina e Psicanálise, em: <http://www.climepsi.pt/quem-somos>

hipóteses: além da religião como lógica de cultura, todo o progenitor, especialmente docente, precisa possuir ideias da teoria do inconsciente.

Como digo noutros textos meus¹⁴¹, normalmente, compara-se o inconsciente com os buracos negros descobertos originalmente por Einstein¹⁴² em 1916, teoria aprofundada pelo meu antigo colega e companheiro de mesa em Cambridge, Steven Hawking¹⁴³. Texto onde falo dos cientistas e dos analistas citados mais em baixo. Diz Hawking que se compara, demasiadas vezes, o inconsciente com a teoria dos buracos negros, por não se saber o que é possível encontrar dentro deles. Esta noção do inconsciente, a partir do dia em que a psicanálise ([psicoanálisis](#)) passou a adquirir um significado preciso de terapia que cura perturbações emotivas ao diferenciar o subconsciente do consciente. A diferença básica entre estes dois conceitos elaborados por Freud (subconsciente e consciente), é que o conteúdo deles pode ser, pelo método associativo, tornado consciente ou pode ser reposto de novo na ([consciência](#)) consciência pela vontade do sujeito analisado ou por outros meios, como pela terapia

¹⁴¹Iturra, Raúl, 2008: *Ensaios de Etnopsicologia da Infância. Proferidos como aulas em 2006-2007*, 165 páginas, ainda sem editor.

¹⁴² A teoria na net pode ser lida em:

<http://www.ime.usp.br/~cesar/projects/lowtech/ep2/penrose/buraco.html>

¹⁴³ Steven Hawking, Catedrático em Matemática, professor do Caius College, em Cambridge, com apenas 40 anos de idade foi-lhe detectada esclerose múltipla progressiva ou [esclerose lateral amiotrófica](#) (ELA) que, entre nós, em Portugal, matara, aos 53 anos, o Patriota José Carlos Afonso, conhecido por Zeca Afonso, um dos libertadores da ditadura portuguesa. Steven, ainda vivo e produtivo, revê a sua teoria dos buracos negros ou Black Holes, definido em: <http://www1.folha.uol.com.br/folha/ciencia/ult306u12208.shtml>, tem ultrapassado todas as ameaças e prognósticos de morte. Brevemente, este Emeritus Professos, um exemplo para todos nós, deverá deixar de trabalhar. A sua biografia pode ser lida em: http://pt.wikipedia.org/wiki/Stephen_Hawking. Os principais campos de pesquisa de Hawking são [cosmologia teórica](#) e [gravidade quântica](#). No ano de 1971, em colaboração com [Roger Penrose](#), provou o primeiro de muitos [teoremas de singularidade](#); tais teoremas fornecem um conjunto de condições suficientes para a existência de uma [singularidade](#) no [espaço-tempo](#). Este trabalho demonstra que, longe de serem curiosidades matemáticas que aparecem apenas em casos especiais, são uma característica genérica da [relatividade geral](#). Hawking pensa que, após o [Big Bang](#), os [primordiais](#) ou [miniburacos negros](#) foram formados com Bardeen e Carter, propondo assim as quatro [leis da mecânica de buraco negro](#), fazendo uma analogia com a [termodinâmica](#). Em 1974, calculou que os [buracos negros](#) deveriam, termicamente, criar ou emitir [partículas subatômicas](#), conhecidas como [radiação Hawking](#), além disso, também demonstrou a possível existência de mini buracos negros. Hawking, concomitantemente, participou nos primeiros desenvolvimentos da teoria da [inflação cósmica](#), no início da década de 80, com outros físicos como [Alan Guth](#), [Andrei Linde](#) e Paul J. Steinhardt, teoria que tinha como proposta a solução dos principais problemas do modelo padrão do *Big Bang*. O [asteróide 7672 Hawking](#) foi assim chamado, em sua homenagem. Tudo em: http://pt.wikipedia.org/wiki/Stephen_Hawking.

Após estas leituras, já não estou tão certo se a metáfora do texto central é válida. Mas, quer no inconsciente e a sua teoria, quer na teoria dos *Black Holes*, ainda há muito por saber, pelo que a metáfora persiste.

em grupo à Bion ou confrontar-se com os factos à Klein e à Miller. Todas estas terapias colaboram na recuperação de conteúdos do inconsciente passando-os à consciência.

Na teoria da personalidade freudiana¹⁴⁴ o inconsciente é o oculto – um outro da consciência – bem como a "verdadeira realidade" do psíquico, realidade relacionada funcionalmente com as noções de repressão e [resistência](#). O maior problema é definir o conteúdo destes conceitos, bem como da consciência. Vivemos num mundo onde a resistência faz parte da vida. Na época do nosso analisado Freud, denominada vitoriana, porque sim, já que de empatia simpática pouco tinha e de ética ainda menos, havia um comportamento privado pouco amável e um outro público de muita simplicidade, eticamente aprovado. O meu amigo Hawking, foi capaz de viver apesar da sua doença (esclerose múltipla), criar os seus filhos, criar instrumentos para poder comunicar com os outros, aceitar o abandono da sua mulher. Steven marcou um ponto aprofundado na sua resistência. Ainda hoje, já Professor Emérito continua a pesquisar, o seu consciente não é reprimido pelo seu inconsciente, bem pelo contrário: o inconsciente fornece-lhe dados para ir sempre em frente. Como eu com as minhas “gallalias”, que não encontrava, mas sabia existirem e bruxuleava para as encontrar, da mesma forma que Hawking descobre conteúdos dentro dos buracos negros que Einstein apenas soube identificar, sem neles entrar. O próprio [Freud](#) forneceu algumas respostas, num primeiro

¹⁴⁴A teoria da personalidade de Freud está definida em vários textos, especialmente nos dois referidos antes : *Le moi le ça*, de 1923 e no *Au-delà du principe du plaisir*, de 1920. Mas, para os mais leigos, o curso de Freud, de 1916, passado a livro, pode ajudar à sua elucidação: *Introduction à la psychanalyse* (Leçons professées en 1916).

Traduzido do alemão, com a autorização e revisão do autor, pelo analista Dr. S. Jankélévitch, em 1921, pode ser lido em:

http://classiques.uqac.ca/classiques/freud_sigmund/intro_a_la_psychanalyse/intro_psychanalyse_1.doc.

São dois cadernos com anexos, iniciando Freud com a seguinte frase: “*Penso ser o meu dever supôr que não é sabido por vós que a psicanálise é uma metodologia médica para curar pessoas que sofrem de doenças nervosas*”, a versão francesa diz: «Je dois toutefois supposer que vous savez que la psychanalyse est un procédé de traitement médical de personnes atteintes de maladies nerveuses». Também no seu texto de 1901: [Psychopathologie de la vie quotidienne. Application de la psychanalyse à l'interprétation des actes de la vie quotidienne](#), passado a livro, em Paris, revisto pelo autor, reeditado pelas Edições Payot, 1975, 298, pp., na colecção *Petite bibliothèque Payot*, nº 97. A versão francesa (1901) pode ser lida em:

http://classiques.uqac.ca/classiques/freud_sigmund/psychopathologie_vie_quotid/Psychopahtologie.doc

Define-se **personalidade** a tudo aquilo que distingue um indivíduo de outros [indivíduos](#), ou seja, o conjunto de características [psicológicas](#) que determinam a sua [individualidade](#) pessoal e social. A formação da personalidade é um processo gradual, complexo e único a cada indivíduo. O termo deriva do grego *persona*, com significado de *máscara*, designava a *personagem* representada pelos [atores teatrais](#) no [palco](#). O termo é também [sinónimo](#) de [celebridade](#). Pode-se definir também personalidade por um conceito dinâmico que descreve o crescimento e o desenvolvimento de todo o sistema psicológico de um indivíduo. Uma outra definição de personalidade passa por considerá-la como: a organização dinâmica interna daqueles sistemas psicológicos do indivíduo que determinam o seu ajuste individual ao ambiente. Mais claramente, pode-se dizer que é a soma total de como o indivíduo interage e reage em relação aos demais. Sobre esta temática, consulte-se <http://pt.wikipedia.org/wiki/Personalidade>.

momento, definiu o inconsciente como o reprimido, em 1915, no seu [texto](#) *O Inconsciente*¹⁴⁵. Mais tarde, altera a sua hipótese ao defender que o conteúdo do inconsciente representava as pulsões de vida e morte. O [conceito](#) de pulsão substituiu a clássica ideia de instinto, sendo o conceito inconsciente uma noção limite entre o somático e o psíquico. Conteúdos exprimidos em forma de “fantasia”, “textos imaginários”; fantasias e textos imaginários ligados ao conceito de pulsão, conceitos que se podem identificar como uma verdadeira encenação do “desejo”¹⁴⁶. No entanto, os factos da cronologia histórica têm desmentido que o inconsciente seja um repressor. O inconsciente é o amigo da razão que não descansa até não saber o porquê dos factos, acordados ou em sonhos. Os sonhos são a fantasia do Talmude, mas ao mesmo tempo e como o Talmude diz, aos que o entendem, a fantasia sem razão faz parte da realidade, quer dizer, desse dia-a-dia que nos leva a encontrar soluções para os problemas materiais. A título de exemplo, diria que Einstein, Hawking e pessoas como eu, pensamos com a razão, criamos ideias, que o consciente não apenas permite, bem como se apoia no inconsciente para ver a luz no fim do túnel. A pulsão não é uma falta de instinto, eu diria que é dinamizadora de actividades criativas, como tão bem provam Cyrulnik, Bion, Klein e Miller.

Freud costumava dizer que os conteúdos do inconsciente pretendem aceder à consciência por meio das denominadas *transformações de compromisso*, ou seja, aparecem de formas disfarçadas em sonhos, lapsos, actos falidos, etc. Os sonhos são um dos principais objectos do estudo psicanalítico. Eles são [mensajes subliminales](#) do inconsciente, os lapsos e os actos falidos. São [acciones](#) impensadas que acontecem na vida quotidiana (erros de escrita ou de fala), factos de irrupções ilógicas dentro da racionalidade do dia-a-dia. São da ordem do inconsciente que, acrescentaria eu, o consciente consegue transformar. Quando acontece um engano ao dizer uma palavra por

¹⁴⁵ Texto citado antes e que, mais uma vez reitero, pode ser lido em: <http://www.cfh.ufsc.br/~wfil/laplanche.htm>

¹⁴⁶ *Para entender a relação psicanálise e felicidade precisamos resgatar alguns dos seus conceitos e categorias. O primeiro deles é o desejo. O desejo é humano, demasiadamente humano. O desejo (Der Wunsch), tal como é entendido pela psicanálise, não é a mesma coisa que necessidade. Enquanto a necessidade é um conceito biológico, natural, implicando uma tensão interna que impele o organismo para uma determinada direcção, no sentido da procura da redução dessa tensão ou satisfação, logo, a auto conservação (ex.: necessidade de fome, então procuramos comida), o desejo, sendo de ordem puramente psíquica, é desnaturado e como tal pertence à ordem simbólica. Enquanto a necessidade é biológica, instintiva e busca objectos específicos (comida, água, etc.) para reduzir a tensão interna do organismo, o desejo não implica uma relação com esses objectos concretos, mas sim, com o fantasma ou fantasia. Ou seja, “o fantasma é, ao mesmo tempo, efeito do desejo arcaico inconsciente e matriz dos desejos actuais, conscientes e inconscientes.*

Texto completo em: http://www.espacoacademico.com.br/059/59esp_limafregonezzi.htm

outra (lapso), a psicología afirma que é o que realmente se queria dizer, os lapsos estariam a falar de um conflito (conflicto) interno. É assim que os sonhos e a associação livre (o primeiro que aparece na mente, em sucessão aparentemente casual) são o elo da análise (análisis) terapêutica.

Certos factos da vida quotidiana, demonstram claramente a presença desse *outro eu*, como quando nos encontramos em casa e um dos nossos filhos aparece a gritar de um canto da mesma para nos assustar. Reagimos de imediato com um salto para pôr distância entre ele e nós. Somente, após alguns segundos, reparamos que não é nenhuma ameaça para a nossa integridade. Essa primeira reacção é um reflexo quase automático, como se o nosso inconsciente se tivesse adiantado à nossa consciência, tomando a iniciativa dos nossos actos¹⁴⁷. Até parece ser uma resposta, em palavras comuns, do sistema nervoso central¹⁴⁸ ao perigo existente, real ou não.

3. Haverá uma terceira via?

Questão que coloco após pensar e estruturar toda a pesquisa em torno da primeira via, o denominado seio bom, definido por Melanie Klein, citada no início deste texto¹⁴⁹. O seio bom dá esse agir directo do indivíduo com a sua ascendência. Normalmente, a vida social acontece dentro de uma relação directa entre ascendentes e descendentes, entre pais e filhos, em geral uma relação afectiva positiva e directa. O que infelizmente, nem sempre acontece, por ter de passar pelo entendimento de toda a

¹⁴⁷ O texto, da minha autoria, *Mis Camélias*, 2008, editado por Monografias.com, pode ser lido em: <http://www.monografias.com/trabajos5/incon/incon.shtml?relacionados> ou <http://www.monografias.com> ou www.monografias.com. As palavras castelhanas têm sido conservadas por corresponderem a nota de rodapé ou a ligação para outro texto.

¹⁴⁸ Em anatomia, chama-se **sistema nervoso central** (S.N.C.), ou **neuroeixo**, ao conjunto do encéfalo e da medula espinhal dos vertebrados. Forma, junto com o sistema nervoso periférico, o sistema nervoso, e tem um papel fundamental no controle dos sistemas do corpo. Mais informação em: http://pt.wikipedia.org/wiki/Sistema_nervoso_central

¹⁴⁹ Para lembrar o leitor, excertos do texto podem ser lidos em: http://www.estantevirtual.com.br/livro/15600043/Melanie_Klein_Inveja_e_Gratidao_Estudo_das_Fontes.html

organização da estrutura da personalidade, como tem sido analisado por mim, ao estudar Klein, Freud¹⁵⁰, e Miller¹⁵¹.

Mas, não basta, para entender o saber da criança, entrar na sua estrutura de personalidade, como vimos até agora. Diria mesmo que há um contexto social que conforma a mente da criança. Esse contexto passa pela análise da vida pública.

A primeira via, foi definida como sendo os pais dos mais novos; a segunda, os seus substitutos, analistas, docentes, parentes, vizinhos e amigos. Porém, além dos mais próximos, existe uma terceira via: o contacto paroquial ou comunal, a cidade, a vila, a Nação, o Estado. Sítios em que moram seres humanos que impingem saberes orientam a vida social e acabam por ser legisladores. Contexto denominado Soberania Nacional que acaba por configurar também a mente cultural infantil, todavia, em minha opinião, é um elo necessário à análise para o estudo do, por mim denominado, processo de ensino – aprendizagem. Por outras palavras, a análise da vida sócio – política que nos governa deve também ser materializada.

Bem sabemos que o meu grande amigo Tony Giddens¹⁵² tem falado do caminho do meio ou da Terceira Via: comunista, conservadores e social-democratas ou terceira via na interacção político-social. Terceira via que triunfa na vida social. Uma terceira via que, ao que parece, tem também sucesso na observação do jovem e da criança. Uma

¹⁵⁰ Lembram-se as ligações previamente citadas neste texto, como por exemplo: http://en.wikipedia.org/wiki/The_Ego_and_the_Id ou http://classiques.uqac.ca/classiques/freud_sigmund/freud.html, obras completas de Freud.

¹⁵¹ Entre outros, *O drama da criança bem dotada*, como os pais podem formar ou deformar, texto que pode ser lido em: http://books.google.com.br/books?id=fpGqnZq4FH0C&pg=PA109&lpg=PA109&dq=Textos+de+Alice+Miller&source=bl&ots=gZbYNIyw33&sig=PrNFzFKbl26bEY5TEXRhPgxr9bc&hl=pt-PT&sa=X&oi=book_result&resnum=5&ct=result. Para mim, a lembrança mais importante é *The Natural Child Project*, em: <http://www.google.de/search?hl=pt-PT&q=Alice+Miller+The+Natural+Child+Project&btnG=Pesquisa+do+Google> *The Natural Child Project*, Alice Miller Library. A visão deste programa, do qual faço parte, representa um mundo onde todas as crianças são tratadas com dignidade, respeito e simpatia. Apesar de gostar da frase, não é minha. Foi retirada da ligação ao programa: <http://www.gurteen.com/gurteen/gurteen.nsf/id/alice-miller-library>. A sua obra está em: http://www.naturalchild.com/alice_miller/index.

¹⁵² Giddens, Anthony, 2000: *The third way and its critics*, Polity Press, Cambridge. Sítio de debate: <http://www.google.pt/search?hl=pt-PT&q=Anthony+Giddens+The+third+way+and+its+critics&btnG=Pesquisar&meta>. Comentário relacionado a sociedade das crianças. Esta ideia alternativa da terceira via – nem direita nem esquerda na vida política, passou a centro de debate em todo o mundo. A liderança política na Grã-bretanha, nos Estados Unidos da América, na Europa, na Ásia e na América Latina afirmam estar a seguir esses princípios. Porém, a noção não só é criticada, como é, por diversas pessoas, considerada oca e sem conteúdo real. Outros, como os críticos da esquerda mais tradicional, afirmam ser uma traição aos ideais anteriores.

terceira via um tanto confusa como resultado da social-democracia. A social-democracia desenvolveu o caminho para a mulher ser chefe do lar e tomar o rol masculino da sedução. Essa que a sua descendência observa. A mãe manda, a mãe trabalha, a mãe define, a mãe fixa as horas e o homem cala. É mandado calar. É atingido pela sua dificuldade de poder acarinhar. Essa terceira via recém aparecida para a mulher, envia o homem para a segunda via: ver, ouvir e calar. A emotividade doce e belicosa é assunto das mães, essa emotividade que faz cócegas e toma nas suas mãos os afazeres do lar e o cuidado da criança. Especialmente em países marianos, como tenho definido Portugal noutros textos. Países onde não há Redentor, apenas a sua mãe, dentro do mito da Igreja Romana Pontificada por um Polaco primeiro, um Alemão a seguir, esses denominados Papas que definem em palavras proferidas e em palavras escritas, os deveres das mulheres, dos homens e das crianças e a sua interacção, num texto denominado catecismo. Texto ditado pelo Pontífices¹⁵³, o mais recente de 1992, que nos artigos 4 a 5, páginas 471 a 478, diz: *o papel dos pais na educação é de tal importância, que é impossível substituí-los, ou antes o Pai das misericórdias quis que a aceitação, por parte da que Ele predestinara para Mãe, precedesse a Encarnação, para que, assim como uma mulher contribui para a morte ainda, também outra mulher contribuísse para a vida*¹⁵⁴. Podemos, pois, concluir que a terceira via da família parece ser a via que a cultura social do grupo anda a espalhar pelos costumes. As mães ficam em primeira fila e os pais, mais atrás. Porque se o Chefe dos chefes de Governo dos fieis romanos, espalhados pelo mundo Ocidental, manda a mulher ser a salvadora dos homens, estes seres masculinos não têm mais palavra a dizer que não seja o da educação dentro de ideias predefinidas ao longo de séculos e analisados os seus resultados por tantos cientistas, que acaba por existir uma maneira de ser que coloca o masculino na segunda via e o feminino dentro da via moderna ou terceira via. Por outras palavras, e Freud diz, o agir masculino no homem ou na mulher é relegado, enquanto o feminino,

¹⁵³Do Lat. *Pontífice* s. m., dignitário eclesiástico, ministro do culto de uma religião; por extenso patriarca, bispo, prelado; o papa; fig. chefe de um sistema ou de uma escola; o indivíduo mais respeitável de certas classes.

¹⁵⁴ *Catecismo da Igreja Católica*. Sítio do livro e debate sobre a sociedade em que vivem os mais novos, com um pensamento estruturado pelos textos e, apesar dos tabus neles definidos, sofrem o mencionado abuso, em: <http://www.google.pt/search?hl=pt-PT&q=Catecismo+da+Igreja+Cat%C3%B3lica&btnG=Pesquisar&meta=>

também no homem ou na mulher, é salientado ao ponto de fazer desse agir o comportamento de uma rainha que acaba por mandar em todos nós, desde que saiba ser feminina, isto é, amar, acarinhar, mandar, dizer. Saber ouvir e saber dizer. Ideologia cultural difícil para um homem aceitar, contra a qual não protesto apesar de ter passado a ser uma segunda via. Bem pelo contrário, penso que já era tempo de homem e mulher serem iguais, como tenho definido num artigo publicado no jornal em que escrevo. Essa primeira via que, como falei no começo, nunca foi completada, nunca foi acabada¹⁵⁵. De homem, tenho o comportamento mas nenhum poder sobre a minha descendência. Posso punir...se a mãe o solicitar; posso dar um sermão, se a mãe o pedir. Sorte a minha de entender, pelo meu trabalho de campo e a observação da juventude do Século XXI, que as palavras da doutrina, embora aceite e até assinada em Concordata por cima da lei positiva do Estado Nação de países aderentes, servem para ouvidos moucos pelo amor existente entre os cônjuges que fizeram a sua descendência no calor da paixão que, docemente, passa a amor e a seguir, a carinho. Que diga Freud, que diga Klein, que diga Ratzinger, porque Wojtila já falou! Eu digo que todos somos homens e mulheres no amor dos nossos descendentes e no deles por nós. Ficam sempre as férias para pensar no assunto. Felizes ideias para pais e filhos de ouvidos moucos, e para os outros também!

A terceira via parece ser apenas o debate de Freud, Klein e Miller e outros, não mencionados no texto. Nem Giddens, nem Wojtila antes, Ratzinger hoje, Lutero no passado pretérito, ou Calvino no passado perfeito, ainda Jaime Tudor desses tempos, sabem organizar os desenhos das crianças. Antes, desenham a sociedade dentro da que as crianças e jovens são abusadas, sexual e emotivamente. Estas ideias são as bases dos desenhos de que trata a sessão seguinte. Pretende-se com esta saber como é que as crianças aprendem.

Mas, é-me impossível acabar esta parte sem comentar sobre o abuso sexual e saber das crianças. Os mais novos pouco ou nada sabem sobre sexualidade, mas sentem desejo e procuram a sua satisfação. As crianças não são esses “anjinhos” que a *mente cultural* julga conhecer, nem de uma ética a concordar com o aprendido na catequese ou advertida pelos pais. Sabem por ter ouvido falar de sexualidade aos seus adultos, como

¹⁵⁵ Iturra, Raúl, 2000: “Mulher a crescer, Machismo a Tremer. A filiação da criança”, em *A Página da Educação*, Nº 94, Ano 9, Setembro de 2000, página 25, Profedições, Porto. Texto completo em: <http://www.apagina.pt/arquivo/Artigo.asp?ID=1198>

tenho observado no meu trabalho de campo¹⁵⁶, ou por sentirem a libido trabalhar nos seus corpos. Libido que leva os mais novos a esfregarem-se entre eles ou ao destemido jogo de tentar agarrar os órgãos genitais dos amigos, com imenso prazer e em presença dos adultos, ou masturbarem-se às escondidas num grupo de amigos, com ou sem ejaculação, conforme a idade púbere ou pré púbere. Um outro jogo que gostam de fazer é tentar tocar as mamas das raparigas ou jogar com o rabo delas, ou, o mais atrevido de tudo, beijá-las ou atirá-las ao chão montando-se sobre elas imitando movimentos de coito por largos minutos. Se isto acontece, é porque, como já foi explicado antes, ao falar dos analistas que teorizam sobre a libido, teorias usadas por nós ao longo do texto, essas crianças sentem prazer sexual e têm a urgência de o satisfazer de alguma maneira. Há os mais atrevidos, pelos seus nove ou onze anos, que seduzem meninas para ir com elas para a cama ou para palheiros ocultos. Factos narrados aos seus amigos pares e a mim próprio, por terem confiança comigo, por saberem que eu não ia admoestar nem repreender ou dizer aos seus adultos. Todos fomos crianças um dia e lembramos esse sentido do desejo, satisfeito de várias formas. A minha observação, tem-me conduzido a entender que na idade pré púbere, os meninos são mais activos e a sua libido não tem género preferido. O preferido é a confiança no amigo, para ninguém saber o que entre eles acontece; as meninas são mais passivas e permitem facilmente a aproximação dos rapazes. Não consigo esquecer essa criança rechonchuda que estudei na Comuna de Penciahue, Província de Talca, Chile, apetejada de forma erótica pelos seus amigos; o que ele gostava, esse Yarin de 8 anos em 1999, rapaz prostituído pelos adultos na casa dos homens como é denominada entre o clã Picunche dos Mapuche, que habitam Penciahue. Ele e o seu amigo da alma, Marcelo, eram sempre convidados para a casa dos homens, na que eram sodomizados. Não me parece correcto dizer abusados, apesar de a lei proibir trato sexual com menores, definido como delito de pedofilia, tema que já abordei noutros textos, especialmente no livro *Maria de Botalcura*, escrito conjuntamente com a minha irmã, a Dra. Blanca Iturra. Não é favorecer a pedofilia. Os actos pedófilos são uma felonía, punida por lei, pelo menos na União Europeia, aliás, noutros textos, emito o que raramente faço por escrito: juízos de valor. Dou um veredicto, um julgamento o que um escritor de ciência não deve fazer. Ainda assim,

¹⁵⁶ Iturra, Raúl, 2000: *O saber sexual das crianças, Desejo-te porque te amo*, Afrontamento, Porto, citado anteriormente, de 1998: *Como era quando não era o que sou. O Crescimento das crianças*, Profedições, Porto, ou, também de 1988: *Antropologia Económica de la Galicia Rural*, Editado pela Xunta de Caliza, Compostela. Há ainda, uma imensidão de textos sobre as crianças, no jornal em suporte de papel e em linha: *A Página da Educação*, Profedições, Porto, que podem ser lidos em www.apagina.pt.

essa parte da *mente cultural* dos Picunche e de vários *Huinca*, esse nome Mapuche dado aos chilenos que significa *estrangeiro* e os ditados da mente cultural, no presente caso, não podem ser punidos. Podem, sim, ser prevenidos com ensino ou outro tipo de actividade para distrair a mente, como Bion aconselha num dos seus textos citado antes.

O comportamento libidinoso das crianças, além de ser parte da sua estrutura de personalidade, definido por Freud, faz, também, parte da libido de muitos adultos que, aí sim, podemos considerar abusadores de menores, ao obrigá-los a prostituírem-se por meio tostão. Na Cidade de Talca, ao Sul de Santiago do Chile, há casas de prostituição fechadas para homens adultos pedófilos¹⁵⁷, que levam para a cama rapazes púberes ou pré púberes para seu belo prazer. Adultos de posses e poder que a lei não incrimina, menos ainda a autoridade, que até fomenta e participa neste tipo de actividades. Não há lei a punir a pedofilia

No caso português, o Código Penal de 1940, reformulado em 2008 e o [Projeto de Lei 3773/08](#) (passado, entretanto, a Lei) condena a pedofilia como crime de prisão até quatro anos. Duas leis de tipos diferentes foram promulgadas. Uma, no caso português, para punir crimes de adultos contra crianças, menino ou menina, que reformula o Código Penal e o actualiza no ano de 2008, passando a pedofilia a ser considerada delito de abuso sexual de menores. A outra, no Brasil, foi mais longe ao criar uma Comissão Parlamentar de Inquérito (CPI) da Pedofilia. Este programa vem corrigir alguns problemas com a legislação vigente, visto que até então a posse de material exibindo menores de idade em situações de sexo explícito ou safardanagem em geral não era considerada crime¹⁵⁸. Vários países de dentro ou fora da União Europeia, têm reagido de forma dura contra a actividade sexual que fere os sentimentos emotivos da criança, ferimentos que, mais tarde, causam traumas na vida adulta, excepto se a pessoa tiver um grande poder de resiliência, conceito definido por Boris Cyrulnik¹⁵⁹.

¹⁵⁷ A pedofilia é um desvio que consiste na atracção sexual do adulto por crianças. Definição retirada dos meus textos, especialmente: “Pedófilos, serão apenas os romanos?”, publicado no jornal *A Página da Educação*, Profedições, Porto, N° 114, ano 11, Julho 2002, em: <http://www.apagina.pt/arquivo/Artigo.asp?ID=1963>.

¹⁵⁸ Texto completo em: <http://meiobit.pop.com.br/meio-bit/internet/nova-lei-contr-pedofilia-pune-ate-lolicon>.

¹⁵⁹ No seu texto de 2001, denominado *Les villaines petits canards*, Éditions Odile Jacobs, Paris. O título do livro foi propositadamente retirado de um outro título de um conto para crianças: *O patinho feio*, essa pequena ave aquática que ninguém queria por não ser bela, mas que foi capaz de aguentar esse ser

Antes de passar propriamente ao conceito definido por Boris Cyrulnick, permitam-me referir a especialista brasileira em educação, Sandra Maria Farias de Vasconcelos¹⁶⁰, que o soube explicar tão bem. Boris Cyrulnick ao definir o conceito **resiliência**, como

diferente dos outros, até crescer e transformar-se num belo cisne. Não é por acaso que é uma história universal do tipo de contos usados por Alice Miller, como a análise que fez do conto tradicional: “O rei vai nu”, citado e analisado por mim no livro: *A ilusão de sermos pais*, 2008, em: <http://br.monografias.com/trabalhos913/licoes-etnopsicologia-infancia/licoes-etnopsicologia-infancia.shtml>. Tornando ao livro de Cyrulnick, traduzido para português com esse péssimo título que nem permite vender: ninguém sabe o que é *resiliência*, excepto os “eruditos”. No entanto, a importância da teoria de Boris Cyrulnick (psiquiatra, neurólogo, etólogo, psicanalista e professor universitário), é inquestionável ao renovar conceptualmente a teoria psicanalítica e ao «refrescar» as análises com uma escrita comum, utilizando conceitos simples retirados da vida real. As suas obras parecem romances. Tem-se imposto quer pelos seus inúmeros livros, quer pelo objectivo de tornar a ciência da análise mais acessível. E fá-lo brilhantemente, na minha opinião, ao definir e fazer circular esse conceito tão amado e usado por todos nós, a noção de *resiliência*, comentado em : <http://lionel.mesnard.free.fr/e%20site/boris-cyrulnik.html>

¹⁶⁰ A ciência interroga-se, há mais de quarenta anos, sobre o facto de certas pessoas terem a capacidade de superar as piores situações, enquanto outras ficam presas nas malhas da infelicidade e da angústia que se abateu sobre elas, como numa rede engodada. A questão é saber *porque certos indivíduos são capazes de se levantar após um grande trauma e outros permanecem no chamado fundo do poço, incapazes de, mesmo sabendo não ter mais forças para cavar, subir tomando como apoio as paredes desse poço e continuar seu caminho?*, Ana Maria Farias de Vasconcelos, graduada em Letras pela Universidade Federal do Ceará (1996), com especialização em Psicopedagogia e doutorada em *Sciences de L'Education* pela Universidade de Nantes (2003). Actualmente, professora adjunta da Universidade Federal do Ceará, chefia o Departamento de Letras Vernáculas, também professora colaboradora da Universidade Estadual do Ceará e membro do Conselho de avaliadores do Sistema Nacional de Avaliação da Educação Superior (SINAES) do Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas Educacionais Anísio Teixeira (INEP). O texto completo pode ser lido em: http://www.sbpcnet.org.br/livro/57ra/programas/CONF_SIMP/textos/sandrasvasconcelos-resiliencia.htm. Todavia, este comentário, não me parece suficiente para definir um conceito recentemente criado, que, de imediato, passou a ser tão usado e tão válido, conceito usado por muitos de nós e largamente por mim, o de *resiliência*. Noção retirada de conceitos da física, usada também, e de forma mais importante, para definir a energia da capacidade humana para ultrapassar golpes duros. Se os materiais resistem, porque é que uma emoção e uma biologia não mudariam? É possível comparar, a [psicologia](#) tomou essa imagem emprestada da [física](#), definindo **resiliência** como a capacidade do indivíduo saber lidar com problemas emotivos, com abusos biológico ou psicológicos, superar obstáculos ou resistir à pressão de situações adversas – choque, stress, etc. – sem entrar em [surto psicológico](#). No entanto, Francisco Job (2003), que estudou a resiliência em organizações, argumenta: *a resiliência se trata de uma tomada de decisão quando alguém se depara com um contexto entre a tensão do ambiente e a vontade de vencer*. O texto é da sua tese de doutoramento, JOB, F. P.P, 2003: *Os sentidos do trabalho e a importância da resiliência nas organizações*, referido incompletamente, apenas com comentário, em: [http://pt.wikipedia.org/wiki/Resili%C3%Aancia_\(psicologia\)](http://pt.wikipedia.org/wiki/Resili%C3%Aancia_(psicologia)), texto e comentário, podem ser consultados em: [pt.wikipedia.org/wiki/Resili%C3%Aancia_\(psicologia\)](http://pt.wikipedia.org/wiki/Resili%C3%Aancia_(psicologia)). Apesar de ser um trabalho sobre Administração de Empresas uso-o para apoiar a minha hipótese. Por outras palavras, a resiliência passou a ser um conceito mais universal ao entrar no mundo da psicanálise, a partir da teoria da física, motivo porque chamo aqui estes autores.

Tais conquistas, face a essas decisões, propiciam forças nas pessoas para enfrentar a adversidade. Assim entendido, pode-se considerar que a resiliência é uma combinação de factores que propiciam ao ser humano superar problemas e adversidades. Para saber mais, o texto completo está na enciclopédia que me apoia: [http://pt.wikipedia.org/wiki/Resili%C3%Aancia_\(psicologia\)](http://pt.wikipedia.org/wiki/Resili%C3%Aancia_(psicologia))

essa inaudita capacidade de construção humana¹⁶¹, fã-lo da seguinte forma: *Fazer nascer um filho não é suficiente*, acrescentando na obra citada: *é mais importante e*

¹⁶¹ Definição retirada do texto *Resiliência*, 2003, Edições do Instituto Piaget, tradução para a língua lusa de *Les Vilaines Petit Canards*, título retirado de uma história de Hans Christian Andersen, citado antes, página 28, texto que tenho comigo em suporte de papel. Há um comentário sobre o livro que define autor, conceito e valor da palavra de Miguel Santos Guerra: *Vou deter-me neste ponto, pois há quem pense estar condenado a ser desgraçado por toda a vida por lhe ter sucedido uma desgraça qualquer (maus tratos, violência, humilhação) na infância. Não é necessário ser muito sagaz para verificar que há muitos meninos no mundo (e muitas meninas, sobretudo muitas meninas) que suportam uma infância atroz. Vítimas da guerra, vítimas de maus-tratos, vítimas de vexames, vítimas de abandono, vítimas da falta de amor... Crianças que vivem de forma visivelmente aterradora. Outras, de forma camuflada, porém não menos cruel. Terão elas a sua vida destruída? Estarão marcadas para sempre? Não. Há que pôr fim ao fatalismo, ao determinismo, às crenças que engendram destinos sem regresso.* Boris Cyrulnik (2002) utiliza, como subtítulo da sua obra “Os Patinhos Feios”, uma frase que resume a sua tese base: “A resiliência: uma infância infeliz não determina toda uma vida”. A resiliência é “*uma propriedade que define a resistência de um material ao choque*”. O autor utiliza o conceito como sinónimo de *resistência ao sofrimento*. Chama a atenção, tanto para a capacidade de resistir aos embates de natureza psicológica, como para o impulso de reparação psíquica que nasce desta resistência. “*O autor desta obra tinha apenas seis anos quando conseguiu escapar de um campo de concentração, no qual a sua família foi internada e nunca mais regressaram. A sua família estava constituída por judeus russos emigrantes.*” Texto completo no blogue Azul Índigo, de 10 de Novembro de 2008, que tem por título: *valor de resiliência*, em: <http://anapsiroqueantunes.blogspot.com/2008/11/valor-da-resiliencia.html> Não resisto a acrescentar, o motivo de Cyrulnik ao dar este título ao livro. O analista comenta como as desgraças da criança podem não ser um dano quando for adulto. A metáfora é O Patinho Feio (em *dinamarquês* Den grimme ælling), *conto de fadas* do *escritor dinamarquês Hans Christian Andersen*. (Odense, 2 de Abril de 1805 — Copenhague, 4 de Agosto de 1875), conta uma história que apoia a tese de Cyrulnik: Um filhote de *cisne* é chocado no ninho de uma *pata*. Por ser diferente dos seus irmãos, o pobre é perseguido, ofendido e maltratado por todos os patos e *galinhas* do terreiro. Um dia, cansado de tanta humilhação, ele foge do ninho. Durante a sua jornada, ele pára em vários lugares, mas é mal recebido em todos. O pobrezinho ainda tem de aguentar o frio do *inverno*. Mas, quando finalmente chega a *primavera*, ele abre suas *asas* e une-se a um majestoso bando de *cisnes*, sendo então reconhecido como o mais belo de todos. História toda em: http://pt.wikipedia.org/wiki/O_Patinho_Feio Sobre o escritor, em: http://pt.wikipedia.org/wiki/Hans_Christian_Andersen.

Comentar é simples: as crianças que sofrem em pequenas, acabam por ser criadoras se não se deixarem abater pelas ofensas aos seus sentimentos ou às suas pessoas. *O Patinho Feio* na vida real, é esse chamado Robert – Boris Cyrulnik – salvo da morte por Margerite Farge. Cyrulnik foi capaz de adquirir essa inaudita capacidade de construção humana, frase do seu livro *Les vilaines petis canards*, que admiro e uso, pelo qual rendo- lhe homenagem, como por esse outro de 2003: *Les murmure de fantômes*, Odile Jacob, 2003, Paris. O texto não está em linha, mas há imensas referências nas entradas Internet da página web:

<http://www.google.pt/search?hl=pt-PT&q=Les+murmure+de+fant%C3%B4mes&btnG=Pesquisar&meta=>, especialmente o comentário de http://www.passeportsante.net/fr/P/Bibliotheque/Fiche.aspx?doc=biblio_a_21250: traduzido para português como *O murmúrio dos fantasmas*, editado por Actividades Editoriais Lda. Temas e Debates, Lisboa. Os problemas da infância são esse murmúrio dos fantasmas no pré adolescente e no púbere, que andam sempre na sua memória, mas são apagados com a resiliência e com a criação de novas relações sociais e afectivas. O texto tem este comentário: *Este livro é uma verdadeira mensagem de esperança Marilyn Monroe não conheceu a ternura quando criança. Tornou-se um fantasma. Já Hans Christian Andersen conseguiu ser reaquecido. A afeição é uma necessidade tão vital que, quando somos privados dela, nos apegamos intensamente a qualquer acontecimento que faça uma migalha de vida voltar a nós, a qualquer preço. Os que recusam permanecer prisioneiros de uma ruptura traumática devem livrar-se dela para tornar à vida. Até a transformam em uma ferramenta para conquistar felicidade. Neste livro, Boris Cyrulnik conta como o tumulto do passado ainda murmura na criança mais velha que estabelece novos vínculos afectivos e sociais. Como o apetite sexual na adolescência constitui um momento sensível na evolução da reparação de si. Uma nova atitude diante do sofrimento psíquico, a resiliência propõe*

*necessário dá-lo ao mundo educado, colocando à sua volta tutores de desenvolvimento. Isto começa muito antes do nascimento, através das representações da mãe que banham o embrião numa determinada atmosfera psíquica. Apenas cerca de um terço das gravidezes se realizam em condições sãs. As outras são marcadas por problemas emocionais, uma patologia associada ou por angústias que criam um meio sensorial mais ou menos perturbado. Uma vez nascido o bebé, provoque prazer ou não ao adulto, vai desencadear reacções diferentes que, por sua vez, vão realizar ou não o seu desenvolvimento. A espiral positiva que permite um *aquecimento psíquico* quando a criança aprendeu a fazer-se amar, pode também, transformar-se em espiral negativa. A vinculação à mãe processa-se em condições seguras em 65 por cento dos casos, no entanto, em 5 por cento é uma relação desorganizada provocando um desregramento que desestrutura a criança. Também um acontecimento ofensivo pode surgir, colocando em jogo as instâncias biológicas, emocionais ou históricas do psiquismo. As circunstâncias de um trauma não são, pois, excepcionais. Mas, quando uma rede é assim danificada, as possibilidades de remendar as malhas são numerosas. A resiliência é constantemente possível, desde que a criança encontre um objecto que para si tenha significado. Entre os factores favorecedores, encontram-se as múltiplas vinculações, mas também os circuitos afectivos ou institucionalizados que envolvem o sujeito ou ainda a idade (que determina o nível de construção do aparelho psíquico). Estas dimensões assumem uma particular importância: a aquisição ou não de recursos internos, a forma como o trauma é assimilado e a oferta ou não de tutores onde se apoiar. A resiliência é um processo: não só para crianças que acumulam as situações que as anulam, mas a sua evolução tal como a vingança contra a sociedade ou a identificação com a sua própria tragédia, que se torna então um modelo de desenvolvimento e de reprodução. Contrariamente, a intelectualização, o humor, o empenho social e a criatividade são as vias reais que transformam o trauma em ressurreição e em emancipação relativamente ao sofrimento infligido transformado assim num novo sentimento de si positivo. A resiliência não é um catálogo de*

construir esse processo de libertação. Texto em:
http://i.s8.com.br/books_productdetails.asp?Query=ProductPage&ProdTypeId=1&ProdId=736116

:

qualidades que um indivíduo possuiria. É um processo que, do nascimento até à morte, nos liga sem cessar com o meio que nos rodeia...BORIS CYRULNIK¹⁶².

Se Cyrulnick não tivesse tido a vida que levou, como relatado na *Revista Brasileira de Psicanálise*¹⁶³, nunca teria trabalhado sobre resiliência como conceito. No entanto, a sua vida foi uma tragédia que soube ultrapassar. Boris Cyrulnik, o meu colega de ensino na Maison de Sciences de l'Homme, em Paris, teve uma vida azarada. Sem resiliência, criada no segundo que salvou a sua vida aos cinco anos, não seria o homem aberto e simpático que eu conheci. Da mesma maneira que eu fui salvo do pelotão de fuzilamento quando visitava, por razões académicas, o Chile de Allende. Não sei o que ele, como criança, pensou. Sei o que eu pensei quando se levantaram quarenta fuzis para me assassinar. Havia uma mulher que amava, que fez o possível e impossível para me salvar, uma filha adorada e outra no ventre da mãe das minhas filhas. Contudo, pensei: “Por boa causa morro”.

Tinha sido enviado para observar a via chilena para o socialismo pelo meu Catedrático Sir Jack Goody (outrora prisioneiro dos nazis em Auschwitz); a ele e a outros, devo a minha vida. Como ao meu recentemente falecido amigo, o Bispo Emérito de Talca, Chile, Dom Carlos González Cruchaga, imagem e lembrança vivas no centro do meu ser. Ao não ser fuzilado, a minha alma ficou *baloma kiriwina*, sem rumo nem destino. A minha fortaleza, definida por esse salvo Boris Cyrulnick, que eu considero um herói universal, como resiliência, salvou-me. Como havia acontecido anos antes com ele. É por isso que comparo as histórias, a minha simples, a dele mais complexa, um luto familiar do qual, como teria dito Alice Miller, nasceu um desenho, uma criação. Essa psicologia de etologia clínica que ela pratica¹⁶⁴ com a qual tem salvo a vida e a dignidade a tantos. A capacidade de resistência de Boris nasceu de um trauma infantil, o que o leva a dizer com simplicidade que não é evidente que de uma infância infeliz venha a nascer uma vida miserável. Dá para comparar essa *inaudita capacidade de*

¹⁶² Retirado do comentário ao livro em português pelo próprio autor, em: <https://www.traca.com.br/seboslivrosusados.cgi?mod=LV125274&origem=resultadodetalhada>

¹⁶³ Formato Documento Electrónico (ISO)
CZERNY, Josette. Reseñas de libros. *Rev. bras. psicanál.* [online]. dic. 2007, vol.41, no.4 [citado 30 Diciembre 2008], p.161-164. Disponible en la World Wide Web: http://pepsic.bvs-psi.org.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0486-641X2007000400016&lng=es&nrm=iso . ISSN 0486-641X.

¹⁶⁴ Biografia completa e trabalho, em: http://fr.wikipedia.org/wiki/Boris_Cyrulnik

construção humana, como diz no seu livro, com o romance *Os miseráveis* de Victor Hugo¹⁶⁵. Esses miseráveis não são pessoas pobres ou sem capacidade para emergir de uma vida sem destino, são, antes, pessoas capazes de usar o seu poder em prol de uma justiça mal entendida. Mal entendida, ao perseguir um ser humano que soube mudar a sua vida de pobre e ladrão para a de um senhor não apenas de posse, bem como de ideias de justiça social clarividentes, capaz de lutar contra o poder absoluto sem rancor e com muita bonomia.

A resiliência é retirada do conceito grego oxymoron¹⁶⁶, essa forma de falar que envolve dentro da mesma palavra, conceitos contraditórios, como definido na nota de rodapé desta página. É deste conceito que Cyrulnick começa a criar as suas ideias de sobrevivência. Cyrulnick fala e escreve particularmente sobre o que viveu como experiência pessoal.

¹⁶⁵ Victor-Marie Hugo ([Besançon, 26 de fevereiro de 1802](#) — [Paris, 22 de maio de 1885](#)) foi um [escritor](#) e [poeta francês](#) de grande actuação [política](#) no seu país. É autor de [Les Misérables](#), a sua melhor peça, e de [Notre-Dame de Paris](#), entre outras obras. No livro *Os Miseráveis*, faz quase uma premonição de resiliência: narra a história de um *self made-man*, Jean Valjean, sujeito que foge da prisão e reconstrói a sua vida através do trabalho. Valjean abre uma empresa e, através dela, a região onde habita prosperidade; além disso, usa a sua fortuna em obras de caridade para ajudar os pobres. As suas boas obras são interrompidas apenas quando um polícia – um agente do Estado – decide interferir arbitrariamente nas actividades privadas da sociedade civil. *Os Miseráveis*, portanto, trazem claramente a filosofia política de Victor Hugo. É um mundo onde há cooperação – e não luta – entre as classes; onde o empreendedor desempenha uma função essencialmente benéfica para todos; onde o trabalho é a via principal de aprimoramento ou embelezamento pessoal e social; onde a intervenção estatal por motivos moralistas – seja do policial ou do revolucionário obcecado pela justiça terrena - é um dos principais riscos para o bem de todos que será gerado espontaneamente pelos indivíduos privados. Escreveu o seu mais famoso livro, *Os Miseráveis*, em 1862.

¹⁶⁶ Um oxymoron (plural oxymorons, raramente, oxymora) é uma forma de falar figurativa ([figure of speech](#)) que combina normalmente dois termos contraditórios ([contradictory](#)). *Oxymoron* é uma palavra introduzida como empréstimo à maneira de falar, da língua grega ([loanword Greek oxy](#)) ("agudo" ou "pontudo") e *moros* ("aborrecido"). Assim, a palavra *oxymoron* é ela própria um oxymoron ou figura retórica do falar.

Oxymorons é uma figura quase marginal da fala ([proper subset](#)) derivada das expressões de términos contraditórios ([contradictions in terms](#)). O que distingue oxymorons de outras paradoxas e contradições do falar, é o facto de serem usadas propositadamente para efeitos retóricos, onde a contradição é apenas aparente. Aparente, porque a combinação de dois conceitos induz ou cria uma expressão nova, como por exemplo: "ser cruel para ser bondoso" ou "grupo de indivíduos autónomos". Texto completo em: <http://en.wikipedia.org/wiki/Oxymoron>

O menino Boris – por vezes mencionado como Bernard nos seus livros – foi salvo por uma mulher que o conhecia. Ela empurrou-o para dentro de uma ambulância, no exacto momento em que os seus pais e familiares eram deportados pela Gestapo para os campos de extermínio. Depois disso nunca mais os encontrou. Passou por vários abrigos e orfanatos e tornou-se ele próprio um grande resiliente. Vencedor na vida, especializou-se em conhecer melhor o comportamento humano, principalmente o dos denominados traumatizados. Como revelou numa entrevista transmitida na televisão francesa, carrega sempre no bolso, coberto por um lenço, o trauma que abalou toda a sua infância. Quando necessário, puxa do bolso um pedacinho daquele conteúdo e “tricota” algo criativo em forma de estudos, palestras e livros. Portanto, cada livro de Cyrulnik trata também da sua própria resiliência em permanente evolução. O seu depoimento serve de ajuda, como “tutor de resiliência”, para os grandes feridos da vida. Para a mulher que o salvou, Marguerite Farge, ele pleiteou a Medalha dos Justos entre os Justos, que ela recebeu em 1997.

Falar de amor à beira do abismo refere-se àqueles que superam um traumatismo e experimentam muitas vezes uma impressão de *sursis*¹⁶⁷, que multiplica o gosto da felicidade e o prazer de viver o que ainda é possível. Neste ensaio vibrante sobre a vida, o autor mostra que mesmo os que têm graves feridas afectivas podem transformá-las em grande felicidade. O título traz uma figura de retórica que o autor transforma em conceito para caracterizar os resilientes. Trata-se do oxímoro, que consiste em associar dois termos antinómicos: falar de amor/beira do abismo. Aqueles que vencem um traumatismo conseguem fazer coabitar doravante o horror e a poesia, o desespero e a esperança, a tortura gelada e o calor humano. Esse título paradoxal surpreende-nos; é uma nova e rica contribuição que o autor desenvolve ao longo da obra.

Cyrulnik considera, no seu *amor à beira do abismo*, que, depois de um trauma psíquico, como o trauma físico, instala-se uma perda de tecido afectivo, com necrose e

¹⁶⁷ *Sursis* é uma metáfora usada por Cyrulnik: *Sursis* é um instituto de Direito Penal com a finalidade de permitir que o condenado não se sujeite à execução de [pena](#) privativa de liberdade de pequena duração, ou seja, permite que, mesmo condenada, uma pessoa não fique na cadeia. *Sursis* quer dizer [suspensão](#), derivado de *surseoir*, que significa suspender.

Se o [juiz](#) define o prazo de dois anos para o *sursis*, o condenado ficará durante esse período em observação. Se não praticar nova [infração penal](#) e cumprir as determinações impostas pelo juiz, este, no final do período de prova, determinará o fim da pena. Se durante o período de prova houver revogação do *sursis*, o condenado cumprirá a pena que se achava com a execução suspensa.

escarras. *É carregar a morte dentro de si. Acrescenta: Todo traumatizado é obrigado a mudar, senão fica morto.*

A obra de Cyrulnick passou a ser o panteão glorificante da salvação de muitos que têm sofrido desgarras na sua vida infantil, mas são capazes de os superar, tal como o autor que *leva no bolso o trauma guardado dentro de um lenço*¹⁶⁸.

Entre as crianças por mim observadas ao longo dos meus quarenta anos de trabalho, sou capaz de apreciar os desvios que elas fazem somente para não passarem pelo trilho do murmúrio dos seus fantasmas. Ideia retirada de uma das obras de Cyrulnick onde, ele próprio, acaba por confrontar esses meios que fazem dele um ser humano criativo, que guarda a força que dá o sofrimento, para construir obra. Como muitos de nós, ao longo da vida, tentamos esquecer as nossas tristezas e limitações emotivas, no meu caso, recorrendo à escrita. No dia em que não escrevo, sinto um dedilhar desse passado que no presente me atormenta na criação dos meus descendentes. Sempre pensamos estar a fazer o melhor, criamos rituais que, se não contribuem em nada, parece-nos ficarmos sem alternativas. Todavia, há sempre uma criação à nossa espera. Mas o que mata? A pouco e pouco essa resiliência acaba por ser parte da nossa condenação em vida. Especialmente se estamos ao pé de pessoas que têm sofrido traumas e não sabem usar essa capacidade oxymoron ou resiliência, como já definido dentro deste texto que hoje escrevo¹⁶⁹. Cyrulnik, que foi capaz de sobreviver e

¹⁶⁸ Cyrulnik, Boris, 2003 : *Le murmure des fantômes*, Éditions Odile Jacob, Paris, retirado de : <http://www.comprar-livro.com.br/livros/1853362127/> (citado anteriormente).

¹⁶⁹ Parte do texto está retirado da minha experiência, outra, especialmente a vida de Cyrulnick, do texto antes citado, que pode ser lido em: http://pepsic.bvs-psi.org.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0486-641X2007000400016&lng=es&nrm=iso, denominado: *Falar de amor à beira do abismo*, Boris Cyrulnik. São Paulo: Martins Fontes, 2006, 181 pp, em: *Rev. bras. Psicanál v.41 n.4 São Paulo dic. 2007*, da autoria de Josette Czerny. O livro em língua lusa é uma tradução do livro em francês: *Parler d'amour au bord du gouffre*, Odile Jacobs, 2004, Paris, 256 páginas, pode-se aceder a extractos, em: http://www.odilejacob.fr/catalogue/index.php?op=par_titre&cat=0207&count=0&id_livre=1993&option=&desc=quatrieme. Um desses extractos, retirados do capítulo que cito a seguir, diz: *Gouvernés par l'image qu'on se fait de nous-même*, título que em português seria: "Governados pela imagem que fazemos de nós próprios". Esse capítulo tem ideias que traduzi para o texto central, guardei o original em francês, para esta nota de rodapé, que, entre outras ideias, desenvolve a seguinte:

L'enfant a appris, au cours des interactions quotidiennes, à répondre à l'idée qu'il se fait de " lui avec les autres ". Tout être vivant réagit inévitablement à des perceptions, mais un petit humain, dès le sixième mois, répond aussi à la représentation de " lui avec les autres " qui s'est construite en s'imprégnant dans sa mémoire. Un nouveau-né ne peut survivre que s'il dispose autour de lui de figures d'attachement. Seul, il n'a aucune chance de se développer. Dans le déroulement spontané des faits biologiques, la figure d'attachement est presque toujours la mère qui l'a porté. Mais toute personne qui veut bien s'occuper du nourrisson, une autre femme, un homme ou une institution, assume cette fonction de figure d'attachement

criar novas ideias para apoiar as pessoas traumatizadas na infância, foi capaz de escrever não apenas textos sobre resiliência, bem como comentar como ela deve ser tratada. No livro citado em nota de rodapé, no Capítulo que corresponde, diz: *Governados pela imagem que se faz de nós próprios.*

A criança no decorrer das suas interações quotidianas, aprende a contestar perante si, a ideia estruturada por ela própria, na relação de “*ela com os outros*”. Todo o ser vivente inevitavelmente reage às percepções que advêm do mundo externo, mas um ser humano pequeno, a partir do sexto mês de idade, contesta também as representações

composée d'images, de sensorialités et d'actes adressés au nouveau-né. De gestes en gestes, ce réel sensoriel s'imprègne dans la mémoire du petit et lui apprend à attendre certains comportements qui viendront de ces figures d'attachement. Une mère rendue malheureuse par son histoire, son mari ou son contexte social, émettra une sensorialité de femme déprimée : visage peu expressif, absence de jeux corporels, regards détournés, verbalisé morne. Dans un tel bain sensoriel qui traduit le monde mental de la mère, le bébé apprend à réagir par des comportements de retrait. Dès la fin de la première année, il lui suffit de percevoir cette figure d'attachement malheureuse pour qu'il attende des interactions de mère triste. Le bébé ne réagit pas seulement à ce qu'il perçoit, il répond à ce qu'il guette, il anticipe ce qu'il a appris.

Dès la troisième année, le petit, arrivant à l'âge de l'empathie, devient capable de répondre aux représentations qu'il se fait des représentations du monde mental de sa mère, de ses motivations, de ses intentions et même de ses croyances : " Elle va encore croire que c'est moi qui ai mangé le chocolat, alors que c'est mon frère. " Un bébé qui se développe dans un monde glacé s'attend à ce que les autres lui apportent la glace. Il pense presque : " Toute relation affective provoque le froid. " À l'inverse, un enfant qui se sent aimé se croit aimable puisqu'il a été aimé. Cette empreinte dans sa mémoire, à l'occasion de la banalité des gestes de la survie, a donné à l'enfant une représentation de soi confiante et aimable, à laquelle il répond quand il entre en relation. Cet apprentissage donne un style affectif durable qui s'exprime encore lors des premières rencontres amoureuses : " Quand je pense à qui je suis, je m'attends à ce qu'elle me méprise. " Le jeune peut aussi penser : " Quand je pense à qui je suis, je crois qu'elle va m'accepter. " Cette représentation de " moi avec un autre " est une co-construction qui dépend des rencontres mais peut évoluer, comme tout phénomène de mémoire, vers l'effacement, le renforcement ou la métamorphose. Texto em : <http://www.psychotherapeutes.net/amour-gouffre.htm>.

formuladas por ele ou representações “*de ele com os outros*”, construídas pelo próprio que impregnam a sua memória. Um ser humano recém-nascido apenas sobrevive se tem junto de si as imagens de referência de carinho, de vínculo protector, de afeição ou de apego emotivo. Sozinho, não tem nenhuma alternativa para se desenvolver, para crescer. No desenvolvimento espontâneo dos factos biológicos, a imagem afectiva, é, na maioria das vezes, a imagem da mãe, que tem levado a criança dentro de si. No entanto, toda a pessoa que tenha alimentado com amor e boa vontade, outra mulher que não seja a mãe, ou um homem ou, ainda, uma instituição, passa a assumir a função de figura terna de apego, composta de imagens afectivas, de sentimentos afectivos e de factos carinhosos endereçados ao recém-nascido. Entre gesto e gesto de ternura e simpatia, esta realidade sentimental, sensorial, emotiva, impregna-se na memória do mais novo e ensina-lhe a pôr atenção a comportamentos certos que advêm das figuras de afeição. Toda a mãe infelizmente vencida pela sua história, pelo seu marido ou pelo contexto social, apenas pode emitir sentimentos de mulher deprimida: face pouco expressiva, falta de sedução corporal, olhares desviados dos outros, uma verbalização decaída. Por causa desse patamar de sentimentos da mãe, que invade e influencia os sentires dos outros, o bebé aprende a reagir com comportamentos de decaimento emotivo. A partir do primeiro ano de idade, é-lhe suficiente perceber essa figura de afeição, como uma imagem de apego emotivo infeliz, causando dor. O bebé não reage apenas a essa percepção de mãe triste, a sua reacção é do amor à beira do precipício, da falta de carinho emotivo aprendendo tristeza com antecedência, porque é infelicidade o que lhe é ensinado pela figura afectiva.

Pelo seu terceiro ano de idade, o pequeno, já na idade de empatia, torna-se capaz de reabituá-lo as representações que havia aprendido das representações do mundo mental da sua mãe, as suas motivações, as suas intenções e as suas crenças: “*Ele ainda vai pensar que sou eu quem tem comido o seu chocolate, apesar de ser o seu irmão. Um bebé a crescer dentro de um mundo frio de afectividade, que se desenvolve num mundo frio, está prestes a pôr atenção a toda a afectividade fria que tudo dos outros lhe pode entregar*”. Praticamente pensa: “*Toda relação afectiva arrefece ao ser humano. No caso inverso, uma criança que se sente amada, pensa-se amável, por causa dele próprio ser amado*”. Este impingir na sua memória de afectividades de sobrevivência, pode criar no pequeno uma representação do seu ego confiante e amável, que usa com simpatia ao entrar na interacção social.

Esta aprendizagem cria um estilo de vida afectivo durável, que se estende, além do mais, para as relações externas, especialmente nos seus encontros amorosos: "Ao saber o que sou, nem por isso oiço aos que me desprezam, não vale a pena". O jovem amado na sua infância pode também pensar: "Ao pensar no que eu sou, estou certo que ela vai-me aceitar". Esta representação do eu com um outro, é "uma construção a dois" da vida social que depende dos encontros e reencontros, mas que pode-se desenvolver, como todo o fenómeno da memória em relação ao apagar ou esquecer, o reforço da mesma ou a metamorfoses das relações¹⁷⁰.

O texto original, em francês, tenho-o guardado tal e qual, para os leitores saberem que traduzir não é apenas uma mudança de palavras, é, antes sim, todo um estilo gramatical a ser alterado.

A resiliência passa a ser de uma importância capital para saber e entender o comportamento dos outros. Para, especialmente, entender o *Id* ou o *Isto*. Para além de tudo, esse saber das crianças. É a terceira via, para a qual tornamos agora.

Essa terceira via é o saber que o contexto social dá à criança, como Giddens tem desenvolvido nos seus textos, especialmente nos por nós citados nas páginas 54 e seguintes.

O governo e as várias associações cívicas deviam apostar na educação sexual da nossa população, pois, infelizmente, continuamos a ser recordistas, a nível da União Europeia, de [gravidezes adolescentes](#) e da prática de [sexo desprotegido](#). Contudo, o mais confrangedor é saber que, relativamente ao primeiro caso, há gente que pensa que não se engravida na primeira relação sexual, e quanto ao segundo, está a aumentar exponencialmente em todas as faixas etárias o número de seropositivos.

¹⁷⁰ O texto original é a nota de rodapé anterior na língua em que foi escrito, que pode ser lido em: <http://www.psychotherapeutes.net/amour-gouffre.htm>. A versão portuguesa de Martin Fontes, tem uma pequena nota importante para o argumento: "É carregar a morte dentro de si" (p. 5). "Todo traumatizado é obrigado a mudar, senão fica morto. A resistência impede a resiliência". Esses traumatizados não tiveram capacidade de usar ou desenvolver a resiliência, nem encontraram um tutor de resiliência, alguém ou um meio favorável que os empurrasse por debaixo do trauma para seguir em frente ou mesmo saltar em outra direcção" Texto em: <http://pepsic.bvs-psi.org.br/pdf/rbp/v41n4/v41n4a16.pdf> Nesse vibrante ensaio sobre a felicidade, *Falar de Amor à Beira do Abismo*, Boris Cyrulnik, demonstra como graves feridas afectivas podem ser transformadas em felicidade. Para o autor, o percurso afectivo, transmitido aos filhos, é composto por feridas, mas também por vitórias e quando estas últimas são as valorizadas, então surge a criatividade.

Este texto, embora muito mal escrito, está acessível, em: <http://www.planetanews.com/produto/L/129422/falar-de-amor-a-beira-do-abismo-boris-cyruilnik.htm>

Pelo que ficou dito, em nossa opinião, é urgente investir em campanhas de educação sexual a todos os níveis, nomeadamente entre os adolescentes, mais sensíveis aos impulsos da libido e ansiosos por experimentar determinadas fantasias sexuais, mas desconhecendo as suas implicações... Ideias impostas no meu argumento pelo blogue de Maldonado, escrito a 28 de Dezembro de 2008. Durante o dia denominado dos inocentes¹⁷¹. Dos Inocentes, pelas mortes causadas por Herodes Antipas, Rei dos Hebreus no Século I da nossa era, ao saber que ia nascer um rei que iria disputar o seu trono. Mandou matar. Quantos? Nem sabemos, mas eram crianças de Belém da Judeia, desde os dois anos de idade para cima. É o que as crianças, as nossas crianças, aprendem enquanto os nossos legisladores tencionam ultrapassar a crise económica que nos habita e não sabem resolver¹⁷².

¹⁷¹ Texto completo em: <http://a-terceira-via.blogspot.com/>.

¹⁷² *Apresentada como alternativa entre direita e esquerda, a Terceira Via rumo de facto para a fase mais adiantada da revolução marxista.* Frase do blogue: Frente Universitário Lepanto: Estudos variados. Terceira via, "Centro radical" ou etapa avançada do marxismo? Em: <http://www.lepanto.com.br/Esttercvia.html>. Sitio onde pode, também, aceder ao texto que se segue:

O corifeu, o mestre e a escola

Em Inglaterra, a eleição para Primeiro-ministro de Tony Blair, em Maio de 1997, encerrou um ciclo de 18 anos de governo conservador. É ele o corifeu dessa Terceira Via. Por detrás do Primeiro-ministro britânico, e apontado como seu mentor intelectual, há uma figura: o professor Anthony Giddens. Há também uma escola, a prestigiada *London School of Economics*, da qual Giddens é o director. Em entrevista a "Veja", Giddens afirma: "A expressão 'terceira via' nas últimas três décadas foi muito empregue na Europa, sobretudo em países como a Itália e a Suécia, exactamente nessa linha de socialismo de mercado. Falava-se num sistema misto, combinando planeamento central e instituições do mercado. A maioria dos estudos, porém, demonstra que a ideia é inviável. Resultaria em desemprego, estagnação, caos financeiro. Não existe 'terceira via' desse tipo". ("Veja", 30-Autor do livro *Para além da esquerda e da direita (Beyond Left and Right, Polity Press, 1994)*, Giddens acaba de publicar outra obra, *The Third Way. The renewal of Democracy, Polity Press, 1998* (A Terceira Via, citada no início do nº 3 deste texto). A esse propósito, artigos e entrevistas têm sido estampados pelos media. Contudo, o perfil real que emerge da Terceira Via não podia ser outro: uma esquerda disfarçada de centro. Pelas suas próprias características, ela tem que aparecer sorridente; as suas definições são vagas e imprecisas e nos seus métodos, não estão ausentes elementos da velha praxis marxista. Sua meta coincide, sobretudo, com o objectivo último da esquerda: uma sociedade igualitária. (Veja, 30-9-98, p. 11).

"A 'terceira via' defendida por nós é a social-democracia modernizada. Ela é um movimento de centro-esquerda, ou do que temos chamado de 'centro radical'. Radical, porque não abandonou a política de solidariedade que tradicionalmente foi defendida pela esquerda. De centro, porque reconhece a necessidade de trabalhar alianças que proporcionem uma base para acções práticas. Da comparação entre os diversos países que têm lidado com essa hipótese, percebe-se que está emergindo uma agenda comum. Seus principais objectivos são (1) a reforma do Estado, (2) a revitalização da sociedade civil, (3) a criação de fórmulas para o desenvolvimento sustentado, (4) preocupação com uma nova política internacional. Dito assim parece vago, mas é exactamente o que políticos como o inglês Tony Blair, o francês Lionel Jospin, o italiano Romano Prodi e Fernando Henrique Cardoso estão fazendo hoje em dia" (id., ib., os números acima mencionados são da redacção). Mais texto, em: <http://www.lepanto.com.br/Esttercvia.html>

É-me impossível fechar o texto sem tornar a esse começo afectivo de Boris Cyrulnik. Não duvido que a teoria de Freud, Klein, Bion, e Miller, sejam teorias de importância capital, especialmente as de Alice Miller, para quem procura penetrar o saber da *mente cultural* da criança. Bem como me é impossível, após estudar tanta criança, analisar as suas aventuras e desventuras, deixar de referir que, se Freud fosse vivo, deveria rever e modificar a sua definição do Complexo de Édipo e a ideia da figura paterna ser um castrador ao mandar e impor ordem dentro da casa ou lar. Hoje em dia, são os pais – eles e elas –, esta péssima língua portuguesa machista tem palavras iguais para acções diferentes, que sofrem o denominado complexo de Édipo com a saída dos seus descendentes de casa, muito novos. Não casam, vivem juntos em amancebamento¹⁷³ ou concubinato¹⁷⁴, ou seja, não assinam contratos nem se juntam publicamente em cerimónia ritual, e se estão satisfeitos um com o outro, casam depois e trabalham em conjunto desde o primeiro dia em que começam a viver em concubinato, este é o seu experimento pré nupcial que, hoje em dia, a maior parte das pessoas faz, especialmente no Alentejo (Portugal), na Andaluzia (Espanha) ou nos meios burgueses, situação que se verifica pela inexistência contratual ou pela existência, como está definido no Código Civil Português, de impedimentos dirimentes¹⁷⁵. Antigamente, na

¹⁷³ Estado de quem vive amancebado ou em concubinato, de acordo com o Código Civil Português no artigo 1871, página 1545 do Código reformado em 2001 e 2006 que define a presunção de pai, se não houver matrimónio, e o direito da mãe a pedir pensão de alimentos do pai das suas crianças ou concubino, e 2020, que define o amancebamento ou concubinato, como união de facto, página 1602.

¹⁷⁴ Diz-se da situação em que duas pessoas vivem maritalmente sem serem casadas.
ARTIGO 2020º (União de facto)

1. Aquele que, no momento da morte de pessoa não casada ou separada judicialmente de pessoas e bens, viva com ela há mais de dois anos em condições análogas às dos cônjuges, tem direito a exigir alimentos da herança do falecido, se os não puder obter nos termos das alíneas a) a d) do artigo 2009º.

2. O direito a que se refere o número precedente caduca se não for exercido nos dois anos subsequentes à data da morte do autor da sucessão.

3. É aplicável ao caso previsto neste artigo, com as necessárias adaptações, o disposto no artigo anterior.

Texto completo em: <http://www.portolegal.com/CodigoCivil.html>.

¹⁷⁵ Artigo 1600: Têm capacidade para contrair casamento, todos aqueles em quem se não verifique algum dos impedimentos matrimoniais previstos na lei... Em suporte de papel, página 1358.

Livro IV, Direito de família, Título II: Do Casamento: Artigo 1601

ARTIGO 1601º (Impedimentos dirimentes absolutos)

minha infância, o Natal era como nas aldeias portuguesas, galegas, polacas, húngaras e em várias da América Latina que o comemoram. Nem todos o fazem, porque na América Latina têm sobrevivido cultos ancestrais que os invasores portugueses, britânicos, franceses e espanhóis não conseguiram tirar.

O melhor modelo para entender a vida e o saber das crianças, é o escritor Quechua- obrigatoriamente peruano por lei - , [Ciro Alegría](#) e o seu encantador livro *El Mundo Es Ancho y Ajeno*¹⁷⁶. O [Gabriel Garcia Marquez](#) e os seus *Cien Años de Soledad*¹⁷⁷, ou ainda, de entre a sua vasta obra, [Isabel Allende](#), especialmente com o seu livro *Mi País Inventado*¹⁷⁸.

É evidente que um saber para curar de maus-tratos infantis, definidos por [Cyrulnik](#), acaba por nos dizer: senhores, sim, a mente humana é um labirinto de paixões, como diz [Garcia Marquez](#) no seu melhor livro: *El General en su Laberinto*¹⁷⁹ ou na obra *El Amor en los tiempos del cólera*¹⁸⁰. Se assim não for, deveríamos lembrar [Gabo](#) ou [Isabel Allende](#) em *La Casa de los Espíritus*¹⁸¹. Também explica essa mente, o livro mais esquecido de todos, que herdei do meu pai, esse

São impedimentos dirimentes absolutos, obstando ao casamento da pessoa a quem respeitam com qualquer outra: a) A idade inferior a dezasseis anos; b) A demência notória, mesmo durante os intervalos lúcidos, e a interdição ou inabilitação por anomalia psíquica; c) O casamento anterior não dissolvido, católico ou civil, ainda que o respectivo assento não tenha sido lavrado no registo do estado civil (pg. 1358, em suporte de papel).

Artigo 1602: Impedimentos dirimentes relativos: (Impedimentos dirimentes relativos)

São também dirimentes, obstando ao casamento entre si das pessoas a quem respeitam, os impedimentos seguintes: a) O parentesco em linha recta; b) O parentesco em segundo grau da linha colateral; c) A afinidade em linha recta; d) A condenação anterior de um dos nubentes, como autor ou cúmplice, por homicídio doloso, ainda que não consumado, contra o cônjuge do outro (formato de papel, pp 1354 e seguintes).

¹⁷⁶ [Alegría, Ciro](#), 1963, *El mundo es ancho y ajeno*, Aliança Editorial, Madrid, é uma [Novela](#) do escritor [peruano Ciro Alegría](#), considerada como uma das obras mais destacadas da [novela indigenista](#) e a principal do autor.¹ [Mario Vargas Llosa](#) afirma que *El mundo es ancho y ajeno* constitui "el punto de partida de la literatura narrativa moderna peruana y su autor nuestro primer novelista clásico"². Esta novela conta com inúmeras edições em [español](#) e é a novela de [Ciro Alegría](#) mais traduzida.

¹⁷⁷ [Garcia Marquez, Gabriel](#), 1967: *Cien Años de Soledad*, Editorial Sudamericana, Buenos Aires.

¹⁷⁸ [Allende, Isabel](#), 2003: *Mi País Inventado*, Editora Sudamericana, Buenos Aires, México y Madrid.

¹⁷⁹ [García Márquez, Gabriel](#), 1989: *El General en su Laberinto*, Mondadori, Madrid.

¹⁸⁰ [García Márquez, Gabriel](#), 1985: *El Amor en los tiempos del cólera*, Bruguera, Barcelona.

¹⁸¹ [Allende, Isabel](#), 1982: *La Casa de los Espíritus*, Plaza e Janés, Barcelona.

maravilhoso romance *Gran Señor y Rajadiablos*¹⁸². Texto que nos facilita entrar numa mente cultural muito desconhecida. Mente cultural, que luta por saber, liberdade e desamamenta os pais mais cedo ensinando-lhes a serem adultos.

O saber das crianças, nas suas três vias, acarinha a sua sexualidade e emotividade como Simón Bolívar no seu Laberinto, como a procura do indigenismo primevo de Ciro Alegría, como a nostalgia do que foi e já não é, no País Inventado. O saber das crianças precisa de psicanálise para entender esse precoce desejo, mas dos seus adultos, porque este texto é para os adultos entenderem as crianças e saberem que a liberdade delas conta desde o primeiro dia, como referi na minha obra *Yo, Maria de Botalcura*¹⁸³. Texto que advoga pelo saber livre dos mais novos, sem serem impedidos ou travados pelos seus adultos. A psicanálise do saber e da sexualidade das crianças, é para os adultos saberem por onde andam como adultos maiores com descendência liberta pelo neo-liberalismo, que Blair e Giddens não souberam encontrar como terceira via para a liberdade desses adultos. Talvez Obama hoje...

Em jeito de conclusão.

Parece-me, na minha fantasia, não a definida por Freud, mas a definida e invocada ao longo deste texto, essa que às vezes me faz pensar, outras temer, outras ainda ter pesadelos, essa minha fantasia usada na infância quando pensava que os filhos do último Czar da Rússia não tinham perdido uma filha (assassinada) mas sim um filho (que a família Romanoff não queria reconhecer) oculto, bem-criado, tratado com doçura, amor e todo o carinho do mundo, esse filho, mais não era do que o meu pai.

Fantasia própria, que sempre povoou a minha mente e permitiu-me sonhar acordado, outorgando galardões aos meus seres mais queridos. Seres queridos, como o meu Senhor Pai, esse Engenheiro e Terratenente, o “el papá”, como era referido por nós, os seus descendentes, ou a nossa Senhora Mãe, Licenciada em Matemática e Línguas. Os dois, da mesma Universidade, essa Pontifícia Católica de Valparaíso, onde se

¹⁸² Barrios, Eduardo, 1967: *Gran Señor y Rajadiablos*, Editorial Nascimento, Santiago de Chile.

¹⁸³ Iturra, Raúl-2008-Iturra, Blanca, 2009: *Yo, Maria de Botalcura*. Ensaio de Etnopsicologia da Infância, Universidade Autónoma de Chile, antigo Instituto del Valle Central, Talca, Chile.

conheceram, namoraram, mais tarde casaram e tiveram muitos filhos e, para acabar este parágrafo, é natural dizer que viveram felizes até ao fim das suas vidas. Final romântico, agradável e convencional.

É evidente que a paixão dessa juventude os levava a ser pais de imensos filhos, que foram estragando a felicidade da frase ritual do casamento: *para sempre até ao fim dos seus dias*. Colégios caros, a serem pagos todos os meses para que os filhos os pudessem frequentar, fim de mês sempre temido, quando as contas começavam a aparecer. As roupas que deviam ser de marca. Os descendentes eram filhos à Romanoff, dentro de um pequeno imenso estado, no qual, pela fantasia do “gallallla”, cabiam todas as Rússias. Mandava-se a torto e a direito, colaborava-se a direito e torto e montava-se a cavalo ao som do prazer numa praia imensa e privada. Uma fantasia de vida. Fantasia que devo ter vivido ao longo de toda a minha vida. Fantasia que, nesses tempos, me mantinha fechado na Quinta da Baía de Laguna Verde, a nossa pequena monarquia de luz, de sol, de um Pacífico verde-esmeralda, a brincar com irmãos e primos. Irmãos bem mais novos do que eu, primos de marca (não somente a roupa), filhos dos familiares consanguíneos dos nossos Senhores pais. Nem era preciso trazer amigos para casa: éramos tantos! Casa grande, sim, mas nem sempre capaz de receber tanta gente por longos períodos de tempo. Cada um de nós tinha os seus amigos, que adoravam visitar aquele jardim do Éden, comer repostarias bem preparadas pela multidão de servos da gleba que havia dentro da casa dos Senhores Pais. Às vezes, na casa de jantar, eu comia só, enquanto na copa e na cozinha havia mais pessoas do que no resto da casa. A fantasia ia crescendo: leituras de mitos, de Dickens, Jules Verne, Pablo Neruda, Gabriela Mistral, Stephan Zweig, Pearl Buck, John Cronin entre outros e canto com Mozart, Vivaldi, Beethoven e especialmente Bach e os seus concertos de Branderburg, outros na imensidão das dívidas do Senhor Pai e da sua música, mas, também a fantasia da concertista de guitarra clássica, a nossa Senhora Mãe, com o seu Albeniz e Granados. Nós, os mais novos da casa, nem respeitávamos essa música que, por vezes, era acompanhada de música da casa Real de Espanha ou das impostas, anos mais tarde, pelo ditador (esse que matou a Segunda República de um dos Estados Ibéricos e foi rei até ao dia da sua morte, após cinquenta anos de tirania, essas matanças, também, a torto e a direito).

Eram senhores os meus pais? Mais do que isso, sabiam mandar com simpatia e doçura acolhendo em casa os mais desamparados, sabiam ensinar o que era trabalhar e, ainda, sabiam ensinar como fazer comidas que alimentassem. Ao mesmo tempo, divertíamos-nos com as peças de teatro que nós próprios encenávamos às quais toda a povoação assistia. Não pelo Senhor Pai ser quem mandava, empregava ou despedia pessoal da sua fábrica, mas porque não havia alternativas a este entretenimento, excepto as Missões de Padres organizadas pela Senhora Mãe, ou as sessões cinematográficas que o Senhor Pai promovia. Esse manda chuva que, na minha fantasia, ao longo do meu crescimento, de Romanoff, passou a ser, não na fantasia mas sim, na materialidade da vida, um senhor com quem foi preciso lutar para defender postos de trabalho, manter e respeitar os horários de técnicos e operários, que precisavam de descansar.

No Paraíso encantado, havia uma fada madrinha, a minha Nana Griselda, que me criara e tinha a paciência de esperar o meu regresso a casa, às vezes pela noite dentro. Época em que eu organizava Sindicatos, defendia os plebeus definidos por Gracchus Babeuf em 1785 e teorizados por Marx em 1848. Por tratar de casos criminosos em bairros de lata, costumava chegar por volta das onze da noite. Lá estava ela, a tricotar e à minha espera para me servir a comida. Sem duvidar jamais, comíamos ambos na cozinha. Contava-me histórias, especialmente da nossa família que a nossa Senhora Mãe lhe havia contado e eu, depois, transmitia-as aos meus irmãos. Como na *Casa dos Espíritos* de Isabel Allende. Enquanto eu comia, ela tricotava, narrava e ria. Com um riso alegre e calmo, alimento de serenidade para o meu espírito rebelde e radical de combatente dos plebeus. A minha Fada Madrinha em breve passou a ser a *Chela*, alcunha inventada por mim ao longo da cronologia dos nossos cálidos jantares a dois, enquanto toda a casa dormia. De manhã, às seis, hora em que ela ainda dormia, eu acordava os meus irmãos e primos para o pequeno-almoço antes de partir para a cidade. A minha Fada Madrinha ou qualquer outra pessoa da cozinha, preparava a mesa da copa para os Iturra mais novos se alimentarem com queijos, o eterno *porridge* ou aveia com leite, ovos escalfados, torradas e manteiga, por vezes rins ou carne assada, era uma avalanche de alimentos para suportar essas enormes manhãs, sustentar o corpo e a nossa inteligência! A minha Fada Madrinha, que nos abandonou para entrar na eternidade, ainda muito nova, conheceu os seus “netos” – os nossos filhos – e orgulhava-se dos seus descendentes adoptivos. Foi ela, quando por motivos académicos saímos de Laguna Verde para Santiago, quem nos apoiou, enquanto os nossos Senhores Pais tratavam dos

trabalhos da indústria nessa encantadora Laguna Verde. Baía que visito sempre que me desloco ao Chile e rememoro as nossas vidas especiais... A minha memória está incutida em Laguna Verde, na casa, hoje abandonada, que já não recebe a descendência dos Senhores meus Pais, espalhada pelo mundo, todavia acolhe a minha Chela, através das recordações. A sua passagem para a eternidade marcou o começo de um fim: das visitas dos primos, dos tios, dos amigos, dos artistas amigos dos Senhores pais; a criança cresceu e o tango de Gardel, *Adiós Pampa Mia*, começou a ser cantado na materialidade da vida.

Chegava ao fim o Paraíso encantado, sem barulho, longe da cidade, com carros para nos deslocar, ou com as nossas bicicletas ou, simplesmente, a pé ou a cavalo.

Com a minha amada irmã Blanquita, mal havia temporal, ou os bem conhecidos terremotos, normalmente um por ano, ou tremores de terra, quase diários, lá íamos à procura de asilo para os que sem casa ficavam solicitando aos ricos o empréstimo dos seus armazéns, das suas adegas ou terrenos abandonados para construir casas designadas meias águas, feitas em madeira com um tecto para a água da chuva, sempre muita, escorregar – daí, meias água (porque tinha apenas uma placa de madeira, para resguardo da água). O nosso crescimento fez-nos pessoas implicadas persistentemente na defesa dos direitos humanos. A minha doce irmã, nos Centros de Madres com a nossa Senhora Mãe, de uma simpatia e solidariedade impossível de descrever, doce e muito religiosa, de terço às tardes, de joelhos, a família toda, até que, a pouco e pouco, foi ficando apenas com os empregados de casa. O nosso irmão, a converter operários para o marxismo, eu a fundar sindicatos de pescadores e de operários da fábrica, outra a dançar andaluz o tempo todo enquanto criava uma escola para as raparigas operárias.

O primeiro sindicato a reclamar leveza no trabalho, organizei-o com quinze anos de idade e dois anos mais tarde, aos dezassete, criei o teatro; o Centro de Madre, foi fundado pela minha amada irmã apenas com catorze anos; o nosso irmão aos treze anos de idade formou centros marxistas de rebelião ao passo que a mais nova, completava os seus estudos.

Enquanto um era advogado para defender causas perdidas e apoiar os sindicatos (eu), outra formou-se como Assistente Social (Blanquita), mais tarde, já como analista, concebeu o Programa de Atención Integral en Salud, PRAISE, que hoje, após o

terramoto da ditadura, coordena em quatro províncias do Centro do Chile, trabalhando desde as 8 da manhã até noite dentro, na constante procura de melhorar as depressões causadas pelo nefando assassinio que faleceu réu de crimes imensos, e em tribunal. O nosso irmão Jaime, Engenheiro Agrícola e Florestal, é hoje em dia membro do PC Chileno, enquanto Flor Maria foi educada, na mesma Universidade dos Senhores Pais, como de todos nós e dos nossos descendentes, para *Ser Senhora*. Assim, Senhora é, dedicando-se actualmente à pintura. Maria de los Ángeles estudou e criou família, filhos, netos e bisnetos – com esse programa, relatado por mim noutro livro.

Já não havia tempo para correr e cantar, como outrora. O teatro foi à vida, as danças andaluzas também, os Centros de Madres e de Escuteiras, orientados pela Senhora Mãe, e o Sindicato, pela lei que organizámos na segunda metade dos anos cinquenta do século XX. Agora, nos verões, dedicávamo-nos à alfabetização, recorrendo ao método de Paulo Freire, construíamos estradas, levantávamos escolas, ensinávamos higiene, lutávamos pelo nosso candidato, Dr. Salvador Allende e os seus ideais.

Nessa época, ganhei a mania de pregar nas homilias celebradas pelo nosso amigo Mário Erazo às 10 da manhã de todos os Domingos. Nessas manhãs dominicais, levado de carro até à Igreja, eu batia e batia o sino da solidariedade, até conseguir que paroquianos detentores de muitas terras oferecessem algumas das que não usavam, para construção de um bairro que, até hoje, tem por nome Don Raulito Iturra, tal como o que organizara em Viña del Mar, para os pescadores ou o de Caleta Abarca, que visitei em 2004, designado Raúl Iturra. Os *santos padroeiros* com muito dinheiro e terras comoviam-se com os meus sermões, especialmente quando, como um Lutero, um Calvino ou um Knox qualquer, afirmava que iam ganhar o Reino dos Céus. Foi com essa segurança que, o secretamente ateu Rir – eu – soube levantar a população, nomeadamente em alguns bairros de lata de Valparaíso. Foi assim que me formei em advocacia.

No decurso desses trabalhos de verão, conheci uma rapariga, doce como o mel; perdido de amores pela recém retornada ao Chile, vinda da Europa, solicitei ao meu Senhor Pai que a pedisse em casamento (para mim, claro). Foi longa a espera, mas a minha persistência foi tanta, que ela acabou por dizer sim. E porque sim, casámos. Partimos para a Europa, onde prossegui os meus estudos em Antropologia, e, como

antropólogo, deslocámo-nos de novo para o Chile quando aconteceu o assassinato do nosso Presidente e da sua via chilena para o socialismo.

Tivemos duas filhas preciosas e extremamente bem cuidadas, especialmente pela mãe, a minha mulher, que, um dia, ficou farta de mim e pediu-me o divórcio. As suas perspectivas eram, afinal, bem diferentes das do radical revolucionário, com quem casara, que vivia para a prática do Direito e Lei e das Ciências Sociais. O resto, não é a minha história.

Paradoxalmente, a minha história de vida não me parece minha. Assim, para me entender, entre o Id, o ego, o superego, as fantasias e as relações sociais e porque um dia disseram-me que podia falecer por causas neurológicas, apressei-me a escrever as minhas memórias e as lembranças das minhas ultra amadas filhas e as dos seus filhos.

O resultado dessa escrita intensa, apareceu como *Mis Camélias – Recuerdos de Padres interesados*, texto pensado para ser escrito pela minha pequena família. Não aconteceu. Pelo contrário, criticam-no duramente, apesar de ter ganho um prémio. Esse livro fez-me perder a família. Louvores na escrita, profunda tristeza na vida familiar, solidão das solidões. Gostaria, no entanto, de realçar que pedi licença aos interessados, ao enviar-lhes um exemplar para lerem, sugerirem, darem a sua opinião e, naturalmente, autorizarem a edição. Mas os meses foram passando e uma vaga de silêncio instalou-se por um livro não lido.

Como Etnpsicólogo, como sujeito de uma psicanálise de dez anos para ser etnpsicólogo, decidi auto analisar-me. Por não saber qual o erro, recorri a Freud e aos seus discípulos.

Dir-me-ão porquê Freud? Porque ele, tal como Copérnico e Charles Darwin, revolucionaram a forma do ser humano se ver dentro do infinito Universo. Para Sigmund Freud, as acções e os desejos não são fruto da vontade e da vaidade humana, mas sim do Inconsciente, esta nova maneira de pensar a psique humana, abalou o mundo científico. Ansioso na obtenção de respostas plausíveis para aplacar o sofrimento dos seus pacientes, enveredou pela doutrina de Charcot e utilizou a hipnose nos seus estudos sobre histeria. Muito embora os seus estudos encontrassem resistência na ala conservadora da Medicina, que via nas teorias freudianas uma ameaça à primazia

do ser humano, Freud prosseguiu a sua linha de pensamento e descobriu que o ser humano é dividido entre o Consciente e o Inconsciente, lançando as bases da Psicanálise.

É interessante observar como ao comparar etapas da vida de si próprio com a da sua descendência é possível articular as suas descobertas com as experiências pessoais do psicanalista. Como a teoria que desenvolveu sobre o Complexo de Édipo, fundamentando-se na relação com o seu pai morto, recorrendo a uma linguagem metafórica e onírica. O conflito interior que Freud viveu, enquanto tentava penetrar no obscuro Inconsciente dos seus pacientes, temendo encontrar o inefável, o impensável, era, na verdade, receio de encontrar a sua própria essência. Esta questão, também é parte do conflito da minha auto-análise para entender o que foi desastroso na minha escrita de *Mis Camélias*.

Hoje em dia faço o possível e o impossível para defender que o complexo de Édipo devia ser virado do avesso: são os pais que precisam dos descendentes, especialmente quando a vida começa a ficar à beira do fim, na mais espantosa das solidões. Ou estamos no cume sem borrascas, como diria Emily Brontë, ou com borrascas por ficarmos sós e pensarmos ter feito tudo correcto na vida. Mas, Margaret Mitchell afirma, desde 1936, que o que não fica por escrito o vento leva. Eu não queria que o vento da vida levasse as minhas memórias, especialmente as mais queridas para mim, as da minha descendência.

Este livro, contrariamente ao *Para sempre ticinco. Allende e Eu* (no prelo), tem sido pesado. Passar pelo crivo da estrutura de personalidade, submetendo lembranças e emoções a teorias e autores que eu próprio analiso, tem sido duro. Não estou arrependido. É assim.

Há, ainda, uma outra intenção no surgimento deste livro. Entregar aos docentes uma teoria: é necessário saber de história da nossa cultura, ou das nossas orientações de religiosidade que guiam a mente humana, como também é preciso entender a estrutura de personalidade que a nossa cultura, no sentido antropológico do conceito, modela na nossa psicologia. O melhor sujeito para uma pretensão como esta é o nosso ego profundamente estudado com as nossas teorias e as dos sábios que as criaram. Ensinar é saber não apenas a ciência doutoral, mas também a ciência do povo.

Por fim diria, que nunca mais aprendemos tudo o que é necessário para viver e acabar a vida em paz. Seja o que for, está mal feito. Eis porque pus o meu ego sob o prisma da psicanálise, ao estudar a hipótese mais importante do fundador: a libido infantil. Que foi preciso ler o Talmude? Pois foi. Rever o Alcorão, o Mishná, o Torah? Devia haver uma divindade para me compensar estes anos de aprendizagem, no mais absoluto silêncio, quebrado, por vezes, pela simpática companhia de Maria da Graça Pimentel Lemos, que não apenas fixou o meu português, bem como trabalhou à noite, em sua casa, para corrigir os meus erros, o que agradeço profunda e profusamente.

Raúl Iturra

Parede, Portugal, 20 de Janeiro de 2009

Bibliografia:

Abraham, Karl, (1924 em alemão) 1929: *A Short Study of the Development of the Libido Viewed in the Light of Mental Disorders*, Selected Papers, Yale University Press.

Alegría, Ciro, 1963: *El mundo es ancho y ajeno*, Aliança Editorial, Madrid.

Allende, Isabel, 1982: *La Casa de los Espíritus*, Plaza e Janés, Barcelona.

Allende, Isabel, 2003: *Mi País Inventado*, Editora Sudamericana, Buenos Aires, México y Madrid.

Almeida, Ana Nunes de, 1993: *A fábrica e a família: famílias operárias no Barreiro*, Câmara Municipal do Barreiro.

Almedi, Salomão Jacob, 1515: *Pitron Chalomot*, fonte, texto central.

Ávila, Lazlo António, 1823: *Doenças do corpo e doenças da alma*, fonte, texto central.

Bakan, David, 1991: *Sigmund Freud and the Jewish Mystical Tradition*, Free Association Books, University of Chicago.

Barrios, Eduardo, 1967: *Gran Señor y Rajadiablos*, Editorial Nascimento, Santiago do Chile.

Barnett Tylor, Sir Edward, 1871, *Primitive Culture*, Macmillan and Co, Londres.

Barnett Tylor, Sir Edward, (1881), 1889, *Anthropology. An Introduction to the study of man and civilization* editado por Macmillan & CO, Londres. Em língua lusa, 1982: *Antropologia. Uma introdução ao estudo do homem e a sua civilização*, Vozes, Petrópolis, Brasil.

Barnett Tylor, Sir Edward, (1865) 1864: *Early History of Mankind and the Development of Civilization*, John Murray, Londres, traduzido para a língua lusa como: *Pesquisas sobre a história antiga da espécie humana e o desenvolvimento da civilização*, 1982. Petrópolis.

Barroso, Cármen e Bruschinni, Cristina: “Sexualidade infantil e práticas repressivas”, em: *Revista Pesquisa – Fundação Carlos Chagas*, nº 31, Dezembro de 1979, São Paulo.

Bíblia (A) (500 antes da nossa Era-150 Nossa Era), Verbo, Lisboa.

Bion, Wilfred, (1961e após várias reedições, a que tenho comigo) 2000: *Experience with groups*, Routledge, Londres. Não há versão portuguesa nem castelhana.

Bloch, Marc, (1939-1940, *Annales d'histoire économique et sociale*, Paris), 1982 : **La société féodale**, Les Éditions Albin Michel, Paris. Traduzido para inglês, (1940) 1961: *Feudal Society*, Tr. L.A. Manyon, Two volumes, University of Chicago Press, Chicago.

Breuer, Joseph; Freud, Sigmund, 1895: *Studien über Hysterie* ("Estudos sobre a histeria"). *Leipzig & Vienna, Franz Deuticke*. Comentado em: <http://www.polybiblio.com/basane/5067.html>

Cervelatti, Cármen Sílvia: “A função do pai. Uma articulação possível”, em *Carta de S. Paulo* nº 22 – Abril – Maio /97, São Paulo.

Calvin, Jean, (1539, 1ª edição, 1559, edição corrigida) 1960: *Institutes of the Christian Religion*, dois volumes, The Westminster Press, Philadelphia, USA e SCM Press, Ltd, London.

Catecismo da Igreja Católica, 1991, Editora Gráfica de Coimbra, Lda e Libreria Editrice Vaticana, Cidade do Vaticano.

Código Civil Português, 2008, aprovado em 25 de Novembro de [1966](#), entrou em vigor a 1 de Junho de [1967](#), revogando o anterior Código Civil elaborado pelo [Visconde de Seabra](#) que entrara em

vigor um século antes, em [1867](#). Atualizado em 2006 e em 2008, teve a sua mais recente reformulação, ao modificar o artigo 1901 sobre poder paternal, Ediforum Edições Jurídicas, Lda., Lisboa.

Cyrulnik, Boris, 1993 : *Les Nourritures Affectives*, Éditions Ódile Jacobs, Paris.

Cyrulnik, Boris, 2001: *Les villaines petits canards*, Éditions Ódile Jacobs, Paris, versão portuguesa, 2003: Resiliência, Piaget, Lisboa.

Cyrulnik, Boris, 2003 : *Le murmure de fantômes*, Éditions Ódile Jacobs, Paris. Versão lusa, 2003: *O murmúrio dos fantasmas*, Temas e debates.

Cyrulnik, Boris, 2004: [Parler d'amour au bord du gouffre](#), Éditions Ódile Jacobs, Paris. Versão lusa, 2006: *Falar de amor à beira do abismo*, Martins Fontes, São Paulo.

Czerny, Josette, 2007: “Reseñas de libros”, em *Rev. bras. psicanál. dic.*, Vol.41, nº 4.

Dafoe, Daniel, 1719: *Robinson Crusoe*, 1950, colecção para crianças, Editora Paidós.

deMauss, Lloyd, 1988: “The truth laid bare in... The History of Childhood”, em *The Journal of Psychohistory*, 16 (2) Fall, USA.

Devereux, Georges, 1961: *Mohave Ethnopsychiatrie: The Psychic Disturbances onf an Indian Tribe*, Smithionan Institution, Chicago.

Devereux, Georges, (1961, versão inglesa) 1996: *Ethno-psychiatrie dès Indiens Mohaves*, a *Collection Les Empêcheurs de Penser En Rond*, Universidade de Quebec.

Devereux, Georges, (1970) 1977 : *Essais d'ethnographie générale*, Gallimard, Paris. Original em inglês, 1979 : *Basic Problems in Ethnopsychiatry*, colecção de ensaios de 1939 a 1965, University Press, Chicago.

Durkheim, Émile, 1897 : *Le suicide. Étude de sociologie*, Felix Alkan, Paris.

Durkheim, Émile, 1912 : *Les Structures Élémentaires de la vie religieuse, Le système totémique en Australie*, Félix Alkan, Paris.

Fernández Jiménez, Emiliano, 1996: *Las alas de la Torá*, Editorial Desclée de Brouwer, Biblioteca Catecumenal, Bilbao.

Freud, Sigmund, (1889): *Livro dos Sonhos ou A interpretação dos Sonhos*, Pensamento, Lisboa. Editado em 3 Volumes: Vol. I, 163 páginas, 1988, Vol. II, 170 páginas, 1988 e, Vol.III, 216 páginas, 1989.

Freud, Sigmund, (1896) 2007: *Traumata infantis*, tradução de Mário Quilici, apresentado por Alice Miller, na Internet. Original em Inglês: *Further Remarks On The Neuropsychoses of Defense*. Versão lusa, *Obras completas de Sigmund Freud*, Imago Editora, Rio de Janeiro.

Freud, Sigmund, 1901: *Monatsschrift fur Psychiatrie und Neurologie*. Versão francesa, (1916) 1975: [Psychopathologie de la vie quotidienne. Application de la psychanalyse à l'interprétation des actes de la vie quotidienne](#), Edições Payot, Paris. Versão luso brasileira, *Psicopatologia da Vida Quotidiana*, de FREUD, Editora Estúdios Cor, Brasil.

Freud, Sigmund, (1905) 1979: *On Sexuality*, Pelican Books, Londres.

Freud, Sigmund, 1909: Carta a Jung. Informação no texto central.

Freud, Sigmund, (1917) 1976: *Os Caminhos da Formação dos Sintomas*, vol. XVI, Conferência XXIII.

Freud, Sigmund, (1911, em alemão) 1919: *Totem and Taboo. Resemblances between the psychic lives of savages and neurotics*, George Routledge and Son, Londres.

Freud, Sigmund, (1912, em alemão) 1919: *Totem and Taboo. Resemblances between the psychic lives of savages and neurotics*, George Routledge & Sons, Limited, Londres.

Freud, Sigmund, (originais entre 1919 e 1922)1953: *The Sexual Enlightment of the Children; Character and Anal Erection e Family Romances*, Hoggart Press e Instituto de Psycho-Analysis, Londres

Originais, entre 1920 a 1936,

Volumes I-II & III e Volume XI, 1957: *The Lies Told by Children*;

Volume XII, 1958: *On Transformation of Instincts as Exemplified in Anal Erection*;

Volume XIII, 1955: *The Infantile Genital Organization; The Dissolution of Oedipus Complex; Some Phyaical Consequences of the Anatomical Distinction Amongst the Sexes*,

Volume IX, 1959: *Contributions to the Psychology of Love*;

Originais de 1919

Volume XIX, 1961: *Fetishism; Female Sexuality*;

Volume XX, 1961: *An sketch of his life and Ideas*

Original de 1922

1962: *The Short Account of Psychoanalysis*, Pelican Books, Londres.

Freud, Sigmund, 1920: *Jenseits des Lustprinzips*; versão inglesa: *Beyond the pleasure principle, standard*, Hoggart Press, Londres. Versão francesa editada em 1968, Éditions Payot, Paris.

Freud, Sigmund, (1921) 1987: “Psicologia de grupo e análise do ego”, em *Obras Completas*, Vol. XVIII, Imago Editora, Rio de Janeiro.

Freud, Sigmund, (1891) 1922: *Ensaio de Psicologia Colectiva*, versão francesa (1896): *Essais de psychanalyse appliquée*, incluindo os seguintes textos: [Le Moïse de Michel-Ange](#) (1914); [La psychanalyse et l'établissement des faits en matière judiciaire par une méthode diagnostique](#) (1906); [Des sens opposés dans les mots primitifs](#) (1910); [La création littéraire et le rêve éveillé](#) (1908); [Parallèles mythologiques à une représentation obsessionnelle plastique](#) (1916); [Le thème des trois coffrets](#) (1913); [Quelques types de caractère dégagés par la psychanalyse](#) (1915-1916); [Une difficulté de la psychanalyse](#) (1917); [Un souvenir d'enfance dans Fiction et Vérité de Goethe](#) (1917); [L'inquiétante étrangeté](#) (*Das Unheimliche*) (1919) e [Une névrose démonique au XVIIe siècle](#) (1923).

Freud, Sigmund, (1914) 1925: *On narcissism: An Introduction*, Vol. IV, Hogarth Press, Londres.

Freud, Sigmund, (1915) 1925: *Instincts and their vicissitudes*, The Hogarth Press, Londres.

Freud, Sigmund, (1905) 1953: *Three essays on the theory of sexuality*, Penguin, New Zealand.

Freud, Sigmund, (1923) 1955: *The Infantile Genital Organization*, Hoggart Press, Londres, versão luso brasileira, 1999: *Organização Genital Infantil*, Vol. XIX, Imago Editora, Rio de Janeiro.

Freud, Sigmund, “Das Unbewusste”, em *Internationale Zeitschr fur. Psychoanalyse*. Versão luso brasileira, 1999: *Psicologia médica e psicossomática*, Vol. XIX, Imago Editora, Rio de Janeiro.

Freud, Sigmund, 1923: *The Ego and the Id* **Publisher** W. W. Norton & Company, Londres.

Freud, Sigmund, (1938) 1990: *Moisés e a Religião Monoteísta*, Guimarães Editores, Lisboa.

Freud, Sigmund, 1962: *Além da alma*, título original: *Freud, secret passions*, de John Huston.

Freud, Sigmund, 2003: *A KABALÁ E A MORTE DE DEUS*, conferência, publicada na Carta Mensal do Conselho Técnico da Confederação Nacional do Comércio – Edição Maio 2003 – Número 578 – Volume 49.

Freud, Sigmund, Obras Completas, Hoggart Press, Londres.

Freud, Sigmund, 1999: Obras Completas, Imago Editora, Rio de Janeiro.

García Estébanez, Emilio, 1992: *¿Es cristiano ser mujer? La condición servil de la mujer según la Biblia y la Iglesia*, Siglo XXI Editores, Madrid.

García Márquez, Gabriel, 1967: *Cien Años de Soledad*, Editorial Sudamericana, Buenos Aires.

García Márquez, Gabriel, 1985: *El Amor en los tiempos del cólera*, Bruguera, Barcelona.

García Márquez, Gabriel, 1989: *El General en su Laberinto*, Mondadori, Madrid.

Giddens, Anthony, 1994: *Beyond Left and Right*, Polity Press, Cambridge.. Versão lusa *Para além da esquerda e da direita*, Celta Editores, Lisboa.

Giddens, Anthony, 1998: *The Third Way. The renewal of Democracy*, Polity Press, Cambridge.

Giddens, Anthony, 2000: *The third way and its critics*, Polity Press, Cambridge.

Girón Blanc, Luis Fernando, 1998: *Textos escogidos del Talmud*, Riopiedras, Barcelona.

Godelier, Maurice, 1981 : *La productions de grandes hommes*, Fayard, Paris.

Halbwachs, Maurice, 1947 : « La mémoire collective », em *Annales de Sociologie*. 1950 : *La mémoire collective*, Press Universitaire de France – PUF.

Harmenszoon van Rijn, Rembrandt, 1635: *Sacrificio de Isaac*, pintura óleo sobre tela, 193 × 133 cm, [Museu Ermitage](#).

Herdt, Gilbert, (org.) 1982: *Rituals of Manhood. Male initiation in Papua New Guinea*, University of California Press e Berkeley, Los Angeles, Londres.

Herdt, Gilbert, (org) 1984: *Ritualized homosexuality in Melanesia*, University of Chicago Press e Berkeley, Los Angeles, Londres

Herdt, Gilbert, 1987: *The Sambia. Ritual and Gender in New Guinea*, Holt, Rinehart and Wiston, Chicago.

Hesíodo, c. finais do Século VII antes da nossa era.: *Teogonia*. Também conhecida por *Genealogia dos Deuses*, é um poema mitológico do autor citado. *Os Trabalhos e os Dias*. (em [grego](#): Ἔργα καὶ Ἡμέραι, [transl.](#) *Erga kaí Hemérai*) também conhecido como *As Obras e os Dias*. Analisa e relata Mitos Gregos. Fonte, texto central.

Hipona, Agostinho, (398) 1937: *The Confessions of St. Augustine*, Thomas Nelson and Sons, Ltd, Londres e Edimburgo.

Hipona, Agostinho, (367) 1986: *O livre arbítrio*, Faculdade de Filosofia, Braga.

Hipona, Agostinho, (412) 1988: *La Ciudad de Dios*, Editorial Porrúa, México. Versão lusa, 1991: *A cidade de Deus*, Fundação Calouste Gulbenkian, 3 volumes.

Homero, c. Século VII: *A Ilíada*, Poema Épico que lhe é atribuído. Fonte, texto central.

Homero, c. Século VII: *A Odisseia*. Poema Épico que lhe é atribuído. Fonte, texto central.

Horney, Karen 1946: [Are You Considering Psychoanalysis?](#) Norton, USA.

Horney, Karen, 1939: [New Ways in Psychoanalysis](#), Norton, USA.

Hugo, Victor-Marie, 1862 : *Les Misérables*. Versão lusa: *Os Miseráveis*. Quer em francês quer em português existem várias edições e editores.

Iturra, Raúl, 1987 : « Stratégies de reproduction. Le droit canon et le mariage dans un village portugais, (1862- 1983)» em *Droit et Société. Revue Internationale de théorie de Droit et de Sociologie Juridique*, Nº 5, 1987, CNRS, (Org.) Louis Assieur-Andrieu, Université de Lyon.

Iturra, Raúl, 1988: *Antropologia Económica de la Galicia Rural*, Xunta de Galiza, Galiza.

Iturra, Raúl, 1990: *A construção social do insucesso escolar. Memória e Aprendizagem em Vila Ruiva*, Escher, hoje Fim de Século, Lisboa.

Iturra, Raúl, 1998: *Como era quando não era o que sou. O crescimento das crianças*, Profedições, Porto.

Iturra, Raúl, 2000: *O saber sexual das crianças. Desejo-te, porque te amo*, Afrontamento, Porto.

Iturra, Raúl, “Mulher a crescer, Machismo a tremer. A Filiação da criança”, em *A Página da Educação*, Nº 94, Ano 9, Setembro de 2000, Profedições, Porto.

Iturra, Raúl, “Pai, estamos em guerra?” em *A Página da Educação*, Nº 106, ano 10, Outubro de 2001, Profedições, Porto.

Iturra, Raúl, “Pedófilos, serão apenas os romanos?”, em *A Página da Educação*, Nº 114, ano 11, Julho de 2002, Profedições, Porto.

Iturra, Raúl, “Marx, Durkheim e a teoria da infância”, em *A Página da Educação*, nº115, ano 11, Setembro de 2002, Profedições, Porto.

Iturra, Raúl, 2003: *A economia deriva da religião. Ensaio de Antropologia do Económico*, Afrontamento, Porto.

Iturra, Raúl, “Lembranças de mãe”, em *A Página da Educação*, Ano 12, Nº 123, Maio de 2003, Profedições, Porto.

Iturra, Raúl, 2004: “A religião é a lógica da cultura”, publicado no livro intitulado *Em Nome de Deus. A religião na sociedade contemporânea*, coordenado por Donizete Rodrigues, Afrontamento, Porto.

Iturra, Raúl, (1997) 2007: *O imaginário das crianças. Os silêncios da cultura oral*, Fim de Século, Lisboa.

Iturra, Raúl, 2008: *Mis Camélias. Recuerdos de padres interesados*, editado em formato e-book, por Monografias.com.

Iturra, Raúl, 2008: *A ilusão de sermos pais*, editados em formato e-book, por Monografias.com.

Iturra, Raúl e Iturra, Blanca, 2008: *Yo, Maria de Botalcura. Ensaio de Etnopsicologia da Infância*, Universidade Autónoma do Chile, antigo Instituto del Valle Central, Talca, Chile.

Jones, Alfred Ernest, 1925: Mother Right and the Sexual Ignorance of Savage, em *International Journal of Psycho Analysis*, vol. VI, 2ª parte.

Klein, Melanie, 1937: *Die psychoanalyse dès kindes*; versão francesa, *La psychanalyse des enfants*, PUF, Paris; versão lusa, 1997: *A psicanálise das crianças*, Imago Editora, Rio de Janeiro.

Klein, Melanie, 1957: *Envy and Gratitude. A Study of Unconscious Sources*, Basic Books, Inc. New York; versão luso brasileira, 1985: *Inveja e Gratidão. Estudos das fontes do inconsciente*, Imago Editora, Rio de Janeiro.

Kury, Mário da Gama, 1990: *Dicionário de Mitologia Grega e Romana*, Jorge Zahar Editor Ltda., Rio de Janeiro.

- Lampedusa, Tomasi Giuseppe di, 1956: *Il Gatopardo*, versão lusa brasileira, 1958: *O Leopardo*, Círculo do Livro, São Paulo; versão em castelhano, 1958: *El Gatopardo*, La esfera de los libros. Madrid.
- Lévi-Strauss, Claude, 1952: *Race et Histoire*, Unesco, Paris, versão lusa, 1980: *Raça e História*, Editorial Presença, Lisboa.
- Lévi-Strauss, Claude, 1955: *Tristes Tropiques*, Librairie Plon, Paris, versão lusa, 1979: *Tristes Trópicos*, Edições 70, São Paulo e Lisboa.
- Lévi-Strauss, Claude, 1962: *La pensée sauvage*, Librairie Plon, Paris, versão lusa brasileira, 1976: *O pensamento selvagem*, Editora Companhia Nacional, São Paulo, Brasil. Há versão castelhana, 1964: *El pensamiento salvaje*, Fondo de Cultura Económica, México
- Luther, Martin, (1529) 1986: *Small Catechism with Explanations*, Concordia Publishing House.
- Luther, Martin, (1520) s/d: *A Liberdade de um Cristão. Prefácio à Bíblia Traduzida por Lutero*
- Luther, Martin, (1517-1539) 1989: *Martin Luther's Basic Theological Writings*, Editado por Timothy Lull, Fortress Press, Minneapolis.
- Malinowki, Bronislaw, 1927: *Sex and repression in savage society*, Routledge and Kegan Paul, Ltd, Londres, versão luso brasileira, 1973: *Sexo e repressão na sociedade selvagem*, Editora Vozes, Petrópolis.
- Malinowski, Bronislaw, 1929: *The sexual life of savages in North Western Melanésia*, Routledge and Kegan Paul, Londres, versão luso-brasileira, 1983: *A vida sexual dos selvagens do noroeste da Melanésia*, Editora Vozes, Petrópolis.
- Mauss, Marcel, 1923-24: *Essai sur le don: forme et raison de l'échange dans les sociétés archaïques*, em *L'Année Sociologique*; 1950: *L'Essai sur le don*, Presses Universitaires de France; versão lusa, (1988) 2001: *Ensaio sobre a Dádiva*, Edições 70, Lisboa, ambas as edições, com introdução de Claude Lévi-Strauss, pessoalmente recomendo a editada no ano de 2001.
- Mauss, Marcel, 1967: *Manuel d'ethnographie*, Payot, Paris; versão lusa, 1993: *Manual de Etnografia*, Edições Dom Quixote, Lisboa.
- Marx, Karl, 1843: *Zur Kritik der Hegelschen Rechtsphilosophie*, Klassiker des Marxismus-Leninismus *Crítica à Teoria do Direito de Hegel*, Clarendon Press, Oxford.
- Marx, Karl, 1846: *A Ideologia Alemã*, Clarendon Press, Oxford.
- Marx, Karl, Engels, Friedrich, 1848: *Manifesto comunista*, Clarendon Press, Oxford.
- Marx, Karl, (1857-1858) 1940 (publicação póstuma): *Grundrisse*, Clarendon Press, Oxford.
- Miller, Alice: (1988 Frankfurt und Main) 1990: *The Untouched Key. Tracing Childhood Trauma in Creativity and Destructiveness*, Virago Press, Londres; versão Castelhana, 1991: *La llave perdida*, Tusquets, Barcelona.
- Miller, Alice, (1979) 1983: *The drama of the gifted child*, Virago Press, Londres, versão castelhana, *El drama del niño dotado, y la búsqueda del verdadero yo*, Tusquets, Barcelona.
- Miller, Alice, (1981 Suhrkamp Verlag, Frankfurt und Main) (1985,1ª) 1995: *Pictures of a childhood*, Virago Press, Londres.
- Miller, Alice, (1981, Frankfurt und Main) 1998: *Thou shalt not be aware. Society's betrayal of the child*, Pluto Press, Londres.

Miller, Alice, 1981: *Prisoners of Childhood*, Basic Books, New York; 1981: *The Drama of the Gifted Child*, livro corrigido e aumentado, Basic Books, New York; versão castelhana, 1990: *El saber proscrito*, Tusquets, Barcelona.

Miller, Alice, (1980, Frankfurt und Main) 1990: *For Your Own Good: Hidden Cruelty in Child-Rearing and the Roots of Violence*, Farrar/Straus/Giroux, New York; 1983: Virago Press, Londres.

Miller, Alice, (1979, Frankfurt und Main) 1991: *The Drama of Being a Child*, Virago Press, Londres.

Miller, Alice, (1998, alemão) 2005: *Paths of Life*, Pantheon Books, New York.

Moisés, 1250 antes da nossa Era: *Êxodo*, um dos cinco primeiros livros da *Bíblia*, comum para todas as confissões cristãs, denominado *Pentateuco*.

Nathan, Tobie, 1961 : Devereux, en hébreu anarchiste, prólogo ao livro de Georges Devereux de 1961: *Ethno-psychiatrie des Indiens Mohaves*, a Collection Les Empêcheurs de Penser En Rond, Universidade de Quebec.

Platão, C. 361: *Fedro*; versão lusa, (2006) 2009, Fundação Calouste Gulbenkian.

Platão, C. 386: *A República*, fonte no texto central; versão lusa, (1989) 1990, 6ª Edição, Fundação Calouste Gulbenkian, Lisboa.

Platão, C.390: *O Simpósio* é um texto de diálogo de Platão.

Platão, C. 399: *O Banquete*, fonte e comentários, no texto central; versão lusa, 2005-2006, Fundação Calouste Gulbenkian, Lisboa

Ribeiro de Santi, Pedro Luís, 2005: *A construção do Eu na modernidade*, Editora Holos, São Paulo

Ritvo, Lucille, 2008: *A Influência de Darwin sobre Freud*, Imago Editora, Rio de Janeiro.

Rush, Florence, 1980: *The best kept secret: sexual abuse of children*, Prentice Hall.

Sira, Bem Jesus, foi o autor do livro mãe dos deveres canónicos denominado Sorach. Texto apócrifo dos primeiros anos da nossa era, assinado, no entanto, pelo autor, Jesus Bem Sira, derradeiro livro da *Bíblia Judaica*, usada pelos cristãos, hebreus e muçulmanos. O texto é denominado *Sabedoria de Jesus, filho de Sira*.

Smith, Adam, (1776) 1874: *An inquiry into the nature and causes of the wealth of Nations*, Routledge and Kegan, Edimburgo e Londres; versão lusa, 1983: *A riqueza das nações*, 3 volumes, Fundação Calouste Gulbenkian, Lisboa.

Talmude, c. 5000, antes da nossa era, é um registo das discussões rabínicas que pertencem à lei, ética, costumes e história do judaísmo. Mishná ou Mixná, c. 200 da nossa era, primeiro compêndio escrito da Lei Oral judaica, e o Guemará, c. 500 da nossa era. A discussão do Mixná e dos escritos tanaíticos que frequentemente abordam outros tópicos é amplamente exposta no Tanak.

Van Gennep, Arnold, (1909 Editora de Émile Nourry) 1981: *Les rites de passage*, Editora Picard, Paris.

Verne, Júlio, 1866, *Veinte mil leguas de viaje submarino*, várias edições.

Weber, Max, (1892) 1986 : «Enquête sur la situation des Ouvriers Agricoles a L'Est de L'Elbe. Conclusions Prospectives», em *Actes de la Recherche en Sciences Sociales*, nº 65, Novembro de 1986, manuscrito de Weber publicado pelo director, fundador e director de la Revista citada, Pierre Bourdieu. O

original foi publicado em 1892 pela primeira vez em : Schreiftent des Vereins für Socialpolitiken, tomo 55, Leipzig, Duncker und Humblot e reeditado em 1964 no texto de compilação de escritos de Max Weber por Eduard Baumgarten: *Max Weber, Werk und Person* em: BAUMGARTEN, EDUARD. *Max Weber Werk und Person*. Tübingen: Mohr, 1964. 720 p. Mit Zeittafel und 20 Bildtafeln

Weber, Max, (1904-1905 no Archiv für Sozialwissenschaft un Sozialpolitik, vols XX e XXI) traduzido por Taurus Edições, Madrid, em 1998. Este texto é um de vários ensaios de Weber, do projecto de pesquisa *Gessamelte Aufsächsze zur Religionziologie*, do qual resultou o mais famoso ensaio de Weber: *A Ética Protestante e o Espírito do Capitalismo*, publicado pela primeira vez nos Arquivos citados mais tarde em inglês como *Die Protestantische Ethik und Der Gèist Der Kapitalismus*, obra original ou *The Protestant Ethic and the Spirit of Capitalism*, 1930, por George Allen & Unwin e 1976, com introdução de Anthony Giddens; 1983: *A ética protestante e o espírito do capitalismo*, Editorial Presença, Lisboa, tradução de António Firminio da Costa; em 1998: *A ética protestante e o espírito del capitalismo*, Taurus, Madrid, foi editada em castelhano.

Anexo 1

Texto de Klein *Le psychanalyse des enfants* 1933.

Em Londres, Melanie Klein ([Viena, 30 de março de 1882](#) - [Londres, 22 de setembro de 1960](#)) [psicoterapeuta austríaca](#), geralmente tida como psicoterapeuta pós-freudiana, encontrou o seu lar intelectual. Dividia o seu tempo entre os psicanalistas britânicos que acolheram as suas (novas) ideias e que aderiram entusiasticamente à aprendizagem das suas técnicas, e o desenvolvimento, na Grã-bretanha, de uma escola ligada às novas correntes da psicanálise. Parte do seu tempo dedicou-o ao treino de futuros analistas do seu pensamento, teorias e técnicas psicanalíticas. A primeira inovação teórica de Klein foi a de incorporar a ideia do instinto de morte ao afirmar que o super ego se desenvolvia em tenra idade, ainda antes da formulação no inconsciente do complexo de Édipo. Esta ideia apresentava-se como um verdadeiro desafio à teoria de Freud do desenvolvimento do inconsciente, conjuntamente com a teoria dos jogos necessários à análise. Estava lançada a controvérsia entre os analistas britânicos e a Sociedade de Viena de Psicanálise, à qual Anna Freud pertencia, encontrando-se, ela própria, à época, a desenvolver a sua própria teoria sobre a psicanálise das crianças.

O simpósio de 1927 dedicado à *Análise da Criança*, publicado no *International Journal of Psychoanalysis*, foi o resultado do debate referido antes. Por outras palavras, o dos britânicos/austríacos, acima mencionado.

Klein, durante a década seguinte, contribuiu para o avanço/novas abordagens da psicanálise, através dos seus estudos continuou os seus estudos sobre crianças, como o seu mais importante debate durante a década seguinte.

No livro datado de 1932, *A psicanálise das crianças*, traduzido para a língua lusa, só em 1975, pela Editora Imago do Brasil, Volume II: *A psicanálise das crianças*, em inglês *The Psychoanalysis of Children*, Klein propõe que a criança tem, na mãe, a sua primeira relação objectiva, sentimento que, por pulsões agressivas, a orienta a desenvolver uma vida psicológica com imagens e fantasias sádicas. Como resultado destas descobertas escreveu um texto pioneiro, em 1935, reeditado em 1984, intitulado: “A contribution to the psychogenesis of manic depressive states”, em língua lusa, publicado pela mesma editora (acima referida), volume I: *Amor, Culpa e Reparação* ensaio publicado em língua lusa como: “Uma contribuição à psicogênese dos estados maníacos-depressivo, escrito num curto espaço de tempo – entre a morte do seu filho, em Setembro de 1934, com 27 anos de idade, num acidente de alpinismo – e a redacção do texto, inquirir a relação entre o luto e os mecanismos de defesa primitivos. Neste texto, introduz a ideia da existência de duas fases fundamentais no desenvolvimento de doenças mentais: o posicionamento paranóide – esquizofrénico e a posição depressiva. As ideias de Klein acerca dos mecanismos de defesa esquizofrénica, produziram um imenso clamor e um duro debate entre os membros da Sociedade Britânica de psicanálise.

No período da 2ª Guerra Mundial, as discussões processavam-se em torno das ideias de Klein, identificadas por kleinianismo, consideradas por alguns tão divergentes das teorias de Freud, que seriam uma outra teoria, mas nunca psicanálise. Do debate resultou a criação/fundação de duas escolas/correntes diferentes: o Kleinianismo e o Froidismo. Klein, surge assim, como a primeira analista a desafiar a teoria de Freud sobre o desenvolvimento da psique.

Gostaria de salientar que já antes, na década de 20, Jung tinha feito um desafio semelhante, que lhe valeu a expulsão da Sociedade Vienense Analítica.

Alice Miller, lança novo desafio, nos anos 70, ao propor novas abordagens para a análise das crianças. O resultado foi idêntico, expulsão do, já organizado, Colégio de Psicanalistas. Desde então, vive na Suíça, de onde produz e envia os mais maravilhosos livros sobre crianças para o programa *The Natural Child*, ao qual tenho a honra de pertencer. Programa organizado por Alice Miller e assistentes.

Anexo 2

O *pater* romano não era um "pai" no sentido moderno, e essencialmente ocidental, da palavra, mas um "chefe de família", ou um chefe da *domus* (casa) familiar. *Pater* é, assim, um conceito diferente do de pai biológico, designado pelos romanos de *Genitor*. O poder do *pater familias* era chamado *patria potestas* (poder paternal). *Potestas* era diferente da *auctoritas*, também detida pelo *pater*. O poder do *pater* era sobre a sua *familia iure proprio* (não necessariamente baseada no parentesco, correspondendo, sim, a uma unidade política, económica e religiosa) e a sua *familia doméstica* (baseada no parentesco e na co-residência). É da definição referida nesta linha que a ideia de poder paternal, potestade marital e Chefe de Família, foi retirada, a partir da [Lei das Doze Tábuas](#), da República Romana, *circa* 462 antes da nossa era, ditada pelos Pontífices Romanos e os Patrícios – homens de posses e de famílias antigas, especialmente para gerir o trabalho dos plebeus, a maior parte da população romana: Os **patrícios**, [cidadãos de Roma](#), constituíam a aristocracia romana, eram a sua elite. Desempenhavam altas funções públicas no [exército](#), na [religião](#), na [justiça](#) ou na administração. Eram grandes proprietários de terra e credores dos [plebeus](#), os quais viviam sob a constante ameaça de se tornarem escravos. Os patrícios, descendentes das famílias mais antigas da cidade, ou seja, dos chefes tribais da região do período pré-romano, eram donos das maiores e melhores terras e os únicos a possuir direitos políticos. História completa em: <http://pt.wikipedia.org/wiki/Patr%C3%ADcio>. Não foi em vão que referi, no texto central, o proletariado, as condições económicas e sociais são muito semelhantes, excepto a escravidão. Porém, um proletário vive do trabalho e do seu salário correndo o risco de encerramento da indústria ou de despedimento por causa provada, do proprietário dos meios de produção. Para os Pontífices, a história diz: Os primeiros sacerdotes eram obviamente os reis. A sua posição como mediadores entre os homens e os deuses dava-lhes um carácter sagrado. Com a sua expulsão, foi criado um sacerdote (o rei dos sacrifícios) herdeiro das atribuições religiosas, mas unicamente dessas, dado o pavor que os romanos tinham de adquirir um novo rei. Entre a monarquia e os primeiros tempos da república foram sendo criados uma série de sacerdócios, pois, entre os romanos, era considerada ser função do estado assegurar uma boa relação com os deuses. O colégio das vestais era um dos mais famosos. Na **Roma Antiga**, o termo latino Pontifex Maximus ("Sumo **Pontífice**") designava o sumo-sacerdote do colégio dos **Pontífices**, a mais alta dignidade na religião romana de Rómulo e Remo. História completa em: <http://roma-antiga.blogspot.com/2006/10/religio-romana-iii-os-primeiros.html>

Anexo 3

Infância: Essa inexplorada fonte do saber.

Por Alice Miller, Ph.D.

Este tipo de textos de Alice Miller, faz-nos pensar no imaginário da criança. No seu livro de 1986: *Bilder einer Kindheit*, Suhrkamp Verlag, Franckfurt am Main, traduzido para inglês em 1995: *Pictures of a Childhood*, com novo Prefácio da autora, editado por Virago Press, Londres, livro que tenho comigo, a psicanalista diz na página 7: “Ainda me lembro desses tempos em que queria ser uma pintora “real”, munida com as minhas ideias e técnicas, expondo e vendendo a minha obra..... o que estava oculto em mim, era esse desejo de identificação como artista. No entanto, o que realmente interessa é entender a história contada por essa criança nos seus desenhos.

Desde o início da civilização a humanidade debate-se sobre o surgimento do mal e de como poderá ser combatido. Parece-me ter existido sempre uma convicção difusa e intuitiva de instintos destrutivos dentro das crianças, isto é, que as sementes do mal, aliás, do demónio, podem-se encontrar nas crianças. A lei que domina esta triste ideia é a imaginação da existência, esta tendência de pensar que as sementes do Demónio, do mal entre as crianças, são congénitas. A manifestação de instintos destrutivos inatos pode ser corrigida em bondade, decência e nobreza de carácter, tratando-se a criança com uma boa quantidade, muito liberal, de castigos corporais.

Esta é a posição que frequentemente triunfa. No entanto, hoje em dia, ninguém pensa seriamente que o Mal tenha o poder de se intrometer entre as coisas, introduzindo desafios dentro do berço da criança. Maldade que nos obrigue a usar métodos punitivos para submeter este pequeno demónio às forças da ordem social. Apesar de tudo, ouvimos, a partir de vários universos sociais, a séria e severa proposta da existência de genes que predis põem crianças para a delinquência. A perseguição destes genes “marotos” tem inspirado vários e respeitáveis projectos, parte deles realizando, até, inquéritos. Apesar da hipótese por detrás desta ideia não ser suficiente para provar um número de factos em que se acredita. Os defensores da teoria da existência do “mal congénito”, deveriam explicar, por exemplo, porque é que 30 ou 40 anos antes do Terceiro Reich, o gene do mal parecia mostrar a sua hedionda cabeça, bem como o surgimento da imensidão de crianças com “genes perversos”, para que Hitler, mais tarde, tivesse uma desculpa para justificar a morte e humilhação de milhares de seres humanos.

Há hoje evidência científica suficiente e bem provada, para refutar a noção de que há certas pessoas que nascem com o “gene do mal”. Este mito absurdo encontra-se em várias culturas e tem sido investigado de forma efectiva. O mito tem sido aniquilado, todavia, entre a população, subsiste. Bem sabemos hoje em dia, que o cérebro com o qual nascemos, não é um produto acabado como se pensou em tempos. A estruturação do cérebro depende mais das experiências no decorrer da vida, especialmente nas primeiras horas do nascimento, dias, horas e semanas da vida de um indivíduo. O estímulo indispensável para desenvolver a capacidade de empatia, é a experiência de carinho amoroso. Ao faltar esse carinho ao longo do seu crescimento, a criança sente-se negligenciada, cheia de fome de emoções positivas e sujeita a crueldades físicas, pelo que ele ou ela, pode-se sentir *confiscado* de amor e desenvolver uma capacidade inata de crueldade.

Como sabemos, não nascemos limpos como a alvura. Todo o recém-nascido traz consigo a sua própria história. A história dos nove meses entre a concepção e o nascimento, para além da herança genética dos seus pais. Estes factos podem determinar o tipo de temperamento que a criança venha a ter no seu futuro, as suas inclinações, dotes e pré-disposições. Tudo depende se a pessoa recebe amor, protecção, ternura e compreensão nesses seus primeiros anos que a vão estruturando. Se fica exposta à rejeição, frieza, independência e crueldade, o seu carácter, no futuro pode ser negro e cruel.

Da imensidão de infantes que comete assassínios, normalmente, são crianças nascidas de pais adolescentes, ou de mães toxicodependentes ou aditas a drogas. A negligência, a falta de convívio afectivo e outro tipo de traumas, são as regras que governam estes comportamentos.

Os neurobiólogos, nos últimos anos, têm aprofundado as suas análises; dizem que crianças traumatizadas e negligenciadas, desenvolvem lesões neurológicas severas que afectam até 30% das áreas do cérebro que controlam as emoções. Traumas severos inflectidos nas crianças, que sofrem o escarafunchar/remexer dos pais nas suas emoções, incrementam a libertação de adrenalina, destroem as hormonas que controlam o stress acabando por aniquilar o sistema neuronal recentemente formado e as suas interconexões. O dano cerebral é imenso.

O médico neurologista e psicanalista da infância, Dr. Bruce D. Perry, é um dos defensores destas descobertas que nos ajudam a estudar e a compreender o crescimento das crianças e o efeito retardado do trauma infantil, que aparece apenas na idade adulta.

Os seus estudos vêm confirmar o que eu analiso no meu livro *For Your Own Good. The roost of violence on Child-rearing* escrito há pouco mais de 20 anos [em 1987], resultante da observação dos meus pacientes e das minhas pesquisas sobre estes casos. No trabalho supra, menciono diversos manuais que contêm a teoria do que eu denomino a pedagogia do envenenamento. Insisto na importância de refutar ou tamborilar princípios de obediência e de trato correcto para com os bebés, especialmente nos seus primeiros dias de vida. Este estudo tem-me ajudado a entender os indivíduos, como Adolf Eichmann, que funcionam como robots assassínios, sem a menor emoção pelos crimes cometidos. Pessoas como Hitler, têm que prestar contas pelo seu agrado em matar desde esse primeiro, até ao último morto. Foram pessoas que jamais prestaram contas pela falta de amor inflectidas sobre elas em crianças. O seu potencial destrutivo não corresponde ao que Freud denomina “síndrome de morte”. Era apenas a supressão, na sua vida de criança, de reacções emotivas naturais.

A monstruosa instrução sobre ser bons pais disseminada por educadores na Alemanha de 1860 teve pelo menos 40 edições. Este facto, levou-me a concluir que a maior parte dos pais leram esse manual escrito por docentes, leitura feita de boa fé. Pais que puniam os seus filhos, batiam-lhes desde o início das suas vidas, por serem ensinados que o castigo educava a ser bom cidadão. 40 Anos depois, esses filhos, já pais, fizeram o mesmo com os seus descendentes. Nem sabiam o que faziam. Nascidos 30 ou 40 anos antes do Holocausto, essas crianças mal tratadas e traumatizadas aderiram a Hitler, adularam-no e fizeram dele um guia. Isto é, a meu ver, o resultado de uma infância desgraçada/infeliz sentida desde muito cedo nas suas vidas. A crueldade experimentada foi transferida para seres emotivos coxos de afeição. Incapazes de desenvolver qualquer empatia pelo sofrimento dos outros. Passaram a ser bombas de tempo para matar, sem consciência, aguardando uma oportunidade para punir e matar, de transferir para outros a raiva que tinham por causa das suas tristes vidas. Hitler forneceu um bode expiatório legal. Podiam assim, agir para deitar fora os seus tristes sentimentos.

As recentes descobertas sobre o cérebro humano, podem levar-nos a uma mudança radical sobre o que pensamos acerca das nossas crianças e das formas como as tratamos. No entanto, como sabemos, os velhos hábitos perduram. É preciso, pelo menos duas gerações de pais jovens, para mudar, libertando-se do jugo pesado que herdaram, essa “sabedoria” de bater nos próprios filhos. Duas gerações até ser

impossível dar uma palmada “inadvertida” à criança. Duas gerações até que o novo conhecimento entre para evitar essa “inadvertida” palmada, dada sem “pensar”.

Há a crença de que a correção ao longo do tempo muda hábitos, sem detrimento da educação. Opiniões somente passíveis quando se pensa que o que acontece na infância, cobra-se na vida adulta. Os nossos espertos (em educação) citados, também sofreram na sua infância a punição paterna, punição que pesou bem mais do que o seu saber erudito, saber que, apenas, ajudou a colocar a afectividade de uma outra forma: virada do avesso!

Esta minha ideia, lançada detalhadamente no meu livro *Paths of Life*,¹⁸⁴ de 2005, talvez demonstre a imensa importância que dou e adscrevo à educação infantil e porque lhe são tão significativos os primeiros dias de vida, semanas e meses. Debato-me, não pela transferência da minha experiência para os pais, bem pelo contrário. Do que uma criança traumatizada ou negligenciada necessita é de encontrar “apoio” ou uma testemunha avisada dentro do seu círculo pessoal. Testemunha que somente pode ajudar se entender as privações afectivas pelas que a criança passou, sem brincar com esses sofrimentos. É disseminar a informação adequada de quem sabe contextualizar o acontecido com uma criança, que faz dessa pessoa uma testemunha que está a cumprir uma missão. É o que vejo em mim mesma: essa é a minha missão, testemunha do entendimento da dor do mais novo.

Durante um tempo lato, a significância desses primeiros dias de vida da criança, mais tarde adulta, não tem sido considerada pelos analistas nem pelos psicólogos. Em vários dos meus livros, tenho chamado à atenção sobre esta matéria, ao estudar as biografias de ditadores como Hitler, Stalin, Ceaucescu e Mao, demonstrando como reviviam, de forma inconsciente, em adultos, já no universo da política e do poder, as dores da infância. No texto que agora escrevo, quero, no entanto, que esta temática não seja focalizada na história, no passado. Estou convicta que várias áreas da vida prática podem ajudar-nos melhor se fixarmos a nossa atenção na infância tal como ela é hoje. Vejamos alguns exemplos:

A área mais evidente de negligenciar voluntariamente o factor infância, como tenho constatado, é o sistema penal. As estatísticas revelam que 90% dos presos norte americanos foram abusados na infância. Esta estatística é altamente acusatória se

¹⁸⁴ Miller, Alice, (1998 em alemão) 2005: *Paths of Life*, 1998, Pantheon Books, New York. A Introdução pode ser lida em: http://www.vachss.com/media/righteous/page_miller.html e comentário do livro, em: <http://primal-page.com/ampaths.htm>

considerarmos os factores de impedimento e repressão na vida social. Certamente, o número de pessoas aprisionadas deveria, assim, corresponder a 100%. Uma criança cuidada, agasalhada e respeitada, nunca é uma criminosa. A maior parte dos delinquentes, não confessam os sofrimentos passados na sua infância. Apesar destes factos, temos, ainda, esta alta e eloquente percentagem. Para nossa desgraça, pouco ou mesmo nada tem sido feito no sentido de introduzir este saber nos programas para reabilitar pessoas presas. Como é evidente, pode-se publicamente apreciar que as prisões e penitenciárias de hoje estão longe de serem essas tormentosas, ameaçadoras e obscuras fortalezas do Século XIX. Pelo menos, perante o conhecimento público. Todavia, uma questão fica sem explicação: qual o motivo que faz de um ser humano, um prisioneiro, um criminoso? Esta dúvida levanta-nos outra: qual o traço fisionómico que na sua tenra idade o orientou para estas desventuras? E, ainda, uma terceira: o que causará a reincidência? O que o faz cair uma e outra vez dentro das mesmas desventuras e, raramente, tomar uma atitude firme para mudar. Estas interrogações levam-nos a uma última: o que é que é possível fazer para evitar a reiteração da delinquência? Para responder a si próprio, sobre as questões acima colocadas, o prisioneiro deve ser encorajado a falar, escrever e pensar sobre a sua vida em criança e partilhar esses factos em terapia de grupo.

No meu mais recente livro, reporto a um programa para este tratamento, no Canadá. Devido a trabalhos em grupo, um grande conjunto de pais, que tinham abusado sexualmente as suas filhas na infância, entenderam, pela primeira vez na vida, que as suas acções tinham sido criminosas. Foi de grande importância para eles entenderem o seu comportamento abusivo, falarem da sua própria infância em frente de outras pessoas em quem confiavam. Assim, aprenderam a saber que tinham transferido um trauma da sua própria infância de forma quase automática, essa sua experiência traumática da qual nem tinham consciência.

Estamos habituados a calar os sofrimentos da nossa infância. Pelo que é frequente que se haja de forma cega e inconsciente. Foi a oportunidade de falar sobre os seus sofrimentos em crianças o que os levava a libertar-se da sua prisão silenciosa do trauma, da sua cegueira perante o facto. Com esta terapia em grupo e esse falar, ganharam o seu crescimento passando a serem adultos capazes de se protegerem de si próprios para nunca mais serem criminosos com as crianças. Infelizmente, este tipo de programas é ainda uma excepção. O outro que eu conheço, decorreu numa prisão de

Arizona, onde violentos criminosos foram capazes de falar da sua infância, com a colaboração da terapia em grupo. O grupo ajudou a entender o que estava escondido na sua lembrança de criança. Tenho visto vídeos destas sessões de grupo, tendo ficado impressionada pela mudança das expressões faciais destes homens após a terapia. Estes programas ajudariam, se realizados com frequência, a poupar dinheiro dos contribuintes. Estes programas não são caros na sua organização, e o perigo da incidência no mesmo tipo de delito, diminui de forma muito significativa. Face a estes resultados, é duplamente surpreendente que não tenham sido introduzidos em mais prisões.

Pode-se apreciar uma semelhante falta de interesse por estes programas na esfera da vida política. Quanto mais o perigo da nação ameaça o nosso mundo, mais perigo existe do aparecimento (surgimento) de ditaduras. Ditadores que são apenas um subgrupo de pessoas que, na sua infância, estiveram expostos a ameaças mentais e físicas. Investem toda a sua energia e talento inatos, em reprimir qualquer ameaça de desamparo que possa tornar a acontecer. Desenvolvem uma mania persecutória odiosa, para com um grupo da sociedade com o qual se sentem ameaçados (Judeus, intelectuais, grupos étnicos). Representam para eles, de forma viciosa e simbólica, os seus antigos perseguidores, os que devem superar ou erradicar a todo o custo, para o ditador sobreviver. Gastos militares altamente dispendiosos são usados para se protegerem de um perigo que já não existe, que já cessou, excepto no seu imaginário. Imaginário inacessível a argumentos lógicos conectados com a fantasia do perigo infantil. Para curar este problema convertendo-o em atitudes construtivas e produtivas, é preciso conhecer um bom troço da história da infância do ditador, bem como saber muita teoria da dinâmica infantil em geral. Infelizmente, é difícil que isto aconteça. Como, também, é difícil encontrar uma pessoa preparada para desobstruir o resultado de tão difícil pesquisa. A tendência na população, por medo ou adesão, é confiar nas medidas destrutivas de confronto directo em vez de abordar directamente a comunicação, o que seria um meio bem mais frutífero. Estamos a lidar com um indivíduo perigoso que deveria ser “retirado da circulação” social antes de matar (mais) pessoas, ou estar consciente que o grupo étnico é apenas um símbolo.

Anexo 4

Para entender esta parte do anexo, é preciso saber o conteúdo do texto de Freud de 1925, *Psychanalyse et médecine* ou *La question de l'analyse profane*, texto em francês, que pode ser lido em:

http://www.uqac.quebec.ca/zone30/Classiques_des_sciences_sociales/classiques/freud_sigmund/psychanalyse_et_medecine/psychan_et_medecine.html,

“Psychanalyse et médecine” ou “La question de l'analyse profane” (1925)
Posfácio

Posfácio do livro de Freud de 1925, escrito e publicado em 1927.

Versão em língua lusa do livro de 1925 : Freud, S. (1926) *A questão da análise leiga*. Edição *Standard Brasileira das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud*, volume XX. Rio de Janeiro: Imago Editora; 1976, pp. 203-93.

Este texto é uma edição electrónica realizada a partir do Posfácio de 1927, da obra *La question de l'analyse profane* ou “*Psychanalyse et médecine*”. Tradução do Posfácio de “Frage der Laienanalyse” in Sigmund Freud, *Frage der Laienanalyse* Gesammelte Werke, Werke aus den Jahren 1925-1931 (p.287 à p.296), 1948 Imago Publishing Co., Ltd., London. Posfácio publicado com base no debate organizado pela publicação *Revue Internationale de Psychanalyse*, no verão de 1927 (ano 13, N° 2 e 3), sobre a questão da análise (nota do texto escrito em língua alemã). Tradução original realizada pelo nosso colega e amigo, [Philippe Folliot](#), professor de filosofia do Liceu Ango de Dieppe, responsável do sítio web [Philotra](#).

Posfácio (1927) ([note _____ 1](#))

Tradução do Posfácio do livro que em alemão se intitula: “Frage der Laienanalyse” in Sigmund Freud, e em português: *Análise Profano*. Texto Original, publicado em Janeiro de 1925, em língua alemã - Em língua inglesa, 1931 e 1948 (p.287 à p.296), por Imago Publishing Co., Lt., Londres. Tradução de Philippe Folliot, professor de filosofia do Liceu Ango de Dieppe. Outubro de 2002.

«O motivo pelo qual escrevo este posfácio, deve-se ao facto das discussões que o livro tem causado ([Note 2](#)), debates que irei aqui refutar.

As discussões abordam a actuação de um leigo, nosso colega não médico, o Dr. Reik, na análise de pessoas, acusado pelas autoridades de Viena de ser um charlatão.¹⁸⁵ Pode-se dizer que ele é conhecido por todos e que, após indagações sobre o seu saber e actuação, foi absolvido. O sucesso, parece-me, não é devido ao meu livro. As circunstâncias advêm do pouco suporte da acusação ao considerar o acusado pessoa de pouca confiança. O caso do Dr. Reik foi travado, quando se indagavam dados para o processo. Não me parece ser um princípio justo de um tribunal de Viena. Impedir o desenvolvimento do processo não me parece ser correcto por não ter o significado de

¹⁸⁵ Do It. *Ciarlatano* s. m., vendedor, em lugares públicos, de drogas cujas virtudes apregoa exageradamente; aquele que explora a boa-fé do público; impostor; intrujão; pantomineiro; deprec., mau médico. Definido em: http://www.priberam.pt/dlpo/definir_resultados.aspx A nota é minha, não de Freud.

um julgamento de princípios de um tribunal de Viena, que inquire sobre um julgamento de análises feitas por um denominado profano. Ao outorgar fé à imagem da testemunha « imparcial » no meu livro que defende essa tese, fi-lo porque ao questionar um dos altos funcionários, um homem de espírito brilhante e de uma integridade pouco comum, sobre o caso entreguei-lhe, pela confiança que me inspirara e depositara nele, um texto, uma tese de defesa pessoal acerca do assunto Reik. Estava consciente de não estar a intervir na justiça, pelo que não me parecia credível que ele adoptasse o meu ponto de vista, encerrando o caso com um acordo imparcial. Os analistas têm adoptado uma opinião comum sobre a análise profana, da qual discordo, o que me tem levado a não solicitar as suas opiniões. Quem, na pesquisa, tem comparado a opinião da Sociedade húngara com a de Nova Iorque, deve talvez presumir que o meu texto não tem colaborado em nada para a defesa do caso, e, porém, mantém a opinião defendida antes de charlatanearia. A pessoa que critica o « charlatão » está isolada, pois numerosos colegas têm moderado a sua opinião aderindo, à minha análise, ou seja, a ideia que a análise profana não tem que estar baseada em costumes tradicionais, mas que pode nascer de uma situação inédita. Assim sendo, este caso necessitava de um julgamento com outro desfecho.

O meu ponto de vista é simples: não se trata de saber se o analista acusado está munido de um diploma médico, importa, isso sim, saber se adquiriu formação específica necessária para o exercício da análise. O assunto em discussão é, pois, saber qual a formação mais apropriada para um analista. Penso e teimo que não é a que a Universidade ensina ao futuro médico. A denominada formação médica, parece-me ser uma caminhada penosa que entrega ao analista, é verdade, muito do que é indispensável, mas também o obriga a outras matérias em nada necessárias à análise. A universidade ensina matérias que podem desviar o saber e as capacidades do analista para um trabalho demasiado teórico e pesado para o analisado. Pode ocorrer o perigo do seu interesse na psicanálise ser perturbado e a sua maneira de pensar distanciar-se dos fenómenos psíquicos. O programa para a formação de um analista deve consistir, em primeiro lugar, a aprender a elaborar, para globalizar, tanto quanto possível, as ciências do espírito : a psicologia, a história da civilização, a sociologia, saberes que a anatomia, a biologia e a história da evolução, mal podem transmitir. Há tanta matéria para aprender, que ao futuro analista pode muito bem ser retirado do programa essas não consideradas fundamentais, por não serem coerentes para entender a mente, por não conferirem directamente com a actividade analítica. Só apenas lateralmente. O que o analista deve saber é tudo o que permita entender os pensamentos da mente analisada, saberes que colaborem para a formação da mente que analisa, ao intelecto da observação sensível.

É fácil esta crítica. Não há escolas superiores de análises que satisfaçam este pensamento ideal. É, de facto, uma idealização que pode e deve passar a realidade material. As nossas instituições de ensino, apesar de toda a sua insuficiência juvenil, são o começo dessa realidade sonhada. Os meus leitores já devem ter entendido, das minhas palavras precedentes, que estou a propor ideias que, nas discussões, são violentamente debatidas: a psicanálise, por exemplo, ainda não é uma especialidade da medicina. Não consigo tão pouco imaginar o porquê da psicanálise não ser reconhecida como tal. Não consigo perceber como é possível, ainda, não ser uma especialidade médica. A psicanálise é parte da psicologia, não apenas da psicologia médica no sentido antigo, ou da psicologia de processos mórbidos, mas sim, e com muita boa vontade, da psicologia como ela é, apenas com mais conteúdo e saber, essa base que passa a ser a psicanálise. Essa análise que não induza a errar na base do seu uso com finalidades médicas. A electricidade e os raios x

têm adquirido uma aplicação médica, como teoria física que trata de duas entidades. Tal como os argumentos históricos : nada podem mudar sem provas. Toda a teoria da electricidade faz parte de uma observação, de uma preparação neuro – muscular, porém, ninguém hoje em dia pode pretender que seja parte da fisiologia. Quanto à psicanálise, tem-se comprovado que foi criada por um médico que se esforçava em curar os seus pacientes. Contudo, não avançou muito, mas ajudou no desenvolvimento da teoria psicanalítica. Este argumento histórico é altamente perigoso. Se o continuarmos, poder-se-ia denominar este médico, um mau curandeiro. O corpo médico oferece uma grande resistência ao saber analítico e somos criticados. Não apenas a esse esforçado médico solitário, bem como todos nós. Um dos argumentos parece ser que hoje em dia ninguém está preparado para estudar a mente, ou que exista o direito de a analisar. Na realidade, ainda que recuse esta conclusão, sinto o ímpeto de recusar a ideia dos médicos. Parece-me bem recusar testemunhas como as referidas. Ainda hoje desafio e pergunto-me se as formas médicas de curar não precisam de saber, pelo menos em parte, da teoria analítica, para saber da libido, o primeiro ou segundo dos sub-estágios da dinâmica da vida, como define Abraham, essa dinâmica de se apropriar ou destruir o nosso objecto amado.

É preciso travar, de momento, a análise histórica: por se tratar de uma análise feita por mim, ofereço, aos que se interessem, as minhas motivações para ser analista. A seguir a quarenta anos de prática médica, o meu saber, sobre mim próprio, acusa-me de não ter sido um bom médico ([Note 3](#)). Desviei-me, para ser médico, do meu desejo original, desvio imposto sobre mim. Desvio que me levava a um triunfo, de regresso à minha intenção inicial. Desde muito novo, não tinha reparado no meu desejo de ajudar outros seres humanos a curarem-se dos seus sofrimentos. Uma predisposição sádica da minha parte, que não me parecia muito importante. Esta minha necessidade, não precisava de desenvolver a rejeição que outros sentiam por mim. Nunca gostei de brincar a ser “doutor“ A minha curiosidade infantil procurava outras vias. Na minha juventude, sentia a necessidade de entender os outros e os seus mistérios e os mistérios do mundo para os curar ou encontrar uma solução, isto passou a ser para mim um objecto imoderado. A inscrição na faculdade de medicina, parecia-me ser a melhor via para resolver o meu objecto do desejo de colaborar, embora sem sucesso. Experimentara a zoologia e a química, mas a grande influência que tinha sobre mim von Brücke, por mim considerado como a maior autoridade, levou-me à fisiologia ([Note 4](#)) E em fisiologia comecei, apesar de ser, nesses tempos, apenas histologia. Fui bem sucedido em todos os exames. Como em medicina, mas sem me interessar ser médico. O meu venerado professor convenceu-me que ia evitar que eu fosse um teórico. Foi assim que troquei a histologia do sistema nervoso à neuropatologia. Estas novas motivações, orientaram-me para estudar neuróticos. Contudo, a ausência de uma orientação real para ser médico, não abalaram os meus pacientes, a doença nada ganha com o entusiasmo de ser ou não médico. Para um doente, é melhor um médico frio mas correcto no seu trabalho.

O exposto antes é apenas para esclarecer a razão da terapia profana. Apenas para corroborar a minha legitimação, ou não, pessoal para analisar. É preciso somente independência e valor para psicoanalisar e afastarmo-nos do saber médico. Pode-se objectar nesta análise, que o saber psicanalista é um sector da medicina como ciência. Mas, medicina ou psicologia? Eis a questão. Confesso que todo o meu interesse é provar que a terapia não mata a ciência. Estas comparações levam a minha reflexão actual para muito longe das minhas anteriores reflexões. A análise é diferente da radiologia. Os físicos não precisam de doentes para estudar os raios x. O analista apenas tem esse material dos processos da psicologia humana. Estudo que só pode ser realizado

com seres humanos. Há relações simples para compreender os neuróticos. São um « material » mais flexível e acessível que o ser humano normal. Se esse material é retirado a quem quer ser analista, as suas possibilidades de aprender ficam reduzidas a metade. Nem por isso, penso eu, criar neuróticos para ensinar analistas. Procriar neuróticos seria levar ao sacrifício seres humanos que já sofrem, para entregá-los àqueles que procuram saber científico. Este pequeno texto sobre a análise profana, é apenas para demonstrar as precauções necessárias que o analista deve ter quando trata deste tipo de doentes, devendo, também, fazer bem ao neurótico. Precauções já alertadas por mim. Posso afirmar que a discussão sobre o sujeito perseguido, anteriormente nomeado, é um debate que nada tem de novo. É preciso chamar à atenção que ele tem analisado sem reparar em essa realidade. Tudo o que foi dito sobre o diagnóstico diferencial, é verdade. O sistema corporal, necessita de um médico para diagnosticar. Mas, como o nome da pessoa não aparece, não sabemos se o saber médico é necessário. Não há qualquer interesse científico, mas a análise leiga tem uma imensa importância na vida social e nas vidas dos pacientes. Ao analisar um colega doente, eu próprio não precisei de usar o meu saber médico pessoal, até o próprio colega não confiava da análise médica. Eu próprio não sou muito favorável a análises médicas na psicanálise. O analista profano, antes de consultar os médicos, recorria a massagistas ou a outras pessoas semelhantes. O analista profano de profissão, apenas usava ou o massagista referido ou passava a ser um orientador de consciência laica. Orientação que passou a ter uma fórmula: "direction de conscience laïque" ([Note 5](#)), que servia para não procurar especialistas científicos. E curava...a questão está na fama social que estas pessoas adquirem. Os nossos amigos sacerdotes protestantes, e também católicos, libertam aos seus fregueses das suas inibições, com lições de crença e uma rudimentar orientação psicológica para resolução dos seus conflitos. Os psicólogos, os nossos adversários de psicologia individual da teoria de Adler, fazem o impossível para modificar comportamentos. Estes dois processos, o da orientação laica e o dos teóricos de Adler, têm inserido nos seus cuidados, teorias analíticas. Nós, analistas, damos-nos por completo na análise dos nossos pacientes, profunda e completamente, que até parece uma comunidade protestante, católica ou socialista, tentando aprofundar no processo de negação que o inconsciente faz, esse negar da realidade bem como outros que, como eu, se vê forçado, de forma pouco frutuosa, a reprimir as suas ideias e instintos ou orientações. O que nós fazemos é orientar a consciência até encontrar a melhor associação. Na psicanálise, desde o começo, é necessária uma união entre a cura e a pesquisa, um procurar do saber de si que triunfa e cura. É apenas, quando somos capazes de orientar a consciência analítica e aprofundar a nossa compreensão do paciente, que curamos. É essa a mais-valia científica, o prémio do analista. Este debate fez nascer em mim a suspeita que, ao escrever sobre o analista profano, o texto é mal entendido. Os médicos estão contra este meu texto como se eu os tivesse declarado universalmente inaptos em frente dos seus colegas. Não é essa a minha intenção. Devo declarar que os médicos analistas sem formação, são bem mais perigosos, aparentemente, que os profanos. A minha opinião real pode ser transferida ao copiar uma reportagem cínica emitida por Simplicissimus ([Note 6](#)) sobre as mulheres. Um dos interlocutores desespera-se das fraquezas do belo sexo, enquanto um outro responde remarcando que a mulher é o melhor que há dentro do género humano. As mulheres são o que há de melhor como material entre os analistas. Apenas existe o direito que a sua preparação não tome vantagem sobre a aprendizagem do sexo masculino, sem tomar vantagem de serem mulheres para ganharem melhores lugares entre os estudantes da faculdade. ([Note 7](#)). Da mesma maneira, partilho o apoio dos que usam os materiais somáticos em relação aos problemas psíquicos e os seus fundamentos

orgânicos, anatómicos e químicos, como fazem os analistas médicos. Não é possível esquecer, também, essa quantidade de pessoas que fazem psicanálise por um lado, e por outro procuram ajuda entre pessoas formadas em ciências do espírito Por motivos práticos, temos o hábito de separar as análises médicas das análises da psicologia. Isto não é correcto. Na realidade, a linha de demarcação está entre a psicanálise científica e a sua aplicação no sector medicamentoso e no não medicamentoso. Os nossos colegas americanos sabem fazer tudo muito bem. A recusa à análise profana aparece nos seus debates. Estou em crer, que apenas se trata de um abuso do analista e das suas finalidades polémicas, relativamente à resistência médica à análise profana, por motivos pragmáticos. Os Americanos reparam que os analistas profanos no seu país são abusivos e excessivos. Consequentemente, apresentam-se aos seus pacientes como os verdadeiros analistas e cobram muito dinheiro. Ora ai é que é compreensível o desgosto dos analistas clínicos e a distância definida entre eles e os profanos A resolução dos nossos colegas americanos contra os analistas profanos, ditada apenas por assuntos práticos, ao não poder, por lei, acabar com eles, parece-me sensata. Se não é possível afastar os analistas profanos, é, pelo menos, inapropriado desconhecer a sua existência. O que seria sábio, era reconhecer a possibilidade de uma aprovação no universo dos médicos. Aproximação que visasse colaboração, como no caso da Europa, quer a nível intelectual, quer a nível moral».

NOTAS.

Note 1: Cette traduction ne prétend à aucune originalité. Elle est motivée par une question de droits. La traduction Gallimard (Janine Altounian, André et Odile Bourguignon, Pierre Cotet, avec la collaboration d'Alain Rausy) (qui n'est pas du domaine public), en effet, semble difficilement améliorable, étant d'une très grande fidélité au texte freudien (les seules infidélités sont motivées par la légitime nécessité d'éviter des redondances ou des formulations que la traduction aurait rendues incorrectes). Les différences de traduction sont insignifiantes, et la traduction Gallimard de la postface doit demeurer la référence. Il eût fallu être infidèle à Freud (dont le texte allemand est d'une grande clarté) pour s'écarter sensiblement de cette traduction. (NdT) ([Retour à l'appel de note 1](#))

Note 2: Cette postface a été publiée à l'issue d'une discussion organisée par la Revue Internationale de Psychanalyse, en été 1927 (13ème année, N° 2 et 3), sur la question de l'analyse profane. (Note du texte allemand) ([Retour à l'appel de note 2](#))

Note 3: La redondance est dans le texte de Freud. (NdT) ([Retour à l'appel de note 3](#))

Note 4: On pense aussi évidemment à Charcot. (NdT) ([Retour à l'appel de note 4](#))

Note 5: L'édition Gallimard ajoute à cette formule la deuxième formule "cure d'âme laïque", à laquelle rien ne correspond dans le texte allemand. Cet ajout se justifie très certainement par une volonté d'atténuer le caractère normatif de l'expression "weltliche Sellsorge". (NdT) ([Retour à l'appel de note 5](#))

Note 6: Personnage de l'écrivain allemand Grimmshausen (Les aventures de Simplicius Simplicissimus). (NdT) ([Retour à l'appel de note 6](#))

Note 7: Le passage est délicat : "Wo es darauf ankommt, psychologische Tatsachen durch psychologische Hilfsvorstellungen zu erfassen". Ou nous considérons que "Hilfs"

renforce "durch" ("à l'aide de") ou nous considérons que les concepts sont ici des concepts de remplacement (un des sens possibles des mots commençant par "Hilfs"), des concepts qui se substituent à des modèles d'interprétation non psychologiques (voir juste avant la remarque sur l'endocrinologie et le système nerveux autonome). C'est là mon interprétation. (NdT) ([Retour à l'appel de note 7](#))

Dernière mise à jour de cette page le Mardi 15 octobre 2002 12:03
Par Jean-Marie Tremblay, sociologue.